



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MARIA ALINE SOUZA GUEDES

**“SE EU NASCESSE MIL VEZES, MIL VEZES CASARIA COM ELENITA”:
HISTÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA MARIA ELENITA DE VASCONCELOS
(PEDRA LAVRADA-PB, 1944-1984)**



CAMPINA GRANDE – PB

MARÇO/ 2018.

MARIA ALINE SOUZA GUEDES

**“SE EU NASCESSE MIL VEZES, MIL VEZES CASARIA COM ELENITA”:
HISTÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA MARIA ELENITA DE VASCONCELOS
(PEDRA LAVRADA-PB, 1944-1984)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Campina Grande, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em História, para a obtenção do título de Mestra. Linha de pesquisa: História das práticas educativas. Orientadora: Prof.^a Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento.

CAMPINA GRANDE – PB

MARÇO/2018

G924s Guedes, Maria Aline Souza.
"Se eu nascesse mil vezes, mil vezes casaria com Elenita": história da vida da professora Maria Elenita de Vasconcelos (Pedra Lavrada-PB, 1944-1984) / Maria Aline Souza Guedes. – Campina Grande, 2018.
201 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação: Profa. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento".
Referências.

1. História e Memória. 2. História Social. 3. Sensibilidades Educativas. 4. Biografia. 5. Vasconcelos, Maria Elenita de, 1944-1984. Extrusão. I. Nascimento, Regina Coelli Gomes.

CDU 930.2(043)

MARIA ALINE SOUZA GUEDES

**“SE EU NASCESSE MIL VEZES, MIL VEZES CASARIA COM ELENITA”:
HISTÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA MARIA ELENITA DE VASCONCELOS
(PEDRA LAVRADA-PB, 1944-1984)**

Dissertação apresentada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento

Orientadora – UFCG

Dr. Iranilson Buriti de Oliveira

Examinador – UFCG

Dra. Luziana Ramalho Ribeiro

Examinadora – UFPB

Dra. Patrícia Cristina Aragão

Suplente – UEPB

Dra. Eronides Câmara de Araújo

Suplente – UFCG

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino; aos meus pais: Luiz Carlos V. Guedes e Maria Ailma S. Guedes; ao meu irmão, Alison S. Guedes e ao meu companheiro Victor Andrade Perone. Pessoas que sempre estiveram ao meu lado nos caminhos da vida, me incentivando e colaborando para a concretização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado não poderia ter sido concretizada se não fosse a ajuda de várias pessoas ao longo desta jornada.

Agradeço à minha orientadora professora, Dra. Regina Coelli, por toda paciência, empenho e sensibilidade desenvolvidos durante essa longa caminhada. Obrigada por nunca desistir de mim e por ser essa pessoa maravilhosa, que além de professora é mãe. Em você encontrei o sinônimo de amor e cuidado com o próximo. Nunca me esquecerei dos seus ensinamentos, eles para mim vão além dos muros da academia.

Ao professor e lavradense Dr. Iranilson Buriti, o responsável por ter me apresentado o tema desta dissertação em 2014, ocasião em que foi meu orientador na monografia de conclusão do curso de História. Obrigada pelo convívio, apoio, incentivo e por acreditar no meu trabalho. Sua participação nesta pesquisa foi de suma importância.

À professora Dra. Luziana Ramalho, que eu tive o prazer de conhecer e desfrutar da correção na qualificação e na defesa desta dissertação. Muito obrigada por ter tecido relevantes considerações a este trabalho e pelo cuidado em sempre me motivar a alcançar meus objetivos.

Quero deixar registrada, ainda, a grande contribuição e o empenho da família da saudosa professora Maria Elenita. Agradeço, especialmente, às suas filhas: Andréa Carvalho, Kilma Medeiros e Érika Carvalho pela generosidade em abrir as portas das suas casas e das suas vidas para que esta pesquisa se concretizasse. O apoio de vocês foi fundamental para a execução desse trabalho.

Ao longo desta pesquisa tive o privilégio de contar com a amizade e a contribuição de várias pessoas que abdicaram dos seus afazeres para junto comigo compartilharem das experiências vividas com Elenita. Cito Fátima Vasconcelos, Valdeci Vasconcelos, Graciliano Calixto, Manoel Rodrigues Lima (Manoel Júlio), Socorro Vasconcelos e Maria Dapaz.

À doutoranda Morgana Medeiros, pela leitura cuidadosa e atenta, a responsável pela revisão gramatical e formatação desta escrita.

Não poderia deixar de citar as contribuições da minha amiga de infância e professora mestra Sandra Noberto. Obrigada pelo apoio e carinho com os quais sempre revisou meus textos e pela sincera e valiosa amizade. Sou grata a Deus por sua vida e pela de Eder Willian, seu esposo, pessoas que dividem comigo experiências incríveis.

Às minhas queridas amigas e irmãs Anne Lira e Ayrila Santos. Mulheres espetaculares com as quais tenho o privilégio de conviver. Obrigada por me proporcionarem dias lindos.

A Victor Perone, por sua paciência e carinho, por permanecer ao meu lado durante esses seis anos e por sua capacidade de me trazer paz na correria diária. Agradeço aos seus familiares, que têm demonstrado apoio e, principalmente, aos seus pais, Jorge Luiz e Deni Andrade, que se tornaram especiais em minha vida, por depositarem confiança em mim e por me fazer acreditar que “Sempre existe um amanhecer e que Deus renova nossas forças para prosseguir”

À minha família e aos meus pais, Luiz Carlos e Ailma Guedes, meu irmão, Alison Guedes e à minha avó, Inácia Souza. No decorrer da minha vida, eles me proporcionaram, além de extenso carinho e amor, os conhecimentos da integridade, da perseverança e da procura por forças sempre em Deus, o Ser maior para todos os obstáculos da vida.

Enfim, expresso meus agradecimentos a todos e a todas que, de forma direta ou indireta, colaboraram para a realização deste sonho.

RESUMO

Esta dissertação é um estudo sobre a trajetória de Maria Elenita de Vasconcelos (1944-1984), professora e cientista social, natural de Pedra Lavrada-PB. O eixo norteador desta escrita será o de discutir as suas memórias construídas, a partir de seus familiares, amigos e habitantes da cidade. No primeiro momento, apresentaremos uma discussão sobre as amizades que ela teve na cidade e percebemos que as relações afetivas foram uma marca de destaque em sua vida, principalmente nas lembranças de ações que demonstraram ser ela uma mulher que tentava viver com seus amigos uma relação de carinho e companheirismo. No segundo momento problematizamos a memória dela enquanto mãe e esposa e percebemos a importância de Iêdo teve na construção desta e por ter sido uma das principais pessoas que tentou preservar o papel dela enquanto esposa e mãe. No terceiro e último capítulo, analisaremos os últimos acontecimentos na vida de Elenita, principalmente a partir da descoberta da terceira gravidez e do diagnóstico câncer. Procuramos também, refletir os seus desejos pós-morte e compreendemos a partir da leitura das fontes que a professora fez dos seus últimos acontecimentos na terra, um espetáculo final se apropriando do seu poder simbólico afetivo de forma consciente ou não para que seus desejos fossem cumpridos. Como fontes, utilizamos fotografias da educadora e de alguns locais que fizeram parte da sua história, entrevistas com parentes e amigos, um cartão postal escrito pela própria alguns meses antes do seu falecimento e uma carta testamento endereçada aos lavradenses, alguns parentes e amigos. Para fundamentar nossas discussões, foram utilizadas as contribuições de Foucault (1981) através dos seus estudos sobre estética da existência, como um relacionamento que conduz o sujeito à transformação de si, a partir da relação e existência do outro. As obras de Pinsky (2014), Louro (1997) e Perrot (2017) sobre o ideário construído em torno da mulher nos “Anos dourados”, período do qual este trabalho está inserido, também nos foram fundamentais, assim como Halbwachs (2006) e Delgado (2010), através dos quais discutimos a memória e a sua relação com a história. Para compreendermos a relação entre a pesquisa histórica e a biografia, foi analisada a obra de Dosse (2009) que discute a tensão existente entre este gênero e a abordagem moderna que tem como parâmetro o relativismo e as leituras historiográficas, enriquecidas pelas contribuições de outras áreas do conhecimento como a psicanálise e sociologia.

Palavras-chave: Sensibilidades educativas; Escrita de si; Pedra lavrada-PB; Maria Elenita de Vasconcelos.

ABSTRACT

This dissertation is a study about the trajectory of Maria Elenita de Vasconcelos (1944-1984), teacher and social scientist, born in Pedra Lavrada-PB. The guiding axis of this writing will be to discuss their memories built, from their relatives, friends and residents of the city. In the first moment, we will present a discussion about the friendships that she had in the city and we noticed that the affective relations were a mark of prominence in her life, mainly in the memories of actions that demonstrated to be a woman that tried to live with its friends a relation of affection and companionship. In the second moment we problematized the memory of Elenita as mother and wife and we realized the importance of Ido had in the construction of this one and for having been one of the main people who tried to preserve the paper of her as wife and mother. In the third and final chapter, we will look at recent events in Elenita's life, mainly from the discovery of the third pregnancy and the diagnosis of cancer. We also seek to reflect upon her wishes after death and we understand from the reading of the sources that the teacher made of her last events on earth, a final spectacle appropriating her affective symbolic power consciously or not so that her wishes were fulfilled . As sources, we used photographs of the educator and some places that were part of her story, interviews with relatives and friends, a postcard written by her own a few months before her death and a letter testament addressed to Lavradenses, some relatives and friends. In order to base our discussions, the contributions of Foucault (1981) were used through his studies on the aesthetics of existence, as a relationship that leads the subject to the transformation of self, from the relation and existence of the other. The works of Pinsky (2014), Louro (1997) and Perrot (2017) on the ideals built around women in the "Golden Years", period of which this work is inserted, were also fundamental to us, as Halbwachs (2006) and Delgado (2010), through which we discuss memory and its relation to history. In order to understand the relationship between historical research and biography, we analyzed the work of Dosse (2009) that discusses the tension between this genre and the modern approach that has as a parameter relativism and historiographical readings, enriched by the contributions of other areas of knowledge such as psychoanalysis and sociology.

Keywords: Educational sensibilities; Writing for you; Pedra lavrada-PB; Maria Elenita de Vasconcelos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Casa da família Solon no Sítio Salgadinho em Pedra Lavrada-PB	29
Figura 2 - Igreja Matriz Nossa Senhora da Luz, localizada em Pedra Lavrada	38
Figura 3 - Declaração de conclusão do curso em Ciências Sociais, 1972.....	48
Figura 4 - Cajueiro no sítio Salgadinho, 2012.....	57
Figura 5 - Cartão de Natal escrito por Maria Elenita para Kilma Vasconcelos.	82
Figura 6 - casamento de Elenita e Iêdo 1974.	95
Figura 7 - Aniversário de 01 (um) ano de Andréa em 1976.....	98
Figura 8 – Viagem da família á cidade de Governador Valadares-MG, 1979.	101
Figura 9 - Elenita e a família em frente a casa de sua sogra, em Governador Valadares-MG, 1979.....	102
Figura 10 - Andréa no jardim de sua casa em Pedra Lavrada-PB.....	103
Figura 11 - Velório de Maria Elenita	131
Figura 12 - Velório de Maria Elenita próximo ao local do sepultamento.	131

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO	10
1.1 A escrita como uma "Arte da existência"	10
1.2 Contar uma vida: entre memórias.....	13
2.0 CAPÍTULO I	27
2.1 Histórias íntimas: a amizade como um modo de vida	27
2.2 Carta aos amigos: essa história de amizade.....	49
2.3 Michel Foucault e a amizade como modo de vida	54
2.4 Maria Elenita: aos amigos de longas datas	56
3.0 CAPÍTULO II	69
3.1 As lembranças de uma vida	69
3.2 "Me doeu, claro! Mas, me deu muita raiva! Porque a sensação era de que fiquei aqui e não era pra você ter ido"	74
3.3 "Se eu nascesse mil vezes, mil vezes casaria com Elenita"	92
4.0 CAPÍTULO III	116
4.1 "Para todos os lavradenses, meu último abraço e meu adeus"	116
4.2 Um diagnóstico equivocados?.....	119
4.3 A despedida de Elenita através da carta	135
4.4 "A gente não é daqui, a gente passa!" Elenita e o espetáculo da morte	146
5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
6.0 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153
7.0 APÊNDICE	164
8.0 ANEXOS	169

1.0 INTRODUÇÃO

1.1 A escrita como uma “Arte da existência”

Campina Grande-PB

17 de abril de 2018.

Cara Elenita,

Como amantes pela história¹, pelos rabiscos e suas implicações na vida das pessoas, compartilho com os leitores dessa dissertação, essa carta, próxima e sincera. Aqui esqueço as amarras da academia e reservo um espaço de intimidade meu com as leituras e meus sentimentos.

Achei importante compartilhar com os leitores o que parece muitas vezes invisível nos textos acadêmicos e que aprendi através dos textos de Fischer (2015) sobre “A arte de assinar o que se lê”, tomando empréstimos dos estudos de Foucault sobre “Hermenêutica do sujeito” e “escrita de si”, que é a forma como nos deixamos influenciar pela pesquisa e por nossos escritos.

Um exercício daquilo que os gregos clássicos definem como “Arte da existência”, assume uma experiência similar ao que os filósofos gregos faziam. “(...) O filósofo que encontra a delicadeza e a força do ato de escrever, como ato de alguém mostrar, de meditar, de fazer-se ver, de aparecer para o outro e para si mesmo o próprio olhar”. (FISCHER, 2015).

A minha relação com você começou há algum tempo, quando ainda nem sonhava em ser historiadora. Isso não se deu de forma rápida, mas devagar, lentamente como as malhas do tempo. Minha infância e parte da minha adolescência tiveram sua presença, pois a escola em que estudei, na cidade de Pedra Lavrada-PB², leva o seu nome.

Passei parte da minha vida, minha infância e minha adolescência, nesta escola. Fizeste parte da minha escrita por 10 anos, foi muito tempo escrevendo seu nome nas temidas provas

¹ Refiro-me à semelhança entre nós, já que sou licenciada em história, e a personagem Elenita lecionou por um longo período a disciplina de História na Escola Graciliano Fontini Lordão, na cidade de Pedra Lavrada-PB.

² “O Município de Pedra Lavrada está situado na mesorregião da Borborema, microrregião do Seridó Oriental (...) Limita-se ao Norte com o município de Nova Palmeira, distante 11 km; ao Sul com Seridó, a 27 km e Cubati a 24 km; ao Leste com Baraúnas, a 50 km e Sossego, a 54 km; e ao Oeste com o Município de Parelhas, no Estado do Rio Grande Norte, distante 10 km da divisa entre os dois Estados. Disponível em: <http://pedralavrada.pb.gov.br/paginas/historia> Acesso: 05 de fevereiro de 2018.

de avaliação, nos trabalhos escritos e/ou expostos oralmente. E quando me perguntavam onde eu estudava? Imediatamente respondia com o seu nome. Lembro-me de uma fotografia³ que ficava localizada na secretaria, era uma jovem de semblante sério, que depois descobri que não coincidia com sua personalidade. Fostes uma pessoa alegre e que fez do riso sua morada.

Passava tempos e tempos a imaginá-la, confesso que às vezes isso me causava medo, principalmente porque a secretaria era um espaço escolar para resolver problemas, local dos professores, espaço proibido para alunos. Entrar ali era sinal de que as coisas não andavam bem. Lá recebíamos nossos castigos, lugar onde também “rodavam”⁴ nossas provas que chegavam com cheiro de álcool.

Lembro-me de algumas vezes ter ouvido fatos curiosos vindos do quadro. Meus colegas diziam que se ficássemos olhando para ele, Elenita começava a nos perseguir com seu olhar em nossa direção. Logo, morríamos de medo de ficar ali sozinhos com aquela fotografia. O meu relacionamento se pautava na distância e no estranhamento.

Aprendi desde cedo, decorei a informação que tinham me passado certo dia na escola, e foi a frase que repeti diversas vezes que “A Escola levava esse nome, devido à homenagem prestada à educadora Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho”.

Em 2010 passei no vestibular para o curso de Ciências Sociais, nem sabia que a personagem dos meus escritos também tinha cursado o mesmo. Coincidência, minha paixão pela sua trajetória nem tinha começado. Na Universidade talvez tenha vivido experiência semelhante à sua. Passei a ver e observar as coisas por outro ângulo, mas, no meu caso, diferente do seu, não dei continuidade e em 2011 fui cursar História.

Terminastes o curso e fostes exercer a profissão de professora na disciplina de história e mais uma vez nossas histórias se entrelaçaram. Quando estava no curso de história conheci Iranilson O. Buriti, que me apresentou a paixão de estudar essa e a nossa história, já que ele também é lavradense. Ele me sugeriu trabalhar com a sua história na minha pesquisa, na monografia.

³ Ver “anexo A”. Fotografia presente na Escola Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho.

⁴ O Mimeógrafo é uma copiadora à base de álcool. Ele funcionava com a ajuda de uma manivela. O professor escrevia os exercícios numa folha especial, conhecida por estêncil ou matriz, que continha carbono. O texto, então, aparecia do lado oposto do papel. Com a parte escrita voltada para cima, a folha era colocada no entorno do rolo que compõe o mimeógrafo. Disponível: <<http://economia.estadao.com.br/blogs/radar-tecnologico/mimeografo-uma-copiadora-a-base-de-alcool/>> Acesso em 11 de julho de 2017.

Na minha monografia⁵ problematizei sua história de vida: a formação profissional, a relação com seus alunos, o material didático, os seus comportamentos, como também os possíveis erros e tropeços, afinal, uma paixão – assim como a minha – exige sinceridade.

Entre no curso de Mestrado em História na mesma instituição onde fiz a graduação e, mais uma vez, como toda paixão, o sentimento também provocou em mim um certo estranhamento. Pensei em outras temáticas, outros objetos de estudo, mas Elenita me veio, ferozmente, com mais fervor. Isso se deu graças à minha orientadora Regina Coelli Gomes Nascimento que a trouxe de volta para a minha vida. Ela achou interessante este relacionamento e sua história de vida, me sugerindo que continuasse a pesquisa. Hoje vivo esse sentimento que me causa dores de cabeça, problemas na coluna, mas também me traz muito prazer.

Certo dia me deparei com a leitura do historiador Albuquerque (2007) que me despertou uma dúvida árdua, esta que lateja em diferentes momentos dessa escrita. Segundo ele, a História Oral viola a memória. Será que violei sua memória? A resposta dele é sim. Violei sua memória e dei outros significados do que ficou guardado. Recortei e reconstruí com minhas telas, meus argumentos, minha personalidade. Mas não fiz isso sozinha, contei com seus amigos e conhecidos que se tornaram meus.

Nesta pesquisa, contei com o apoio e a memória de várias pessoas⁶ que conviveram contigo. Durante a escrita da monografia, em 2014, entrevistei o prefeito do período em que ela foi trabalhar em Pedra Lavrada, por volta de 1973, o senhor Manoel Rodrigues Lima, popularmente conhecido como Manoel Júlio, sua irmã Fátima Vasconcelos, a primeira pessoa da família com a qual tive contato, a prima e babá, Maria do Socorro, e sua amiga de infância Maria Dapaz.⁷

Não me satisfaço com o silêncio em torno da sua vida pois percebi a sua importância para a história da cidade e da educação lavradense. Faço isso não apenas por mim, mas por muitos colegas e outros tantos profissionais da Escola que tinham e provavelmente têm a mesma resposta pronta e acabada, como eu tinha antes de conhecê-la.

⁵ Monografia intitulada “Formas de viver no feminino: análise de gênero na trajetória da professora Maria Elenita de Vasconcelos (1945-1985)”. O eixo norteador do trabalho foi a temática Identidade de Gênero a partir do feminino. Nesse sentido a discussão se deu em torno das características relacionais que descreveu a professora como uma mulher ativa que desempenhou em alguns momentos papéis similares e/ou pouco usuais para sua época.

⁶ Esta pesquisa foi realizada no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Intitulado “Formas de viver no feminino: histórias de vida da professora Maria Elenita de Vasconcelos (1945-1985) Aprovado no comitê de ética da Universidade Federal de Campina Grande. Parecer número: 2.618.900

⁷ Nesta segunda etapa, em 2017, que faz parte desta dissertação, entrevistei Graciliano Calixto, amigo e colega de trabalho, Valdeci, irmão, e suas filhas: Andréa, Erika e Kilma.

A emergência de combater com minha arma, enquanto historiadora, é por meio da escrita, que grita alto e faz morada como um entusiasmo que causa intensidade, veemência. “Talvez a paixão acadêmica possa ser definida por esta busca pelo fora, pelo informado, pelo não dito, pelo que ainda não se vê”. (ALBUEQUERQUE, 2007, p. 11).

Elenita sempre esteve envolvida em um silêncio ensurdecedor – permitam-me o trocadilho poético. Foi a partir dessa inquietação a respeito desse silêncio que ela se tornou um dos principais objetivos desta pesquisa. Essa escrita, longe de ser um fim, mas, o começo, ficará sempre aberta para revisitações.

Os moradores de Pedra lavrada, principalmente os que viveram nos anos de 1960, sabem da sua importância e como a sua vida foi marcada pelo cuidado com o outro. Os seus amigos viveram momentos que fizeram de você uma marca na memória coletiva. Foram experiências de estripulias, desafios, vitórias, enfim, é sobre essas pessoas e suas memórias⁸ que trouxemos nesta dissertação. Caso as pessoas que conviveram ou ouviram falar de você morram, viverás. Pois você agora é escrita, abertura, história.

Com paixão,

Maria Aline Souza Guedes.

1.2 Contar uma vida: entre memórias

O objetivo desta dissertação é problematizar a memória construída a partir das histórias de vida da professora Maria Elenita, que nasceu no município de Picuí - PB⁹, em 23 de agosto de 1944, no sítio Salgadinho. Estudou o primário na Escola Estadual Professor Francisco Ferreira e, posteriormente, passou a morar na cidade de Campina Grande - PB¹⁰, onde concluiu a escolaridade do ginásio na Escola Estadual Dr. Elpídio de Almeida, entre os anos de 1961 a 1964, e na Escola Pe. Emídio Viana Correia, no curso de formação de

⁸ Nesta pesquisa, considerando tratar-se de uma história de vida, optei por citar os nomes dos (as) entrevistados (as) com suas respectivas autorizações, coletadas pessoalmente no contexto das entrevistas. Todos (as) assinaram o TCLE, preservando a voluntariedade da participação e o respeito à dignidade e decisão do(a) participante da pesquisa.

⁹ Pedra Lavrada passou a ser distrito de Picuí em 14 de julho de 1890, pela Lei Estadual nº 20, até a sua emancipação em 13 de janeiro de 1959, pela Lei Estadual nº 1.944. O município foi reconhecido oficialmente como cidade no dia 25 de janeiro de 1959. Disponível em: <http://pedralavrada.pb.gov.br/paginas/historia> Acesso em 25 de novembro de 2015.

¹⁰ Campina Grande é uma cidade brasileira situada no estado da Paraíba, considerada um dos principais pólos tecnológicos da região se localiza a 110 km da Capital João Pessoa-PB.

professores, de 1965 a 1967. Em 1969 ela passou no vestibular e foi cursar Ciências Sociais na Universidade Federal da Paraíba, *campus* II, também em Campina Grande.

Após a conclusão de curso superior em 1972, a educadora voltou para sua cidade natal, onde passou a colocar em prática seus conhecimentos durante o período de 1973 a 1982 no mesmo lugar em que começou seus estudos, ocupando os cargos de diretora da instituição escolar, secretária do Programa Pró-município e lecionando as disciplinas de História e Geografia em Pedra Lavrada. A professora casou-se com Iêdo Carvalho Rosa em 1974, com quem teve três filhas: Andréa Vasconcelos Carvalho¹¹ em 04/11/1975, Érika Vasconcelos Carvalho¹² em 15/03/1981 e por último, Kilma Vasconcelos Carvalho¹³ no dia 18/04/1983. Já debilitada e encontrando-se na capital, João Pessoa-PB, a professora faleceu em 1984, vítima de um câncer de mama.

A memória de Elenita permaneceu viva na cidade, isso fez com que o Sr. prefeito da época, Manoel Rodrigues Lima (Manoel Júlio), em 1985¹⁴, reconhecesse a relevância dos trabalhos prestados pela educadora, homenageando-a com seu nome intitulando a Escola Municipal¹⁵ da cidade. No entanto, não conseguimos escritos sobre a professora na instituição,¹⁶ o que aumentou nosso compromisso, pois acreditamos que dessa forma estamos contribuindo com o estudo da história local da cidade.

Nosso trabalho contará com os estudos relacionados à temática de gênero, pois como afirma Louro (2007), são escritos que trabalham na repulsa de conviver com o sistema de leis, de normas e de preceitos jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos, porque seu modo de ser homem ou de ser mulher não estão enquadrados naqueles

¹¹ Atualmente reside em Natal-RN. Doutora em Sistemas de Información y Documentación pela Universidad de Zaragoza - Espanha (2010) - Diploma revalidado pela Universidade de Brasília. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (2000). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba (1997). Professora adjunta do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde coordena o Programa de Pós-graduação em Gestão da Informação e do Conhecimento. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4767715U1>> Acesso: 23 de outubro de 2017.

¹² Atualmente reside em João Pessoa-PB, na casa onde viveu com seu pai no bairro Valentina Figueiredo, tem uma filha chamada Helena e exerce a profissão de garçomete.

¹³ Atualmente reside em João Pessoa-PB no bairro do Bessa, onde vive com seu esposo João Paulo Medeiros. Tem graduação em direito na Universidade Estadual de Campina Grande e Pós-graduação de magistratura. Atualmente exerce a profissão de advogada.

¹⁴ Ver “anexo B”. Fotografia da Escola Maria Elenita em 1985

¹⁵ A referida escola foi construída em 1985, um ano após a morte de Maria Elenita. Inicialmente o “grupinho”, como ficou conhecido na cidade, comportava a escolaridade Pré-escolar pela manhã e EJA no turno da noite. Atualmente, a escola é referência pelo ensino de qualidade comprovados pelo IDEB (Índice de desenvolvimento de educação básica), obtendo a nota de 5.9 em 2015, considerado uma das melhores da região do Curimataú. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/> Acesso 09 de agosto de 2017. A escola funciona com os níveis de do Ensino Infantil, Educação fundamental e educação de Jovens e adultos, e tem como diretor Daniel Robson Gomes Macedo. A escola funciona na rua Heronides Meira de Vasconcelos, nº 237 localizada no centro da cidade.

¹⁶ Ver apêndice A. Escola Municipal Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho. Fevereiro, 2018.

considerados “normais”. No caso de Elenita, percebemos que a professora fez certas escolhas que fugiam desse “enquadramento”, como a opção em cursar Ciências Sociais, algo diferente de pedagogia que era a profissão seguida pela maioria das mulheres que tinham o desejo de trabalhar fora de casa e seguir com os estudos.

Uma das propostas dos estudos de gênero é questionar os padrões construídos como a divisão social do trabalho que valoriza o doméstico reservado ao feminino. Ansiamos que esta escrita traga em sua perspectiva uma reflexão relacionada a práticas comuns na nossa sociedade e que estas sejam repensadas. Vale ressaltar que os estudos de gênero englobam não apenas o feminino, mas outros sujeitos como os homossexuais e transexuais. Nessa escrita, vamos nos referir ao feminino.

As mulheres estão presentes cada vez mais nas revistas, artigos, livros, dissertação, entre outros. No entanto, isso se deu de forma tardia, só a partir dos anos de 1980. O silêncio que sempre esteve a limitá-las talvez tenha sido atenuado, uma vez que elas passaram a questionar seu papel na sociedade, contestando o seu lugar que, na maioria das vezes, foi reservado ao poder masculino.

Optamos por mencionar 1980 como o ano em que essas escritas apareceram de forma constante, mas não podemos negligenciar os avanços ocorridos nos anos anteriores. Esse processo só foi possível devido às várias mudanças, como as transformações ocasionadas pela Escola dos Annales, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, em 1929.

Uma dessas mudanças advindas da *Escola dos Annales* foi à substituição da tradicional história narrativa dos acontecimentos por uma história-problema. Isso fez com que a escrita ganhasse outros contornos, através de discussões a partir de problemáticas. Foucault (1997), que é considerado parte dessa fase intitulada pelos pesquisadores como “Nova História” ou “Terceira geração dos Annales” rejeita esse continuísmo que esteve presente nos relatos históricos. Para ele, o passado é uma história complexa cheias de encruzilhadas, múltiplas causalidades e diferentes temporalidades.

No entanto, as lutas não se deram apenas na escrita. A partir desses acontecimentos, foram surgindo grupos fundamentando a união de pessoas com desejos e interesses de reivindicar direitos sociais, políticos e igualitários. O grupo feminista, surgido por volta de 1960, se destacou por colocar em xeque os padrões culturais que situavam a mulher em posição diferenciada em relação ao homem. Ainda que o grupo feminista tenha sido fundado há algum tempo, podemos acrescentar que ele se acentuou como ideologia política e como forte potencial crítico acadêmico a partir dos anos de 1970. (SILVA, 2008).

É nesse contexto histórico de 1970, com as ideias que veiculavam sobre o movimento feminista, que a professora estava inserida. Esse ideário foi favorecido pelas mudanças políticas e sociais trazidas pelos intitulados “Anos dourados¹⁷”. Acreditamos que Elenita tenha em alguns momentos de sua vida seguido escolhas influenciadas por esses conceitos, como a opção em seguir carreira acadêmica, principalmente quando residia em Campina Grande nos anos de 1961 a 1972.

Através da trajetória de vida, acreditamos que a professora tenha sido influenciada por essas novas ideias, porém devemos fazer essa relação de forma cuidadosa e dentro de alguns limites estabelecidos, pois, embora ela tenha vivido neste período, é importante lembrar que as novas ideias do movimento feminista ainda se davam de forma restrita em lugares mais afastados dos considerados grandes centros urbanos, pois no início dos anos 1950 até final dos anos 1960 os veículos de comunicação como jornais e revistas, e junto com elas as informações dos acontecimentos nas cidades maiores como Rio de Janeiro e Recife¹⁸, chegavam de forma tardia em Pedra Lavrada.

Em sua infância e parte da vida adulta, a professora se manteve residindo em Pedra Lavrada-PB, a cidade se tornou independente politicamente em 1959. A cidade, segundo nossos entrevistados, era composta por um número tímido de famílias, pois a maioria morava na zona rural e tinha a casa para passar finais de semana. O principal veículo de comunicação era o rádio, no início dos anos 1950, mas ainda era uma novidade e poucos tinham acesso ao aparelho, só final dos anos 1950 que se popularizou e passou a fazer parte do dia-dia da população lavradense.

Elenita viveu na cidade de Campina Grande-PB durante o período de 1961, quando foi cursar o ginásio até a conclusão do seu curso de graduação, em 1972. Em meados dos anos de 1970 os moradores de Pedra Lavrada passaram a contar com um relativo crescimento

¹⁷ Entre 1945 a 1964, o Brasil permaneceu dando apoio aos Estados Unidos na onda capitalista que fazia oposição a União da República Socialista Soviética defendendo as ideias socialistas. Nesse período teve um crescimento econômico acelerado, do qual é conhecido pelos historiadores como “Os anos dourados”. Algumas transformações ocorreram no Brasil como a expansão urbana pelo êxodo rural, aumento de emprego e de consumo, principalmente com o advento das indústrias no país, a exemplo do setor alimentício, como Mc’Donalds, entre outros. Foi também nesse período que ocorreram várias manifestações no Brasil e no mundo, como o Movimento Americano negro que lutou pelos direitos civis, o fim da discriminação racial e também o Movimento feminista que buscou direitos como salário igual ao do homem, aprovação do divórcio, entre outros. Disponível em: <http://outlander-viajandonahistoria.blogspot.com.br/2013/10/a-era-de-ouro-do-capitalismo.html> Acesso 19 de outubro de 2017.

¹⁸ O autor Arraes (2011) em seu artigo analisa as mudanças ocasionadas no dia-a-dia dos recifenses com as ideias do American *Way of life* ou estilo de vida Americano nos anos de 1940. Após a Segunda Guerra Mundial os novos hábitos como o desenvolvimento do rádio, revistas, cinemas passaram a chegar em algumas capitais como Recife e Rio de Janeiro. O porto responsável pela importação e exportação, facilitou a troca de objetos e consequentemente deixavam os moradores da região atualizados com as novidades ocorridas e aos novos hábitos delas decorrentes. Para mais informações visite <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/viewFile/24269/19691> > Acesso: 05 de fevereiro de 2018

comercial, com a presença de pequenas bodegas, essas que se localizavam perto de da Igreja matriz Nossa Senhora da Luz. Também percebemos através das fontes a existência da máquina de descaroçamento do algodão, este que proporcionada a população um maior rendimento financeiro e conseqüentemente fazia com que parte da população usufrísse de determinados bens de consumo, como geladeira e TV. Elenita em meados dos anos de 1970 já conseguia usufruir de boa parte desses bens de consumo, a professora chegou a possuir carro, radiola, telefone em sua residência, entre outros.

Acreditamos que este contexto histórico foi influenciado principalmente através do “Milagre econômico”, política desenvolvimentista liderada pelo presidente da época Castelo Branco entre os anos de 1968 á 1973.¹⁹

Campina Grande contava com maiores proporções territoriais e já tinha com um *campus* da Universidade Federal da Paraíba, escolas técnicas, entre outros²⁰, diferente de Pedra Lavrada que, como já mencionei, só comportava até o ensino primário, principal fato que levou o deslocamento da professora para esta cidade.

Sobre a historiografia trabalhada nesta dissertação, no cenário Brasileiro, podemos citar as primeiras narrativas sobre as mulheres a partir dos anos de 1980, quando autores como Silva (2008), Soihet (1997) entre outras, passaram a analisar como funcionava o poder masculino em relação ao feminino (PRIORE, 1994). Hoje, podemos destacar importantes estudos em relação a essa temática, como o de Scott (1995) e o trabalho de Louro (1997) sobre a expansão da educação feminina.

Destacamos o diálogo dessa dissertação com Perrot (2017) em seu livro “*Minha História das mulheres*” que tem vários livros publicados no assunto. Sua escrita permite mostrar, o “rompimento” do silencio delas, já que uma história sem a presença das mulheres pareceu-lhe impossível. A autora traça, ainda, caminhos e pesquisas desenvolvidas que envolvem diferentes temáticas como: corpo, alma, trabalho e profissão, objetos problematizados nessa escrita.

¹⁹“O termo “milagre” está relacionado com este rápido e excepcional crescimento econômico pelo qual passou o Brasil neste período. Este crescimento foi alavancado pelo PAEG (Programa de Ação Econômica do Governo) implantado em 1964, durante o governo de Castelo Branco. Nesse período houve um forte desenvolvimento industrial, alavancado pelos investimentos nos setores de siderurgia, geração de eletricidade e indústria petroquímica. O setor foi puxado, principalmente, pelo crescimento e fortalecimento das empresas estatais ” Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/ditadura/milagre_economico.htm> Acesso 17.04.2018.

²⁰ “Devido ao crescimento urbano, diversas instituições escolares foram surgindo na cidade, de modo que, na década de 1960, Campina Grande contava com 156 escolas primárias municipais, 48 escolas primárias estaduais, 13 escolas primárias particulares, cinco estabelecimentos de ensino secundário, uma escola de aprendizagem industrial e 15 escolas primárias supletivas federais.” (SOUZA; LIMA, 2016, p. 11). Disponível em< <https://www.fe.unicamp.br/eventos/histedbr2016/anais/pdf/1124-2771-1-pb.pdf> > Acesso 06 de fevereiro de 2018

A partir das considerações realizadas por Perrot (2017), traçaremos algumas características comuns e incomuns com a professora, como a forma de cuidar do seu corpo, se mostrando uma mulher vaidosa e por isso vista por alguns como uma mulher diferente das demais, a sua influência na maneira de entender a alma com as lentes da religião católica, que nesse período, na cidade, se mostrava como a instituição que tinha grande autoridade em Pedra Lavrada, pois a maioria das pessoas seguia seus preceitos.

A autora Pinsky (2014), também contribuiu para nossa pesquisa, pois discute temáticas que eram comuns a serem seguidas pela maioria das mulheres no período intitulado “Anos dourados” (1945-1964), este no qual se deu toda a infância, adolescência e parte da vida adulta da professora. Esse estudo aponta para as ideias que veiculavam sobre os papéis femininos, alguns vivenciados por Elenita, como o namoro e casamento com Iêdo Carvalho Rosa e a gravidez de suas três filhas: Andréa, Erika e Kilma .

Quanto às fontes, enveredamos pelos caminhos da história oral, que segundo Alberti (2004, p. 155), estabelece uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes surgida em meados do século XX, após a propagação do gravador para uso doméstico. Estas consistem na realização de entrevistas gravadas com indivíduos²¹ que participaram ou testemunharam acontecimentos e/ou conjunturas do passado. Nesse sentido, foram entrevistadas 9 (nove) pessoas, entre amigos e familiares, que conviveram com a educadora. Foram eles suas filhas: Andréa Vasconcelos, Érica Vasconcelos e Kilma , seus irmãos Fatima Vasconcelos e Valdeci Vasconcelos, suas primas Maria do Socorro e Maria Dapaz e seus amigos e colegas de trabalho, Graciliano Calixto e Manoel Rodrigues Lima (Manoel Júlio).

O estudo a partir das entrevistas exigem exercícios do olhar, ouvir, interpretar, pois o palco é a vida. Segundo Thompson (1992, p. 25), a experiência de vida das pessoas é utilizada como matéria prima para o historiador que usa sua criatividade e elabora sua escrita no estudo/reflexão de uma temática. Ele ainda considera que o pesquisador tem a função de delimitar tempo/espço e atuação desse sujeito questionando sempre sua interação com a sociedade.

Diante dos entrevistados nesta pesquisa, percebemos que há certa recorrência quando o assunto é amizade. Elenita experimentou, ao longo da sua vida, diferentes relações de afeto. Aproximamo-nos, assim, dos estudos realizados por Halbwachs (2006) que problematizou a memória e suas interfaces. Segundo ele, existe a memória individual e coletiva, estas que se entrelaçam em alguns momentos. Para evocar seu próprio passado, as pessoas recorrem às

²¹ Optamos por utilizar em alguns momentos pseudônimos, são eles: Rosa e Amélia. A escolha ocorreu devido ao gosto da professora por flores, estes relatados nas entrevistas.

lembranças de outras e se transportam para outros pontos de referência fora de si, determinados pela sociedade.

Também utilizaremos como fontes as fotografias da professora e de alguns locais que, ao nosso ver, fizeram parte de sua vida. Borges (2003) faz um estudo sobre os usos da fotografia no decorrer do século XIX e do século XX, problematizando seus usos e a importância para o conhecimento histórico, o que corrobora com a nossa opção pela utilização desse tipo de imagem.

A autora citada acima alerta para o perigo de reunirmos fotografias de um determinado período e apresentá-las como retrato fiel do passado, assim como foi a prática dos pesquisadores da escola metódica no início do século XIX. Para Borges (2003), analisar a imagem é perceber seus usos culturais, dialogando entre o dito, não dito e suas implicações.

Qual é o período em que essas fotografias foram registradas? Por quem? Com qual intuito? Como foram guardadas e por quê? Ao nos debruçar sobre as intenções do produtor de uma imagem e sobre a dinâmica social, nós, pesquisadores, iremos compreender a vida de Elenita, a construção de sua memória, principalmente partindo da ideia de que o historiador trabalha no campo das possibilidades e da verossimilhança. Com isso não trabalhamos com a verdade dos fatos, mas com uma memória que chegou até nós, estas moldadas através de várias intenções.

Huberman (2011) apresenta uma discussão em torno da imagem e a experiência que ela causa a partir do olhar. Não importa o quão antiga a imagem pareça ser, o nosso presente reminescente aparece, da mesma forma que o passado não cessa, pois, a imagem só se torna pensável a partir da memória.

Analisar uma fotografia é, ao mesmo tempo, perceber nossos olhares, nossos filtros e ao mesmo tempo interrogar os seus usos no tempo. As fotografias presentes nesta dissertação foram problematizadas junto com as visões dos personagens inscritos na pesquisa, bem como com o nosso olhar enquanto pesquisadores.

Ao longo da pesquisa tivemos acesso a 48 (quarenta e oito) fotografias que versam entre o ambiente público e privado, dessas 10 (dez) registradas por arquivo próprio que contemplam os lugares da igreja, a casa no Sítio Salgadinho – onde Elenita morou no período da infância – entre outros²².

²² Foram analisadas 10 (dez) fotografias. Dessas, 2 (duas) foram através de registro próprio. Estão presentes também no anexo 30 (trinta) fotos mais 8 (oito) presentes no apêndice, estas que são citadas ao longo da escrita e estão localizadas no final deste trabalho.

São imagens onde a maioria tem a presença de Elenita, e as que foram registradas por nós, retratam lugares frequentados pela professora. Desse arquivo foram utilizadas apenas 12 (doze) fotografias, as demais estarão expostas em anexos e apêndices. A opção de fazer esse recorte foi necessária para que pudéssemos seguir um caminho metodológico, porém, o nosso desejo é que em outros momentos possamos fazer outras análises destes.

Além de fotos, analisaremos documentos como a declaração do curso de Ciências Sociais, além de um cordel escrito pelo poeta Severino Batista, conhecido na região como Severino Verde. As fontes consideradas escritas de si, que são escritos ou ditados pela própria professora, se farão presentes nesta dissertação, sendo eles um cartão pessoal da professora para sua filha Kilma, cedida pela própria e uma carta ditada um mês antes do seu falecimento, esta direcionada para parentes, amigos e lavradenses. Com esta última, o acesso se deu através da monografia do curso de pedagogia de Almeida (2002).

Para Gomes (2004) esses registros são escritos subjetivos, fragmentados, ordinários e, portanto, são identificados com valores ímpares para o estudo da história. Neles os indivíduos criam sua própria verdade com sentimentos que voltam a atenção do sujeito para si. Por outro lado, devemos estudar e trabalhar na perspectiva de quem reconhece a escrita como documento histórico, devendo necessariamente passar por uma análise minuciosa (LE GOFF, 1990). É preciso destacar, principalmente, a intencionalidade desses escritos, levando em consideração que eles são resultados de um produto que a sociedade mesma fabricou.

A função de escrever cartas surge da necessidade de superar a ausência causada pelo distanciamento físico e ainda pode estar ligada a vivências dolorosas e a pensamentos vindos do interior do personagem (ROCHA, 2010). Elenita percebeu que estava com um quadro clínico grave, que suas chances de ter a saúde estabelecida se tornavam cada vez mais difíceis. Não conseguia realizar atividades como pegar suas filhas no colo e nem fazer uma das atividades que exercia cotidianamente, que era escrever, pois seu braço estava atingido pelo câncer, chegando a ficar amarra o seu cordão fibroso.

Percebendo que a morte poderia estar próxima, ela resolveu se preparar para a mesma, por isso deixou registrado, através de uma carta, direcionada a parentes e amigos, os seus desejos pós-morte. Quem escreveu foi sua irmã, Rita Vasconcelos, no dia 03 de Janeiro de 1984.

Nesse sentido, o momento pelo qual a professora ditou a carta parece ganhar significância, pois ela nos revela algo que talvez não tivesse nos dito em outros momentos. Nesta escrita, ela divide alguns bens que guardavam significados de sua vida, como o anel de casamento e formatura, afirmando que não desejava que suas filhas tivessem madrasta, que

seu esposo não morasse com outra mulher e menciona o nome da pessoa que desejaria que educasse suas filhas.

Esta carta foi lida no seu sepultamento, em voz alta, por Sebastião de Vasconcelos Porto, mais conhecido como Tinan²³, ocasião que causou um abalo emocional forte para a maioria dos que ali estavam. A carta não só foi direcionada aos amigos e parentes, mas aos cidadãos lavradenses. No entanto, a forma como queria ser enterrada, entre outros argumentos da carta, não foi vista com bons olhos por parte da população. Alguns interpretaram como um ato desnecessário por parte da professora, pois os seus desejos poderiam influenciar no futuro de pessoas citadas, como o desejo exposto, de que seu esposo não casasse com outra mulher.

A carta deixa traços de uma vida, ela é preciosa para o historiador entender a vida de Elenita, seus medos, desejos e sentimentos. A partir de suas características presentes nas escritas de si, juntamente com outras fontes, tentaremos fazer uma biografia da professora.

Enveredamos pelas propostas de Dosse (2009), que discute a relação entre história e biografia, gênero que foi relegado na academia por muitos pesquisadores. Esse mesmo autor ainda discute a impossibilidade de escrever toda história de uma vida. “Na operação historiográfica, o horizonte de totalidade escapa inexoravelmente: no campo da biografia não podemos escrever tudo”. (DOSSE, 2009, p.122).

Não pretendemos escrever toda sua história, o que nós enquanto historiadores fazemos é uma tentar descrever alguns acontecimentos que foram importantes na vida de Elenita e que chegaram até nós por meio de fontes como as entrevistas das pessoas que conviveram com ela.

Acreditamos também que ao escrever sobre Maria Elenita, estamos falando de uma ação do passado, mas que se insere ao mesmo tempo no presente. Pois acreditamos que o passado ficou para trás, o que podemos reconstruir é uma versão do que aconteceu, com outros olhares resultados de inúmeras experiências que nos transformaram enquanto sujeitos. Trata-se do encontro da história já vivida com a história da qual a narrativa se concretiza. (DELGADO, 2010, p. 34).

Ao mesmo tempo, estamos falando de um sujeito que viveu um período determinado, que se espelhou e foi espelho de outras pessoas de sua época. Ou seja, ao falar de Elenita também falamos de outras mulheres que vivenciaram acontecimentos, conjunturas culturais, políticas, sociais, entre outras. “Ao se dedicar na análise do passado o estudioso vai ao

²³ Sebastião de Vasconcelos Porto, conhecido como Tinan é um cidadão lavradense que desempenhou a função de prefeito da cidade do ano de 1989 a 1992 e depois de 1997 a 2004. Atualmente é professor aposentado da Universidade Estadual da Paraíba, da disciplina de Matemática, e reside na cidade de Campina Grande-PB no bairro do Catolé.

encontro de outro tempo, diferente daquele que está integrado”. (DELGADO, 2010, p.34).

Por isso, recorreremos ao período intitulado “Anos dourados” que a autora Pinsky (2014) considera ser de 1945 a 1964, final da Segunda Guerra Mundial. Esse tempo é caracterizado como uma época dourada de grande apogeu econômico, principalmente para o Brasil que se manteve ao lado dos Estados Unidos, considerado vencedor frente à União Soviética.

Do ponto de vista econômico, nos anos 1950 difundia-se o discurso de um Brasil com forte urbanização e avanço industrial. Portanto, nesse período, inúmeras mudanças ocorreram na infraestrutura e no cotidiano das cidades, a exemplo de Pedra Lavrada-PB²⁴. Até os anos 1950 contava com uma capela construída e um pequeno grupo de pessoas que residiam no local. Após esse período, Pedra Lavrada passou a ter uma maior presença do comércio que consequentemente atraiu as pessoas, fazendo com que as mesmas construíssem suas casas no lugar, assim como a família Vasconcelos que construiu vossa residência em 1959. Outro aspecto importante foi a presença da máquina de algodão que gerou renda para a população e a extração de minério que até hoje se destaca como a principal atividade comercial da cidade. Em 1959 também já existia o cemitério da cidade. O grupo escolar foi construído em 1954, levando o nome do Professor Francisco Ferreira, sendo esta a mesma instituição foi a mesma onde a família de Elenita estudou. Segundo Maria Dapaz, a Escola leva esse nome devido aos trabalhos prestados pelo educador Francisco Ferreira.

O Padre Rietveld (2010, p. 214), através dos registros paroquiais, nos esclarece que em 1959 foram 459 (quatrocentos e cinquenta e nove) pessoas batizadas e quantificaram 59 (cinquenta e nove) casamentos realizados na paróquia de Nossa Senhora da Luz, através do vigário José da Cunha Barros (mais conhecido como Padre Barros) que permaneceu à frente das atividades da paróquia de 1958 a 1966²⁵.

A indústria de bens de consumo cada vez mais ganhou força no país, fazendo com que a população usufruísse de seus benefícios, gerando assim uma sociedade consumista.²⁶ Outro

²⁴ Pedra Lavrada é um município paraibano que está situado na mesorregião da Borborema, microrregião do Seridó Oriental. Limita-se ao Norte com o município de Nova Palmeira, distante 11 km; ao Sul com Seridó, a 27 km e Cubati a 24 km; ao Leste com Baraúnas, a 50 km e Sossego, a 54 km; e ao Oeste com o Município de Parelhas, no Estado do Rio Grande Norte, distante 10 km da divisa entre os dois Estados. Disponível em: <http://pedralavrada.pb.gov.br/paginas/dados-geograficos> Acesso 11.07.2017.

²⁵ Padre João da Cunha Barros foi o 23º padre a assumir o posto de vigário, porém é importante destacar que ele não residia na cidade só presidia as ações da paróquia. (RIETVELD, 2010, p. 214)

²⁶ Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945 houve profundas transformações no cenário internacional, principalmente com a divisão entre os dois blocos: União Soviética e Estados Unidos. O Brasil escolheu este último e teve ampla influência econômica, política e ideológica, o que implicou na penetração da cultura norte-americana no país. Essas transformações foram se consolidando ao longo da década de 1950, alterando o consumo e o comportamento de parte da população que habitava os grandes centros urbanos consolidando uma

aspecto importante foi a crescente demanda de trabalho considerada feminina entre algumas profissões, como a de professoras, babás, cuidadoras, enfim, empregos característicos como aquelas que são, na verdade, uma extensão do lar.

Nossas entrevistas apontaram para uma Elenita consumista, diferente da maioria da população que não tinha condições financeiras para adquirir a maioria desses bens. Através da confecção de roupas para determinadas ocasiões e a compra de eletrodomésticos como geladeira, radiola, televisão e dois carros adquiridos pela família nos finais dos anos 1970, nos fizeram entender que ela era uma pessoa adepta ao consumismo e que usufruía dos bens de consumo proporcionados pelos “Anos dourados”.

O discurso da época apontava a educação como um caminho para a escolaridade da população. Isso fez com que as mulheres passassem a frequentar as escolas para aprenderem a ler e a escrever. Vale ressaltar que a ideia era que a mulher, preferencialmente, cuidasse do lar e dos filhos, deixando a ideia de exercer outra profissão para segundo plano, no entanto, não aconteceu com Elenita, que preferiu estudar e se profissionalizar antes de constituir sua família.

O trabalho da maioria das mulheres no Brasil era de ordem doméstica e não remunerado. Foi principalmente com a industrialização a partir dos séculos XVIII – XIX nas sociedades ocidentais que colocaram em questão o “trabalho das mulheres” e o acesso ao salário. Após a Primeira Guerra Mundial, principalmente na França e Inglaterra, as mulheres substituíram, na retaguarda, os homens que foram mobilizados para frente da batalha. Perrot (2017) afirma ter sido um processo irreversível, segundo ela, esse prosseguiu no período entre as duas guerras, principalmente pelo fato de que após a Segunda Guerra Mundial surgiram novas indústrias e com elas a absorção da mão de obra feminina.

Perrot (2017) afirma que nesse período, mesmo havendo várias mudanças na sociedade, as mulheres continuaram sendo cercadas de preconceitos. Isso fez com que existissem modificações e ao mesmo tempo prevalecessem contrastes entre o masculino e o feminino, principalmente através da igreja católica e sua influência na sociedade que continuou fortalecendo cada vez mais as diferenças sexuais, através de suas concepções conservadoras, a exemplo da sua posição contra o trabalho feminino longe de casa, proibição da dissolução do casamento e preservação da virgindade nas mulheres até o matrimônio.

Foi nesse contexto histórico que Elenita nasceu, viveu sua infância, adolescência e

parte da sua vida adulta. Falar de Elenita é olhar para a sociedade e o tempo no qual a mesma está inserida, é perceber também sua influência religiosa. O hábito da família Solon era frequentar a igreja católica todos os domingos e fazer parte de suas atividades.²⁷ Isso era comum na maioria das famílias que viviam na região, educar a partir dos preceitos do catolicismo.

Sobre a construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz, existem dois marcos importantes: o primeiro de 1895, através do Padre Dom Adalto Aurélio de Miranda Henriques que transformou a igreja com os traços existentes até hoje, no entanto, com uma única torre; e o segundo, após cinquenta e cinco anos, com o Padre Apolônio, que faria a segunda torre concluindo a igreja que permanece até hoje com seus traços originais. (RIETVELD, 2010)

O padre Rietveld (2010) afirma que a partir de 1894 a paróquia passou por um lento crescimento religioso, além de Pedra Lavrada que até hoje comporta a paróquia Nossa Senhora da Luz, passou a existir outros dois núcleos que fazem parte desta, são eles o de Cubati-PB e o de Nova Palmeira-PB. Aumentou também o número de capelas menores, o que intensificou o poder pastoral na região.

Para Pinsky (2014), nos “Anos dourados” a igreja Católica tornou-se poderosa e era considerada orientadora de conduta. Nessa instituição pregavam as concepções conservadoras, tais como a submissão da esposa ao marido, desaconselhando o trabalho feminino fora do lar, proibindo a dissolução do casamento, criticando duramente algumas modificações que estão ocorrendo na sociedade.

Os preceitos religiosos influenciaram a vida de Elenita, alguns entrevistados destacaram a participação da professora nesses assuntos, relacionando a igreja católica e as formas encontradas por ela para aproximar a escola Francisco Ferreira da instituição. São constantes as comemorações religiosas nas dependências da escola, como a quaresma.²⁸ Inclusive o próprio material didático utilizado pela professora para capacitação de professores, como a revista *Família Cristã*²⁹, que era de cunho religioso.³⁰

²⁷ O padre Rietveld (2010) fez um estudo sobre a paróquia de Nossa Senhora da Luz e o crescente número de fiéis do povo que habitou a região. Uma das razões que levou o padre a escrever sobre o tema foi a comemoração dos 150 (cento e cinquenta) anos da paróquia de Nossa Senhora da Luz em 2009, esta que foi fundada em 1859, uma das mais antigas da região através de uma doação de terras realizadas por José Bezerra da Costa.

²⁸ Quaresma é a designação do período de quarenta dias que antecedem a principal celebração do cristianismo: a Páscoa, a ressurreição de Jesus Cristo, que é comemorada no domingo e praticada desde o século IV. Disponível em: <https://www.significados.com.br/quaresma/> Acesso 13 de julho de 2017

²⁹ A revista portuguesa “Família Cristã” é propriedade da Paulinas Editora, integrada ao Instituto Missionário Pia Sociedade, de São Paulo, em Portugal, congregação religiosa missionária, fundada pelo beato Padre Tiago Alberione. Disponível em: <https://familiacrista.paulus.pt/quem-somos> Acesso: 13 de julho de 2017.

Ao analisar o histórico da revista³¹ em questão, percebemos nele um veículo preocupado com a velocidade das informações, das reflexões que surgem a partir dos anos 1960, e que ao mesmo tempo tem de ser fiel ao seu propósito, que é o de pregar a “palavra de Deus” de acordo com os preceitos do catolicismo. Como a representação da mulher em várias reportagens ligadas à casa e à família, enquanto que a figura masculina está presente em assuntos ligados às profissões relacionadas ao âmbito público.

Neste trabalho vamos, através de suas experiências profissionais e pessoais, refletir sobre os espaços em torno da escola, do sítio Salgadinho, de Pedra Lavrada e de Campina Grande, estes que guardam resquícios da memória que será investigada a posteriori.

Discutiremos nesse primeiro momento as relações de afeto pautadas em uma Elenita e nas suas ações cotidianas que trazem a marca do compromisso em cuidar do outro. Emprestando sua atenção e dedicação, enxergando nos seus amigos uma força criativa que muitas vezes nem os próprios conseguiam perceber. Semelhante ao que Foucault (1981) intitulou como “Amizade enquanto modo de vida”, uma atualização da estética da existência.

No segundo capítulo problematizaremos a partir das entrevistas, fotografias, literatura de cordel e de uma escrita de si, a memória construída em torno da trajetória de vida da professora. Principalmente enfatizando o papel de Iêdo enquanto principal responsável por repassar as lembranças e por construir a memória dela para suas filhas. Ele foi caracterizado por elas como um pai presente, protetor, carinhoso, aquele que conseguiu assumir o lugar de pai e mãe, sem ofuscar a importância de Elenita em suas vidas.

Iêdo provou através das ações que o acompanharam até o seu falecimento, em 2014, que amou sua esposa além da morte e conseguiu que a memória de sua amada continuasse viva entre suas filhas que nutrem por ela um amor de mãe, mesmo não tendo a oportunidade de conviver por muito tempo com ela.

Para o desafio de problematizar esta memória repassada por Iêdo, vamos discutir o relato das filhas Andréa, Erika e Kilma, enquanto narrativa, e o testemunho enquanto acontecimento, estes que estão presentes nas obras de Benjamin (1994). Também utilizaremos autores que discutem as emoções como o antropólogo Le-Breton (2009) e como o psicoterapeuta López-Pedraza (2010).

No terceiro e último capítulo, vamos discutir os últimos acontecimentos a partir do

³⁰ Para maiores informações, visite o trabalho “Formas de viver no feminino: análise de gênero na trajetória da professora Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho (1945-1985)”. Monografia apresentada ao curso de licenciatura em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande para obtenção do título de licenciada em História.

³¹ Ver “anexo C”. Capa da revista Família Cristã, 1970.

diagnóstico de câncer e os caminhos seguidos por Elenita para se despedir das pessoas com as quais conviveu. Principalmente as formas que encontrou para que, de forma consciente ou não, pudesse fazer de seu velório um espetáculo, se apropriando do poder simbólico e da condição de moribunda em seu leito de morte para garantir que seus desejos fossem realizados.

Analisaremos a forma encontrada pelas pessoas para realizar os desejos de Elenita e como esses assumiram papéis importantes em suas vidas. Utilizaremos autores como Fonseca (2007), que discute o conceito de teatralização e Elias (2001) para refletir sobre a morte enquanto um processo natural de todo ser humano. Como fontes orais trabalharemos com as entrevistas, as fotografias e a carta pessoal, estes que versam pela temática.

São essas as histórias que o leitor/destinatário encontrará na narrativa das páginas que seguem. Uma possível história de uma socióloga, mulher paraibana, que ousou ser diferente, agiu de formas incomuns e comuns aos seus pares, que ficou marcada na memória da cidade como mulher e como educadora. Convidamos você para conhecer essa emocionante história, recheadas de afetos, sentimentos, na certeza de que estas correspondem apenas a uma versão do qual foi possível ser contada e que estarão sempre abertas para revisitações, leituras e escritas no assunto.

2.0 CAPÍTULO I

2.1 Histórias íntimas: a amizade como um modo de vida

Bate a enxada no chão
 Limpa o pé de algodão
 Pois pra vencer a batalha,
 É preciso ser forte, robusto, valente ou nascer no sertão
 Tem que suar muito pra ganhar o pão
 E a coisa lá "né" brinquedo não
 Mas quando chega o tempo rico da colheita
 Trabalhador vendo a fortuna se deleita
 Chama a família e sai, pelo roçado vai
 Cantando alegre ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai,
 Sertanejo do norte
 Vamos plantar algodão
 Ouro branco que faz nosso povo feliz
 Que tanto enriquece o país
 Um produto do nosso sertão.

(Algodão – Luiz Gonzaga)

O compositor e músico Luiz Gonzaga (1912-1989) é considerado o “Rei do baião” por ter sido responsável por promover e difundir os ritmos nordestinos, mais precisamente o xaxado e o baião, por todo o país. Nessa música, o sanfoneiro relata o dia-a-dia do nordestino e o trabalho visto por ele como árduo, mas que quando chove garante o sustento da família sertaneja. Nesse sentido, percebemos que há, em relação à canção, uma aproximação quanto ao ambiente onde a família Vasconcelos viveu principalmente a plantação de algodão, que garantiu por muitos anos a subsistência da família Solon.

O nosso objetivo neste capítulo é problematizar alguns espaços, como é o caso de Pedra Lavrada-PB, cidade onde Maria Elenita³² passou grande parte da sua vida. Dessa forma, com a ajuda de leituras que retratam a historiografia e com o cruzamento das fontes, faremos uma discussão sobre acontecimentos que, a nosso ver, foram importantes para ela, como a conquista de um diploma em nível superior.

A partir das considerações que nos levarão a conhecer aspectos de sua trajetória, faremos uma relação entre a vida de Elenita e as amigas por ela vivenciadas em Pedra

³² Anexo D- Fotografia de Elenita, perfil.

Lavrada-PB, essas que serão importantes para compreendermos características pessoais e profissionais da professora.

No Nordeste, estado da Paraíba, Zona Rural do município de Picuí, dia 23 de agosto de 1944, nasce uma mulher personagem que ousaria ser diferente. É com prazer que apresento a história de vida da socióloga Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho, filha dos agricultores Solon Lira de Vasconcelos e Jovina de Oliveira Vasconcelos. Ela nasceu em uma família extensa, composta por 14 irmãos: Maria Juvita, Maria Violeta, Maria Rita, Maria do Socorro, Maria de Fátima, Maria de Lourdes, Maria da Conceição, Vicente Valdeci, João Martinho, José Solon, Manoel Moacir, Luiz Martinho e Francisco Joacir.

A nossa proposta vai ao encontro dos estudos de Albuquerque (2009), em seu livro *A invenção do Nordeste e outras artes*, onde o mesmo critica a forma e os discursos naturalizados do Nordeste, como um lugar atrasado, arcaico, cinzento, de pessoas magras pela fome, analfabetos e mulheres subordinadas ao seu “dono”³³.

No Nordeste, o verde em épocas de inverno também faz morada. É um lugar de mulheres ousadas, que se fizeram protagonistas das suas próprias vidas, conquistaram seu espaço na sociedade e ditaram as regras, se tornaram cientistas políticas e disseram para os militares que o curso de Ciências Sociais era, também, seu lugar, sua história. É de mulheres como Maria Elenita que este estudo propõe tratar e é no interior do Nordeste, no Sítio Salgadinho onde ela nasceu e viveu parte da sua infância.

Certeau (2014), em seus estudos, apresenta o que ele define como o lugar enquanto espaço praticado. O lugar habitado traz a ideia de movimento, onde cada qual desenvolve em sua memória formas determinadas de “existir no mundo”. São espaços que, pelas ações dos sujeitos, condicionam a produção de memórias. Cada qual desenvolve uma memória específica daquele lugar e associa a uma história.

O registro que segue é uma fotografia da casa onde Elenita viveu na infância, com seus 13 irmãos, registrada por nós para esta pesquisa, no dia 17 de julho de 2017. Ela ainda guarda seus traços originais, são espaços que trazem em si memórias, experiências, relações afetivas que a família Solon viveu.

³³ Refiro-me à figura masculina.

Figura 1 - Casa da família Solon no Sítio Salgadinho em Pedra Lavrada-PB.



Fonte: arquivo próprio.

Mesmo a família não residindo neste endereço, mas na cidade de Pedra Lavrada e em outras localidades, é neste espaço que se dão a maior parte das suas lembranças. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais a família a mantém preservada, o que configura uma forma de lembrar e se reconhecer naquele espaço. Quanto à situação na qual aparentemente está a casa da família Solon, podemos dizer que suas paredes têm em média 50 cm de espessura, construídas, em parte, com materiais manuais, tijolos e telhas, estes que garantem uma boa qualidade e um longo período de preservação se comparada ao material industrializado utilizado nas casas atuais.

Araújo e Miguel (2008) fazem um estudo sobre a arquitetura rural e sertaneja, esta baseada em um outro estudo feito no Rio Grande do Norte. Segundo os referidos autores, as características das casas rurais são tem influência da arquitetura europeia e esse processo teve início em 1693, quando os Holandeses estenderam seu domínio para o Sertão nordestino, levando não só a sua arquitetura, como tentaram adaptá-la ao clima da caatinga e às necessidades locais. No caso da casa rural da família Solon, o principal meio de subsistência era a criação de gado e a plantação de alimentos.

Na casa podemos perceber que as paredes são relativamente altas se comparadas à maioria das casas atuais. Acreditamos que isso ocorria para que as mesmas fizessem sombra. Nota-se também que as paredes têm cores claras e não têm muros e, ainda, que a casa tem 3 (três) janelas, bem como uma porta de madeira que, se aberta até a metade, também pode se transformar em outra. Tanto as janelas quanto a porta são feitas de madeira, material muito utilizado no período, tendo um comprimento alto. São características de uma residência que tem como parâmetros amenizar o calor provocado pelo clima quente da caatinga nos períodos de verão.

A casa não contém alpendre coberto, porém, a calçada é larga e o chão é feito com cimento, o que com as paredes altas em determinadas horas do dia faz sombra. Talvez fosse o espaço utilizado pela família para, em alguns momentos, se refugiarem do clima quente da região. Foi percebida também que sua localização está em um espaço alto do térreo e perto de um açude, o que facilita o acesso da água à casa para as necessidades básicas como cozinhar, tomar banho, lavar roupas, entre outros, já que no início dos anos 1960 é provável que não existisse na fazenda o encanamento da água para a casa.

Segundo Lima (2002), era comum que nessas casas houvesse a presença de quartos para depósitos ou dispensa, que funcionavam com precárias instalações sanitárias, geralmente se localizavam em um cubículo separado. Dessa forma, encontramos semelhança com a casa da família Solon, onde podemos notar que ao lado esquerdo, na fotografia, tem a presença desse quartinho semelhante ao que Lima (2002) apontou.

Vale salientar que a iluminação existente nesse registro é uma invenção recente, não condiz com o período do qual relatamos, pois nos anos 1950 a iluminação na região se dava a partir de lamparinas a gás.³⁴

No dia 17 (dezesete) de julho, que foi o dia que realizamos a visita ao sítio Salgadinho, não conseguimos acesso ao interior da casa, por isso não podemos traçar algumas considerações a respeito da parte interna da mesma, apenas da parte externa.

Para a época dos “Anos dourados” e para os Solon, a figura masculina era considerada o chefe da casa e devia sustentá-la economicamente enquanto a esposa realizava as tarefas domésticas. O casamento define atribuições e direitos distintos: cabia ao homem a palavra final, principalmente a respeito da educação, da moradia e das atividades econômicas de seus membros.

Os meninos aprendiam a tarefa desde cedo, era preciso lançar a sorte no plantio dos alimentos, principalmente do milho, para quando chegasse a época das chuvas conseguirem colher muitos frutos. Se chovesse pouco seria perda de trabalho, mas se chovesse muito a fartura viria acompanhada do cheiro da pamonha, da canjica, do bolo, do milho assado ou cozinhado no fogão à lenha de Dona Jovina Oliveira de Vasconcelos. Segundo as entrevistas, o milho era um alimento precioso e trazia para a família muitas possibilidades relacionadas ao seu uso e até à sua venda.

³⁴ “Apenas por volta de 1800, com a invenção da bateria elétrica, que se começou a pensar em uma nova forma de produzir luz. Um dos pioneiros foi o inglês Humphry Davy. O químico descobriu que um dos caminhos mais simples era utilizar uma corrente elétrica para aquecer um fragmento de metal até atingir sua incandescência, emitindo luz”. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Caminhos-para-o-futuro/Energia/noticia/2016/10/ha-exatos-137-anos-uma-lampada-eletrica-foi-acesa-por-thomas-edison.html>>. Acesso em 22 de julho de 2017.

A rotina no sítio se dava a partir das 6h00 da manhã, quando o sol já tinha aparecido, antes de tirar leite das vacas, era hora de ser agraciado pelo café com leite e queijo de coalho. No almoço, era hora do feijão e do arroz, combinação do brasileiro, principalmente do trabalhador faminto, a melancia no pé garantia o lanche em qualquer hora do dia. Boa parte dos alimentos eram colhidos no Sítio Salgadinho.

A rapadura também ganhava destaque com seu gosto adocicado. Era considerada a sobremesa que dificilmente faltava na casa, mas era um alimento comprado em Pedra Lavrada. Lá existia a feira que era realizada nos domingos pela manhã, um espaço que favorecia a troca de experiências entre os que moravam na região. Havia não só a compra de alimentos, como a rapadura e os materiais de limpeza, mas também constantes trocas de comidas e animais.

Para os nossos entrevistados, os animais eram o que dava vida ao sítio, principalmente porque propiciavam brincadeiras para as crianças, como as de Fátima Tavares e Elenita em cima do jumento³⁵. Ele era responsável por carregar água do açude para a casa e servia para as necessidades básicas como tomar banho, lavar os pratos, a casa, cozinhar e também era para ser coada com um pano de prato e servida para as pessoas.

Também tinha as galinhas, estas eram responsabilidade de Dona Jovina, pois geralmente ficavam no “terreiro”³⁶ ou no quintal da casa, ansiosas pelos restos de alimentos e pelo milho que era jogado. Em contrapartida, forneciam os ovos, que também eram consumidos de diversas formas, como: fritos, cozidos e em receitas diversas.

A cabra era outro animal que existia no Sítio dos Solon. Diziam os mais velhos que seu leite era sadio, combatia diversos males, mas estes animais, em alguns casos, também eram sacrificados e serviam como alimento para a família. A vaca também fazia parte do sítio Salgadinho,³⁷ se fosse ano em que chovesse e que fizesse comida, ou pasto, como assim é conhecido na região, os animais eram criados soltos, sem muito trabalho, pois caso não chovesse, o seu alimento teria que ser plantado pelo seu dono. Então seu destino era o

³⁵ Jumento, asno e jegue são nomes regionais diferentes dados o mesmo animal: o *Equus asinus*, uma espécie de “parente” do cavalo. O jumento é famoso por sua grande resistência e pode ser encontrado em praticamente todo o planeta, exceto em regiões mais frias. Desde o início das civilizações, ele vem sendo usado como animal de carga, sela e tração, sendo muito útil para trabalhos pesados no campo. Em média, tem 1,30 metro de altura e chega a pesar 400 quilos. Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/mundo-animal/qual-a-diferenca-entre-jumento-mula-burro-jegue-e-asno/>>. Acesso em 23 de outubro de 2017

³⁶ Nesse caso, Terreiro é como a maioria das pessoas da região do interior do Nordeste concebe o espaço em volta da casa, é também conhecido como terraço. Há também uma variação de significado em outras regiões, pois alguns intitulam terreiro que vem do latim *Terrarium*, espaço referente aos cultos afro-brasileiros, local onde ocorrem cerimônias aos Orixás. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/suplementos/cariri-regional/juazeiro-exige-liberdade-religiosa-1.808239>>. Acesso em 11 de julho de 2017.

³⁷ Ver anexo E. Fotografia de Elenita no sítio Salgadinho.

“curral”³⁸ que deveria ser um espaço amplo, mas fechado para o animal não sumir. Nele são jogados diferentes alimentos como a palma³⁹, fruto considerado resistente às secas⁴⁰

O leite da vaca é considerado pelas pessoas dos anos 1960 como um alimento nutritivo, ele era tirado de manhã por volta das 6h00, os mais velhos diziam que seu sabor, nesse momento, era inigualável. “O leite é fartura, tem vaca que consegue dar 5 litros de leite”. Conforme a fala de Valdecí Vasconcelos houve períodos que a propriedade tinha cerca de 200 réis⁴¹, ou seja, o leite era sempre presente no sítio, o que sobrava era vendido na feira de Pedra Lavrada, que já mencionei anteriormente, onde as pessoas das regiões vizinhas, como de Nova Palmeira⁴² e Cubati⁴³ Sereuniam.

É importante destacar que Pedra Lavrada começou a ser chamada por esse nome em 1750, pois o lugar era uma fazenda que pertencia à família Gomes Barreto, nessa povoação que oficialmente se tornou distrito de Picuí em 14 de julho de 1890, pela lei Estadual nº 20, ou seja, esse foi o período em que a professora nasceu (1944) quando existia apenas o povoado. Após um longo período a cidade cresceu e em 13 de janeiro de 1959, pela Lei

³⁸ Local cercado, onde se prende ou recolhe o animal.

³⁹ Vegetal típico da região semiárida, conhecido do agricultor por conseguir resistir às secas e servir de alimento para seres humanos e animais. Atualmente existem diversas pesquisas relacionadas ao vegetal. Disponível em: <<http://globoreporter.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGCO-2703-39-3-1007,00.html>>. Acesso em 16 de maio de 2017.

⁴⁰ O Município de Pedra Lavrada está situado na mesorregião da Borborema, microrregião do Seridó Oriental. A sua precipitação pluviométrica é uma das menores da região, o que compromete sobremaneira o rendimento da sua produção agrícola e o desempenho do seu setor relativo à pecuária. Disponível em: <<http://pedralavrada.pb.gov.br/paginas/historia>>. Acesso em 11 de julho de 2017.

⁴¹ Vacas que ainda não tiveram crias.

⁴² Nova Palmeira como hoje é conhecida, tinha o nome de Jerimum até 1961. Sua distância de Pedra Lavrada é de 16,6 km. “O povoado teve início, em 1880, quando Francisco Bezerra de Medeiros, conhecido como Chico Caçote, implantou a fazenda Jerimum, no local onde hoje está edificada a cidade.

Em terreno doado pelo pioneiro, Francisco Bezerra de Medeiros, foi construída, em 1818, uma capela dedicada a Nossa Senhora da Guia, escolhida como Padroeira da Povoação. Manoel Belarmino de Macedo, Tomaz Martins de Medeiros e José Mário Dantas, estão relacionados entre os primeiros habitantes. O nome de Jerimum foi mudado para Nova Palmeira, por sugestão de Manoel de Souza Lima, então prefeito de Picuí. “Com o constante progresso, Nova Palmeira foi elevada à categoria de distrito, em 1961, e em 1963, foi desmembrado de Pedra Lavrada. Em 2017 estima-se que a população da cidade seja de 4.910 habitantes. Informações disponíveis em: <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=251030&search=linfogr%E1ficos:informa%E7%F5es-completas>>. Acesso 25 de julho de 2017.

⁴³ “Distrito criado com a denominação de Canoas, pela lei estadual nº 424, de 28-10-1915, e por ato anterior a 02-03-1938, subordinado ao município de Picuí. Cubati, em tupí guarani, quer dizer planta d'agua, duas fazendas com o mesmo nome, Canoas, de propriedade dos senhores Manoel de Barros e Targino Pereira da Costa, ficavam no lugar onde hoje se ergue a cidade de Cubati. Pouco tempo depois Manoel de Barros fez doação de um pedaço de terras para a construção de uma capela em louvor a São Severino e em seu redor, começaram a surgir novas casas ocupados por famílias recém-chegadas de outras regiões. Elevado à categoria de município com a denominação de Cubati, pela lei estadual nº 2076, de 30-04-1959”. Em 2017 estima-se que o município tem cerca de 7.274 habitantes. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250500&search=paraibalcutatilinfograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em 25 de outubro de 2017.

Estadual nº 1.944 Pedra Lavrada teve sua emancipação política.⁴⁴ O primeiro prefeito nomeado foi o Sr. Heronides Meira de Vasconcelos⁴⁵.

Este nome foi escolhido pela existência de gravuras e pinturas em arte rupestre, também pela presença de gravuras e materiais fossilizados. A cidade guarda outros vestígios para o estudo da arqueologia e para a história do Nordeste. A historiadora, e também lavradense, Dias (2012), aponta para a necessidade de estudar e preservar aquele espaço que atualmente se encontra em decomposição devido às erosões do tempo.

Quando mencionei fartura acima estava me referindo ao período de inverno que nem sempre ocorria com tanta abundância, pois um dos grandes problemas das estiagens no nordeste brasileiro é a evaporação. Pela região ter temperaturas altas, há uma forte evaporação dos açudes, sendo a maior razão da nossa perda de água. (SUASSUNA, 1996)

A seca é dura, arde como o calor do sol. O animal sofre, pois não tem comida, muitas vezes foi preciso se valer de outros meios como a queima do xique-xique⁴⁶, alimento impróprio para ser consumido por eles, pois essa planta traz problemas de saúde para o animal, como dores de barriga ou constipação, já que o alimento fica preso, dificultando a realização da digestão normal. Uma solução encontrada pelos agricultores e pela família de Elenita foi fazer uma reserva: guardar milho, arroz e outros alimentos em silos⁴⁷ para o ano seguinte, porque caso não chovesse, o alimento guardado seria uma solução.

O agricultor ficava atento para o período de inverno, que era aquele que, com suas chuvas tão bem-vindas, conseguia encher os açudes⁴⁸, serviam para fazer mato, mais conhecido na região como massa verde ou rama, que era alimento para os animais.

Valdecí Vasconcelos⁴⁹, que é irmão de Elenita, conta que na casa existiram, em alguns momentos, cerca de 8 a 10 trabalhadores. Eram homens que viviam no povoado e que iam trabalhar para a família. O contrato era feito informalmente, não tinha papelada, nem

⁴⁴ Essas foram informações encontradas no site oficial da prefeitura <<http://pedralavrada.pb.gov.br/paginas/historia>>. Acesso em 29 de abril de 2017.

⁴⁵ Informações disponíveis no site oficial da Prefeitura Municipal de Pedra Lavrada <<http://pedralavrada.pb.gov.br/paginas/historia>>. Acesso em 12 de julho de 2017.

⁴⁶ O *Pilosocereus polygonus* é uma cactácea, sendo muito comum no Nordeste Brasileiro onde é denominada xique-xique, sendo comum na caatinga. Sua ingestão em animais é conhecida na região nos períodos de longas estiagens, após o processo de queima dos seus espinhos, no entanto, o alimento consumido com muita frequência traz diversos malefícios ao animal, entre eles a dificuldade de digerir e a diarreia. Isso causa morte com frequência nos animais.

⁴⁷ Os silos eram reservatórios geralmente feitos de alumínio que servia para o armazenamento de grãos como milho e feijão.

⁴⁸ Ver apêndice B. Fotografia do açude no Sítio Salgadinho. Fevereiro, 2018.

⁴⁹ Vicente de Valdecí Vasconcelos, agricultor com idade de 76 anos. Atualmente reside na cidade de Pedra Lavrada-PB. Foram realizadas duas entrevistas, ambas na minha residência, opção escolhida pelo entrevistado. A primeira teve duração de 01h03min e ocorreu no dia 25 de março de 2017, com auxílio do gravador, e a segunda no dia 14 de abril de 2017 sem a presença do equipamento e com estimativa de 40 minutos. Esta última ocorreu sem o aparelho por entender que o entrevistado se sentia mais à vontade sem a presença do mesmo.

burocracia. Como já mencionado, a palavra valia muito. Nos finais de semana, de quinze em quinze dias, e até durante o mês, o salário era pago pelo próprio senhor que os tinha contratado. Se o patrão não pagasse, consideravam como exploração do trabalho. Lembrando que as notícias corriam rápido e o patrão ou o dono da propriedade não ia correr o risco de ficar “mal falado” na vizinhança.

É importante destacar que o acesso à terra e à produção propiciavam condições de vida diferenciadas. Financeiramente, a família de Elenita vivia em condições acima da média, pois grande parte da população residia nas propriedades de seus empregadores, já que não tinha outro lugar para morar.

Uma importante atividade que rendia lucro era o algodão, para a família ele servia para comprar produtos de limpeza como o sabão e outros objetos, artigos estes que não se podia produzir na propriedade. O algodão era plantado na propriedade e depois levado para o povoado: Pedra Lavrada, para o processo de descaroçamento, onde se localizava a máquina que fazia esse serviço. Os compradores vinham de diferentes partes da região, entre eles da cidade de Parelhas⁵⁰, para adquirir o produto que tinha diversas finalidades, entre elas a fabricação de tecidos.

Solon Lira, o pai de Elenita, tinha deficiência física em um olho, mas nem isso o deixou passivo, pelo contrário, era ativo e trabalhava muito segundo os entrevistados. Valdeci Vasconcelos falou que apesar de seu pai ter várias qualidades, era um homem que não conseguia administrar a propriedade bem, pois o dinheiro era guardado embaixo do colchão, sem controle. Às vezes emprestava para os amigos pagarem quando conseguissem, em algumas vezes emprestava com juros, mas o problema é que nem sempre recebia o dinheiro certo, no prazo combinado. Também não havia investimento em outras propriedades e/ou outras formas de obter lucro a não ser o que o próprio trabalho produzisse, com a plantação de alimentos e criação de animais. Lembrando que essa era uma prática da época, o homem do interior confiava no que estava em suas mãos, na palavra dos sujeitos, pois o governo e as instituições estavam distantes do seu cotidiano.

Quando Elenita completou 15 anos em 1959, com muito trabalho, sua família comprou uma casa em Pedra Lavrada, que era a cidade mais próxima da propriedade dos Solon, com a finalidade de melhorar os negócios, pois embora existissem as feiras aos domingos na cidade, o gado fornecia leite em abundância todos os dias. Antes o leite era vendido de porta em porta

⁵⁰ Parelhas é um município brasileiro do estado do Rio Grande do Norte. Está localizada na região do Seridó. De acordo com o censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano 2017, sua população é de 21.669 habitantes. Área territorial de 513,507 km²

na casa das pessoas do povoado, deixando o trabalho cansativo. Principalmente porque a tendência era aumentar o rebanho e o leite, já que as vacas iam parindo e consequentemente aumentando o número delas. De certa forma era um problema, pois naquele tempo quase não existiam geladeiras na região. Segundo Valdeci Vasconcelos, “Tinha dia que tinha 3 latas de leite pra (*sic*) vender na rua”. Em cada uma dessas latas cabia em média 20 (vinte) litros de leite.

Com a compra da casa esse problema foi atenuado, já que passou a contar com endereço fixo e os interessados se dirigiam à mesma, na cidade, para a comprar o leite. O lucro do leite servia para pagar as despesas da família, principalmente para adquirir alimentos e objetos que não tinham na propriedade, a exemplo de material de limpeza.

A maioria das famílias que ali tinham casa, no início dos anos 1960, tinham o imóvel apenas para o lazer, ou seja, para passar temporadas, como apoio para facilitar seus negócios ou mesmo quando na cidade houvesse algum evento. Mas, a principal fonte de economia da região era a agricultura, só depois é que foi substituída pelo minério.

Um dos momentos difíceis⁵¹ para a família Vasconcelos foi quando Solon Lira faleceu, em 1965, pois Valdeci Vasconcelos, Elenita e seus irmãos, com o apoio de sua mãe, passaram a administrar a propriedade sem a presença do pai. Os meninos ficaram responsáveis pelos afazeres da propriedade, fora de casa, como a criação de animais e o manejo com o plantio.

De acordo com Pinsky (2014) as distinções entre os papéis femininos e masculinos eram nítidas. A moral sexual era diferenciada e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era visto com os olhos do preconceito. A mulher ideal era definida a partir das ocupações domésticas, o cuidado dos filhos e do marido. Nos anos 1950, foi o período em que a ideia de ser mãe, esposa e dona de casa era considerada como o destino natural das mulheres. A dedicação ao lar, maternidade e a vida doméstica eram consideradas como essência feminina.

Um fato interessante a ser destacado foi durante a nossa entrevista com Andréa Carvalho, filha primogênita de Maria Elenita, quando afirmou: “Lembro dela dizer que não sabia cozinhar, não sabia fritar um ovo até que se casou [risos], até que começou a aprender a fazer algumas coisas”. Isso nos leva a acreditar que, desde o início, a família da professora a educou para os estudos, pois era comum que a mulher desde a infância se envolvesse com os afazeres do lar.

⁵¹ Solon Lira de Vasconcelos nasceu no dia 04 de fevereiro em 1904. O seu falecimento ocorreu em 08 de setembro de 1965.

Apesar dessa dedicação ao lar, Pinsky (2014, p. 624) apresenta a década de 1950 como um período em que houve a presença cada vez mais forte da mulher no mercado de trabalho, principalmente porque após a Segunda Guerra Mundial ocorreu a bipolarização do mundo com a União Soviética e os Estados Unidos, cada qual com suas características, a primeira defendendo as ações e teorias comunistas e a segunda se declarando capitalista.

O Brasil se manteve ao lado dos Estados Unidos, fazendo com que, ao fim da guerra, os dois países permanecessem unidos à onda capitalista. Assim, a urbanização e a industrialização marcam presença no país. Tanto a indústria pesada quanto a de bens de consumo, principalmente a automobilística, fizeram com que crescesse a demanda por trabalho. É nesse contexto que há crescente procura pela mão de obra feminina. (PINSKY, 2014)

Mesmo que recebendo valores mais baixos do que os homens, as mulheres passaram a ocupar os escritórios, as salas de aulas, o que de certa forma provocou *status* e criou uma tendência à maior escolaridade. É importante destacar que o investimento em carreiras femininas era menos valorizado que o masculino, pois o preconceito ainda era forte como, em bem menores proporções, podemos notar até hoje.

Anteriormente problematizamos essa questão relacionada aos “Anos dourados” e devido à quantidade de pessoas que residiam em Pedra Lavrada-PB seria provável que ela não tivesse vivido esse contexto cultural. No entanto, nos perguntamos: por que a família de Maria Elenita não a ensinou a cozinhar, já que essa era considerada uma das principais atividades femininas? Uma das questões é que talvez a sua família, de fato, fosse à frente do seu tempo e já tivesse sido influenciada por esse ideário de que as mulheres deveriam seguir carreira fora de casa, e para ter essa chance era necessário se dedicar aos estudos.

Outro argumento, talvez mais consistente do que o anterior, é que por ter uma família extensa (14 filhos), as irmãs mais velhas: Violeta Vasconcelos, Juvita Vasconcelos e Maria Vasconcelos tenham sido educadas para assumir a atividade de cuidar da alimentação das irmãs, não restando na residência outras atividades que pudessem ser direcionadas às caçulas.

Vale ressaltar que as primeiras filhas só foram morar em Campina Grande quando a família adquiriu uma casa própria. Maria Elenita e Rita Vasconcelos já se encontravam na Rainha da Borborema e, como era de costume, foram cuidadas pelas outras irmãs mais velhas depois da compra desta residência.

Segundo Fátima Vasconcelos, que é a caçula da casa, sua mãe sempre a incentivou nos estudos, pois, embora a família não tivesse condições para contratar um professor na época,

devido à falta de letrados na região, contava com os ensinamentos da própria Dona Jovina Oliveira.

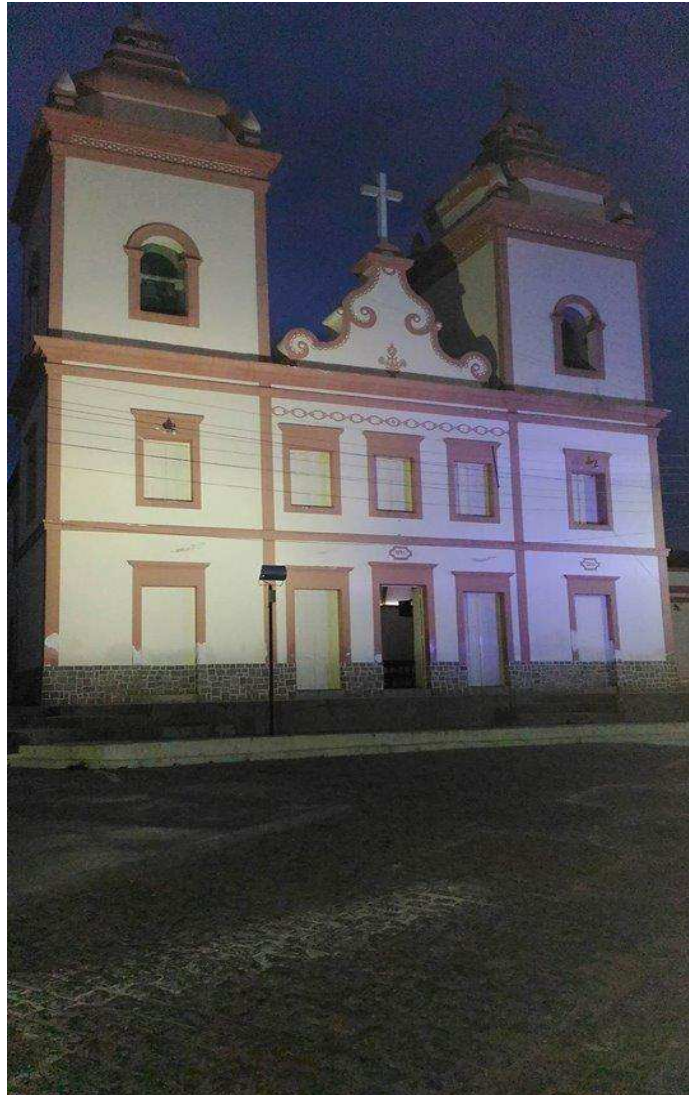
Eu com 7 anos, quando entrei no Francisco Ferreira⁵², eu já sabia todas as famílias silábicas e já sabia ler as palavras de duas sílabas que minha mãe nos ensinava, todos eles passaram pela alfabetização da minha mãe, mesmo com 14 filhos e cheio de trabalhador de muito serviço, mas ela ainda tinha tempo de nos ensinar, quando eu cheguei na escola era primeiro ano A, com 15 dias eu já passei para o B porque eu já dominava bem a cartilha. (TAVARES, 2017).

Vale ressaltar que Fátima é a filha caçula da casa. Então, talvez na casa já houvesse o consenso que girava em torno da importância de a mulher ter estabilidade financeira por meio dos estudos. Segundo ela os seus irmãos ajudavam com os afazeres da casa e do sítio e quando chegava a idade não perdiam tempo, passavam a frequentar a escola pela manhã. Isso aconteceu com todos que, embora tivessem idades diferentes, passaram por essa mesma sequência. Os mais novos nem sempre conviveram com os mais velhos devido à idade, pois estes foram casando e constituindo outras famílias.

Após a compra da casa em Pedra Lavrada, lugar que servia de apoio para a família Solon, a presença dos mesmos na igreja se tornou mais corriqueira, pois a cidade já contava com a Igreja Matriz Nossa Senhora da Luz, que segundo o Padre Rietveld (2010, p.109) teve sua construção iniciada a partir de 1894 até seu término em 1895, quando já existia no povoado um forte crescimento religioso. Atualmente ela está localizada no Centro da cidade e serve como cartão postal, devido aos detalhes presentes na sua arquitetura e por ser construída inteiramente de pedras, sem nenhum tijolo. A fotografia abaixo foi registrada no dia 17 de julho de 2017, tendo como intuito atender a esta pesquisa.

⁵² A Escola Francisco Ferreira foi à primeira instituição escolar na cidade de Pedra Lavrada-PB, responsável por educar muitos lavradenses. A instituição tinha até a escolaridade da fase primária, equivalente atualmente ao fundamental. A escola se encontra inativa, existindo apenas o prédio físico onde atualmente funciona a Escola Graciliano Fontini Lordão.

Figura 2 - Igreja Matriz Nossa Senhora da Luz, localizada em Pedra Lavrada.



Fonte: arquivo próprio.

Este espaço foi e é considerado sagrado pelos moradores católicos. Foi nesta igreja que muitas pessoas viveram momentos marcantes em suas vidas. Só no ano de 1959⁵³, oficialmente, foi constatado nos documentos da paróquia 241 batizados e 59 casamentos, estes realizados pelo padre João da Cunha Barros. Igualmente no ano de 1959 também já existia o cemitério da cidade.

O grupo escolar que leva o nome do Professor Francisco Ferreira foi construído em 1954⁵⁴. Esta instituição⁵⁵ foi a mesma onde a família de Elenita estudou. Segundo Maria

⁵³ Ano em que Pedra Lavrada passou a ser considerada cidade

⁵⁴ Ver apêndice C. Fotografia da Escola Prof. Graciliano Fontili Lordão, prédio em que funcionava a extinta escola Prof. Francisco Ferreira. Fevereiro, 2018.

Dapaz, a Escola leva esse nome devido aos trabalhos prestados pelo referido educador. Antes desse período, a educação da cidade era realizada através da professora Benildes, que chegou na cidade em 1940, vindo de Jardim do Seridó. Com um anexo ao lado da sua casa, ensinou as primeiras letras a meninos e meninas da região.

Sobre o período de sua adolescência, Valdeci Vasconcelos lembra um marco importante na cidade: a chegada do rádio, no final dos anos 1950. Segundo ele, todos ficaram estarecidos com a novidade. Outro momento ímpar foi a chegada da iluminação pública que se dava em forma de caboetos, que era uma pastilha na luz, esta que se apagava com o tempo, geralmente durava até o amanhecer. Depois a iluminação passou a funcionar com um motor que se localizava na cidade e tinha horário para ser desligado. No entanto, Valdeci lembra que as festas geralmente terminavam antes do tempo previsto, pois a iluminação era desligada. Isso porque os responsáveis pelo manuseio do motor recebiam reclamações da vizinhança para que a festa não desse prosseguimento. Alegavam incômodos provocados pelo barulho.

Era preciso que as moças se comportassem de forma correta, como mandava os princípios morais, aceitos pela sociedade. Deveriam garantir um casamento modelo e tudo isso exigia recusa. Possivelmente deveriam conhecer rapazes, já que o casamento sem afeto e realizado só pela vontade dos pais já estava fora de moda. Mas, era preciso a contenção sexual para manter-se virgem. Os encontros em festas e outros locais eram vigiados pelos pais e/ou adultos. Geralmente existia a figura masculina do pai ou do irmão que acompanhavam a moça para que a mesma não se tornasse “leviana”. Este era o nome das mulheres que permitiam intimidades físicas com os homens antes do casamento. Geralmente, os rapazes desse período se importavam com esse “atributo” da moça. (PINSKY, 2005, p 610). Fátima, irmã de Elenita, relembra:

Um dia, acho que eu tinha 9, 10 anos, minhas irmãs, Lurdes e Socorro, que eram um pouco mais velhas que eu, fomos a um batizado ali no Canta Galo, aí minha irmã dançou, quando chegou em casa, meu pai ficou muito bravo porque ela tinha dançado. Ninguém nem usava short, nem usava calça, era só vestido, era esse tipo. Mas eram pais super carinhosos, era o pai que se eu nascesse mil vezes, era os pais e a família que eu queria de volta. (TAVARES, 2017).

As festas geralmente ocorriam quando havia um casamento, batizado e no final de ano, com o natal. O carnaval também era comemorado e um dos mais falados da região, até

acontecer um fato trágico, no início dos anos 1960, quando em um dos carnavais o telhado do salão de festas caiu, ocasionando uma morte.

Outro costume importante, e que não pode passar despercebido, para os lavradenses, que em sua maioria, assim como a família de Elenita, eram católicos assíduos, era a obrigação de todos os domingos assistirem a missa de Padre João da Cunha Barros⁵⁶ na igreja. Todos os anos, no dia 2 de fevereiro, acontecia o que a paróquia tinha planejado o ano inteiro, que era comemoração a Nossa Senhora da Luz, padroeira da paróquia, mãe dos lavradenses que tem fé em seu nome.

A primeira festa reconhecida pelo padre Rietveld (2010) foi em 1970, onde a fé, a religião e a festa social se encontraram pela primeira vez. Constituindo como tradição, a comemoração acontece até hoje na cidade. Existia a programação religiosa como as missas, as procissões e o famoso leilão, este que arrecadava os mais variados alimentos, animais e objetos para conseguir dinheiro em prol da paróquia. Por fim, tinha a festa, costumeiramente chamada de festa social, que contava com a participação de cantores da época, esses que garantiam a diversão, principalmente dos jovens, como era o caso de Elenita.

Ela foi educada nesse ambiente, mas sempre com incentivo de estudar. Na sua casa, sua mãe ensinou como ser uma mãe de família e por outro lado ensinou as primeiras letras, os primeiros passos para seguir com os estudos e se tornar independente financeiramente. Os homens da casa, embora tivessem as mesmas oportunidades de estudar, preferiram se dedicar às atividades que o seu pai tinha ensinado e não se interessaram pela vida acadêmica. Afirma Valdeci Vasconcelos: “A gente vinha todo dia para a escola, começou com Juvita e Violeta, depois em 1947 passou todo mundo a ir para a escola, mas a gente não tinha muito interesse naquela época”.

Depois de terminados os estudos na cidade, era hora de escolher entre alçar novos voos, como um pássaro em busca de novos horizontes, ou permanecer naquela vida que os fazia tão felizes. Talvez casar, ter seus filhos e viver na tranquilidade fosse uma opção interessante. A propriedade era grande, dava para todos tirarem seu sustento.

Todos os seus irmãos assim como Elenita, aprenderam a ler e escrever na Escola Francisco Ferreira, até concluírem o ensino primário que era o último nível de escolaridade oferecida no início dos anos 1960. Naquele tempo as oportunidades de estudar o ginásio eram difíceis, pois manter um filho ou uma filha estudando em Campina Grande, que era a cidade

⁵⁶ Padre José da Cunha Barros (23.10.1912 -28.11.1983) Nasceu em Barra, município de Picuí-PB. Antes de terminar o sacerdócio em 1935 na cidade de João Pessoa-PB, o padre torna-se professor de francês até sua ordenação. Foi vigário nos municípios Paraibanos de Cabaceiras, Cuité, e Picuí. Segundo informações de (Rietveld, 2010) ele era rico e nunca usou dinheiro da paróquia.

mais desenvolvida, mais próxima de Pedra Lavrada e que comportava tal nível de escolaridade, era financeiramente caro. A maioria da população lavradense não tinha condições de manter um filho estudando em outra cidade.

Em Pedra lavrada só existia até o ensino primário⁵⁷ e por isso muitos jovens para não parar de estudar e levando em consideração sua realidade, continuaram repetindo as mesmas séries na Escola. Existia uma professora chamada Zelita que, ao perceber a frequência e o interesse nos estudos de Elenita e sua irmã Rita, aconselhou o pai delas a procurar uma forma de coloca-las para continuar os estudos⁵⁸ em outra localidade. Seguindo esse conselho, ambas foram estudar⁵⁹ em Campina Grande,⁶⁰ inicialmente morando na casa de parentes.

Em 1961, com 17 anos de idade, Maria Elenita e sua irmã, Rita Vasconcelos, conseguiram ser aprovadas no exame para cursar o ginásio na Escola Estadual Epídio de Almeida, em Campina Grande, referência na cidade naquele tempo. Vale destacar, conforme Silva (2014), que esta escola corresponde a uma relevante instituição de ensino público secundário na Paraíba da metade do século XX, sendo o primeiro colégio público da cidade nesse nível, o segundo da Paraíba, perdendo apenas para o Lyceu Parahybano, localizado na capital, João Pessoa.

Estudar no “Gigantão”⁶¹ era um desejo de muitos pais e jovens de Campina Grande dos anos 60 e das cidades circunvizinhas, por promover uma continuidade nos estudos de forma gratuita. Garantir essa continuidade do ensino ginásial era uma provável distinção social no âmbito da sociedade paraibana: a “garantia” de um futuro promissor. (SOUZA, 2014, p. 124).

⁵⁷ O ensino proporcionado em 1961, com a lei n.º 4.024, estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional os níveis de ensino: pré-primário, primário (subdividido em dois ciclos: ginásio com duração de 4 anos e o técnico que inclui o industrial, agrícola, formação de professores e comercial) e o superior. O ensino primário equivale do 1º ao 4º ano do formato atual. Disponível em:

<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:sNH92KGOS8J:www.oei.es/historico/quipu/brasil/historia.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 15 de julho de 2017.

⁵⁸ O sistema era marcado por um alto grau de seletividade, que se traduzia no fato de que a cada 1.000 alunos admitidos na primeira série da escola primária em 1960 apenas 56 conseguiam ingresso no ensino superior em 1971. Disponível em:

<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:sNH92KGOS8J:www.oei.es/historico/quipu/brasil/historia.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 15 de julho de 2017.

⁵⁹ Se o grau de seletividade dos que tinham oportunidade de estudar era alto, isso se agravava com relação às mulheres, pois os preceitos da época recomendavam que a mulher se dedicasse ao lar e ao seu esposo. Enfrentar o ensino superior nesse momento era considerado um ato ousado devido ao preconceito da época.

⁶⁰ A distância entre a cidade de Campina Grande – Paraíba e a cidade de Pedra Lavrada – Paraíba é de 91,1 km. O tempo aproximado do percurso da viagem entre as duas cidades é de aproximadamente 1 hora 23 min. Disponível em: <<http://rotamapas.com.br/distancia-entre-campina-grande-e-pedra-lavrada>>. Acesso em 12 de junho de 2017.

⁶¹ Segundo Silva (2014) O gigantão era a forma com a qual a população se referia ao Colégio Estadual Elpídio de Almeida, conhecido pela sua extensa área de 19.397 m² e por ser um espaço que comportava um grande número de alunos.

A autora Souza (2014) esclarece que nem todos tinham a oportunidade de estudar, pois a matrícula só se dava de duas formas: por aprovação no exame de admissão⁶² e por apresentação do diploma (ginásio)⁶³ quando este já havia sido concluído, com a finalidade de ingressar nos cursos clássicos e científicos. Vale ressaltar que era limitado o número de pessoas, nesse período, que conseguia concluir o ensino primário e, mais ainda, os que conseguiam ser aprovados no exame de admissão na instituição.

A Professora Elenita foi uma mulher dedicada aos estudos, pois conseguiu ser aprovada no exame de admissão no “Gigantão”, apesar de ter terminado o primário em Pedra Lavrada-PB – que segundo as entrevistas, no final dos anos 1950, o povoado dispunha de formação educacional precária. A escola funcionava sem muitos professores capacitados e nem materiais didáticos adequados devido às dificuldades já mencionadas que acometiam os tempos de outrora.

Sua família, ao perceber o desenvolvimento de Rita Vasconcelos e Elenita no “Gigantão”, comprou uma casa que tinha pertencido a Severino Cabral, na cidade de Campina Grande, na rua Pernambucano, nº 871, bairro da Liberdade. Violeta Vasconcelos, Juvita Vasconcelos e Maria Vasconcelos também foram morar nesta casa. Valdeci e seus irmãos continuaram a vida em Pedra Lavrada, desempenhando a profissão que tinha aprendido com seu pai: a de agricultor. Vale lembrar que na ocasião da compra da casa Solon Lira já havia falecido, então, seus filhos continuaram custeando as despesas das duas residências.

Em 1965, Elenita passa a estudar na escola Normal Padre Emídio Viana, que foi outra importante instituição pública da cidade, na qual permaneceu de 1965 a 1967. Criada em 1960, funcionava contando apenas com duas salas: sendo uma com 25 alunos e a outra onde ficava a direção, a secretaria e o arquivo. A escola, nesse período, ainda não possuía um local

⁶² Em nível nacional, os exames de admissão foram introduzidos para o ingresso no Colégio Pedro II através do Decreto nº 4.468 de 1º de fevereiro de 1870 e regulamentados pelo Decreto nº 981 de 8 de novembro de 1890. [...] Posteriormente, por meio do Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931, como parte da Reforma Francisco Campos, tais exames tornaram-se obrigatórios nas escolas públicas de todo o Brasil até o ano de 1971 e marcaram um período histórico de restrição no acesso ao ginásio. A Reforma Francisco Campos inseria-se em um contexto de significativas mudanças no país, principalmente devido ao desenvolvimento industrial e urbano provocado a partir de 1930, no governo de Getúlio Vargas, no qual a demanda por mão de obra qualificada intensificou a procura pela educação. [...] As inscrições para o exame de admissão e as matrículas seriam anunciadas por editais, fixados na portaria do estabelecimento e publicados pela imprensa com quinze dias de antecedência e justificando que tais exames objetivavam provar que o candidato estaria preparado ao estudo das disciplinas do curso ginásial. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/01%20ESTADO%20E%20POLITICAS%20EDUCACIONAIS%20NA%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO%20BRASILEIRA/DESVELANDO%20OS%20EXAMES%20DE%20ADMISSAO%20AO%20GINASIO%20NA%20EDUCACAO%20PARANAENSE.pdf>>. Acesso 07 de fevereiro de 2018.

⁶³ Em 1958, as únicas escolas da cidade que incluíam a escolaridade do ginásio eram: o colégio Alfredo Dantas, Colégio Diocesano Pio XI, Colégio Imaculada Conceição e o Estadual de Campina Grande, apenas esta última era pública, sendo as demais pertencentes ao ensino particular. (SOUSA, 2014).

próprio, sendo esse construído só em 1970. Até então, a mesma era localizada no grupo escolar Solon de Lucena. (SOUZA, 2014)

Cursar pedagogia, na Escola Normal Padre Emídio Viana, nos anos de 1960, assim como Elenita o fez, era uma aspiração muito presente entre as jovens, pois implicava respeito e prestígio no meio social, principalmente porque através desses espaços as normalistas tinham uma formação considerada como uma extensão do ambiente familiar, aprendendo as chamadas prendas domésticas.

Os diplomas referentes ao ensino do ginásio, Escola Normal, assim como outros que estarão disponíveis nesses escritos, foram localizados em uma pesquisa realizada no dia 21 de dezembro de 2015, no Arquivo Geral da Universidade Federal de Campina Grande⁶⁴, localizada na Rua Aprígio Veloso, número 882, bairro Universitário, Campina Grande-PB. A chefe do arquivo geral, Eliene Figueiredo Rocha, foi prestativa e nos atendeu com muita seriedade e competência nos exigindo uma declaração assinada por algum parente próximo da professora, juntamente com uma cópia de sua identidade autenticada em cartório. Segundo a arquivista, essa era uma medida de precaução por lá conter muitos registros pessoais, a exemplo da carteira de identidade.

A irmã de Maria Elenita, Fátima Tavares, também foi voluntariosa e nos cedeu sua assinatura, juntamente com seus documentos, para que assim pudéssemos continuar nossa pesquisa no arquivo geral. Um dos grandes objetivos seria ter acesso ao trabalho de conclusão de curso da professora, no entanto, isso não foi permitido, devido a situação precária onde se encontra o local de depósito de algumas monografias.

Segundo Eliene Figueiredo, a prática de arquivar esses registros em locais que colaborem para a sua preservação é algo recente, só a partir dos anos 2000 é que essa prática vem sendo adotada na instituição⁶⁵. Como Maria Elenita concluiu em 1972, lá contém apenas alguns registros oficiais. A sua monografia, talvez se encontre em um local onde se concentra o almoxarifado da universidade, jogados no meio de entulhos, com muita poeira, sem organização nenhuma e com a proliferação de animais como ratos e baratas, sendo, portanto, uma missão que colocaria nossa saúde em risco. Por isso, a arquivista Eliene Figueiredo lamentou o fato e aconselhou a não ir em frente com a procura desse material.

⁶⁴ “O Arquivo Geral tem a sua origem na Escola Politécnica, sendo apontado em atas e relatórios como parte integrante da Secretaria da Escola. Um relatório datado de 30 de abril de 1955 que versa sobre os dados do exercício de 1954 e a fundação da Politécnica em 6 de outubro de 1952, faz referência ao “Arquivo Escolar”, sendo constituído dos documentos oriundos da secretaria da Escola, tais como ofícios, circulares, telegramas, petições, cartas, cartões, portarias, editais e relatórios. Disponível em: <http://www.arquivogeral.ufcg.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=2>. Acesso em: 02 de novembro de 2017

⁶⁵ Universidade Federal de Campina Grande.

A mesma lamentou que esses arquivos estejam nessas condições, afirmando que já havia projetos para a retirada do material deste local, que deveria ser feita por um profissional competente com uso de aparatos adequados. No entanto, esse projeto até o presente momento foi negligenciado pelas autoridades competentes, já que ao fazer isso deveria ter um local e condições adequadas para o depósito de tais registros, aspectos que até o presente momento o arquivo geral não dispunha.

Segundo Moreno, Lopes e Chiara (2011, p. 9), “É obrigação das instituições, principalmente das universidades, preservar e organizar os documentos produzidos no decorrer de sua trajetória, disponibilizando-os para consulta dos seus gestores”. No entanto, essa prática na UFCG parece recente e isso nos faz refletir acerca da negligência com a qual os órgãos, principalmente a universidade, por ser um instrumento que tem uma grande visibilidade no contexto nacional, trata desses registros históricos.

Este fato nos levou a algumas perguntas: quantos trabalhos não foram perdidos, deteriorados? Quantas memórias? A pesquisa, o objeto escolhido, que faz alusão a sua forma de ser e compreender o mundo, realizada pela cientista social Maria Elenita de Vasconcelos, será uma informação que não conseguiremos trazer para este trabalho, e isso se deu graças à pouca importância dada à preservação desses registros até então.

Embora acreditando que poderíamos ter acesso a um número maior de fontes, como o seu trabalho de conclusão de curso, não podemos deixar de sublinhar a importância que os registros que foram cedidos no arquivo geral tiveram para a nossa pesquisa. Nessa pasta continha documentos como: ficha de identidade, registro civil, certificados, histórico das disciplinas cursadas nas três instituições (Escola Estadual Elpídio de Almeida, Escola Estadual Normal de Campina Grande e Universidade Federal de Campina Grande), bem como comprovantes de matrículas, atestadas médicos, entre outros. Desses registros, utilizamos declaração de conclusão do curso em Ciências Sociais, 1972, será problematizada a posteriori. Porém optamos por escolher este registro por entender que esses documentos são diversos, no entanto, eles foram importantes para comparar com os dados apresentados nas entrevistas. Esperamos utilizá-los e analisá-los as outras fontes em oportunidades posteriores.

Neste arquivo encontramos também o diploma de Elenita da sua conclusão do curso na Escola Normal. Acreditamos que a opção da jovem em se tornar professora faz parte de um aspecto mais amplo que ocorreu com as mulheres. A autora Louro (1997), entre outros, intitulam de “feminização do magistério” um processo teve início na segunda metade do século XIX que permitiu a entrada de mulheres nas salas de aula e pouco a pouco o predomínio como docentes.

Podemos perceber que o magistério primário no mundo ocidental era uma ocupação majoritariamente masculina em meados do século XIX, e só a partir do século XX foi que esses cargos passaram a ser habitualmente frequentados pelas mulheres. Nesse processo, devemos compreender o quadro histórico, entendendo que após a independência do Brasil, a educação se dava fora de casa e apenas para os meninos. Em 1827, com o apoio da primeira legislação a respeito da educação feminina, foi imposta às instituições escolares das vilas do império a ocupação de vagas direcionadas às meninas nesses estabelecimentos. Isso ficou apenas no papel, registrando um pequeno número de alunos. (HAHNER, 2011).

No Brasil, por volta dos anos de 1960, os militares passaram a entender a educação como essencial para o desenvolvimento do país, ligando, assim, os elementos em torno do progresso e patriotismo. Era preciso perceber a importância da mulher na educação moral e, portanto, na formação de bons cidadãos. “Para que no Brasil cumpram-se os seus altos destinos é necessário educar a infância, e para educar a infância é necessário educar a mulher, formar mãe de família”. (HAHNER, 2011, p. 468 *apud* BARROSO, 1876, p. 100). Era necessário que elas adentrassem aos estabelecimentos educacionais como alunas e depois como professoras, pois tinham o dever de educar os seus alunos e adotarem como filhos, ensinando práticas educacionais que prezassem pela convivência em sociedade.

Até o fim do século XX, a feminização do magistério já era um acontecimento notável, contudo, é válido ressaltar que, embora a maioria dos homens não estivesse ocupando os cargos de professores, não significava afirmar que eles ficaram às margens do ensino, pois, por décadas, eles passaram a ocupar os cargos de inspetores ou funções relacionadas à administração educacional. Também fizeram outros cursos como Direito, formação elogiada no período, visto que era o “curso das leis”, ou seja, que dava autoridade aos homens.

Devemos considerar a importância que o magistério teve para as mulheres, já que o acesso à educação e à profissionalização criou oportunidades que contribuíram para uma maior independência econômica. (HAHNER, 2011). No caso de Elenita, assim como outras mulheres, passaram a enxergar a profissão como uma forma de se tornar independente financeiramente e não depender da figura masculina.

Embora Elenita tenha seguido esses passos e tenha sido influenciada pela feminização do magistério, ela não optou, nesse primeiro momento, em se dedicar ao magistério. Em 1960 concluiu seu curso na Escola Normal e em 1967 passa no concurso na Faculdade de Ciências Sociais e Políticas. Nesse momento é necessário perceber o quadro histórico do Brasil, pois marginalizava e até repreendia esses cursos.

Compreende-se como período da Ditadura Militar, os anos que vão de 1961 a 1985, momento no qual os militares estiveram à frente do governo brasileiro. Tal governo iniciou-se com a renúncia da presidência de Jânio Quadros e pela substituição por João Goulart (1961-1964).

Alguns grupos de pessoas como as organizações estudantis e os trabalhadores, ganharam espaço no governo de João Goulart, isso fez com que alguns grupos como os empresários e banqueiros temessem o regime socialista no país. Vale salientar que o contexto mundial era marcado pelo auge da Guerra Fria⁶⁶.

Os partidos em oposição à União Democrática Nacional (UDN) e ao Partido Social Democrático (PSD) acusaram o governo de João Goulart de promover momentos propícios para o Golpe de Esquerda. Em 19 de março de 1964, os conservadores passaram a organizar manifestações contra João Goulart, reunindo milhares de pessoas que reivindicavam novas propostas. Nesse clima, em 31 de março de 1964, as tropas de Minas Gerais e de São Paulo foram para as ruas e em meio ao tumulto, João Goulart se refugiou no Uruguai, fazendo com que o governo fosse entregue aos militares.

Após o primeiro Ato Constitucional 1 (AI-1), os mandatos de políticos que tinham marcas e ideias contrárias ao Regime foram depositos, retirando, desse modo, a estabilidade de funcionários públicos. A partir disso, estabeleceram-se os seguintes governos: Castello Branco (1964-1967), Costa e Silva (1967-1969), Junta Militar (31/8/1969 - 30/10/1969), que foi o sucessor de Costa e Silva quando o mesmo se encontrou debilitado, com problemas de saúde. Depois, o Brasil vivenciou o governo Médici (1969-1974), Geisel (1974-1979) e, por fim, o governo de Figueiredo (1979-1985).

Nesse período, o país passou por diferentes mudanças, como a falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censuras na mídia, perseguições políticas e maus tratos contra as pessoas que não concordavam com os atos impostos pela Ditadura Militar. No ensino superior, em especial, os cursos de Sociologia e Filosofia, eram responsáveis, em sua maioria, por “promoverem o perigo do comunismo”, visto que esses cursos tinham, em seu viés, o estudo e a reflexão sobre a sociedade, aspecto que fazia com que o governo mantivesse mais atenção com as universidades, sobretudo, pela facilidade da articulação de grupos nesses espaços.

O medo era imposto na população desinformada, que via no comunismo um retrocesso que acabaria por oprimir as pessoas a figura do Estado. Acreditavam que teriam de viver em

⁶⁶ Período histórico de disputas estratégicas de duas potências mundiais, Estados Unidos e a União Soviética, que foi extinta em 1945 com sua ideologia socialista.

péssimas condições de vida e que seriam comandadas por uma minoria opressora, a qual teria regalias graças ao trabalho do povo. Nesse sentido, havia agentes em todas as instâncias públicas, como nos jornais, nas repartições públicas e nas universidades. Essas pessoas se mantinham infiltradas nesses círculos e, muitas vezes, participavam da vida privada dos outros, sem que percebessem sua relação com o governo. (NAPOLITANO, 2014).

Foi nesse período da Ditadura Militar que a professora cursou Ciências Sociais e isso nos levou a fazer uma reflexão sobre a opção da professora por tal curso, fazendo-nos compreender que se tratava de uma opção singular, uma vez que o curso considerado adequado para as mulheres era o de Pedagogia. Os argumentos que sua prima Maria Dapaz apresenta é são os de que a professora optou por cursar Ciências Sociais porque era o único curso de graduação em 1969, na cidade de Campina Grande que era de humanas e que era oferecido de forma gratuita. Para ela esses foram os principais fatores que levaram a professora a escolhê-lo.

Acreditamos que a família de Elenita por ter acesso à terra e aos produtos nela oferecidos, como o algodão e a criação de gado, para a maioria dos moradores de Pedra Lavrada, a família Solon tinha melhores condições financeiras, porém, o acréscimo no orçamento de ter que pagar um curso de graduação talvez fosse comprometer o rendimento das outras despesas da família.

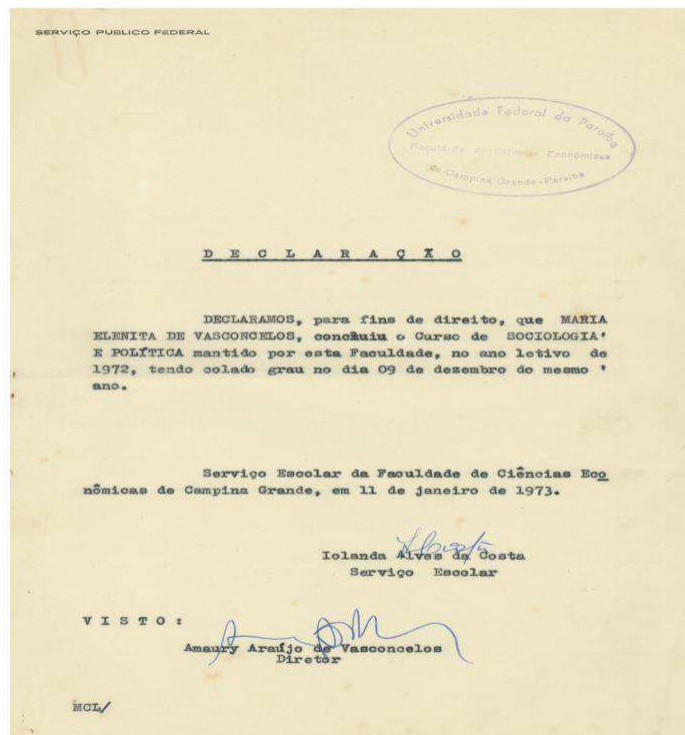
No entanto, o fato de ser pedagoga já lhe dava posição de destaque em Pedra Lavrada e já lhe dava grandes chances de ser empregada, pois, como afirmou Maria Dapaz: a maioria dos professores nessa época eram leigos, mal sabiam escrever o nome, arrumavam uma sala e já iam dar aulas”. (DAPAZ, 2015). Devido à falta de capacitação desses profissionais, a maioria das professoras tinha até a escolaridade do primário, diferente de Elenita que já tinha conseguido posição de destaque por ter terminado seu curso na rede estadual na Escola Normal, instituição de prestígio em Campina Grande nos anos de 1960.

Entretanto, a professora não se interessava, ao término do curso na Escola Normal, ou apenas não opta, por praticar a profissão de professora naquele período em 1967 e após dois anos, em 1969, ela inicia o curso de Ciências Sociais na UFPB, *campus* II localizado em Campina Grande.

Embora os indivíduos estejam presos a uma rede de relações que ditam e obrigam os sujeitos a se apropriarem de determinados comportamentos, é importante salientar que essas relações dão a eles a liberdade de resistir. Assim, podemos entender que Elenita foi um sujeito que, apesar de obedecer à normalidade com certas atitudes consideradas “dignas” de uma

mulher, a exemplo do fato de ter cursado Pedagogia, ela também resistiu a essas amarras que, perante a sociedade, não eram vistas como coerente ou normal.

Figura 3 - Declaração de conclusão do curso em Ciências Sociais, 1972



Fonte: Arquivo Geral da Universidade Federal de Campina Grande.

A declaração é datada em 11 de janeiro de 1973, ou seja, 33 dias depois da colação de grau da professora, que foi realizada em 09 de dezembro de 1972. Este documento foi conseguido através de uma pesquisa realizada por nós em 21 de dezembro de 2015 no Arquivo Geral da Universidade Federal de Campina Grande.

Após a conclusão do curso superior, Elenita voltou à Pedra Lavrada e permaneceu na sua cidade natal de 1971 a 1981, prestando serviços à comunidade. Foi um período importante na vida da professora, que colocou em prática os ensinamentos aprendidos na sua formação, principalmente, por assumir os cargos de professora, secretária do programa pró-município e diretora da escola.

Elenita foi responsável por várias ações⁶⁷ no âmbito educacional, os cargos que ocupava na época estavam ligados à sua qualificação e aproximação com os políticos o que fez da professora uma mulher pública, que manteve muitas relações de afeto com as pessoas da cidade, seja através dos políticos, alunos, pais e dos profissionais da educação. É sobre essas experiências que pretendemos dialogar a posteriori.

⁶⁷ Ver anexos F e G. Fotografias das festividades, no dia 19 de abril, em comemoração ao dia do índio.

2.2 Carta aos amigos: essa história de amizade

Escrever sobre a vida de Elenita é também falar sobre as relações de afeto e companheirismo que experimentou ao longo dos dias, eles emprestaram seus momentos e passaram com ela muitas alegrias e dificuldade. O tempo da história e a história dos amigos, cada um entrou e saiu de forma única e tornaram seus dias mais plurais cheios de vida de possibilidades de serem livres através do prazer, atributo que faz reconhecer a liberdade do sujeito pensada por Foucault. (ORTEGA, 1999).

Todos nós conhecemos a arte da amizade, temos nossos amigos, alguém com quem dividimos nossos medos, angústias e alegrias. Assim foi com Maria Elenita, Maria Dapaz, Graciliano Calixto e com diferentes pessoas, em diferentes momentos da vida. Alguns filósofos, sociólogos, antropólogos, pesquisadores das ciências humanas problematizaram essa temática.

Segundo Quintiliano (2005), podemos considerar que foram os Pitagóricos os primeiros a refletirem sobre o tema. Em Platão e Protágoras se verifica a importância atribuída à amizade cívica na manutenção do Estado. Corroborando com Ortega (2000), os estudos da amizade sofreram renovado interesse a partir da década de 1970, pois no âmbito da filosofia, até então, a amizade era pensada a partir de um objeto de celebração e culto, enquanto uma virtude moral.

Na visão Platônica, há a polarização da amizade (*Philia*) e do amor (*Eros*), o intermédio se daria por meio de uma sublimação deste e de seus elementos sexuais, sendo necessário para alcançar a condição de *Philia*. Para Platão, a ordem e a justiça deveriam reinar na cidade ideal, por modelo do cosmos e o mundo eterno das formas. No entanto, cabe à amizade a missão de ensinar o amor e a virtude dessas realidades. Essa união estabelece que em *Eros* repouse uma alma justa na condição de possibilidade e, por intermédio da sublimação, seria possível alcançar a *Philia*.

Na concepção de Aristóteles há a ideia de proporcionalidade e reciprocidade, essas que preservam a amizade na sua forma política. Em *Ética a Nicômaco*, a principal obra de Aristóteles, situa-se como um amigo, o “outro de nós mesmos” (*heteros autos*), “[...] uma alma em dois corpos”. A reflexão de Cícero tem um apelo semelhante à de Aristóteles. Este divide hierarquicamente a amizade em três formas: na virtude, no agradável e no interesse. Só a primeira é considerada por ele como “amizade perfeita” uma “benevolência recíproca” em que o amigo é amado por si e não para alcançar um fim.

Para Cícero, segundo Quintiliano (20005, p. 32), “A amizade é a expressão mais alta, mais virtuosa e mais espontânea entre as capacidades naturais e universais do indivíduo de quem o amigo representa “a própria imagem ideal” como uma cópia, ou um retrato. É essa a ideia de Aristóteles que acreditava na conversão vertiginosa dos opostos. Para ele, é diante dos olhos que o verdadeiro amigo tem a imagem ideal, assim os ausentes tornam-se presentes e os mortos, vivos. Nesse sentido, a memória do amigo morto é lembrada e elogiada para que sua permanência em vida seja efetiva, isso explica seus interesses relacionados aos discursos pós-morte e aos epitáfios.

Segundo a lógica da *Amicitia*, traduzidas pelos estudos dos filósofos gregos como Platão, Aristóteles e Cícero, as amizades que Elenita cultivou ao longo da sua vida deveriam ser estudadas e pensadas a partir de um aspecto grandioso, magnífico, honesto, uma virtude do espírito humano. Na visão Platônica, poderíamos afirmar que a professora foi uma pessoa exemplar por ser capaz de cultivar várias amizades e assim ensinar o amor e as virtudes da realidade, segundo o mundo perfeito das coisas.

Para Aristóteles e Cícero, poderíamos conhecer Elenita e suas características a partir dos seus amigos. Deveríamos separar a principal amizade, que seria a da virtude, e perceber seu perfil, pois o verdadeiro seria uma semelhança sua. Cícero vai além, ao afirmar que os amigos se tornariam presentes mesmo após a morte. Nesse sentido, a professora, mesmo ausente, se tornaria alguém presente para a sua verdadeira amizade.

Mas, quais são os critérios para procurar a verdadeira amizade? Ao longo da nossa pesquisa, percebemos que os relacionamentos estão longe de serem “ideais”, pois a relação com o outro não implica nessa afinidade perfeita, pois entendemos que a professora e seus pares, são seres humanos que cometem deslizos, erros, que tem opiniões próprias, diferentes, e nem por isso podemos afirmar que não construíram uma relação de amizade.

Com Santo Agostinho, assistimos à continuação nos discursos de Platão, Aristóteles e Cícero sobre a relação de amizade, embora haja algumas diferenças. Percebemos a mudança da tradição da *amicitia* romana se transformar em *amicitia cristã*. Este autor, em seu livro denominado *Confissões*, tratou das suas amizades na época da juventude em conformidade com a ideia de Platão, ou seja, o *eros* enquanto caminho que conduz à perfeição moral e intelectual. Mas, para ele, os verdadeiros amigos são aqueles que direcionam seu amor a Deus. (FERNANDES, 2006).

Agostinho condena as relações em seus aspectos carnis, ele preserva a noção de amizade de cunho ciceriano e funda uma sociedade de amigos do sexo masculino com o intuito de discutir questões filosóficas. Próximo ao término de sua vida ele passa a substituir a

amicitia pelas caritas cristã ou *ágape*. Ou seja, passa a conceber a amizade ao amor segundo a vida ideal em comunidade. Para isso é necessário perceber que ela só é verdadeira se seguir a Deus e seus mandamentos.

Sobre essa reflexão da *Amicita Cristã*, percebemos que, de fato, ela era uma mulher que aparentemente buscava essa proximidade através da religião ou de um plano espiritual e que a mesma influenciou e do qual foi influenciada para esse caminho. Notamos isso principalmente na relação entre Elenita e Maria Dapaz, pelo fato das mesmas compartilharem dessa busca espiritual.

No entanto, não acreditamos que a religião ou a busca por uma direção espiritual seja parâmetro para definir uma amizade e muito menos medir, traçar aspectos decisórios que a definam, pois, como mencionado acima, cada qual preservou e/ou influenciou traços distintos em vários assuntos na vida de Elenita. Se falarmos da conexão com o Sr. Manoel Júlio, vamos perceber uma relação pautada em seu ambiente profissional, como afirmou o próprio ex-prefeito. Nem por isso podemos afirmar que os dois não foram amigos, principalmente porque ao que nos parece, essa relação se deu de forma intensa e douradora.

Assistimos, então, a uma transformação nas últimas décadas que antecede o século XXI, no interesse da amizade como estudo, entre eles cito Blanchot, Jaques Derridá, Hanna Arendt e Michel Foucault que operam com a ruptura clássica da *Philia-Amicita* e seus aspectos considerados: igualdade, simetria e fraternidade. Nossa proposta será estudar a relação de amizade entre Maria Elenita na ótica foucaultiana que contrapõe o canône Clássico, Platônico e Aristotélico, considerando a amizade como uma relação experimental, criativa e transgressora.

Tais estudos tiveram na figura de Nietzsche um precursor, representante de uma nova modalidade. Para Fernandes (2006), ele foi capaz de romper com o pensamento metafísico que dotou a amizade greco-cristã de valores imutáveis. Este filósofo chama atenção para a experiência enquanto um terreno inseguro, atravessado por rupturas, discordâncias, variação de humores entre amigos. Pessoas das quais a incitaram, lançaram desafios, e a transformaram reconhecendo suas diferenças.

Para Nietzsche, ao contrário da visão Aristotélica, o propósito não é fortalecer a identidade, mas constituir-se como ascese que implica autotransformação. A partir de questionamentos mútuos, críticas e opiniões, na experiência da diferença, possibilidades de mudanças singulares entre a professora e outras pessoas que compartilharam uma vivência pautada na amizade.

Para esse mesmo autor o cultivo de si é também o da solidão, no sentido que Foucault refere-se ao cuidado de si, que é a condição de relacionar com os amigos, existindo a perspectiva de manter-se um distanciamento e conseguir enxergar melhor o amigo. A ideia do impossível e dos momentos de incertezas entre os envolvidos apresenta uma relação dinâmica, aberta a novidade e a experimentação.

As categorias de silêncio, distanciamento, incompreensão e retratação abrem a possibilidade do “espírito livre” e de “transvalorar todos os valores”, esses que compreendem o solo do qual todos os valores foram criados. O “transvalorar” também significa criar novos valores. (FERNANDES, 2006, p. 30).

Acreditamos que esse distanciamento foi vivido, principalmente, depois que a professora ficou enferma, residindo em João Pessoa, longe dos seus alunos, da maioria dos seus parentes e amigos. Foi um momento difícil, incerto na vida da professora, principalmente pela vontade de vencer a doença para poder ter oportunidade de educar suas filhas e voltar a convivência com seus amigos. Uma prova disso, foi a escrita da carta, onde deixa registrado sua afeição pela cidade e por pessoas próximas.

Fernandes (2006) também apresenta as reflexões trazidas por Jacques Derridá em *Políticas de la Amistad* (1998-1999) e sua tentativa de desmascarar os discursos filosóficos da amizade postuladas na ideia de reciprocidade e familiaridade. Como a figura do amigo-irmão que foi tão bem difundida nos discursos na antiguidade. Por isso, inúmeras vezes, Derridá traz indagações relacionadas à palavra “irmão” e nos convida a ultrapassar esse modelo redutor da amizade.

Na nossa entrevista, Valdeci, irmão de Maria Elenita, afirma que apesar de ser irmão da professora não tinha uma relação próxima com ela, pois era assim com todos os seus irmãos, já que cada qual tinha características diferentes. No entanto, na carta ditada por ela poucos dias antes do seu falecimento, ela deixa registrado o interesse em que seu esposo Iêdo e Valdeci se falassem, demonstrando que teria ocorrido algum desentendimento entre os dois.

Dessa forma, Elenita deixa nas entrelinhas a sua admiração por Valdeci, já que se mostra desconfortável com esse desentendimento entre os dois. Seu irmão também, durante a entrevista, parece ter uma forte admiração por ela. Mesmo não se referindo aos seus sentimentos, ele disse que foi visitá-la no hospital, que foi um momento difícil e que na cidade todos gostavam dela. “Mas, eu sei que quando ela estava doente, eu ia visitar ela no hospital [...] foi difícil demais, uma pessoa jovem com 38 anos. [...] ela foi uma pessoa que aqui com os alunos todo mundo gostava muito dela, você vê, no dia aqui de 7 de setembro era muito bem organizado”. (VASCONCELOS, 2017).

A proposta de Derridá é denunciar as continuidades históricas que sustentam a amizade enquanto base universalista que propaga igualdade entre os homens. São discursos “falaciosos” que excluem a ideia de inimizade e de hostilidade. O filósofo propõe a discussão entre amigo/inimigo, verdadeiro/falso, benevolência/maldade. Ou seja, não podemos afirmar que Elenita só teve amigos bons, que compartilharam experiências construtivas, pelo contrário, existiram também, em sua vida, desconfortos, situações tristes. (FERNANDES, 2006).

Um dos exemplos dessa situação se deu quando houve um concurso em Pedra Lavrada entre as duas escolas da cidade, com apresentação dos desfiles no dia 7 de setembro em comemoração à Independência do Brasil. Não sabemos ao certo o ano, o que sabemos é que foi um acontecimento marcante, já que o espetáculo de ver as duas escolas se apresentando ficou na memória de muitas pessoas.

A escola Municipal Francisco Ferreira tinha como organizadora a professora Maria Elenita que passou a trabalhar com muito esforço para que a cidade apreciasse um grandioso espetáculo. No entanto, a sua escola ficou em segundo lugar, perdendo para a campeã organizada pela escola Estadual Graciliano Fontini Lordão. Segundo as informações relatadas na entrevista, era visível a decepção no comportamento da professora ao receber o troféu de segundo lugar, pois ela acreditou, assim como outras pessoas, ter sido um processo injusto. Inclusive alguns acreditam que foi um dos aspectos que influenciou a mudança da professora para a capital João Pessoa.

Baseado em autores como Freud, Nietzsche, entre outros, Ansart (1996) traça algumas considerações sobre o sentimento afetivo que estão envolvidos entre memória e história. Para Ansart (*ibidem*), o ressentimento pode ser compreendido como um sistema teórico que procura compreender nas relações sociais a oposição, estes que são presentes nas diversas relações. Ressentir significa atribuir à outra pessoa a responsabilidade de ter nos feito sofrer, porém, o ressentimento não assume total negatividade, ele também é uma relação que tem como força motora o impulso, este que se caracteriza como o desejo de mudança dessas realidades.

O ressentimento vivido por Elenita foi causado por atitudes, lembranças registradas na memória da professora através de ações realizadas de outras pessoas e do diretor da escola Graciliano F. Lordão. A partir deste episódio, ela não organizou nenhum outro desfile e menos de um ano pediu transferência para a capital, João Pessoa, fato que ocorreu em 1982.

Como bem apresentou Ansart (1996), o impulso de querer mudar aquela situação causada pelo ressentimento relacionado a algumas pessoas, talvez tenha levado a professora a ir trabalhar em outra localidade. Para as filhas de Elenita o motivo de sua mãe ter ido com a família

a João Pessoa foi para que suas filhas tivessem a oportunidade de estudar em outras escolas e da própria poder continuar seus estudos cursando um mestrado. Podemos também corroborar com a hipótese em questão levantada pelas filhas.

Percebemos, através das entrevistas, que foi um momento que a professora se mostrou frágil, triste, decepcionada com os jurados que decidiram o resultado do concurso. Essas pessoas talvez tenham sido injustas, cedendo o prêmio a outra escola. Por outro lado, pode ser que esse momento tenha relevado traços de uma Elenita competitiva. Já que o concurso, também pode ter ocorrido de forma justa. Diante desses argumentos em torno da amizade o filósofo Michel Foucault, embora não tenha realizado nenhum estudo sistemático a respeito destacou o interesse pela problemática amizade abordada a seguir.

2.3 Michel Foucault e a amizade como modo de vida

Em entrevistas nos anos 1980 Foucault⁶⁸ tratou do assunto amizade enquanto uma relação social desenvolvida a partir da antiguidade, onde os sujeitos viveram dotados de certa liberdade, embora que limitada, mas que o permitia viver relações afetivas intensas. Esse poder foi desenvolvido a partir do poder pastoral, com técnicas de individualização, na condição que cada um fosse submetido a modelos específicos. Essas formas de figuras e modos de subjetivação foram características do cristianismo. “O poder pastoral pressupõe a existência, virtual ou atual de um pastor ou diretor da consciência perante o qual o autoexame da consciência é feito”. (CARDOSO; NALDINHO, 2009, p.45). Dessa forma, a presença dessa racionalidade política impõe a preservação e fortalecimento da “matriz moderna individualizante” que faz ocorrer um certo empobrecimento das relações entre as pessoas.

Para Foucault (2004, p. 120), “Vivemos em um mundo relacional consideravelmente empobrecido pelas instituições [...]” e ainda acrescenta “[...] um mundo relacional rico, seria extremamente complicado de administrar”. Segundo o teórico, não podemos aceitar, devemos lutar contra o que ele chama de empobrecimento da individualização. A forma e

⁶⁸ A trajetória do intelectual Michel Foucault (1926-1984) é reconhecida entre 1961 quando saiu seu primeiro livro e 1984 com seus últimos escritos. Sua obra influenciou e é inspiração de diversos pesquisadores de diferentes áreas. Muchail (2004), assim como alguns estudiosos de Foucault, aponta três momentos de seu pensamento. O primeiro: período da arqueologia, voltado as questões relativas à constituição dos saberes e inclui: *A história da loucura* (1961), *O nascimento da clínica* (1963), *As palavras e as coisas* (1966) e *Arqueologia do saber* (1969), o segundo momento é conhecido como a “genealogia” que aponta para as questões relacionadas ao poder, descritas nos livros *Vigiar e punir* (1975), o volume I da *História da sexualidade*, intitulado *A vontade do saber* (1976). O terceiro momento trata das questões relacionadas a constituição do sujeito ético e inclui os volumes II e III da *História da sexualidade*, respectivamente intitulados *O uso dos prazeres* e *O Cuidado de si* (1984).

estratégia de se evitar encontram-se na relação do indivíduo consigo mesmo ou do que ele apontou como uma estética da existência.

Foucault sublinha as relações sociais a partir da ética e estética da existência na Moral antiga que para ele é a relação que o homem tem consigo próprio, uma moral que não se baseia na universalidade, mas na escolha de um modo de vida abalizado pela questão pessoal e elaboração da sua própria vida. Uma relação consigo próprio e com a verdade.

Nesse sentido, através das escolhas que os homens faziam de si, de não seguir uma moral ou quaisquer códigos impostos, compreendendo que o sujeito é uma “forma” que pode moldar a si mesmo, nasce o interesse de Foucault pela antiguidade. Essas características localizadas nos antigos, para ele, são aspectos que se distanciam cada vez mais da sociedade como a nossa, onde o sujeito deve se comportar, agir, ser de determinadas formas. Para ele o sujeito deve agir com um estilo próprio, como um sujeito arte, um artífice de si mesmo. (FERNANDES, 2006)

Vale ressaltar que o interesse pelo modelo ético dos gregos e romanos tem suas reticências devido às suas formas de viver, já que alguns aspectos nessa sociedade são desagradáveis a seus olhos, como a ética dos prazeres gregos que estão ligados a uma sociedade viril, na obsessão, relacionado à penetração. O que interessa para ele é a forma como os gregos e os romanos estavam mais preocupados com a relação consigo e com os outros do que com ética fundada na religião e/ou em outro sistema social institucional.

Assim, a estética da existência abre possibilidades não de escolhas pessoais, mas de pensar a vida como arte. A escolha é possível desde que o sujeito escolha pensar a vida ciente dos dispositivos de poder. O que importa pensar na ótica foucaultiana é problematizar o papel do sujeito no mundo em que vive, pensando o no mesmo enquanto um corpo vivo da filosofia.

A amizade abre, para Foucault, virtudes relacionais ao passo que a homossexualidade tem como plano de fundo a liberação do desejo e busca da própria identidade sexual. Foucault (1981, p. 2) acredita que a homossexualidade é “Um modo de vida que pode ser compartilhado por indivíduos de idade, status e atividades sociais diferentes. Podendo dar lugar às relações intensas que não se parecem com nenhuma daquelas institucionalizadas”.

A problemática que Foucault deixa é que somos capazes de criar relações, valores, formas de trocas entre pessoas levando em consideração o prazer. Nesse sentido, para o referido autor, a relação, o prazer e a sexualidade, mesmo sendo uma constante e uma das formas mais produtivas de nossa sociedade e de nosso ser, deve ser tratada como um jeito de alcançar uma forma criativa. “Inventar de A a Z uma relação ainda sem forma que é a

amizade: isto é, a toma de todas as outras por meios dos quais um e outro podem se dar prazer”. (FOUCAULT, 1981).

Conflito, inovação, diferenciação, reflexão, prazer e poder da força de si são instrumentos através dos quais Foucault caracteriza a amizade, ou seja, uma atitude frente às condições de vida que levamos, um trabalho que envolve a crítica a partir de nós mesmos e do outro enquanto ser do diferente, do conflito, de possibilidade e de mudança.

Com relação à amizade é necessário perceber que através do surgimento, as novas práticas criativas, relações inéditas, constituídos pela amizade, pela existência do poder, é inevitável. É preciso entender que esse governo de conduta alheia não visa a destruição do outro, pelo contrário, o considera um sujeito ativo que tem a possibilidade de fuga. (FOUCAULT, 1995).

Para que essa dominação desapareça é necessário acreditar na ética que a amizade pode propiciar, levando em consideração o prazer alheio. Seria agir de forma prudente e empírica, atenta aos detalhes que separa esse estado de dominação, através do princípio crítico que questione a existência de tais focos de não-consensualidade. (FOUCAULT, 2004).

A partir dessas considerações elaboradas por Foucault sobre amizade, faremos algumas observações referentes a algumas experiências relacionadas à esse sentimento fraterno e às diferentes e múltiplas formas que professora viveu ao longo da sua vida.

2.4 Maria Elenita: aos amigos de longas datas

Fatima Vasconcelos⁶⁹, filha caçula de Jovina Oliveira e Solon Lira (pais de Elenita), relembra a amizade com sua irmã. A diferença de idade entre as duas era de 10 anos, sendo Elenita a mais velha. Elas nunca perderam contato, mesmo em alguns momentos da vida, estando afastadas fisicamente. Segundo Fátima: “[...] Por ser a filha mais nova ela tinha uma atenção enorme por mim e o resto dos irmãos que eram menores”.

Na sua infância, Fátima Tavares faz questão de acentuar o amor que envolvia seus pais: “Nossa infância foi de muita liberdade. Nossos pais, creio que se amavam muito e nós fomos criados em um ambiente de muito amor”. Ainda lembra o período em que moravam no sítio, fala da liberdade e leveza ao sentir a brisa da natureza, as brincadeiras de correr, andar a cavalo e jumento e também o delicioso banho no açude que refrescava as duas meninas.

⁶⁹ Maria de Fátima Tavares tem 63 anos de idade, é professora aposentada e reside na cidade de Pedra Lavrada. O contato com a entrevistadora ocorreu na fase de escrita do Trabalho de Conclusão do curso realizado em 2015, porém, a entrevista com apoio do gravador só ocorreu no dia 15 de março de 2017, na sua residência, com 25 minutos de duração.

Assim era “brincar para todo canto, a gente ia pra (*sic*) todo canto”. Inclusive, ir ao cajueiro e recolher seus frutos, quando estes estavam maduros e ainda aventurar-se em seus galhos.

Figura 4 - Cajueiro no sítio Salgadinho, 2012.



Fonte: Facebook, perfil de Fátima Tavares, registrada no ano de 2012.

Pelas suas lembranças percebe-se uma relação afetiva com o cajueiro, pois a árvore não propicia somente frutos, mas também a lembrança de histórias e brincadeiras. Segundo Fátima Tavares, a árvore guarda narrativas verídicas de mais de 100 anos, estas que guardam registros da época em que foram mais felizes: sua infância. Notamos também a presença do cachorro que, nesse caso, representa o fiel escudeiro do homem no campo, além de propiciar brincadeiras para a criançada, no caso de Elenita e seus irmãos.

Devido a diferença de idade, Fátima Tavares conviveu com a irmã até os 7 anos de idade, pois, em 1961, Elenita foi morar em Campina Grande para estudar. No entanto, ela sempre estava presente na cidade, principalmente nos finais de semana. Quando concluiu seu curso superior, retornou a Pedra Lavrada para trabalhar, a convivência das duas continua com maior intensidade a partir daí.

Fátima Tavares concluiu o ginásio aos 18 anos, tendo se casado aos 17 com Edinato Tavares, com quem teve 4 filhos: Valquíria Vasconcelos, Wagner Vasconcelos, Vivian Vasconcelos e Júnior Vasconcelos. Ela permanece morando na cidade de Pedra Lavrada e nos conta a dificuldade que passou para custear as necessidades dos seus filhos, já que seu esposo até então era estudante de enfermagem na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Para ela, Elenita foi quem ajudou e foi sua confidente, dando apoio financeiro e emocional.

Teve alguns momentos da minha vida que eu vim pra (*sic*) cá, que existiam alguns problemas no casamento, ela me dava muita atenção, muito carinho, nunca chegou um final de ano pra (*sic*) se a filha dela usar uma roupa assim, Valquíria que é da mesma idade da filha dela não usar, sempre ela era muito presente, nesse sentido. (TAVARES, 2017).

Para Fátima Tavares “Ela ajudava a família sim, ajudou demais”, e ainda não tinha apego a dinheiro, mesmo a gente sabendo que para época e para a família a professora ganhava um salário bom, pois quando voltou para Pedra Lavrada passou a ocupar diferentes cargos. Quando nos referimos a um bom salário estamos levando em consideração os vários cargos ocupados e os bens adquiridos pela professora na cidade, como uma casa, um carro, e alguns eletrodomésticos como TV, radiola, geladeira, entre outros. São bens que a maioria da população ainda não dispunha, apenas algumas pessoas na cidade, como o prefeito, Sr. Manoel Rodrigues Lima (Manoel Júlio).

Maria Elenita também teve um vínculo muito forte com sua irmã Rita Vasconcelos, já que era bem pequena a diferença de idade entre as duas. Esta foi quem a acompanhou praticamente toda a vida, no entanto, não conseguimos uma entrevista com a mesma por motivos pessoais e/ou emocionais. Achamos necessário incluí-la nesse estudo, uma vez que foi citada pelos entrevistados e destacada nessa relação de amizade e cumplicidade entre as duas.

Cada pessoa mantém diferentes formas de amizade. Através das entrevistas realizadas, acreditamos que Elenita mantinha vínculos um pouco distantes com seu irmão Valdeci Vasconcelos, que também foi nosso entrevistado. Percebemos que amor, cumplicidade existiram, no entanto, não com a intensidade que aconteceu com suas irmãs Fátima Tavares e Rita Vasconcelos. Isso é confirmado em sua própria fala: “Não, não tinha, eu não era aproximado, ela vivia trabalhando [...], em outra passagem ele continua “Lá em casa era 14, mas sempre cada um tinha a sua [...]Tem seu jeito diferente, opinião diferente”. Quando eu interroguei sobre a relação da professora com a família e como eram as festas ou as confraternizações, obtive a seguinte resposta: “Naquela época podia fazer sim, mas [...], Era muito difícil, era muito difícil, às vezes aconteceu de ter um aniversário, uma coisa assim, mas era tudo muito difícil demais (*sic*)”.

Apesar desse distanciamento, Valdeci Vasconcelos elogia sua irmã, afirmando que muitas pessoas na cidade gostavam dela e que ela era uma pessoa calma. Quando se refere à infância, ele sempre retrata de uma forma geral, incluindo ele próprio e seus irmãos. A nossa impressão enquanto pesquisadoras é que existiu algum mal-estar entre eles, a nossa desconfiança se deu devido ao seu nome na carta escrita pela professora, mas a esse respeito

discutiremos no último capítulo e, conseqüentemente, as possíveis causas desse possível desentendimento.

Valdeci, junto com seus irmãos, prestaram assistência financeira a Elenita e às suas irmãs nas despesas da casa, o que serviu para que terminasse seus estudos em Campina Grande. Então, acreditamos que, de certa forma, o fato dela ter se tornado referência na cidade, como uma mulher independente financeiramente, tenha se dado pela ajuda de seu irmão.

Relacionando-nos aos últimos momentos da vida de Elenita, ele afirma ter ido sempre visitá-la. Em outro momento ele diz: “E a pessoa tem que lembrar que essas coisas acontecem, que a vida da gente tem dessas coisas”.

A entrevista realizada com Valdeci Vasconcelos nos faz lembrar um aspecto importante: a figura masculina e a dificuldade de demonstrar suas emoções. A autora Hildebrand (2014), em seu livro intitulado *O privilégio de ser mulher*, aponta para os “atributos” femininos. Segundo a autora, sua natureza concede a ela facilidade de exteriorizar sua emoção. “Se juntássemos todas as lágrimas derramadas por mulheres desde o início, elas poderiam competir com o mar, ao passo que as lágrimas derramadas por homens encheriam uma piscina de tamanho modesto”. (HILDEBRAND, 2014, p. 48).

Nesse sentido a mulher tem menos controle sobre suas ações e precisa da presença masculina para canalizar tais sentimentos. O ser homem é o ser “racional”, não gosta de fazer do seu desconforto tema de conversa. Para Hildebrand, essa é uma característica peculiar da mulher, que deve não apenas ser reconhecida, mas procurar na figura deles esse outro lado “racional” para se tornar “completa”, com a voz da razão e da emoção.

Para Hildebrand (2014), de significações religiosas, principalmente quando a filósofa justifica suas ações a partir da bíblia, incluindo o novo e velho testamento, demonstra que foram ideias como essas, que persistiram ao longo do tempo, que produziram e ditaram normas.

Isso foi sendo construído culturalmente ao longo do tempo como norma, só a mulher por “ser mais emotiva”, pode demonstrar tais sentimentos, enquanto o homem é esse ser lógico e não deve externar qualquer sentimento em público. Os estudos de gênero visam desconstruir tais pensamentos, que não são inatos ao ser humano, mas são construídos socialmente. São ideias que serviram para estigmatizar e tratar o feminino como diferente do masculino.

Outra pessoa com quem tivemos contato ao longo dessa pesquisa foi Maria Dapaz⁷⁰. As duas mulheres – Elenita e Dapaz – não tinham apenas o primeiro nome incomum, eram primas e companheiras fiéis. As duas levaram na bagagem para a “cidade grande” sentimentos semelhantes: Campina Grande, que era a cidade próxima mais “avançada”, e havia o que Pedra Lavrada não oferecia, uma formação profissional por meio do curso superior. Mas, aquele lugar tinha uma coisa que Pedra Lavrada não tinha que era o medo do incerto, do desconhecido, da riqueza, da imensidão, enquanto a cidade era pequena, remota, seca, mas era povoada por pessoas simples, acolhedoras, solidárias, que formava uma grande família para as Marias.

Perrot (2017, p. 136) apresenta o confinamento entre mulheres pensado ao longo do tempo como uma virtude feminina, embora os espaços se deem de diferentes formas, no quarto, na casa, no sítio, na pequena cidade, a ideia é evitar o relacionamento com outras pessoas, propiciando encontros, paqueras ou comportamentos indesejados para uma mulher de “bem”, principalmente no caso de Elenita, que estaria morando longe da família, e longe de uma figura masculina.

Mesmo as duas morando em Campina Grande, em casas diferentes, sempre houve esse envolvimento entre as amigas. Dapaz afirma: “De quinze em quinze dias eu ia para a casa deles, aos domingos”. As duas fizeram o exame de admissão, uma para a Escola Normal Pe. Emídio Viana e, no caso de Dapaz, a Escola do Comércio de Campina Grande, ambas tinham o mesmo objetivo: se preparar para serem professoras.

Em meio a esse ideário de mulher professora, era provável que as Marias tivessem unidas na profissão, seguindo os passos desejados por seus pais. Após receberem seus títulos de professoras em 1969, estavam aptas a lecionar, mas as amigas passaram a querer mais, na procura de seu reconhecimento próprio, vão procurar outra atividade que lhes dessem prazer.

Dapaz sente-se angustiada, triste, incompleta, e desperta atenção e amor pela profissão de contabilidade, mas era um sonho difícil, perigoso, indesejado pelos familiares e pela sociedade que a aprisionava. Era um caminho árduo. Percebeu que naquele momento era fora de cogitação a profissão de professora, decide então desprender-se das amarras de seus pais e passa se tornar independente, assumindo outras profissões, como caixa de supermercado, isso que lhes rendeu dez anos da sua vida.

⁷⁰ Maria Dapaz reside na cidade de Campina Grande, atualmente é aposentada da profissão de professora. Foi nossa primeira entrevistada e teve como objetivo a escrita do trabalho de conclusão de curso em 2015. A entrevista foi realizada na sua residência no dia 12 de maio de 2015, com duração estimada de 4 horas com interrupções na gravação.

Para Foucault, o que é necessário não é a construção de identidades semelhantes ou uma relação pautada da semelhança, cópia fiel, como a *philia* grega acreditava, mas, esforço e compreensão para aceitação do outro como diferença, o que vai proporcionar, conseqüentemente, a transformação e a criação de si. (CARDOSO, NALDINHO, 2009). Assim, Elenita apoiou sua amiga e instruiu sempre a seguir uma profissão que lhe desse prazer.

Em 1973, após as eleições, Pedra Lavrada escolhe o novo prefeito, o Sr. Manoel Júlio. Esse acontecimento fez com que os pais de Dapaz, inconformados com os rumos que sua filha “formada” havia tomado, pedissem um emprego para que a adolescente voltasse a morar na cidade. Nos anos 1970 era comum que os acordos políticos definissem os lugares dos sujeitos na cidade, principalmente através de Dapaz e da própria Elenita que conseguiram seus empregos de professora, entre outros cargos ocupados por elas, o que se deu através de diálogos e da proximidade entre famílias.

Levando em consideração as angústias sofridas pelos conterrâneos, pais de Dapaz, o Sr. Manoel Júlio emprega a jovem na cidade como tesoureira da prefeitura. Enquanto isso, a socióloga já tinha terminado seu curso de Ciências Sociais e voltado a sua terra natal para exercer sua profissão de professora nas disciplinas de História e Geografia.

Com dedicação e prazer, Elenita passa a se interessar pelo magistério, e assume o cargo de diretora da escola Professor Francisco Ferreira, onde aprendeu a ler e escrever as primeiras letras. Dapaz conta com um sorriso estampado e, ao mesmo tempo com emoção, o reencontro na Escola e o apoio que sua amiga lhe deu nesse momento, principalmente quando a convence a lecionar. A primeira turma foi inesquecível, segundo a entrevistada.

Em 1978, quando entrei na Escola ela me deu uma turma de alfabetização, eu fiquei apreensiva sem saber o que fazer com 38 alunos. Pensei: nunca entrei em uma sala de aula. Ela falava: mas Dapaz você é competente, dará tudo certo. Vamos fazer o seguinte: quando for para cantar a gente troca, tem Vaní, a gente troca de sala. Tinha que cantar para os meninos. Meu maior pavor era cantar, eu pensava que se eu ficasse só dando aula os alunos iam cansar. De vez em quando ela ia à sala e me dava um apoio grande, aí consegui tirar o pavor, consegui alfabetizar. Inclusive a filha de Elenita estudava comigo. (DAPAZ, 2015).

Após esse momento difícil, as duas conviveram durante dez anos, tempos de carinho mútuo e de cumplicidade. Passaram a se destacar na cidade, a ter amor pela educação, repassando seus conhecimentos para os outros professores, organizando eventos e se doando ao máximo. As duas exerceram diferentes cargos na cidade, como o de secretária, diretora e

professora. Apesar da distância, das idas e vindas que se deram na vida dessas Marias, percebemos uma amizade rara. A morte separou as duas da convivência, mas nunca conseguiu matar as lembranças de uma convivência compartilhada, de fidelidade e de amor.

Falar, escrever sobre amizade, é principalmente falar de afetividade. Corroborando com Le-Breton (2009, p. 111), “O homem está efetivamente no mundo”, isso significa afirmar que em todos os momentos o pesquisador é aquele que cede à narrativa, está sob influência de sentimentos, seja na mudança da fala, do olhar, de diferentes formas. Os sentimentos estão em constante movimento, estes que podem mudar de acordo com as circunstâncias. Isso ocorre principalmente porque ela é diluída nas malhas do tempo, que altera seu significado.

Na entrevista, a professora Maria Dapaz se mostra atenta às minhas indagações, sempre com um sorriso largo, parecia adentrar nas lembranças de um tempo passado. Tive a impressão que Maria Dapaz sentiu saudades dos momentos com a professora Maria Elenita.

Através do relato o indivíduo percorre, por meio da memória, diferentes lembranças que podem brotar, chocando-se com o presente. Isso implicará em diferentes emoções, seja de um acontecimento pessoal, de alegria ou tristeza. Embora tenha se passado muitos anos, a lembrança de sua prima parecia estar viva para Maria Dapaz, principalmente na lucidez com que conta os fatos, as histórias do cotidiano, e as emoções externalizadas.

A mensagem que as Marias me deixaram é que ter um amigo de verdade é coisa rara, e quando se tem, a amizade ultrapassa todas as barreiras e obstáculos que a vida impõe, provando assim o quanto é forte, como uma pedra de turmalina, que é moldada através do artesão tempo, que se encarrega de transformar em lindas pedras, joias, essas que não perdem o seu brilho, o seu núcleo, as suas raízes, onde tudo começou e nos uniu.⁷¹

Na cidade Elenita fez vários amigos, entre eles destaco a figura de Maria do Socorro Vasconcelos⁷² que, além de ser prima, morou em sua casa cuidando dos afazeres da mesma e dos filhos da professora por 9 anos. “Era para mim uma segunda mãe, eu cuidava da casa dela, eu fui da confiança da casa dela”. A separação da convivência das duas só se deu na ocasião da morte da professora.

As duas compartilharam diferentes sentimentos em diversos momentos ao longo de suas vidas. Amor, carinho, tristeza, dor, afinal, os amigos servem para isso, para emprestar o

⁷¹ Pedra Lavrada-PB está localizada na microrregião do Seridó. Constitui uma das áreas mais ricas no quesito mineral, a exemplo de jazidas de granizo, quartzo, feldspato, mica, turmalina, entre outros. Isso faz com que a mineração torne a principal atividade de subsistência exercida pelos lavradenses. Ao citar a pedra turmalina e onde tudo começou, me refiro à cidade de Pedra Lavrada, lugar que nos uniu, levando em consideração que é minha cidade natal, a de Maria Elenita e Maria Dapaz.

⁷² Maria do Socorro Vasconcelos foi amiga, prima e trabalhou na casa de Maria Elenita. Desenvolve a profissão doméstica e reside em Pedra Lavrada-PB.

colo, principalmente quando Elenita se abria sobre as desavenças que tinha com seu esposo. Outra pessoa que também fez parte de sua confiança foi Graciliano Calixto⁷³, este que relembra:

[...] Ela foi o máximo, ela foi uma pessoa que marcou minha vida, porque ela tanto me ensinou a trabalhar como secretário escolar, como quando fui aluno. Eu acho que ela foi uma pessoa que fez com que eu me tornasse uma pessoa mais útil, mais humana, que aprendesse mais, ela me estimulou muito. Agora, tinha aquele jeito para fazer com que as pessoas tivessem mais gosto de viver. (CALIXTO, 2017).

A amizade entre Graciliano Calixto e a professora, foi intensa. Começou bem antes com a amizade entre seus pais e continuou com mais intensidade quando o mesmo passou a frequentar a escola na cidade, tornando-se aluno dela. Suas dificuldades e medos foram sanados por ela, que insistiu no seu aprendizado. Em 1981 ele prestou concurso para auxiliar de serviços gerais e quando chegou à escola para trabalhar, a professora percebeu seu potencial para área administrativa e o colocou na secretaria.

Graciliano Calixto recorda o período em que começou a trabalhar na Escola, quando passou cinco meses sem receber salário, ela sempre demonstrando preocupação a respeito e na tentativa de ajudá-lo, no cuidado com o outro, Elenita ofereceu emprestado do seu próprio dinheiro para o secretário lhe pagar quando recebesse. Ela ajudava não só ele, mas outras pessoas, quando tinha conhecimento e essa ajuda não era feita de forma visível “[...] Ela procurava ajudar sem transparecer. Acho que ela seria aquela a dizer: daí com uma mão que a outra ajudarei”. (CALIXTO, 2017).

Como Pedra Lavrada-PB nesse período contava com um número menor de famílias, do que atualmente⁷⁴, as pessoas desenvolviam uma relação mais afetiva, pois a maioria residia em casas próximas, se conheciam e compartilhavam momentos. Por isso era comum a política desse período ser voltava para a amizades e para apadrinhamentos políticos.

Sobre o cuidado com o outro, Calixto ainda relembra uma relação importante que Elenita mantinha com uma mulher que sofria preconceito na cidade e que a trouxe para a convivência na escola:

⁷³ Graciliano Calixto de Macedo reside na cidade de Pedra Lavrada-PB, é aposentado na profissão de auxiliar de serviços e desenvolve o trabalho de agricultor. A entrevista ocorreu na sua residência com duração de 49 minutos, no dia 13 de março de 2017.

⁷⁴ Segundo os dados do IBGE, Pedra Lavrada tinha em 2010 uma população aproximada de 7.475 habitantes, para o ano de 2017 estima-se que a população foi de 8.122. Disponível em < <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=251110&search=paraibalpedralavradainfograficos:-informacoes-completas> >. Acesso em: 09 de fevereiro de 2018

Nicinha de D. Marta era uma mãe muito sofrida, porque o esposo dela era alcoólatra e gostava de andar, eu acho que ela rodou os estados do Nordeste, quase tudo mais ele. Teve dois filhos dela, que contraíram aquela doença hanseníase, que antigamente o povo chamava de doença do “papafigo” chegaram aqui em Pedra Lavrada, mas esse povo era tão discriminado por conta disso, teve uma época que o povo era discriminado demais, o povo tinha medo. Eles ficaram com umas sequelas nas mãos, naquela época o tratamento quase que não existia, mas Elenita queria um bem tão grande a ela, quase todas as coisas que ela fazia no grupo mandava chamar ela, lembrava logo: D. Nicinha era contente demais, Nicinha tomava uma e começava a contar umas histórias, mas ela ria demais com as graças que D. Nicinha fazia. (CALIXTO, 2017).

O cuidado de trazer o outro, que é marginalizado, estigmatizado como o doente, o feio, o pobre é percebido nessa fala como um aspecto admirável em Maria Elenita, uma mulher que tentava ser uma pessoa melhor, trazendo-os para a sociedade, dando espaço e voz. Provando que essas pessoas têm seus atributos, ensinamentos e histórias de vida, aproxima-se do que Foucault (1997, p. 111) entende como uma maneira de fazer da história, não mais através da separação entre os loucos e não loucos, o doente e não doente, mas “[...] dando lugar ao sujeito que vive, que fala e que trabalha”. Isso só é possível através do que ele chama de governo de si na sua articulação com o outro.

Graciliano Calixto fala os momentos de descontração quando a professora ia para o sítio de sua família.

Quando ela ia para nossa casa, que chovia bastante, aí tinha um poço lá. Todo mundo sempre lembra que esse poço Elenita gostava de tomar banho ali. Até pessoas da família dizia (*sic*): Graciliano vamos no poço que D. Elenita gostava de vim, só que esse poço agora está seco, mas na época que ela ia lá pra casa, ela sempre gostava de ir pra lá, passava a manhã todinha lá. Inventava de cozinhar embaixo da pedra. Por isso é conhecido como o Poço de D. Elenita. (CALIXTO, 2017).

Percebemos que a memória da professora, a partir desses momentos de brincadeiras, confraternização, ficou viva para Graciliano Calixto e sua família, e principalmente quando nos diz que o poço secou, isso nos leva a uma metáfora. O poço secou! O poço não tem água que é vida, ele não tem a convivência com ela, o que restou foram as lembranças, a saudade de uma pessoa alegre. Isso não só aconteceu com Graciliano, mas com outras pessoas, que recordam e até intitulam como: o poço de dona Elenita.

Graciliano Calixto, durante a entrevista, pareceu confortável e de certa forma interessado nessa história. Acredito que a principal mensagem que ele queria passar para a

gente, era gratidão. Sim, gratidão pela oportunidade de ter convivido com a professora e ter aprendido tantas coisas.

Eu acho que nós somos lembrados até eternos a medida do trabalho que fazemos da nossa história. Quando a agente faz um trabalho bom a gente fica lembrado pelo resto da vida, à medida que as pessoas vão conhecendo a sua história aquilo ali vai passando de um para o outro. (CALIXTO, 2017).

Para ele, a figura da professora está marcada na sociedade, os seus ensinamentos estão vivos, não apenas pelo fato da escola ser intitulada com seu nome, mas pelos seus atos, pelo que ela fez da sua história de vida. Ela plantou coisas boas, ela provavelmente vai ser lembrada por isso.

Percebi que Graciliano Calixto realmente se sentiu confortável em falar a respeito de sua amiga. Nossas perguntas não surtiram incômodo. Inclusive em todos os momentos se manteve firme em suas indagações, revelando não apenas uma mulher passiva, calma, como parte dos nossos entrevistados a descreveu, mas uma pessoa que teve problemas no casamento, no trabalho e principalmente, uma Elenita que fugia a regra da maioria. Consumia às vezes bebidas alcoólicas, participava de festas na cidade, ria, se divertia. Uma mulher que nem sempre era passiva e relegada ao espaço da casa, mas que participava de uma vida pública e era independente.

Graciliano Calixto afirma que devido ao seu envolvimento na Escola e com a participação na igreja, ela se tornou uma figura pública, era uma pessoa que cativou e foi cativada, desfrutou de muitas amizades na comunidade. Fátima esclarece que “Ela era amiga demais, ela era amiga de todo mundo, nunca pensou em sair”. Percebemos que Fátima descreve um apego à cidade e às pessoas.

A filha de Elenita, Andréa Carvalho, compartilha desse pensamento, de que sua mãe foi uma pessoa que conseguiu cativar muitas amizades e que conseguia manter esses vínculos sempre ativos, principalmente por meio de encontros nos finais de semana.

Eu lembro que ela tinha muitas amizades, nos fins de semana ela gostava de se reunir com as amigas pra conversar e muitas vezes me levava. [...] Eram alegres, se encontravam, comiam e bebiam, como amigas no geral, acho que algumas eram professoras e outras não, conversavam, ouviam música e quem tinha filho levava. Lembro-me dela ter uma vida social muito ativa, de visitar pessoas, de receber pessoas em casa. (CARVALHO, 2017).

Quem participava desses encontros eram colegas do ambiente de trabalho e outras mulheres, no entanto, a nossa entrevistada não se recorda o nome dessas.

Andréa afirmou que na sua lembrança esses encontros se davam com a participação de outras mulheres, ela não cita a presença masculina. É interessante perceber, ainda, que quem tinha filhos levava. Esse fato nos leva a problematizar esse fato, porque essas mulheres levavam essas crianças? Talvez o fato desses encontros nos quais ela consumia bebida alcoólica e ouvia músicas, que deixavam o ambiente alegre, fossem motivos para a população não ver essas reuniões com bons olhos e para coibir esses rumores era importante a presença dos filhos. Podemos pensar também na hipótese relacionada à maior responsabilidade atribuída à mãe por parte dos filhos, não podendo deixá-los com o pai.

Esse fato se configura em uma Elenita que, acima de tudo, gostava da convivência e da amizade com outras pessoas, de tentar a busca por uma estética da existência, na busca por relações que permitiam ser ela mesma, de se descontrair, ouvir músicas que gostava e consumir bebidas alcoólicas mesmo correndo o risco de não ser vista com bons olhos por algumas pessoas mais tradicionais.

Outra figura importante para a professora, que também colaborou com nossas entrevistas, foi o então prefeito da época, o Senhor Manoel Júlio, que tinha amizade com a família Solon e passou para a filha. Isso se deu quando a mesma passou a ser de sua confiança nos assuntos relacionados à educação lavradense. A esse respeito o ex-prefeito assume que isso ocorreu não apenas porque ela era capacitada, mas pela amizade que ele tinha com a família. Os dois marcaram uma parceria de pelo menos 10 anos, em prol da educação daquela cidade que se desenvolveu cada vez mais.

Com relação à forma de Elenita se expressar e conversar, resolver situações em público, era uma característica positiva, Andréa s de Carvalho afirma:

Minha mãe tinha muita habilidade pra falar com as pessoas, isso meu pai falava também, que ela falava com as pessoas com doçura, com jeito, que tinha tato. Que sabia, mesmo situações ou coisas difíceis que ela tinha jeito pra falar, de uma maneira amorosa. Que até o tom da voz e o jeito de falar era assim. Que acabava evitando alguns antagonismos pela forma de falar. (CARVALHO, 2017).

Por meio da amizade como forma de vida, Elenita, através de membros da sua família (Fátima, Rita, Valdeci e Socorro), com os colegas de trabalho (Graciliano), com seus alunos, com as autoridades (Manoel Júlio), com o excluído da sociedade e com a comunidade em geral, ela demonstrou cuidado com o outro e com o mundo. Através da forma de falar com jeito e doçura com as pessoas, evitando muitas vezes, desentendimentos.

Acreditamos que Elenita se aproxime do que Foucault descreve como a ética e estética da existência, aquele que tem o fio condutor as “técnicas de si”, isto é, procedimentos que permitem ao sujeito transformar e se transformar no sujeito ético, comprometido em mudar a si próprio e sua realidade a partir do conhecimento de si para transformar o outro, a nossa cultura. (FOUCAULT, 1997, p. 109).

Ainda segundo Foucault, a existência de conflitos também é importante para a amizade e um modo de vida criativo, nele há diversos embates de ideias, com múltiplos pontos de vista e não através da procura por uma verdade universal, como acreditavam os gregos. Essas ideias refletidas pelos sujeitos envolvidos são necessárias para a criação de si (CARDPSP, NALDINHO, 2009).

Há casos também em que a relação de amizade pode se tornar saturada, isto ocorre quando a mobilidade e as estratégias desaparecem. Quando há um bloqueio nas relações que impedem a mobilidade do movimento, sejam a partir de aspectos econômicos, políticos ou militares, chama de estado de dominação. (FOUCAULT, 2004, p. 266).

Sentimos a ausência desse estado de dominação e também dessa relação de amizade onde existiram embates, conflitos entre ambos. Trabalhamos com a hipótese de que isso tenha ocorrido. No entanto, não podemos afirmar o que não foi relatado nas entrevistas.

Diante das entrevistas, percebemos que a memória, como afirma Farge (2011, p. 78) “É um teatro pessoal e se fabrica através da reconstituição íntima e mítica que podem embarçar o historiador”. O testemunho e a objetividade da história parecem se contradizer, o que provoca um conflito entre ela e a memória. Ao interrogar sobre determinado acontecimento no passado, o historiador lida com o tempo presente, este que implica uma série de acontecimentos que por via transformou o indivíduo e seu discurso.

Através dos imaginários sociais uma coletividade constrói uma certa representação de si, qualifica a sua identidade, exprime e impõe crenças comuns, organiza a distribuição dos papéis sociais e traça uma espécie de "código de bom comportamento" através do estabelecimento de modelos ideais de conduta. (FONSECA, 2007, p. 173).

Através dessas considerações podemos entender a relação e a construção dessa imagem em torno da figura de Elenita. São comportamentos traçados através dos grupos sociais que forneceram imaginários normatizados com valores de boas condutas sobre a professora. Isso nos leva a entender porque ela foi tão elogiada, enquanto seus deslizes são “encobertos” através dos nossos entrevistados.

Nas entrevistas realizadas, percebemos um cuidado para elaborar a fala sobre Maria Elenita e sobre acontecimentos que a envolveram. Os narradores a caracterizaram como uma pessoa dotada de qualidades e de ações de uma mulher que não teve percalços, erros, deslizos e falhas. Nesse aspecto é percebido em diversas falas como: “uma boa irmã”, “uma esposa exemplar, excelente, eu não tenho dúvidas”, “Ela tinha não amor ao dinheiro”, etc. Sobre suas características físicas, “era uma mulher muito bonita”, seu comportamento “uma pessoa muito boa, calma”, sua profissão “ela adorava o grupo, se dedicava de corpo e alma”.

E quando pedimos que o narrador apresente um aspecto que ele considere ser um defeito da educadora, logo percebemos uma fuga, uma inquietude e geralmente remetem ao relapso da memória, embora reconheçam que ela tenha defeitos por ser um ser humano como outro qualquer.

Cabe a nós enquanto historiadores questionar essa memória criada em torno de Elenita. Será que ela era essa mulher sem defeitos? Que agia em todos os momentos tendo cuidado com o outro, que era uma boa irmã, esposa exemplar, que não tinha amor ao dinheiro, considerada bonita por todos, etc. Enfim, nosso desafio é analisar os discursos criados em torno dessa figura, observando e apontando os possíveis deslizos nas entrevistas e através do relacionamento com outras fontes.

Assim, nos mostra Foucault (1995), que a partir de seu enfoque sobre uma genealogia, pauta suas análises na concepção de discurso que se articula com a noção de poder. Seria a presença de poderes no próprio discurso que se articula no interior das práticas discursivas. É então necessário olhar para o sujeito político a partir de suas técnicas, processos que movem a história e constroem seus discursos.

Uma das opções que pode ter contribuído para que isso tivesse ocorrido é o medo das pessoas de se expor nesse registro histórico. Temendo causar certo desconforto à família, mesmo que em todas as entrevistas nós tenhamos exposto a preservação do anonimato de acordo com seu interesse. Outro aspecto que pode ter causado essa “romantização” em relação à professora foi a forma e o desenrolar dos acontecimentos que se deram em torno da sua morte, como tudo aconteceu e pela brevidade de sua vida.

No próximo capítulo, convidamos os leitores para conhecerem o desenrolar dos últimos acontecimentos na vida de Elenita e como sua memória ficou marcada nas lembranças de alguns amigos, das filhas e de seu esposo Iêdo.

3.0 CAPÍTULO II

3.1 As lembranças de uma vida

Filhas de pais lavradenses
 Da santa Virgem da luz
 Preparada no saber
 Assim a história traduz
 No antro do sofrimento
 Ela aceitou sua cruz

Ainda muito nova
 Os seus anos é 39
 Deixou esposo e três filhas
 É isto que me comove
 Quando o mal é de morte
 O médico nada resolve

Peço ao Sr. Prefeito
 Que zele por Pedra Lavrada
 Quem pede é tua amiga
 Com a alma angustiada
 Confio que o amigo
 Não me deixe abandonada

Peço as professoras
 Este pedido convém
 Zele bem seus alunos
 Com todo zelo que tem
 Que é feliz a pessoa
 Que ao próximo trata bem

Como poeta chorei
 A sua fatalidade
 Dessa mãe educadora
 Dos alunos da cidade
 A ela devo favor
 Sinto profunda saudade.

(Autor: Severino Batista dos Santos)

A literatura de cordel por hora citada foi escrita pelo poeta Severino Batista⁷⁵, popularmente conhecido na região como Severino Verde.⁷⁶ O poeta é lembrado na cidade de

⁷⁵ Ver anexo H. Fotografia de Severino Batista (Severino Verde).

⁷⁶ O artista nasceu em 31 de julho de 1911 e faleceu em 02 de agosto de 1996. Veio de família humilde e não chegou a concluir uma graduação, no entanto, a sua intimidade com as letras era um aspecto notado e reconhecido na região. Realizava atividades na agricultura até servir ao exército militar de 1937 a 1940, fazendo parte da segurança particular de Getúlio Vargas. O poeta era considerado frequentador assíduo da igreja católica

Pedra Lavrada por alegrar com suas rimas os eventos de aniversários e as comemorações da igreja católica nos anos 1970. Ele também se fazia presente aos domingos pela manhã, horário da feira em Pedra Lavrada e, portanto, tinha um maior aglomerado de pessoas. É possível que nesses encontros Elenita se fizesse presente e conhecesse o trabalho do poeta, isto porque, pelo que nossas entrevistas apontaram, a professora também era frequentadora assídua da igreja católica e participava de comemorações promovidas pela população, como aniversários e casamentos.

Araújo (2007) afirma que as feiras, os mercados e os momentos de festividade consistiam na grande galeria do cordel. Estes foram considerados lugares, por excelência, de divulgação dos folhetos. Na região Nordeste o cordel⁷⁷ alcançou grandes patamares, sendo divulgado principalmente por repentistas e cantadores de viola, como foi o caso de Severino Verde.

Os versos⁷⁸ e suas rimas eram, em sua maioria, feitos no momento em que lhes solicitavam ou quando o artista achava interessante, além dos impressos que também se faziam presentes. Geralmente envolviam assuntos da cidade ou pessoas conhecidas na região. Em contrapartida, os que por ali passavam, deixavam a quantia em dinheiro que suas posses lhes permitiam e/ou que acreditasse que o artista merecia.

No primeiro verso do cordel o poeta escreve que Elenita era filha de pais lavradenses e da Santa Virgem da Luz. Anteriormente citei a importância que a igreja católica tinha nos anos 1970 para os que residiam na cidade. A palavra Virgem da Luz é referência à religião e ao nome paróquia da cidade que é conhecida como: Paróquia Nossa Senhora da Luz.

transformou o Evangelho de Matheus em versos populares. Um fato curioso sobre Severino foi que faleceu na própria Igreja católica em 1996.

⁷⁷ Abreu (1999) acredita que o gênero textual teve grande influência na Europa, entre os séculos XVI, XVII e XVIII. O público que apreciava os cordéis era, em grande parte, oriundos dos setores populares, de onde provinha a maior parte dos poetas na Europa durante o século XVI. Esses eram considerados portadores de saber do povo, já que seus versos eram feitos a partir do cotidiano da população.

Inicialmente os cordéis eram realizados em praças públicas e pelas camadas populares só depois é que passou a ter sua forma impressa e passou a ser difundida em outras camadas sociais. Araújo (2007) acredita que foi a partir do século XIX que o cordel floresceu, pois saiu da oralidade e passou a ter a presença das tipografias que viabilizaram a sua produção e estes passaram a circular nas feiras, sítios e nas cidades.

⁷⁸ O cordel destaca-se como um importante documento da história, pois “Em suas páginas, são revelados inúmeros momentos relevantes da historicidade desse povo”. (ARAÚJO, 2007). Nesse sentido, ele foi importante para esta pesquisa, pois deixou registrados os sentimentos da população expostos através da sensibilidade do autor sobre a morte de Elenita, principalmente através do velório e da carta lida em voz alta, na qual gerou uma forte repercussão na cidade.

O gênero textual literatura de cordel, geralmente conta com a presença de uma linguagem simples, com marcas da oralidade, o que facilita o entendimento e envolvimento em todas as camadas da população. Esse poema escrito por Severino Verde, é composto por cinco estrofes de sextilha, ou seja, cada estrofe possui seis versos.

Percebemos uma aproximação de Severino e a professora, pois, pelo que nossas entrevistas apontaram e pelo poema escrito, tanto o poeta quanto a professora, acreditavam nos preceitos do catolicismo. No final da estrofe, ele acrescenta: “No anto do sofrimento [...] Ela aceitou sua cruz”. Mais uma vez, percebemos uma referência a Jesus Cristo, símbolo de algumas religiões, incluindo a católica. Dizem os preceitos desta crença que Jesus morreu na cruz sofrendo de sede e fome e que por isso a tendência de todas as pessoas é a morte. É como se o destino tivesse traçado aquela forma de morrer para Elenita e, portanto, caberia a todos o conformismo e aceitação vindos de uma ordem divina.

O poeta também é construído pelo ambiente cultural ao qual ele pertence, essa construção resulta de aprendizagens múltiplas, frutos de suas experiências sociais adquiridas na coletividade. Através da sua arte ele mantém diálogo com o mundo, expressando o seu sentir a respeito desse mundo vivido e relacionado com ele. (ARAÚJO, 2007).

Severino escreve o poema a partir dos sentimentos da população e, ao mesmo tempo, da sua sensibilidade própria, ele trata de temas como morte, saudade, dor, separação, cumplicidade e amizade. Pela forma como Severino descreve a professora na literatura de cordel é possível que ele a conhecesse pessoalmente, bem como a sua história de vida, isso porque ele desenvolve uma sensibilidade para referir-se a ela. Principalmente nos versos: “Sinto profunda saudade”, “Como poeta chorei” e “A ela devo favor”.

Na segunda estrofe, ele afirma que ficou comovido por ser Elenita muito nova aos seus 39 anos e por assim ter deixado esposo e três filhas. Que o indivíduo tem a morte como destino natural e que nessas circunstâncias nem o médico ou especialista da saúde consegue impedi-la, pois é algo maior que a vontade e a possibilidade dos seres humanos.

No terceiro momento, ele faz uma referência da carta lida em voz alta, perante a população que compareceu no velório⁷⁹ de Elenita. Ele utiliza os substantivos em primeira e terceira pessoa como: “peço” e “pede”, ou seja, isso nos leva a entender que ele está reafirmando e compartilhando os desejos da professora expostos na carta: que o Sr. Prefeito Manoel Júlio zelasse por Pedra Lavrada. Aqui notamos carinho, afinidade, ou sentimento de pertencimento que ela e o poeta tiveram pela cidade.

Para Certeau (2014), a cidade é considerada como uma guerra de narrativas, nas quais cada narrador ou indivíduo faz uma memória específica, cada qual tem seus modos de apropriação do espaço praticado. A professora e Severino Verde, cada qual desenvolveu

⁷⁹ Este que será trabalhado com maior aprofundamento no próximo capítulo.

planos mentais, inscritos em experiências múltiplas, que dão à cidade, neste caso a Pedra Lavrada, um espaço de conhecimento e reconhecimento.

Com essa mesma composição usada nos substantivos em primeira e terceira pessoa, ele prossegue sua escrita na quarta estrofe, se apropriando de outro pedido da professora, também presente na carta lida em seu velório, esta passagem direcionada as professoras “[...] Zele bem seus alunos, com todo zelo que tem”, finaliza com a afirmação que a pessoa que trata bem o próximo, em contrapartida, é uma pessoa feliz.

Acreditamos que Elenita e o poeta se aproximam das questões de governabilidade analisadas por Foucault (1999) que é o governo de si e sua articulação com as relações com o outro. A forma como a professora deu significado para a sua vida através das técnicas de si, sempre pensando a relação com outras pessoas da sociedade, sem qualquer distinção de qualquer imperativo elencados pela mesma. Dar zelo ao aluno, como citado no cordel e na carta, é o cuidar do outro, com carinho, respeito e compreensão, percebendo nele a sua força criativa no potencial dessas pessoas.

Na última estrofe, o poeta mais uma vez, se coloca na narrativa e expõe seus sentimentos afirmando que chorou a sua fatalidade e que sente profunda saudade. Principalmente que a ela deve favor, pois ela foi uma mãe educadora para os alunos da cidade.

Notamos que o artista deixa claro em sua escrita a semelhança com o ideário construído socialmente e que foi exposto por Louro (1997) como “feminização do magistério”, uma prática que reservou ao feminino essa profissão como uma extensão do ambiente familiar, ou seja, a professora é considerada a mãe para seus alunos que devem ser tratados como seus próprios filhos.

O poeta Severino verde através das suas rimas tentou traduzir os anseios da população lavradense e dos próprios sentimentos após a morte prematura de Elenita, aos seus 39 anos. Ao realizar a escrita o poeta contribuiu para preservar a memória da professora na cidade, principalmente apresentando a sua trajetória de vida e os sentimentos da população em virtude da sua morte.

A sua história de vida, bem como o espetáculo criado em seu velório, fizeram as pessoas da cidade, desenvolverem uma sensibilidade para referir-se à professora. Porém, um dos maiores desafios foi para a família que teve que conviver com a ausência da professora, principalmente o seu esposo com trinta e três anos e com três crianças: Andréa de oito anos, Érika com dois e Kilma, recém-nascida, com apenas dez meses.

Nosso objetivo neste capítulo será trabalhar as histórias de vida da professora, problematizando a memória construída a partir de algumas pessoas, em especial de Iêdo, que após a morte de Elenita exerceu a tarefa de ser pai e cuidar das suas filhas, a partir das suas memórias.

3.2 “Me doeu, claro! Mas, me deu muita raiva, porque a sensação era de que eu fiquei aqui e não era para você ter ido”

O título apresenta um trecho da nossa entrevista com a filha primogênita de Elenita: Andréa⁸⁰, quando a mesma narrou seus sentimentos após a morte da mãe. O nosso contato pessoal com as filhas, Kilma Medeiros e Érika Vasconcelos, ocorreu na capital, João Pessoa-PB, em abril de 2017, em suas respectivas residências.

Nosso primeiro contato com elas se deu através dos meios eletrônicos⁸¹ em 2014. Contamos com a presença da sua memória voluntária, que chamaremos de lembrança, que é uma composição do passado, mas não é o acesso direto a este, pois o trabalho de rememoração é feito no presente e relativo a ele. (ALBUQUERQUE, 2007, p. 202).

Ao escrever as lembranças relatadas pelas filhas de Elenita, levaremos em consideração a condição que os indivíduos têm, uma visão de mundo particular, moldada pelas vivências do passado e do presente. Por isso, pedimos em cada entrevista que, inicialmente, falem de suas histórias de vida, momentos, ações, experiências onde considerem exercer papéis significativos em suas vidas.

O objetivo foi deixar a conversa mais íntima, pois era visível a tensão entre os narradores, por quererem lembrar acontecimentos com Elenita. Ao nosso ver, isso era um desafio, pois o nosso propósito era que aquela entrevista tivesse o papel de experiência, que fosse importante de alguma forma para elas e não apenas com intuito de obter informação. (BENJAMIM, 1994).

Erika inicia sua fala apresentando o seu nascimento, como foi que lhe transmitiram a memória dos seus primeiros anos de vida,⁸² pois nasceu em Picuí e sua mãe tinha apenas seis meses de gravidez, ela descreve como um período muito delicado para a família, pois tudo era

⁸⁰Esta entrevista se realizou em novembro de 2017 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na capital do estado, Natal, atualmente seu local de trabalho.

⁸¹As trocas de e-mails nas últimas décadas tornaram-se um ato comum no cotidiano das pessoas, escrever no computador já é mais usado do que as cartas ou as escritas feitas à mão. Chartier (1999) já alertava para as mudanças trazidas pelo mundo digital. A rapidez, brevidade com que enviamos e recebemos mensagem caracteriza o mundo contemporâneo.

⁸²Ver anexo I. Elenita e suas filhas: Andréa e Erika.

cuidado com muita delicadeza, como os banhos feitos através de um pano de lã molhado, para que a pequena conseguisse sobreviver. Apesar de ter nascido em Picuí, a jovem se considera pessoense, pois foi na capital da Paraíba onde viveu grande parte de sua vida, quando saiu de Pedra Lavrada em 1982 até a sua saída por alguns anos para morar em Fortaleza com seu esposo. Após esse período morando longe, ela volta para a companhia do seu pai Iêdo e traz consigo um presente valioso: a pequena Helena.

Erika tem trinta e seis anos de idade, conta com uma personalidade forte e enfrenta todas as dificuldades da vida sozinha. Passou no vestibular para geografia na Universidade Federal da Paraíba, bem como obteve aprovação em outros cursos, mas, por opção pessoal preferiu não seguir carreira acadêmica, atualmente trabalha como garçomete. Aparenta não gostar de seguir padrões pré-estabelecidos, gosta de levar uma vida tranquila, aproveitando o seu maior tesouro, que é sua filha, que no decorrer da entrevista nos impressionou com seu jeito amoroso e educado de nos tratar.

A perda de seu esposo, que ela afirma ter sido seu grande amor, transfere para si a tarefa de ser mãe e pai de Helena. Ela exerce papel um pouco semelhante ao que seu pai teve que passar quando assumiu a responsabilidade de ser pai e mãe das filhas. Ela mesma se refere a Iêdo como “Pãe”, denominação advinda do fato dele ser pai e mãe ao mesmo tempo.

Kilma, ao falar da sua história de vida, diz ter nascido em um momento difícil para a família, pois foi ainda na sua gravidez que sua mãe descobriu o câncer, por isso não teve praticamente contato com a mesma. Mas, apesar de tudo, fala que teve uma infância feliz, pois conseguiu conviver em alguns momentos com seu pai Iêdo e suas irmãs: Erika e Andréa. Ela concluiu o curso de direito na Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande, e fez pós-graduação na Escola de Magistratura, em João Pessoa, onde permanece trabalhando na área. Recentemente se casou com João Paulo Medeiros e expõe o seu interesse em aumentar a família e ter um filho.

Andréa⁸³, a primogênita⁸⁴ de Elenita, narra que nasceu em Campina Grande porque em Pedra Lavrada, cidade onde morava, não tinha maternidade. Se mudou para João Pessoa com sete anos de idade, o que foi para ela uma época muito feliz, pois o convívio com a família, principalmente com os primos de sua idade, era bem intenso. Afirma também que encontrou nos estudos uma forma de amenizar a falta de sua mãe, por isso sempre conseguiu tirar notas boas na escola de dedicando cada vez mais. Entrou na Universidade Federal da Paraíba, no

⁸³ Ver os anexos J, K e L. J: Fotografia de Andréa Novembro de 1976, K e L: Fotografia aniversário de 1 (um) ano de Andréa.

curso de Biblioteconomia, e fez mestrado em Ciências da Informação na mesma instituição. Casou pela primeira vez com vinte e dois anos, foi professora substituta da UFPB e depois passou no concurso para docente efetiva na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Após três anos foi cursar o doutorado na Espanha, onde teve um segundo relacionamento que durou cerca de cinco anos. Voltou para Natal e assumiu a chefia no departamento de Biblioteconomia e atualmente assume a Coordenação do Programa de Pós-graduação em Gestão da Informação e do Conhecimento. Atualmente vive em um terceiro relacionamento e tem um filho de 2 dois anos chamado Vitor.

Andréa se mostrou uma pessoa séria, esforçada e independente, principalmente quando o assunto é trabalho. Por outro lado, no decorrer da entrevista ela conseguiu externar suas emoções, se apresentando ser uma mulher que guarda histórias e sentimentos. Talvez isso seja pelo fato dela ter sido a que mais conviveu com sua mãe e, portanto, a que mais tem lembranças. Ela se define muito parecida com Elenita: “Às vezes me pego pensando na minha mãe, como sou parecida com ela nessas questões de assumir cargos que exigem organização de pessoas”. (VASCONCELOS, 2017).

Para Le-Breton (2009, p. 36), o outro é a condição de sentido, ele é quem organiza a ordem de significado nosso no mundo. Segundo o autor, nunca estamos sozinhos em nosso corpo, todas as relações, opiniões que exercemos sobre um determinado fato ou a significação que escolhemos para a vida passa pela influência do outro.

Por ter sido Andréa, na infância, a que mais conviveu com Elenita é provável que ela tenha desenvolvido traços semelhantes aos de sua mãe, como o gosto pelos estudos e aos cargos que exigem organização de pessoas. Para Le-Breton (2009) é comum que as pessoas desenvolvam traços semelhantes aos do seu grupo, sobretudo, que isso ocorra na infância, que é quando a criança inicia os primeiros contatos de socialização com o seu grupo.

É percebido nas falas das filhas mais velhas uma satisfação de procurar características incomuns com sua mãe. Ambas relataram que fisicamente Erika é a que mais se parece com ela. A jovem é magra de tonalidade mulata e tem olhos escuros. “As pessoas falam que pareço muito fisicamente com minha mãe, que das três, fisicamente, quem mais parece com minha mãe sou eu”. (VASCONCELOS, 2017).

Quando Elenita faleceu Erika tinha apenas dois anos de vida, suas lembranças são poucas, mas são marcantes. As duas memórias ocorreram depois de adulta, o que nos levou a interpretar como uma memória que Albuquerque (2007, p. 201), a partir do teórico Halbwachs (2006), chama de memória involuntária ou a reminiscência. Esta é um nível em

que a memória é violentada por choques provenientes de signos sensíveis, imagens ou sensações já vividas que aparecem como rasgões.

Segundo Erika isso ocorreu por dois principais motivos: um por causa da terapia e outro por causa da sua filha, por ter se colocado na condição de mãe. As duas lembranças ocorreram depois de adulta.

A cena que eu lembro é justamente na casa em Cruz das Armas, onde a gente morava, ela deitada numa rede em uma das salas e eu com as almofadas no chão chorando, querendo ir para o braço dela, e ela chorando porque não podia me pegar [emoção]. (VASCONCELOS, 2017).

A cena lembrada ocorreu quando sua mãe já estava residindo na capital, João Pessoa, e já se encontrava enferma. Pelo que nossos entrevistados narram, o câncer de mama em Elenita chegou a comprometer todo o seu braço, com feridas expostas e por isso ficou impossibilitada de fazer quaisquer atividades, inclusive pegar suas filhas mais novas no colo: Erika e a recém-nascida, Kilma .

Acreditamos que esse tenha sido um momento muito difícil e até traumático para a jovem, pois naquele período ela talvez não entendesse o porquê de sua mãe não poder lhe pegar no colo, atitudes comuns em mães que tem filhos de dois anos. Por ainda ser muito jovem, Erika não entendeu a situação e por isso acreditamos que houve nela uma memória reprimida daquele momento, como se ela tivesse sido rejeitada pela mãe que não a pegou no colo.

Para Elenita, a recusa talvez tenha outros significados. A de que a vida estava passando, as dores físicas aumentando e as coisas simples, como pegar seus filhos no colo, estavam se tornando difíceis de serem executados. A outra lembrança foi a descrita abaixo.

Que vieram como flash e eu tava na missa e começaram a rezar salve rainha, eu comecei a escutar a voz de uma mulher falando e crianças repetindo, aí eu cheguei em casa e perguntei: pai, quem ensinava a gente a rezar salve rainha? Aí painho disse: Sei não. Aí liguei para Andréa: Andréa, alguém ensinava a gente a rezar salve rainha? Ela disse mainha, toda noite, ela rezava e a gente repetia. Aí eu disse: lembrei. Eu lembro da voz! (VASCONCELOS, 2017).

A oração atuou como gatilho, disparando as lembranças de Erika, que foi quem se lembrou do acontecimento envolvendo a voz Elenita; bem como da própria Andréa, a partir da pergunta feita por sua irmã. Percebemos, nessa passagem, considerações importantes a serem ressaltadas: primeira é a de que ela só teve lembranças após a idade adulta, diferente de

muitas memórias de Andréa, por exemplo, e a segunda é a de que a igreja parece ter sido um local estratégico para a aparição dessa memória que guarda todo um significado da vida de Elenita, já que era um local muito habitado por sua mãe. Outro aspecto é a oração “Salve Rainha” que é uma reza que em seu conteúdo tem como principal objetivo fazer preces a Nossa Senhora, mãe de Jesus⁸⁵. Podemos trabalhar com a hipótese de que Erika, ao rezar em outros momentos, ou naquele momento, tenha feito semelhança com a personagem de Nossa Senhora com sua mãe e até mesmo com outras lembranças passadas, já que sua mãe ensinava todas as noites esta reza.

Outro trecho da fala de Erika que nos chamou atenção foi que Iêdo desconhecia o fato de Elenita ensinar as suas filhas a realizar a oração. Uma das hipóteses é a de que talvez ele fosse um homem ausente na casa e nos horários da reza, que era no turno da noite, horário em que sua esposa colocava suas filhas para dormir.

Lembrando que o exercício de ensinar os filhos a rezar geralmente era uma atividade considerada obrigação feminina, pois para à maioria dos homens caberia as atividades de cunho manual, que exijam força ou algo mais técnico como o concerto de eletrodomésticos.

Erika acredita que foi pelo fato de ter sido mãe, de ter se colocado na mesma condição, o que a fez interpretar as coisas de outro ângulo, o lado de Elenita, a pensar mais nela, a querer ter lembranças suas. Entendendo que ela não o educou porque o destino não permitiu e não por escolha pessoal. Mas nem por isso ela não merece ter um papel importante em sua vida, mesmo estando ausente fisicamente nas ações do dia-a-dia. Sobre como essas lembranças impactaram sua forma de interpretar a vida, ela narra:

Até então, para mim só existia meu pai, ele fazia o papel de pai e mãe a vida toda e eu não conseguia dar o devido lugar à minha mãe, pela ausência, por não ter lembranças, por não... Só que aí depois que essa nasceu [aponta para Helena] eu consegui perceber que quem mais sofreu com tudo isso foi ela, porque não é fácil para uma mãe deixar um filho. (VASCONCELOS, 2017).

Erika responde que até três anos atrás não conseguia separar um espaço para sua mãe, pela ausência, por não ter lembranças, no entanto, depois que sua filha Helena nasceu, ela conseguiu se colocar na condição de mãe.

Para o psicoterapeuta López-Pedraza (2010), uma memória que tem se desenvolvido às custas da memória reprimida é um obstáculo a ser enfrentado, o objetivo consiste em fazer com que o indivíduo perceba que aquele fato faz parte de uma realidade e que foi realizada

⁸⁵ Personagem símbolo de algumas religiões como a Igreja Católica.

pelo próprio destino. Assim, o paciente, nesse caso Erika, tinha uma memória esquecida ou até reprimida. Depois de ser mãe, mesmo sem a presença inicial de um profissional da área da psicologia, ao se colocar na condição de Elenita, conseguiu assimilar a ausência da sua mãe a um destino que não pode escolher.

Erika passou a compreender um pouco sobre o sofrimento pelo qual Elenita passou, pois não é fácil deixar um filho. “Primeira vez que eu deixei minha filha na casa da avó, para passar uma tarde, saí chorando; minha mãe deixou três e foi não porque quis. Graças a Deus hoje em dia eu vejo o lugar de minha mãe”. Ela afirma que desenvolveu o sentimento de amor por sua mãe e que gosta de alimentar esse sentimento através da procura de objetos, fotografias que tragam a sua memória. Seu desejo é deixar registrado em seu corpo, fazendo uma tatuagem com a assinatura das pessoas que mais amam: Helena, Iêdo e Elenita.

Sobre os usos da tatuagem contemporânea, Leitão (2004) as entende como havendo uma transformação de público, que passou a acontecer nas décadas de 1950 e 1960 do século XX, quando seus usos passaram a ser utilizados por gangues e movimentos culturais como o hippie e o punk. Para o autor, a tatuagem era tratada através da marginalidade, pois ela estava ligada a propostas políticas e estéticas contrárias à norma social.

Houve algumas mudanças na forma de entender e levar a pessoa a realizar tal procedimento, por isso, a partir dos anos 1960 deixa de ser vista como transgressora e passa a ser uma prática mais aceita coletivamente. (LEITÃO, 2004). Assim, aconteceu com Iêdo Carvalho quando a própria filha afirma que inicialmente fez o desenho em sua pele escondido do seu pai, só depois foi que ele passou a aceitar essa ação como uma vontade individual dela.

Leitão (2004) aponta que, entre outros motivos que levam a pessoa a fazer o procedimento como a estética, a tatuagem é também entendida como uma fronteira entre a individualidade dos sujeitos e do mundo. Assim, ela exprime através da pele uma relação afetiva com a marca registrada em seu corpo e que se não interrompida através de outros procedimentos, ela durará por toda a vida do sujeito. Ao querer tatuar o nome de Elenita, percebemos que Erika mantém uma relação de carinho por sua mãe, uma vontade de lembrá-la sempre que olhar para seu corpo tatuado, uma homenagem, um ato de amor e carinho.

É importante destacar também que Helena, sua filha, leva esse nome em homenagem a Elenita. Erika, juntamente com seu esposo, que achou a história de vida da professora bonita, em sua homenagem escolheu um nome similar, que a lembre. Isso demonstra a admiração que tem por sua mãe e conseqüentemente por sua história de vida.

Erika afirma que também desenvolve o sentimento de amor por Zefa, a empregada que foi trabalhar para a família treze dias após o falecimento de sua mãe. Ela é considerada sua “outra” mãe, principalmente por ter convivido por cerca de vinte e dois anos com ela.

Kilma da Luz, diferente de Erika e Andréa, foi educada por Rita Vasconcelos, que foi uma irmã próxima de Elenita, as duas moraram juntas boa parte de suas vidas, primeiro na infância em Pedra Lavrada e depois quando foram estudar em Campina Grande. Logo após, Rita conseguiu seu diploma de economista e recebeu uma proposta de emprego no Norte, permanecendo distante por cerca de dez anos.

Esta quantidade de anos é relacionada ao tempo que sua irmã morou em Pedra Lavrada, no entanto, as duas sempre mantiveram contato apesar da distância. Ao saber que Elenita estava doente e residindo na capital, a economista pede transferência no seu emprego para cuidar da irmã na capital da Paraíba.

Não conseguimos uma entrevista com Rita, as informações aqui escritas foram relatadas por sua filha adotiva. Ela acredita que o silêncio da sua mãe e tia é causado pela emoção que teme em sentir ao lembrar esses momentos de dor. Principalmente porque foi a própria quem escreveu a carta e que nunca lhes contou detalhes sobre esse momento. Andréa também compartilhou desse argumento e acrescenta que foi ela quem esteve presente no momento que Elenita partiu e isso causa desconforto ao lembrar.

Silva (2008), tomando como inspiração os textos de Walter Benjamim, apresenta a importância da figura do narrador para a memória. Ele exemplifica com o caso da Ditadura Militar no Brasil (1964), relatando que muitos testemunhos não conseguiam falar sobre as experiências vividas, pois para essas pessoas falarem, era o mesmo que lembrar e voltar àquela realidade, o que mesmo por meio da memória era algo indesejado e ruim. Acreditamos que o fato de Rita optar pelo silêncio constitui uma memória traumática e que esses acontecimentos podem acarretar em sentimentos não desejados. Portanto, respeitamos os sentimentos dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa e não insistimos na entrevista.

No nosso encontro com Kilma, ela relata a memória repassada por Rita de como foi o primeiro encontro seu com ela, que considera ser sua mãe. Sobre o relacionamento das duas ela descreve:

Mas, sempre minha mãe Rita falava com minha mãe Elenita e sabia de tudo o que estava acontecendo, é tanto que ela pediu transferência e veio transferida justamente nessa época, pouco depois do meu nascimento. Ela [Rita] disse que quando chegou [chorando] do Norte, que foi lá ver minha mãe, sabia que ela estava muito doente, que eu tinha acabado de nascer. Ela disse que minha mãe [Elenita] estava em pé numa janela comigo no colo,

[chorando] aí quando ela viu, caiu no choro e me colocou no colo dela, e aí foi todo aquele momento que ela ajudou a cuidar de mim, mas também ficava no hospital, é tanto que quando minha mãe faleceu quem tava com ela no hospital era ela, e pronto, e minha mãe Rita é assim, ela é muito... ela tinha sido casada no Norte, não teve filhos separou e depois disso ela não teve mais, não casou, nunca mais teve filhos. Então, fui criada como filha única, ela é uma mãe muito presente, muito disciplinadora. Assim, sabe, fui criada com regras, com horários, com tudo certinho, fazia natação tal hora, inglês tal hora, colégio, bem disciplinada, mas uma mãe muito amorosa que dedicou a vida a mim, porque ela abriu mão da vida pessoal dela pra cuidar de mim, pra se dedicar cem por cento a mim, e é assim até hoje, e se puder resolver as coisas por mim, se eu deixar ainda vai [risos]. (MEDEIROS, 2017).

Através dessa passagem, podemos perceber como foi o primeiro contato de Kilma e Rita quando soube que sua irmã se encontrava enferma, já debilitada emocionalmente pela gravidade da doença. Vale lembrar que Rita não educou a caçula sozinha, mas com a presença de Violeta Vasconcelos⁸⁶, também irmã de Elenita. No entanto, depois de alguns anos Violeta se casou e foi morar em outras localidades, por isso Rita foi quem ficou mais próxima dela.

Para Le-Breton (2009), as emoções nascem de uma avaliação a partir de um acontecimento presenciado pelo ator e provido de sensibilidade própria. Elas são pensamentos em ação dispostas num sistema de sentidos e de valores. As culturas afetivas exprimem através de uma linguagem a sua história pessoal, o seu estilo, sua avaliação da situação.

Este acontecimento sobre o primeiro contato dela com sua mãe e tia Rita parece ter sido um momento singular que marcou suas vidas. Pois embora ela não tenha saído do seu ventre, mas foi quem desempenhou uma relação afetiva de mãe. A impressão que nos foi repassada através da entrevista é o sentimento de gratidão que envolve as duas. É como se o amor que Rita tivesse por Elenita fosse transferido para Kilma, que a trata como sua mãe, retribuindo com afeto e gratidão todos os seus ensinamentos.

Rita optou por não casar e não ter outros filhos, dedicou sua vida baseando-se no trabalho como economista e na criação de sua filha. Apesar dos laços entre as duas, ela afirma que sua tia e mãe, na sua educação, nunca tentou ofuscar as memórias de sua mãe biológica e nem o papel de Iêdo como pai. Principalmente quando havia decisões que pareciam importantes, como viagens, namorados, ela sempre aconselhava a consultá-lo antes de qualquer atitude.

⁸⁶ Conseguimos contato com Violeta Vasconcelos, no início da pesquisa, em 2014, que generosamente se prontificou a nos ajudar. No entanto, devido à sua saúde fragilizada, optamos por não a entrevistar naquele momento. Já de idade avançada, poucos dias depois vem a óbito, não sendo mais possível ser entrevistada.

Quando toco no assunto de qual o papel Elenita exerceu na sua vida, já que no início da entrevista ela deixa claro que a mãe dela é Rita. Kilma relata:

Olha, eu achei difícil essa pergunta, deixa eu te dizer, eu cresci sabendo quem é meu pai e que minha mãe é Rita, né, quando eu falar minha mãe... me contando a história, me contando que a minha mãe era Elenita, que ela tinha ido para Papai do Céu... essa história toda, mas, assim, é complicado pra mim, algumas vezes eu me peguei pensando, assim, como seria se não tivesse acontecido, né? Se eu tivesse crescido numa família convencional, com minha mãe, meu pai e com minhas irmãs, só que pra mim é complicado porque, não é que eu queria que tivesse acontecido, mas se não tivesse acontecido eu não teria a mãe que eu tenho que é a mãe que eu amo, que é a mãe que me educou que me criou sabe... Então eu cresci sabendo da história, vendo fotos, escutando um pouco sobre como ela era e tal, mas... infelizmente é desconhecida... Assim... Quando ela faleceu eu tinha dez meses, só. E muito antes ela já estava interna então... praticamente não convivi. (MEDEIROS, 2017).

Kilma teve apenas dez meses de convivência com a professora, por isso ela afirma não ter nenhuma recordação de sua mãe. Acredito que por isso ela não sabe ao certo qual sentimento desenvolveu por sua mãe biológica. Na convivência diária com Rita ela pôde sentir o amor de mãe, e, paulatinamente Elenita foi se afastando de suas memórias, com a qual ela nunca compartilhou experiências importantes do dia-a-dia, como sua formatura, casamento, entre outros.

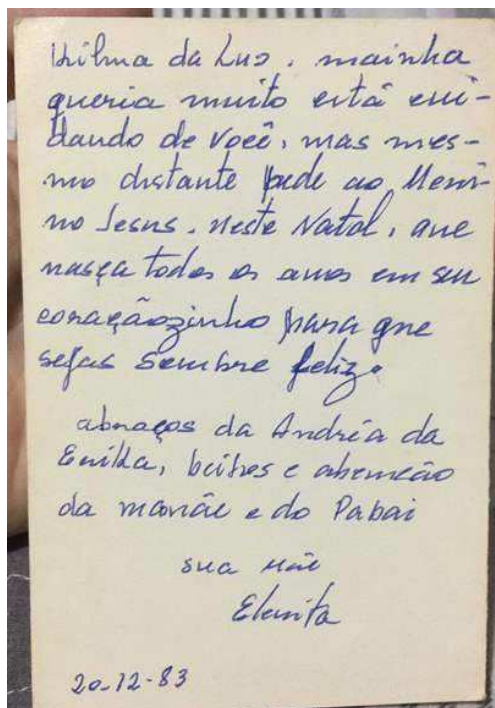
“Quando vem ao mundo, a criança parece um organismo prematuro, aberto, disponível, o qual ainda vai ser formado. Esse inacabado não é tão-somente físico, mas também, psicológico, social e cultural”. (LE-BRETON, 2009, p. 1). Para os estudos antropológicos culturais, o recém-nascido é aberto a quaisquer solicitações. A criança vai aos poucos sobrevivendo e recebendo estímulos que visam garantir a apropriação de sinais e símbolos que permitirão compreender o mundo e comunica-se com os outros. Os estímulos recebidos visam garantir um sentido particular o do grupo em que vive.

Os estímulos que foram sendo construídos em sua vida tiveram a presença diária e constante de Rita, sendo difícil ela conseguir imaginar uma vida sem sua tia. Isso deu a Kilma uma visão particular da mãe. No entanto, não podemos afirmar que ela não tenha desenvolvido sentimentos pela figura de Elenita, pelo contrário, ela teve duas mães. Uma pela qual foi educada e convive pessoalmente por muito tempo; a outra com a qual, pelas circunstâncias da vida, não pôde estar ao seu lado fisicamente, mas vive em sua vida através das lembranças contadas por outras pessoas como Iêdo.

Para Halbwachs (2006), cada memória individual é uma versão da memória coletiva, e esta versão se modifica através das relações que mantemos com outras pessoas. Através desse contato com as pessoas que conviveram com Elenita, Kilma vai moldando e criando simbologias que permitem ter uma visão de mundo a respeito dela.

Percebemos em Kilma um carinho e um especial jeito de falar sobre Elenita, principalmente através da forma emocionante como se interessa em saber sobre a história de vida de sua mãe biológica. Ela também guarda alguns registros de recordação, como um cartão escrito pela professora, quando já se encontrava enferma em dezembro de 1983, dois meses antes do seu falecimento, escrita a seu próprio pulso, quando ainda tinha condições de escrever. Ela acredita que sua mãe biológica tenha deixado para as suas irmãs, mas até o presente momento, só temos acesso a esta de Kilma e a que foi lida em seu velório. Sabemos que ela direcionou outro escrito a Andréa mas não conseguimos ter acesso.

Figura 5 – Cartão de Natal escrito por Maria Elenita para Kilma Vasconcelos



Fonte: acervo pessoal de Kilma Medeiros.

Para Gomes (2004), essa escrita faz parte de um objeto cultural, portanto, está inserida em uma série de características comuns à sua época. O cartão obedece às regras gramaticais próprias desse estilo de escrita, com uma linguagem íntima e oral, principalmente com usos da palavra “mainha”. No início tem o nome do destinatário: “Kilma da Luz”; o assunto

tratado: “Neste Natal, que nasça todos anos em seu coraçãozinho”; a saudação no final, “Abraços [...]”; Assinatura: “Sua mãe Elenita” e a data “20-12-83”.

Elenita, ao perceber que sua saúde estava cada vez mais fragilizada e que a morte talvez fosse chegar em breve, na tentativa de superar um distanciamento físico, escreve este cartão. Foucault (1992, p. 145) apresenta em sua obra, *O que é um autor?*, essa escrita como um exercício pessoal que atua naquele que escreve, no caso, da professora, e do destinatário, Kilma .

“A carta é enviada para auxiliar o seu correspondente – aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo [...]. Oferece armas lógicas com as quais luta contra o desgosto”. (FOUCAULT, 1992, p. 147). Ao escrever, Elenita parece ter como objetivo consolá-lo ou justificar a sua ausência durante a vida da sua filha, pois, ela acredita que não conseguiria viver por muitos anos. O ato de escrever também foi uma forma de apresentar a Kilma que estará presente ao longo de sua vida, que não iria esquecer dela mesmo distante “A carta é também uma maneira de se apresentar ao correspondente no decorrer da vida cotidiana”. (FOUCAULT, 1992, p. 155). Como forma de consolação, ela afirma que mesmo distante fisicamente, vai pedir a Jesus a sua felicidade.

Ao que parece, Elenita também não faz uso da palavra morte, ela apenas diz que estará longe de Kilma . Segundo Elias (2001, p. 26), “A dificuldade está em como se fala às crianças sobre a morte e não o que lhes é dito”. Nas sociedades modernas, o assunto é evitado, pois as pessoas acreditam que, dessa forma, podem impedir de transmitir traumas para a infância, principalmente por ser essa fase o momento de transformação pessoal. É como se a criança não tivesse maturidade para compreender a morte, se caracterizando como um tabu. Acreditamos que esse seja um fator a ser considerado em relação à escrita do cartão, pois o uso da palavra “distante” é diferente da palavra “morte”, que traz a ideia de finitude e de perda, imaginário construído socialmente.

O momento aqui parece ganhar significados, pois o cartão foi escrito para o Natal, momento que na religião católica (seguida por Elenita) e em outras se comemora o nascimento de Jesus Cristo, símbolo sagrado para a crença e, geralmente, é comemorado no dia vinte e cinco de dezembro. Nessa ocasião as famílias se unem, se confraternizam e, principalmente, é um período reservado para as pessoas fazerem suas reflexões acerca das experiências vividas no ano que está finalizando e traçar novos objetivos para o ano vindouro. Acreditamos que o momento da escrita do cartão foi bem difícil e cunhado de muita reflexão sobre sua vida. A enfermidade se tornou um agravante difícil de conter, as dores físicas e emocionais parecem também ter-se feito presentes no momento da escrita,

principalmente incerteza de não se fazer presente nos próximos anos, junto com a sua família e principalmente a sua filha recém-chegada.

É possível deduzir com linguagens diferentes, de acordo com culturas distintas, que ela usa as palavras: “mãe”, “mamãe” e “mainha”. Acreditamos que essa repetição traz a possibilidade de refletirmos a ideia de medo de que sua filha a esquecesse. Uma forma dela se auto afirmar mãe dela é repetindo várias vezes palavras com o mesmo significado, demonstrado um sentimento de tristeza em relação ao fato de que ao final de sua vida, continuará sendo mãe.

Ela escreveu este cartão de natal nesse período, em particular para a caçula, até onde conseguimos obter informações, e isso traduz-se em um ressentimento por parte da professora de não conseguir conviver muito tempo com ela. Acreditamos que esse pode ser considerado importante para refletirmos sobre o ato dela escrever o cartão naquele momento. É também interessante que, mesmo não escrevendo, nesse momento, um cartão para as outras filhas, ela não deixa de citá-las na carta.

Talvez o sentimento de Elenita com Kilma, naquele momento, seja diferente para com as demais, pois com Erika e Andréa ela conseguiu conviver, conhecer seus medos e gostos, saber que por mais que o tempo passasse era possível que elas tivessem lembranças suas, uma opinião própria formada, enquanto que com a caçula não, a memória só seria obtida através de outras pessoas. Ela imaginou que o escrito que deixaria para sua filha, era uma forma de lembrança da sua passagem aqui na terra.

Quando escreveu: “abraços da Andrea, da Erika, beijos e abençoção da mamãe e do papai”, notamos que ela traz a ideia de família e união. Pois é provável que as crianças não tivessem a intenção de escrever para sua irmã naquele momento e nem a intenção de enviar através da escrita um abraço, mas como forma de que os sentimentos de carinho e de amor através de um abraço prevalecessem entre a família, por isso ela os cita.

A carta fala tanto de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe, anunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos. (FOUCAULT, 1992). A forma como Kilma guardou esse registro revela traços de uma pessoa que tem admiração pela memória de sua mãe, apesar da ausência em sua vida. Principalmente pelo interesse em nossa pesquisa, oferecendo-nos esse registro íntimo, na expectativa que ela seja problematizada e venha ser publicamente exposta e interpretada por outros públicos.

Elenita também escreveu uma carta para Andréa que confirma essa informação e acrescenta:

Eu lembro de ter visto esta carta, quando eu tinha uns onze anos. Mas, aí, eu já na idade adulta.... Aí eu lembro de ter lido e devolvido para o meu pai e ele devolveu para o cofre onde guardava as coisas. E já na idade adulta eu tive curiosidade de ver de novo, de ver com olhar de uma mulher adulta, ver aquela carta. Mas aí ele disse que não tinha mais essa carta. (VASCONCELOS, 2017).

Ela narra que após a morte de sua mãe não conseguiu ler essa carta, conviver com ela. Acreditamos que esse registro tinha um papel forte, que ganhava significações. Ele trazia a prova de que sua mãe tinha falecido e isso era muito doloroso suportar tal fato.

Ela afirma que a parte que lembrou desta carta, quando leu, foi com doze anos: “Era que ela dizia para eu cuidar de Kaká, para eu ajudar a cuidar de Kaká, de Érika. Que tivesse paciência, uma coisa assim. Que isso era uma coisa que me lembrava muito [risos] para eu ter paciência com minha irmã”. (VASCONCELOS, 2017). Ela acrescenta, ainda, que seu pai também a lembrava constantemente desse pedido de Elenita. Isso traz a ideia de que Iêdo também procurava seguir os conselhos que sua esposa deixou antes de partir e que a própria Andréa lembrava em determinados momentos desse pedido, demonstrando que os dois tinham muito respeito e atenção para com a figura de sua mãe.

Por mais que Andréa não se lembre dos assuntos presentes no escrito, ficou registrada em sua memória a parte da carta que ela pede para a primogênita cuidar da sua irmã. É perceptível através deste fato que há uma vontade de Elenita para que exista cumplicidade, cuidado e zelo de uma com a outra. Principalmente para que a primogênita, como filha mais velha, assumira seu lugar de mãe.

Esse fato é comum em famílias que transferem a responsabilidade para os filhos mais velhos, na ausência dos pais, sendo eles obrigados a cuidar dos mais novos, assim como a própria professora foi educada, sob os ensinamentos e cuidados, muitas vezes das suas irmãs mais velhas, Juvita e Violeta. Acreditamos que, por Andréa ter oito anos na época, era a filha mais velha, então, Elenita transferia a ela esse desafio de cuidar da sua irmã.

Como esses escritos consistem em uma pesquisa acadêmica, achamos importante ponderar acerca dos fatos que chegaram até nós. O historiador Albuquerque (2007) acredita que a tarefa do historiador é não deixar as versões aceitas do passado se petrificarem, mas estabelecer novas relações, encarar os fatos com censo crítico, aprendendo a olhar para o fato histórico em outras posições. Uma dessas questões que nos chamou atenção é referente ao destino que teve a carta que Elenita escreveu para Andréa.

No primeiro momento, Erika, pareceu que nunca tinha lido esta carta, pois em sua fala pareceu confundir que a carta endereçada para Andréa tenha sido aquela presente na

monografia. Isso foi descartado por Andréa, que afirmou ter sido outro registro e não aquele. Isso demonstra o desconhecimento sobre a carta por parte de Erika.

Quando tocamos neste assunto com Kilma, ela narra que não sabia da existência de nenhum desses escritos, só o do cartão que foi endereçado a própria e que carinhosamente nos cedeu para servir como fonte nesta pesquisa.

Andréa também foi muito gentil e nos apresentou várias fotografias, incluindo seu depoimento, que pareceu ter sido muito doloroso e não se refutou a falar sobre nenhum assunto. Para ela, esta carta ficou sobre os cuidados do seu pai. Tempos, na adolescência, depois teve curiosidade e seu pai afirmou que não tinha mais o registro.

Gomes (2004) afirma que, pelo fato das pessoas pouco escreverem cartas na atualidade, devido aos veículos de informações, como o digital, caracterizado sobretudo pela rapidez das informações que são repassadas para o remetente, muitos registros se perderam, pois, as pessoas não são cientes da importância do registro para a pesquisa histórica. Embora esse seja um fato a ser levado em consideração, temos pessoalmente nossas dúvidas, pois um aspecto que nos chamou atenção foi a forma como Iêdo preservou outros documentos de Elenita.

Algumas questões não foram esclarecedoras neste fato, visto que se configurava um importante e pessoal registro histórico de sua filha. Achamos pouco provável que seu pai tenha dado a alguém ou perdido, já que, através de uma visita realizada na sua casa, no mês de abril, do ano 2017, percebemos que ele tinha muito zelo para com os documentos e as lembranças de Elenita.

Uma das hipóteses que talvez esclareça o ocorrido é a de que ele realmente tenha resistido a entregar esta carta a Andréa, visto que percebia que ela alimentava a esperança de que sua mãe estava viva e por temer que ela não conseguisse suportar o assunto morte, preferindo, assim, escondê-la.

Outra hipótese é a de que esta carta esteja com Andréa. Corroboramos com Gomes (2004), quando ele disserta sobre a carta enquanto um documento importante e muitas vezes inacessível, pelas barreiras impostas pelos segredos (familiares, políticos e profissionais) e, principalmente, pela invasão de privacidade, já que ao fazer parte de uma escrita da história ela passa por uma série de procedimentos que constituem análise como fonte histórica.

Por acreditar que é um registro pessoal, que traz informações de sua vida, ou momentos dolorosos, pode ocorrer que Andréa tenha desejo de que este registro não viesse a público. Como já mencionamos anteriormente, respeitamos e entendemos os pensamentos e

opiniões dos sujeitos envolvidos nesta escrita, principalmente porque a primogênita foi muito sensível e carinhosa para com esta pesquisa.

Andréa, em nossa entrevista, se mostrou muito emotiva quando entramos no assunto do falecimento da sua mãe e isso é percebido quando, em alguns momentos, ela se emocionou e foi necessário interromper a entrevista para que ela conseguisse se reestabelecer e continuar sua fala.

Quando ela morreu, eu vi, eu fui para Pedra Lavrada, onde foi o enterro, eu vi minha mãe no caixão, mas acho que [emoção] enfim, para suportar [voz trêmula], eu botei na minha cabeça que aquilo não era verdade, que na verdade ela tinha é... [voz trêmula/emoção] ela tinha precisado viajar para se tratar e que [pausa/emoção], como eu era apegada com ela, tiveram que contar essa história para eu aceitar, senão eu ia querer ir junto e eu fiquei anos com isso, que ninguém me disse, que eu creio, né. E aí acho que com doze anos foi que a minha ficha caiu, de que não era verdade aquela história que eu tinha criado. [emoção] (VASCONCELOS, 2017).

Andréa tem fortes lembranças de sua mãe e preferiu alimentar a esperança de que ela não tinha falecido, mas que tinha viajado para outro lugar e que voltava para o seu convívio, que as pessoas estavam mentindo para ela, que na verdade sua mãe tinha viajado para outro local e que voltava. O sonho foi acabando, o tempo passando e a realidade se apresentando. Acreditamos que foi um momento difícil para a jovem, pois foi quando de fato pode vivenciar seu luto.

Freire (2005) aponta que o luto é um estágio importante a ser vivenciado, pois é a partir deste sentimento que ocorre o entendimento do homem sobre si mesmo, que leva o sujeito a entender os limites de sua existência. O fato da morte fugir do controle do ser humano recai sobre a fragilidade dele em ter que admitir que todos nós vamos passar pela experiência morte.

Até a adolescência, ela ainda não tinha vivenciado o luto, isso porque ela alimentou a esperança de que sua mãe tinha viajado. Era menos doloroso para ela acreditar em outra desculpa do que imaginar a morte e o fato de que sua mãe não voltaria para o convívio da família. Quando Andréa percebeu que deveria encarar a morte da sua mãe como um fato, porque isso era um limite da nossa existência, ela se sentiu frágil, triste, porém, isso foi muito importante para que ela se reestabelecesse e tivesse outro entendimento de que não pode mudar o destino da morte, pois é a condição da própria vida.

Ela nos conta que era muito apegada à sua mãe, sempre andavam juntas e por isso sofreu muito depois que a realidade apareceu na sua vida. Acreditamos que foi nesse período

que Andréa teve interesse em ler esta carta. Ela ainda afirma que para suportar esse trauma, recorreu à terapia, assim como Erika.

Assim que a minha mãe faleceu, ainda na infância, então, também já fiz terapia, e na terapia eu resinifiquei muito dessas memórias e da imagem da minha mãe. Porque lá na adolescência com doze anos é quando a ficha caiu que a minha mãe tinha morrido, de verdade, né... Me doeu, claro! Dor e tristeza, mas me deu também muita raiva, [voz trêmula], dá raiva! Porque a sensação: você foi embora! E eu fiquei aqui e não era para você ter ido! [voz trêmula/ choro] e isso foi uma coisa que eu precisei trabalhar na terapia, mas que foi um aprendizado pra mim. Que me propiciou uma percepção da vida, né, diferente, né, do que na verdade. Uma vez a terapeuta falou para mim: tua mãe não, ela viveu o que tinha que viver, e seguiu no dela, e ponto. E cada um de nós só está aqui o tempo em que a gente tem alguma coisa pra fazer, quando a gente conclui, a gente vai embora. A gente não é daqui, a gente passa! (VASCONCELOS, 2017)

Andréa passou a vivenciar ressentimentos de um fato no passado. É necessário entender que o sofrimento é uma emoção essencial e básica, é a função por excelência da nossa psique segundo o psicoterapeuta López-Pedraza (2010, p. 77). Para o autor, existem maneiras de se conhecer o sofrer da psique, de aprender a conviver com esse sentimento. O papel da terapia consiste justamente nesse objetivo: conduzir o indivíduo a uma grande ampliação da consciência.

O ressentimento, por sua vez, é causado por um sofrimento, nesse caso, um trauma infantil que se tornou complexo e autônomo na vida de Andréa. Isso, de alguma forma, trouxe efeitos negativos, em forma de sentimentos como raiva; pela fala ela culpava sua mãe por ter partido, ter a deixado sem sua presença física.

Com ajuda de um profissional da psicologia, ela pôde resinificar, aprender a lidar com seus sofrimentos. A perceber que não foi por escolha própria que sua mãe saiu do seu convívio, mas por um plano espiritual da qual somos passageiros, que é a única certeza que carregamos na vida, que devemos cumprir nossos objetivos, talvez o objetivo de Elenita tenha sido cumprido na terra e como a própria mesmo fala: “Eu acho que ela foi uma mulher que viveu plenamente, sabe, acho que muitas pessoas acabaram passando aqui muito tempo pela metade e eu acho que ela não viveu pela metade. (VASCONCELOS, 2017).

Andréa aprendeu a não sentir raiva da partida de sua mãe, conseguindo conviver com esse incidente não como algo trágico, pelo contrário, passou a olhar para história de vida de sua mãe, com admiração, com pontos positivos, através das lembranças boas.

A primeira coisa [voz trêmula/ choro] é que, assim, de certa forma, as pessoas, pela forma como foi a morte dela, pelo momento de vida em que ela morreu as pessoas falam muito da vida dela, como... como um componente trágico, muito grande. E eu gosto de [pausa leve/voz trêmula], eu gosto de... olhar a vida dela como um todo e quando eu olho a vida dela, como um todo, eu me sinto muito feliz pela vida dela. [choro] Porque eu sei que ela fez o que ela quis, eu acho que ela [choro] gostava de estudar, então ela estudou, ela estudou o que ela quis. Ela casou com o homem que ela quis, que ela amava, outra coisa também a pontuar é que ela, com a educação que teve, de Pedra Lavrada, então ela era, meu pai também era muito inusitado pra ela, né... um forasteiro que tinha menos educação formal que ela, que não era de uma família tradicional lavradense ou paraibana. E... se ela fosse uma mulher convencional, ela teria encontrado um homem também convencional. E ela... eu acho que ela casou com o homem que ela quis e com um homem que [voz muito trêmula/ choro] permitiu que ela fosse ela. Não que ela precisasse da permissão para ser ela, mas um homem que não a limitou. Então, eu acho que ela foi uma [pausa longa/ crise de choro]. (VASCONCELOS, 2017).

Andréa diz que as pessoas se referem à história de vida de sua mãe como um componente trágico, triste e ela acredita que atualmente não enxerga dessa forma. Ela sente saudades e ao mesmo tempo tristeza por não tê-la em sua convivência, porém, ela retorna a história e percebe que sua mãe também teve sonhos realizados, ela viveu momentos felizes, principalmente através de Iêdo que, para a época, era uma pessoa desconhecida, com menos educação formal. Segundo ela, seu pai era inusitado. Ela narra que o motivo da felicidade de sua mãe se deu também através de seu pai, que foi um homem que não limitou as ações de Elenita, ele deu oportunidade de ela viver e realizar seus sonhos.

Após essa narrativa, ela sente uma carga emotiva forte, empreendendo contínuas crises de choro. Fazemos uma pausa na entrevista e pedi que ela só voltasse a falar quando estivesse reestabelecida emocionalmente. Ela admite que essa era uma conversa muito difícil, porém, terapêutica.

Mas, é terapêutica também essa conversa, enfim, eu acho que ela foi uma mulher que viveu plenamente, sabe, acho que muitas pessoas acabaram passando aqui muito tempo pela metade e eu acho que ela não viveu pela metade. Eu acho que ela teve a possibilidade de expressar a essência da sua vida, eu acho que ela fez o que ela quis, acho que ela casou com quem ela quis e ela casou com um homem que ela amava muito. Eu acho que ela foi muito feliz, né? E tendo as filhas, quantas mulheres não teve essa alegria e ela teve [voz trêmula] e acho que ela se realizou muito também [pausa leve] nas amizades que ela teve, eu lembro que ela se realizava muito quanto às atividades que ela fazia. Na minha memória de criança era coisas muito mirabolantes: as festas da escola do dia 7 de setembro, botava uma pessoa de cavalo branco montado, eram festas grandes e as pessoas iam pra frente da escola e ela organizava aquilo, ela foi uma pessoa que realizou muito das ideias que ela teve, das coisas que ela concebeu, ela teve a oportunidade de

implementar muitas coisas, eu acho que ela se realizou muito nas amizades que teve, eu acho que ela foi também uma pessoa que teve muitos afetos, de ser afetuosa e de receber muito afeto e eu lembro que o fim da vida dela foi assim, né? E eu lembro de muitas pessoas visitando, eu lembro muitas pessoas escrevendo e [pausa média/choro] e ainda hoje algumas pessoas me tratam e tratam as minhas irmãs com carinho especial, não por mim, [crise de choro/voz trêmula] mas por ela [pausa longa/choro]. (*Ibidem*).

Ela acredita que sua mãe se realizou muito através dos estudos, das ações no meio profissional, do seu esposo Iêdo, das filhas que teve e dos afetos que construiu na cidade. Pelas entrevistas realizadas com outras pessoas e com a própria Andréa, constatamos que Elenita teve, em seus últimos dias de vida, muito apoio de amigos que foram não apenas visitá-la quando a professora ainda conseguia recebê-los⁸⁷, mas de apoio emocional dado à família no período.

Elenita construiu muitos afetos na cidade, teve sonhos e realizações, porém, a saudade acompanhada de muita tristeza ainda é um fato na vida, principalmente das filhas, que não tiveram a oportunidade de conviver muitos anos com sua mãe.

Para Erika e Andréa, que foram as que moraram juntas na infância e que conviveram um pouco mais com Elenita, o dia das mães era um período onde as emoções se afluavam com maior fervor sobre a morte de sua mãe, este dia é comemorado no segundo domingo de maio no Brasil.

Antigamente era uma coisa muito triste o dia das mães aqui em casa. Eu sempre chorava apesar de, na escola que eu estudei 7 anos, tudo de dia das mães que tinha que fazer, peça, recitar poema, tudo era eu. Aí eu sempre ganhava flor do povo e dava pra Zefa ou pra Painho (CARVALHO, 2017).

É costumeiro comemorar o dia das mães nas Escolas, no Brasil essa data corresponde ao segundo domingo de maio, por isso é uma data móvel, geralmente são promovidos eventos com o objetivo de unir e interagir família e escola. Alguns autores como Rego (2003) acreditam que essas são instituições importantes para o processo físico, intelectual, emocional e social de uma criança.

Para Polonia e Dessem (2007) é importante destacar também que a relação existente entre família e a escola pode funcionar como propulsores e também como inibidores. A escola deve aderir aos novos conceitos de família, como sendo não aquela costumeiramente chamada de tradicional, “pai, mãe e filhos”, ou usando o critério de consanguinidade, mas o conjunto

⁸⁷ Elenita viveu seus últimos meses de vida no hospital e lá permaneceu sob cuidados médicos, não podendo receber visitas, além de alguns familiares próximos.

de variáveis com as interações sociais, afetiva, entre outras. Dessa forma, Zefa, a babá da família, desenvolveu o papel de mãe das meninas devido à convivência por vinte e dois anos.

Zefa foi uma mãe enviada por Deus, que ajudou muito na nossa criação, até hoje minha filha chama ela de vó, a gente tem contato, não perdemos o contato, eu tenho como uma segunda mãe mesmo, uma pessoa que fez parte da minha vida inteira. (VASCONCELOS, 2017).

Iêdo é caracterizado nas entrevistas como um homem batalhador e forte por ter enfrentado muitas dificuldades para educar suas filhas, por isso elas também atribuem o papel de mãe para ele. Como forma de amenizar a tristeza e a angústia causadas pela ausência de Elenita, a família resolveu, na segunda semana de maio, festejar o dia denominado por eles como “Dia dos pães”. Segundo Erika: “Dia dos pais a gente nem ligava, mas dia das mães a gente fazia almoço, dava presente, comemorava o dia dos pães porque a gente dizia que ele era pãe, pai e mãe”.

Para as filhas de Elenita, seu pai foi um exemplo de homem forte, pois conseguiu enfrentar todas as dificuldades financeiras, emocionais, entre outras, para conseguir educar suas filhas sem a presença da esposa. Sua vida foi guiada pelas lembranças de sua ex-companheira e baseada no melhor que podia para que suas filhas tivessem conforto e oportunidades de ser independentes financeiramente.

Infelizmente, não conseguimos entrevistar Iêdo, pois o destino não permitiu, ele faleceu no dia 03 de fevereiro de 2014, poucos meses antes de iniciarmos a pesquisa. No entanto, através das lembranças relatadas nas entrevistas, ponderaremos acerca da sua história e da memória construída por ele sobre Elenita para com suas filhas.

3.3 “Se eu nascesse mil vezes, mil vezes casaria com Elenita”

O título citado é uma referência à frase repetida por Iêdo várias vezes ao longo de sua vida, o que foi relatado em nossas entrevistas por Érika e Kilma. Neste espaço, analisaremos a vida dele e a relação com a memória de Elenita.⁸⁸

Ao iniciarmos a pesquisa em 2014 sobre a história de vida da professora, alguns entrevistados amigos⁸⁹ dela descreveram a personalidade do mineiro como a de um homem que trouxe muitas tristezas para a vida da professora, aquele que tinha casos com outras

⁸⁸ Ver anexo M e N. Fotografia Elenita e Iêdo (1) e (2).

⁸⁹ Optamos por não mencionar os nomes desses entrevistados. Tememos que possa causar algum desconforto entre os envolvidos.

mulheres na cidade e que não a amava. Porém, ao continuarmos a pesquisa em 2016, através das entrevistas de outras pessoas e, trazendo para a pesquisa o pós-morte de Elenita, passamos a ter outra visão do ex-esposo da socóloga.

Iêdo provou através de ações, que as traições talvez fossem características de um homem fruto do seu tempo, que para provar sua masculinidade devia ter outros casos além do casamento. Através das ações pós-morte de sua esposa, como a forma como educou suas filhas através da memória de sua esposa, agindo de acordo com os desejos da professora, foi um homem que amou Elenita além da vida. Ele abriu mão de muitas escolhas pessoais para seguir as determinações dela e foi considerado por suas filhas um “superpai”, pois enfrentou muitas dificuldades e que conseguiu educá-las com muito amor.

Iêdo Carvalho Rosa⁹⁰ era de uma família residente na cidade de Governador Valadares⁹¹, no estado de Minas Gerais. Segundo nossas entrevistas, a sua mãe, Margarida Carvalho Rosa, era filha de um alemão e uma portuguesa e tinham condições financeiras relativamente boas com propriedades de terras; o pai tinha uma pele mais escura, era mulato e por isso o casamento não era aceito pela família da mãe dele. Mesmo com a desaprovação, o casal insistiu no relacionamento. O pai acreditava que a forma de provar sua masculinidade era ter filhos, então por dez anos seguidos foram dez filhos. Esta era uma atitude comum a homens nos anos dourados, que para provar sua masculinidade deveriam ter muitos filhos (PINSKY; PEDRO, 2016).

O pai de Iêdo, Celso Rosa foi, relatado nas nossas entrevistas como um senhor que tinha muitos negócios em outros estados referentes ao comércio, não sabemos ao certo quais produtos ele comercializava, por isso residia também em outras localidades, não sendo apenas em Minas Gerais. Certo dia, a sua esposa descobriu uma de suas traições, situação que levou o relacionamento ao fim.

Margarida Carvalho Rosa passou então a educar seus dez filhos sozinha, sem ajuda financeira do seu ex-companheiro. Ela era professora e, como renda extra, confeccionava crochê, pano de prato, entre outros trabalhos manuais, até seus filhos conseguirem trabalhar e ajudar nas despesas da casa. Iêdo narrou para suas filhas que tinha uma impressão negativa de

⁹⁰ Ver anexo O. Fotografia de Iêdo Carvalho Rosa antes de conhecer Elenita.

⁹¹O município se estende por 2 342,3 km² e contava com 263.594 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 112,5 habitantes por km² no território do município. Vizinho aos municípios de Alpercata, Mathias Lobato e Capitão Andrade, situado a 180 metros de altitude, de Governador Valadares tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 18° 51' 2" Sul, Longitude: 41° 56' 53" Oeste. A prefeita de Governador Valadares se chama Elisa Maria Costa. Governador Valadares é irmã de 2 outras cidades do mundo. Disponível em: <<http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-governador-valadares.html>> Acesso: 30 de novembro de 2017.

seu pai, pois não dava atenção a ele, aos seus irmãos e nem qualquer ajuda financeira e ainda os violentava fisicamente quando crianças.

As traições entre casais são atos ainda comuns em nossa sociedade, no entanto, na obra de Pinsky e Pedro (2016), *Nova História das mulheres no Brasil*, há a descrição de que os atos ocorriam com maior frequência no início do século XX, quando eram mais comuns as traições de homens a suas esposas. Grande parte aceitava que seu esposo tivesse outra, porém, houve mulheres que ousaram não aceitar aquelas condições e se separavam, essas muitas vezes assumiam as despesas da casa e a educação dos filhos sozinhas, assim como a mãe de Iêdo.

Os homens eram educados para provar seu comportamento “masculino” controlando a sexualidade feminina, por isso, ter muitos filhos era sinal de que ele conseguia ter esse controle. A maioria das mulheres tinha que aceitar essa condição e ainda educar os filhos, principalmente nos anos de 1950, onde os métodos contraceptivos eram distantes do cotidiano das mulheres. (PINSKY, PEDRO, 2016).

Em 1950 muitas aceitavam essa condição temendo dificuldades financeiras e não conseguirem sustentar os filhos, já que nesse período a renda feminina consistia apenas em um complemento da renda familiar, principalmente por serem menos valorizadas financeiramente em seus postos de trabalho. Muitas mulheres acabam se prostituindo por não terem formação profissional e não conseguirem um emprego para sustentar seus filhos. (PINSKY, PEDRO, 2016).

A mãe de Iêdo, pelo que nossas entrevistas apontaram, já tinha alguma instrução escolar e por isso conseguia ministrar aulas. Acreditamos que o fato de já ter conseguido um emprego como professora ajudou a tomar essa decisão e recusar esse comportamento de seu esposo. Isso a levou a assumir todas as despesas da casa sozinha e ainda enfrentar o preconceito de ser uma mulher “separada”. Pois, nesse período, o preconceito para com essas mulheres era forte por parte das pessoas que sempre a culpavam pelo fim do relacionamento e pelas condições que se encontravam. (PINSKY, PEDRO, 2016).

Segundo Andréa, seu pai era considerado pela família como o querido da mãe, aquele que ela mais protegia. Isso se deu também pelo fato de ele ser o filho mais jovem e mesmo com todo esse cuidado por parte da matriarca, ele não conseguiu se livrar da violência do seu pai, um exemplo disso foi a cicatriz que tinha em sua pele. Segundo Erika: “Ele tinha uma cicatriz na perna que não gostava, que foi uma pisa que levou do pai dele, era cicatriz bem feia”. Apagar as marcas de uma vida difícil, que repercutiu para sempre em sua existência, estas tatuadas não apenas em seu corpo, mas na sua memória, era um desejo de Iêdo.

Os autores Weber, Viezzer e Brandesburg (2004) questionam o uso de palmadas como práticas educativas de pais com seus filhos. Segundo esses autores, esta prática atravessou gerações que tinham nela o indicativo de uma ação educacional. A valorização da criança só se tornou legalmente possível a partir do século XX, em 1959, na Assembleia Geral da ONU, promulgada através da Declaração dos Direitos da Criança. O objetivo era que a discussão se tornasse ampla, adentrasse às famílias e que esses pais se tornassem cientes sobre o processo de desenvolvimento infantil e o comportamento dos filhos⁹², sendo reformulada através de um produto cultural.

Iêdo foi educado em 1950 com as condições políticas e sociais que legitimavam o comportamento violento dos pais com os filhos, principalmente por ser visto com “bons olhos” por outras pessoas que imaginavam que esse era um ato que sinalizava uma boa educação. Percebemos que esse fato trouxe marcas irreversíveis, que ele passou a sentir raiva do seu pai, após lembrar-se dos atos violentos praticados no seu corpo.

Iêdo Rosa, com seus doze ou treze anos, se muda para a casa do irmão de sua mãe, seu tio chamado de Mário, residente na cidade do Rio de Janeiro. Com o tempo, ele, o adolescente, passou a ser o homem de confiança de seu tio, gerenciando a empresa “Braz Pedras”, que atuava no ramo da mineração.

Na família de Iêdo, os filhos homens quando cresciam tinham como responsabilidade ajudar no sustento da casa⁹³, principalmente porque sua mãe era separada do seu pai e tinha que garantir a educação dos irmãos. Era comum que os jovens de sexo masculino, antes de completarem a idade adulta, assim como os irmãos da própria Elenita, tivessem como obrigação trabalhar e ajudar nas despesas da família.

A empresa Braz Pedras explorava a mineração em algumas cidades do Brasil. Era itinerante, não tendo ponto fixo em nenhuma localidade. Nessas estadias, o grupo conseguiu fazer negócios na propriedade da família Vasconcelos, no Alto Feio, localizado cerca de dois quilômetros da cidade de Pedra Lavrada. Lá, ele era responsável por contratar pessoas, realizar pagamentos, controles financeiros, entre outras atividades.

⁹² Skinner (1953/1976) na década de 1950 passou a questionar o uso da punição corporal para ensinar comportamentos adequados. Para esse autor a punição corporal produz efeitos imediatos, em alguns casos, a utilização desta prática educativa se reverte em efeitos nocivos, tais como emoções de raiva e medo e comportamentos de esquiva diante da pessoa que pune (WEBER, VIEZZER, BRANDESBURG, 2004, p. 228 *apud* Skinner, 1976). Embora, atualmente haja políticas que lutam contra o uso de punição corporal pelos pais, como o Conselho Tutelar⁹², essa prática ainda é comum em muitas famílias brasileiras.

⁹³ A divisão sexual do trabalho é a forma como as pessoas criam regras, historicamente e socialmente moduladas para separar ou indicar determinadas formas e tipos de trabalho a partir de parâmetros biológicos: feminino e masculino. Nota-se que este conceito passou a ser problematizado com maior ênfase a partir dos anos 1970 na França, através do movimento feminista, principalmente por dos teóricos como Madeleine Guilbert, segundo Kergoat (2000), em seu artigo publicado no *Dictionnaire critique du féminisme*, traduzido em 2003.

Iêdo, lá chegando, encontra a jovem professora, que era filha da dona da propriedade Alto Feio. Resumidamente, se relacionam e se casam⁹⁴ poucos anos depois, em 1974, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz.

Figura 6 - Casamento de Elenita e Iêdo, em 1974



Fonte: acervo pessoal de Érika Vasconcelos.

A Fotografia foi apresentada por Erika, que atualmente é responsável pelos registros pessoais deixados por seu pai. Iêdo Rosa guardou esse registro de Elenita e outros como certidão de casamento, carteira de trabalho, certidão de óbito, entre outros⁹⁵.

Para Borges (2003, p. 112), as imagens revelam as maneiras de sentir e pensar de um grupo social, que mostra como a memória coletiva vai sendo construída, criando laços de pertencimento e unindo os membros de uma mesma coletividade. Ao olhar para a imagem de

⁹⁴ Ver anexo P e Q. Fotografias do casamento de Elenita e Iêdo.

⁹⁵ Esperamos, em outras oportunidades posteriores, analisá-los. Por hora, optamos por escolher alguns desses registros, usando o critério de temáticas semelhantes problematizadas nesta dissertação. Isso ocorreu devido à riqueza de detalhes das quais esses documentos são providos.

Elenita, percebemos como um momento importante em sua vida e para a grande maioria das mulheres dos anos de 1960, que era o casamento: registro de um acontecimento que pareceu ter ficado marcado na sua história de vida, principalmente com o homem que escolheu para dividir seus medos, suas tristezas e também compartilhar os momentos felizes e alegres.

O registro mostra o casamento, no momento da cerimônia, que foi realizada por Padre Loredó. Segundo Maria Dapaz, o que chegou até ela era que o casamento se deu de forma íntima, sem convidados, apenas com a presença dos paraninfos e de pessoas mais próximas.

Pela fotografia, Elenita se apresenta com atitudes à frente do seu tempo, optando em não escolher um vestido tradicional de noiva; e ao mesmo tempo mantendo a presença de características tradicionais, como o beijo na testa, pois esta ação implicava em um sinal de respeito e afeto, o que não necessariamente são ações comuns a casais, mas entre pais e filhos, amigos, entre pessoas que se gostam. O fato da festa de casamento ter se dado de forma simples, sem a presença de muitas pessoas, hipoteticamente falando, é a de que isso pode ter ocorrido devido da falta de recursos financeiros na época.

Nossas entrevistas, nas falas de Maria Dapaz e Erika, consideram que, diferente desse argumento, foi uma opção sua querer um casamento simples e não ter optado por realizá-lo com a presença de muitas pessoas. Lembrando que na época era difícil o acesso a produtos e informações, por isso, parte das mulheres optavam por efetivar seus casamentos de forma mais simples, sem a presença de muitos convidados.

Para Erika, seus pais já tinham recursos financeiros para realizar a festa nesse período, pois, além da família Solon ter condições na época, devido às propriedades de terras, o seu noivo Iêdo Rosa era gerente em uma empresa de mineração. Quando este chegou na cidade já tinha conseguido fazer a junção de uma quantia relativamente boa em dinheiro, este que dava para sobreviver um bom tempo sem o trabalho.

Elenita não estava com um vestido branco, como convencionalmente se usava na ocasião. Para Erika, que guardou esse registro histórico, isso era uma característica de sua mãe, que era uma pessoa que procurava desviar-se de certos padrões impostos, bem como ato de fazer o curso de Ciências Sociais, que até então era frequentado em sua maioria por homens.

O comum era o uso do véu e da grinalda para as noivas. Nessa fotografia, eles não aparecem. Então, caso Elenita realmente não tenha usado esses apetrechos nupciais, o fato remete a uma mulher dona de uma personalidade que lhe colocava em evidência perante as demais, pois ambos eram um “Sinal de virgindade, o véu figura o hímen”. (PERROT, 2017, p.57).

O não uso do véu significaria, ou Elenita já tivesse tido relações sexuais antes do casamento ou que optou por não usá-lo como uma atitude própria. Nos dois casos, percebemos uma mulher que viveu à frente das questões relacionadas ao seu tempo, pois esse fato pode ter sido, provavelmente, interpretado de forma preconceituosa para a população lavradense.

O sexo, a importância ao hímen e a virgindade das mulheres antes do casamento, nos “Anos dourados”, eram considerados importante. Embora já houvesse, nos anos 1960 alguns registros de mudança deste ideário, ainda existia uma forte valorização social entre as mulheres, chegando a ter hierarquias que separavam a mulher virgem como as “boas moças” e as “levianas”, que era as que não eram mais virgens, estas marginalizadas. (PINSKY, 2014, p. 124)

Por isso, casar virgem era uma obrigação de toda moça nos 1960, era preciso manter-se “intacta” até o casamento, do contrário, a população se apropriava do preconceito para com a moça “deflorada”, assim como chamavam as mulheres que já tinham realizado atos sexuais antes do casamento. (PINSKY, 2014).

O modelo dominante nesse período é o da família composta por casal (homem e mulher) com filhos vivendo sob o mesmo teto, cada qual vivendo sob a mesma casa e assumindo tarefas distintas. O homem, com atividades apenas com concertos ou tarefas esporádicas que exigem muita força física e a mulher com as tarefas de passar, cozinhar. Logo, o homem devia trabalhar fora de casa e ser responsável pelo sustento financeiro da casa. (PINSKY, 2014).

O casal de certa forma seguiu esse modelo tradicional em 1960, logo após o casamento, ambos residindo no mesmo local. No entanto, Elenita, por ter seguido com os estudos, garantiu um melhor rendimento financeiro que Iêdo Carvalho. Segundo Erika, o casal continuou desfrutando de uma condição financeira privilegiada na cidade, pois os cargos que Elenita tinha na cidade lhes dava essa condição. O seu esposo continuou trabalhando com mineração para outras empresas na cidade e também ajudava nas despesas da casa.

O casal adquiriu um terreno localizado ao lado do prefeito da época, Manoel Júlio, localizado na rua intitulada atualmente como Rua Sizenando Paulino da Paixão. Contrataram um arquiteto para projetar a casa, para atender às necessidades do casal. Segundo Erika, a mesma já era equipada com alguns eletrodomésticos, como geladeira, TV e telefone, itens pouco comuns na cidade. O casal também tinha dois carros: um Jeep que Iêdo utilizava e um fusca vermelho guiado por Elenita, com a finalidade de ir para o trabalho, na escola Estadual Francisco Ferreira, que se localizava em frente à sua casa, na rua Sizenando Paulino.

Acreditamos que Elenita, em meados de 1960, já convivia com as características discutidas por Pinsky (2014, p. 17) sobre os “Anos dourados” e a força da indústria de bens de consumo e a automobilística no país, pois ela passou a ser uma mulher que tinha alguns aparelhos eletrodomésticos e automóveis, o que caracterizava um casal adepto à filosofia de vida consumista. Ter uma TV, um telefone, uma geladeira e um carro para época era o sonho de grande parte das pessoas, no entanto, em Pedra Lavrada o processo de chegada dessas novidades se dava de forma lenta. A condição financeira da socióloga era considerada acima do padrão da população lavradense, que aos poucos ia conseguindo obter esses bens.

Após o casamento, a maternidade era o próximo passo a ser seguido pelas mulheres que via como “A sagrada missão feminina” (PINSKY, 2014, p. 291). Ser mãe era quase uma obrigação social, estava acima de qualquer atribuição que as mulheres esposas poderiam ter. Elenita seguiu esse ideário construído socialmente, o casal após um ano de casamento teve a primeira filha, Andréa⁹⁶, em 1975.

Figura 7 – Aniversário de um ano de Andréa em 1976



Fonte: acervo pessoal de Andréa Vasconcelos

A fotografia é datada de 1976, quando Andréa, a primeira filha do casal tinha em média um ano de vida. O cuidado e o zelo com os quais a primogênita guardou o registro e o tratamento desses registros é um fato a ser destacado nessa entrevista. Ela guarda esse registro em seu álbum, junto com outras recordações da infância, todas as fotografias são organizadas com muito cuidado sobre uma ordem de organização própria. O que nos chamou atenção foi o

⁹⁶ Ver anexo R e S. Fotografias do casal Iêdo e Elenita com a primogênita Andréa Vasconcelos.

toque dado por ela através das bordas ou do fundo da fotografia, que são locais que facilitam a preservação dos documentos.

Marcondes (2002), fez algumas considerações sobre a importância para a reconstrução da memória de uma pessoa ou instituição. Segundo ele as medidas de conservação, preservação e restauração de um documento se caracterizam como principal objetivo para que não haja a deterioração com o passar do tempo. Este autor ainda acredita que o documento deve passar por uma análise histórica para cumprir com sua função social que é problematizar as memórias relacionadas à fotografia.

Acreditamos que o desejo de Andréa é de preservar essas fotografias entre outros objetos de sua mãe, como a bíblia,⁹⁷ com cuidado para poder conservar e, em alguns casos, restaurar. Ao colocar as fotografias que tinha da sua mãe na entrevista, à disposição para esta pesquisa, a primogênita demonstrou interesse que esses passassem por uma análise histórica, porém, acreditamos que o seu maior desejo é preservar para poder lembrar sempre que possível ao olhar para aquele registro. Isso demonstra saudade de sua mãe, interesse em recordar os momentos que podia desfrutar da presença física dela.

Andréa ainda narrou que tem uma colega que restaura materiais antigos e que seu desejo é fazer esse serviço de restauração em uma bíblia que sua mãe lhe deu, esta que se encontra em João Pessoa. O livro lhe foi presenteado no dia do seu batizado, cuja data desconhecemos até o momento desta pesquisa. Atualmente, o livro está na casa de seu pai, ou na casa onde Érika reside. Andréa afirma: “E aí quero recuperar porque ela dedicou para mim e é uma bíblia belíssima que ainda está na casa do meu pai, com contornos de páginas douradas, todo em papel couchê, a qualidade das imagens e das ilustrações, é linda!”. (VASCONCELOS, 2017).

Mesmo o objeto não se encontrando na sua residência, é percebido que Andréa tem interesse pelas coisas que lembram sua mãe, não apenas na qualidade do produto, que também é um aspecto a ser ressaltado. Quando em abril fomos visitar Érika, vimos que o objeto se encontrava na estante, na sala de jantar – móveis que também foram de Elenita. Eles nos chamaram atenção pela beleza e qualidade.

Isso nos traz a impressão de que, mesmo não tendo o diagnóstico do câncer, nem sabendo que ia falecer prematuramente aos seus trinta e nove anos, ela queria deixar um presente para sua filha, para que ela sempre a lembrasse, principalmente em um momento considerado importante para as pessoas que seguem a religião católica que é o batismo.

⁹⁷ Ver anexo U. Fotografias da bíblia que Elenita presenteou à sua filha Andréa.

O batismo⁹⁸, nesta religião, geralmente ocorre com crianças nos primeiros anos de vida e significa que passando por aquela experiência, guiada pela presença do padre, a pessoa está de acordo a seguir os ensinamentos da Igreja Católica. O rito guarda todo um significado para Elenita e como prova de que permaneça por muitos anos essa memória, ela deixa a bíblia com a escrita de uma dedicatória.

O objeto guarda todo um significado daquele momento, que pareceu ser importante para Elenita, esta que seguia os preceitos do catolicismo com muita devoção. A bíblia, mais do que um livro, é considerada sagrada para os católicos e outras religiões, porque nela estão guardadas todas as experiências e ensinamentos de Deus, considerado como divindade responsável por todas as coisas que existem no universo. Por isso, significa que ela desejava que sua filha fizesse a leitura e seguisse tais ensinamentos presentes naquela leitura.

Em 1981 Elenita e seu esposo tem a segunda filha, Érika Vasconcelos, a família parecia feliz, ela ocupava os cargos de diretora, professora e secretária do município, o que lhe garantia um bom salário para a época e para o custo de vida na cidade, enquanto que Iêdo seguia empregado em outras firmas de mineração.

A relação da professora com sua sogra parecia ser amigável, no entanto, a distância era algo a ser levado em consideração, já que a mãe e os irmãos de Iêdo residiam na cidade de Governador Valadares e isso impedia um contato mais próximo, apenas sendo possível através de cartas⁹⁹.

Esse suporte eletrônico não era muito acessível nos anos 1970 para a população. Nesse período, havia principalmente duas formas de se comunicar: através do telefone, que a professora já havia adquirido, sendo ela uma das poucas pessoas na cidade que conseguia mantê-lo em sua casa, e através de cartas.

Acreditamos que a sua sogra ainda não dispunha do aparelho de telefone e a comunicação custava relativamente caro para os envolvidos. Por isso, o que foi relatado nas entrevistas é que as trocas se davam em sua maioria através de cartas. No entanto, os escritos duravam dias e até meses a serem entregues ao destinatário, dependendo da região, neste caso

⁹⁸Batismo é o nome do ritual de purificação e consagração que é praticado em várias religiões, principalmente no Cristianismo. A palavra batismo também está relacionada com o ato de dar um nome a alguém. Na Igreja Católica o batismo é praticado na maior parte dos casos em recém-nascidos, algo que começou no século III. É considerado o primeiro sacramento, onde a cabeça da criança é molhada três vezes. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/batismo/>>. Acesso em 04 de dezembro de 2017.

⁹⁹“A forma sociocultural entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70” e que modificou as formas de agir, pensar, comunicar-se e se relacionar”. (BORGES, 2016, p. 705 *apud* LEMOS, 2003). Os veículos de comunicação no meio digital como para o e-mail pode ser considerada como a evolução da carta, que padece de certo desuso na atualidade. Se quisermos avisar alguém sobre algo ou ter notícias de uma pessoa que se encontra muito distante, basta enviar um e-mail que o destinatário consegue receber no mesmo minuto.

da Paraíba a Minas Geais. Isso impedia uma troca mais rápida de informações e possivelmente uma relação mais distante entre elas.

Erika e Andréa lembra a única viagem para Minas Gerais que sua mãe fez, onde foi conhecer pessoalmente a sua sogra.

Figura 8 – Viagem da família a cidade de Governador Valadares – MG, 1979



Fonte: acervo pessoal de Andréa Vasconcelos

Esta fotografia foi registrada por volta de 1979 na casa da mãe de Iêdo, onde a família ficou hospedada. Viajaram com a finalidade da professora conhecer sua sogra e estreitar os laços familiares. Iêdo se encontra atrás abraçado com sua mãe à esquerda, Elenita à direita e a frente Andréa, ainda criança com cerca quatro anos, até então filha única do casal.

É interessante perceber o ambiente onde a foto foi registrada, na casa da mãe de Iêdo.¹⁰⁰ Atrás há uma radiola, símbolo da modernidade, do consumismo promulgado pelo ideário dos “Anos dourados” já mencionado anteriormente. O que notamos também é a presença das plantas, que parece ter sido apresentada propositalmente para o registo, assim como a radiola. Sobre a presença da natureza é relevante observarmos o segundo registo dessa mesma viagem:

¹⁰⁰ Ver anexo V. Fotografia de Elenita e Andréa, na casa de Margarida Carvalho, mãe de Iêdo.

Figura 9 – Elenita e a família em frente à casa de sua sogra, em Governador Valadares
– MG, 1979



Fonte: acervo pessoal de Andréa Vasconcelos.

Essa fotografia foi registrada em frente à casa da mãe de Iêdo e esta, assim como a anterior, estava sob os cuidados de Andréa. Para Pinheiro (2009, p. 03), “As fotografias servem não apenas para registrar a memória de um tempo, mas, sobretudo, para guardar e reavivar tempos de memória, bem como os seus lugares, através dos afloramentos de lembranças que as imagens fotográficas produzem a cada vez que são manuseadas”. Através do relato da primogênita, percebemos que o registro atuou como gatilho para as lembranças de Andréa, através delas é possível relembrar o passado e ao mesmo tempo se colocar com os olhos das experiências do presente.

Andréa não se lembra desta viagem, porém o registro atua como um gatilho para lembrar-se da família e diminuir a saudade, principalmente de sua mãe e seu pai, estes que não estão mais presentes fisicamente. Na figura 9, notamos uma parede com uma grade de ferro acima e um portão feito com o mesmo material, isso era símbolo também da modernidade que tentava se proteger da violência urbana já presente, mesmo em menor proporção que atualmente e ao mesmo tempo trazem para a casa um maior contato com a rua, já que as grades não impediam totalmente a visão e nem a ventilação.

Elenita se encontra com o mesmo traje, uma roupa cor de rosa, Iêdo sem camisa nas duas figuras, o que nos traz a impressão de que gostava de exibir seu corpo. A calça de

modelo chamada “Boca de sino” era símbolo da moda dos anos 1970, dando ao homem um tom elegante e ao mesmo tempo despojado.

Elenita, em ambos registros, se encontra com um semblante sério e com a mesma roupa, de cor rosa claro. Trazendo a impressão de uma mulher que não gostava de se vestir de forma que chame atenção.

Na primeira fotografia desta viagem, Andréa se encontra com uma blusa de cor preta, sendo aparentemente uma roupa com mangas, trazendo a impressão de compostura. Ao contrário da segunda, que pareceu ser um ambiente mais descontraído, com uma blusa branca, modelo regata. Esse fato nos faz duvidar se realmente essa foto foi registrada no mesmo dia.

Nos dois registros o cenário que chama atenção é a presença das plantas¹⁰¹ e isso foi um aspecto que Andréa chamou atenção na entrevista. Para o que sua mãe sempre gostava de cuidar que era do jardim de sua casa, talvez tenha sido um traço da sua infância, por ter vivido muitos anos no Sítio Salgadinho ou por ser um reflexo do contexto histórico da época.

Figura 10 – Andréa no jardim de sua casa em Pedra Lavrada – PB



Fonte: acervo pessoal de Andréa Vasconcelos.

Esta fotografia é de Andréa em frente à sua casa, em Pedra Lavrada, aparentemente dois anos após os registros anteriores. Ela nos mostrou o documento destacando o jardim de sua mãe, da qual era um cenário que ela gostava muito de cuidar e vê-lo sempre bonito.

Notamos que de fato o jardim parecia bem cuidado e tem a presença de vários tipos de plantas e flores de cores diversas. Isso nos traz a característica de uma Elenita que tinha atenção pelas plantas, natureza, pela arborização e o cheiro que as flores produziam¹⁰². Uma mescla onde a sua paisagem rural aparecia na sua vida através das plantas e o gosto pelos banhos de poço, como Graciliano apontou anteriormente e o urbano através dos símbolos da modernidade como a presença dos eletrodomésticos e das revistas.

Nela a jovem usa trajes típicos de uniformes dos anos 1960, de cores de com tons sobre tons, azul marinho escuro e azul claro, com a bandeira de Pedra Lavrada, símbolo de patriotismo, pertencimento e reconhecimento da cidade. Esta foto foi registrada no dia 7 de setembro, ocasião na qual é comemorada a Independência do Brasil, conhecida na região como a principal festividade da Escola Professor Francisco Ferreira, instituição que Elenita fazia parte como diretora.

Andréa é a testemunha que lembra de fatos, acontecimentos na infância que caracteriza a sua mãe e a relação com seu pai. Ela narra episódios de quando a família morava em Pedra Lavrada e que os seus pais tinham posicionamentos políticos diferentes, cada qual votava em um candidato a prefeito. Ela votava em Manoel Júlio e ele em Sebastião de Vasconcelos Porto – Tinan. No entanto, essa diferença nunca foi motivo de briga dentro de casa. Inclusive ela cita Manoel Júlio na carta e quem lê em voz alta no seu velório é o seu adversário político. Isso demonstra que, nesse aspecto, os dois cidadãos tinham respeito mútuo com relação a essas diferenças. Havendo uma negociação passiva entre o casal, onde cada qual optou por seguir determinada conjuntura política.

É interessante notarmos que, embora Elenita, em nossa opinião fosse uma mulher capacitada para exercer os cargos na cidade, devido ter conseguido concluir o curso de Ciências Sociais em uma importante instituição pública para época, é interessante perceber que quem as empregou foi Manoel Júlio e como o mesmo esclarece em nossas entrevistas, “Maria Elenita foi nomeada no estado, mas realmente foi indicação minha, ela era muito capacitada, muito competente, minha correligionária fiel, isso é a verdade, e com toda a família e com a amizade que a gente tinha”. (LIMA, 2015).

Podemos, então, apresentar a hipótese de que a professora tenha escolhido determinado político por “troca de favores”, por ter sido empregada, sem ter realizado qualquer concurso público ou pela própria amizade, principalmente porque ela o cita Manoel Júlio na carta que foi lida em seu velório. Talvez, neste fato, a professora não tenha usado a

¹⁰² Ver apêndice W e X. Fotografias de Elenita no Sítio Salgadinho.

ética e mesmo não acreditando que seria melhor gestor para o município tenha direcionado seu voto.

Em algumas entrevistas e na própria fala de Manoel Júlio é notada que a educação do município teve um avanço significativo, pelo menos, enquanto ao número de escolas: “Eu construí vinte e sete grupos”. (LIMA, 2015). Isso nos faz também apresentar uma outra hipótese: a de que a professora optou por escolher o partido político porque realmente acreditava que ele era o melhor naquele momento para administrar Pedra Lavrada.

Sobre a convivência no “grupo” como a escola Francisco Ferreira é conhecida, Andréa esclarece que sua mãe era amável, carinhosa, mas também era rígida com relação à sua educação e na maioria das vezes era ela quem as colocava de castigo quando a pequena agia de uma forma que não lhe agradasse. A sua fala sobre a escola descreve algumas características:

Eu tenho memória da minha mãe trazer lápis coloridos, de fazer atividades comigo, lembro de brincar de escolinha, brincar de ser professora, mas essa parte da alfabetização em si eu não tenho lembrança. Mas acho que sim, eu cheguei na escola já sabia ler e escrever, eu lembro que no fim do primeiro ano tinha uma prova que consistia em ler para a diretora, ia criança por criança da minha série, quando eu concluí a primeira série. Ia uma por uma, lia e depois a diretora fazia perguntas sobre o texto, eu nunca esqueci. Uma das primeiras perguntas que ela fez, eu erreí [risos], eu li corretamente, mas eu não sei, eu estava nervosa, era uma pergunta sobre o texto e uma das perguntas que ela fez eu erreí, mas eu lembro que isso nunca saiu da minha mente, que eu erreí ao invés de ficar com 10 eu fiquei com 9, uma coisa assim. (VASCONCELOS, 2017)

Percebemos que mesmo incentivando a filha pelo caminho das letras, ajudando nas atividades, trazendo para ela lápis colorido, percebemos que ela conseguia em alguns momentos ser rígida e até certo ponto separar trabalho com o ambiente familiar. Uma prova disso foi o comportamento nervoso de Andréa, demonstrando que não teve aparentemente qualquer “vantagem” com relação aos demais, no teste oral, mesmo a diretora sendo a sua própria mãe.

Acreditamos que corresponde ao que Foucault (1992) analisou em seus estudos sobre ética, que são formas que o sujeito age a partir de atitudes de si e de sua relação com o outro. Ao agir dessa forma Elenita se comprometeu com a ética e não tratou sua filha, naquele momento, de modo especial, diferentemente dos demais. Ela pensou nas atitudes dos outros, que sua filha deveria estudar para o teste e ter as mesmas oportunidades e desafios dos demais, correndo o risco de ser reprovada como as suas colegas da escola.

Andréa por ser a filha mais velha do casal, teve mais oportunidades de conviver com sua mãe e talvez por essa convivência ela tenha herdado características dela. Uma delas foi o gosto pelos estudos, principalmente quando a mesma afirma que o grupo era quase sua casa.

Eu gostava muito do grupo, de ir para a escola, mesmo antes de estudar eu ia com minha mãe e ficava brincando com uma prima em baixo daqueles pés de algaroba, na sombrinha da tarde, era quase minha casa, era um ambiente... Era quase minha casa, porque eu ia antes de estudar, sem ser no meu horário de estudo, com minha mãe e ficava lendo ou brincando. [...] Eu tenho memória de minha mãe trazer lápis coloridos, de fazer atividades comigo, lembro de brincar de escolinha. (VASCONCELOS, 2017).

Podemos perceber que Andréa, desde o início, tinha esse incentivo ou mesmo pela própria convivência com sua mãe. Para Viñao Frago (2001), no primeiro capítulo da obra *Arquitetura como Programa*, defende a importância dos espaços escolares na infância e as memórias que influenciaram na criação de um sistema de valores, discursos, relacionados à sua tradição cultural. São descritos por Andréa como espaços de lembranças agradáveis de serem lembradas, são elas significações de momentos importantes como as brincadeiras embaixo das árvores, por exemplo.

Andréa relembra a infância e o grupo com muito carinho, principalmente quando por influência de uma prima chamada Jeane Vasconcelos, adentra à escola Prof. Francisco Ferreira.

Eu lembro que entrei na escola pela primeira vez sem poder me matricular porque eu não tinha idade, naquela época, tinha história que tinha uma idade mínima, mas eu tinha uma prima, Jeane, que era mais velha que eu e era meu xodó e quando Jeane entrou na escola eu botei na cabeça que tinha que ir também, eu ia e sentava naquela cadeirinha que era dupla e eu sentava do lado dela, sem ser matriculada. (VASCONCELOS, 2017).

Como podemos perceber, ela adentrou à escola antes de completar a idade mínima, ela supõe que tenha sido aos cinco anos, mesmo sobre influência de uma prima, ela cursou um ano e afirma que a professora era Rita Sampaio Meira, mais conhecida como Dona Nitinha¹⁰³. Sobre essa educadora é importante destacar que ela trabalhou na Escola Francisco Ferreira por vinte e sete anos. (SANTOS, SANTOS, 2012).

¹⁰³ Sobre a educadora Rita Meira Sampaio ler o artigo “Memórias de uma educadora aposentada do Município de Pedra Lavrada/PB (1958 – 1985). Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/3.26.pdf>. Acesso em 05 de dezembro de 2017.

Segundo Andréa (2017), Dona Nitinha era muito brava, quando os alunos não se comportavam como esperado e por isso, “Às vezes dava uns gritos e eu morria de medo, era brava! Comigo não, mas com alguns amigos ela era bem... puxava a orelha”. (VASCONCELOS, 2017). Quando problematizo essa relação que ela tinha com sua professora e a influência de Elenita enquanto sua mãe e diretora da escola, ela afirma que não havia, neste caso, alguma vantagem por isso, porque ela não era assim com todos. Ela agia de forma brava apenas com aqueles que faziam mais travessuras e que incomodavam a aula. Mas, Andréa afirma que, de certa forma, acredita que o fato dela poder ter assistido aula como aluna ouvinte teve influência de sua mãe na escola, pois acredita que ela não fizesse parte da equipe escolar isso não poderia ter acontecido.

Aos seis anos Andréa cursou o primário novamente, agora como aluna, e conta que sua primeira turma teve como professora “Tia Dapaz”, como ela a chama. Maria Dapaz foi nossa entrevistada e também confirma essa história. É perceptível o carinho com o qual fala, afirmando que lembra muito dessa turma. Ela ainda afirma que foi ensinada a todas as vezes que a diretora chegasse na sala de aula, todos os alunos deveriam ficar de pé e depois sentar, lembra também que várias ações como ir para o intervalo eram realizadas através de filas, a ordem se dava através da organização do menor para o maior.

As práticas e técnicas¹⁰⁴ que induzem aos alunos da Escola Francisco Ferreiras são tratadas por Foucault (1993) como tecnologias normalizadoras do eu. Que são técnicas que induzem os alunos a várias práticas, principalmente tendo como motim saber-poder, assim a diretora, neste caso Elenita, se articula como uma professora que impõe autoridade e poder, por isso os demais devem ser ensinados a agir como corpos dóceis, através das filas que implicam respeito a ordem vigente.

Essas tecnologias do eu são ações que foram instauradas na formação cultural de Elenita, ela tinha sido educada neste ambiente da qual a direção deveria ser tratada como autoridade máxima da instituição, no entanto, esse ideário de professores e diretores que tinham o domínio do saber e das decisões estavam passando por mudanças. Algumas entrevistas relataram que a professora conseguia amenizar a distância que existia entre o aluno e o diretor. Segundo Andréa, ela tinha um jeito dócil de se comunicar com as pessoas com cuidado para não as magoar.

¹⁰⁴ Michel Foucault (1993) formulou algumas considerações sobre os corpos dóceis e sobre a semelhança entre algumas instituições como os hospitais, escolas aqueles semelhantes aos quartéis e as prisões.

Outra coisa que mencionou, mas aí não era negativo, mas de que minha mãe tinha muita habilidade pra falar com as pessoas, isso meu pai falava também, que ela falava com as pessoas com doçura, com jeito, que tinha tato. Que sabia, mesmo situações ou coisas difíceis que ela tinha jeito pra falar, de uma maneira amorosa. Que até o tom da voz e o jeito de falar era assim. Que acabava evitando alguns antagonismos, pela forma de falar. (VASCONCELOS, 2017).

Através das nossas entrevistas, percebemos que Elenita tinha essa característica de saber conviver com a multiplicidade de pessoas com personalidades diferentes em seu ambiente de trabalho, porém em outros momentos agia de forma autoritária.

Outro fato também que descreve um pouco essa Elenita autoritária foi narrado pela própria Andréa: “Acho que isso ela era muito também, assim, firme em relação à minha educação, era ela quem me botava de castigo, quem me dava beliscão quando eu me comportava mal”. (VASCONCELOS, 2017). Ela ainda afirma que sua mãe exigia que ela se apresentasse bem para o público e que sua farda tinha que ser muito limpa.

Andréa narra que sua mãe era envolvida no trabalho e por isso só chegava em casa no final da tarde, apesar de Iêdo também trabalhar na mineração. Quando ela chegava, ele já se encontrava em casa. Ela afirma que sua mãe não era do dia-dia, porém conseguia se dedicar às questões relacionadas ao bem-estar da família também, como a supervisão da empregada e da amiga da família, Socorro Vasconcelos que também foi nossa entrevistada. Ela ainda afirma que após o casamento ela aprendeu a cozinhar e por isso fazia cocadas e outros doces, assim como comidas diferentes em alguns momentos especiais. “Se era festa ela cuidava da roupa da gente, ela decorava a casa, ela fazia comida diferente, ela não era aquela dona de casa do dia-a-dia, mas ela supervisionava e fazia as coisas especiais da casa e na convivência com meu pai”. (VASCONCELOS, 2017).

Socorro Vasconcelos confirma a história de que ela conseguia gerenciar as tarefas domésticas, porém, a socióloga em meados dos anos 1970 ocupava os cargos de diretora, professora das disciplinas de História e Geografia e era secretária do Programa Pró-município que servia para organizar palestras com a finalidade de capacitar os professores da cidade. Com tantos cargos acumulados e que exigem uma dedicação diária acreditamos que seja provável que Elenita talvez não tenha conseguido se dedicar ao ambiente familiar, principalmente por entender que ela permaneceria o dia todo trabalhando, restando a convivência e a presença física com o seu esposo nos horários noturnos, finais de semana e feriados.

Nos anos 1940 e 1950 atribuía ao homem “O sucesso profissional como medida no julgamento de si e dos outros, vinculado à competitividade e à própria ética do provedor – o homem capaz de sustentar uma mulher e os filhos”. (MATOS, 2001, p. 51). Os trabalhos femininos como o de professoras eram entendidos como uma renda complementar da família, e o trabalho relacionado aos afazeres de casa deveriam ser tratados com maior ênfase pela mulher, garantindo o bem star do esposo e dos filhos.

É interessante perceber que este não parecia ser característica da família, pois a maior renda, após a saída da empresa da qual Iêdo trabalhava era a da professora, e pelo que foi relatado nas entrevistas, seu esposo conseguia encarar com muita tranquilidade e muito respeito com ela.

Segundo Andréa, após a morte de Elenita ele conseguiu educar ela e suas irmãs com as lembranças da mãe. Uma das características que Iêdo sempre elogiava na sua esposa era a sua independência financeira. Por isso a criação de Andréa e das outras filhas foi baseada nessa admiração por ela, sempre usando como caso para incentivá-las pelo caminho dos estudos e pela sua independência financeira, para que as mesmas não precisassem depender financeiramente da figura masculina.

Após a morte da professora, Andréa e Erika narram que seu pai não teve muita proximidade com alguns parentes¹⁰⁵ de sua mãe, por isso, poucas vezes foi a Pedra Lavrada visitá-los, porém, ele sempre as incentivou ao convívio com a família Vasconcelos. Por isso, era comum elas passarem férias e feriados na cidade.

Embora as pessoas da família tenham negado este fato, as filhas de Iêdo: Erika e Andréa, narram que houve de fato uma distância entre seu pai e alguns membros da família Vasconcelos. Esse fato era porque seu pai não concordava com algumas atitudes que os irmãos da sua esposa tomavam com relação ao sítio ou ao Alto do Croá, relacionadas à troca e venda de animais e alimentos, propriedade que Elenita herdou após a morte de Dona Jovina Vasconcelos e que também era gerenciada pelo seu esposo. Após a ida da professora para a capital, João Pessoa, o seu esposo junto com ela vendeu a propriedade e os bens da família para evitar mais desconfortos.

¹⁰⁵ Sobre essa questão de ideias distintas, é interessante perceber que talvez pelo distanciamento de Elenita em alguns momentos havia, entre Iêdo e seus irmãos, algumas relações conflituosas, este fato se aproxima do que Foucault (1981) formulou sobre a relação de amizade como uma estética da existência, na qual a existência de conflitos, com o embate de ideias distintas são importantes para as relações sociais, pois isto implica que o sujeito não é universal mas é moldado através das relações políticas, sociais, entre outros. Somos diferentes, temos posicionamentos distintos, e isso ocorreu também entre membros da família Vasconcelos.

Ela narra que esse mal-estar era de certa forma controlado, principalmente quando as visitas que eram feitas na residência, em João Pessoa desses membros da família Vasconcelos, e que Iêdo fazia questão tratar bem e com muito respeito e consideração. Um momento que desagradou ele, após a morte de sua esposa foi a suposta rejeição de alguns membros da família dela em Pedra Lavrada, quando ele faz uma visita com Andréa e Erika e a família não vai visitar ou não dar a devida atenção que ele esperava, por isso ele fez uma promessa a si próprio de nunca ir a Pedra Lavrada. Como já mencionado, o esposo de Elenita não voltou a cidade. Porém não influenciou o distanciamento das filhas a cidade e nem com a família, pelo contrário, sempre a incentivou essa relação. O fato que caracteriza isso são as constantes visitas de Andréa, Erika e Kilma a cidade em alguns feriados e nas férias.

Outro fato também que causou desconforto entre Elenita e seu esposo foi a suposta traição dele com outras mulheres na cidade. Para Matos (2001, p. 51), no processo de subjetivação o homem passa pelo processo de experiências que ensinam o significado de ser homem. Uma dessas é a de provar sua virilidade, com relações sexuais com outras mulheres, isto era aceito por algumas pessoas nos anos 1950, no entanto nos anos de 1960 esta prática já era rejeitada e mal vista por algumas mulheres, como é o caso da professora, isso se deu grande parte pela influência das ideias feministas. Segundo Érika, seu pai antes de falecer, contou para a mesma que houve, sim, algumas traições e que ela chorava muito e se sentia muito triste. Andréa lembra as discussões que presenciava:

E também algumas vezes é... quando eu [voz trêmula/ emoção] lembrava assim, das discussões da minha mãe com meu pai e que ela [emoção] chorava, quando brigava com ele, eu também tinha raiva dela, porque eu achava: por que que ela chorou? Gritou mais ainda com ele. Sabe, eu ficava do lado dela, mas com raiva da atitude dela. (VASCONCELOS, 2017).

Andréa lembra que ficaram na sua memória algumas brigas entre seu pai e a professora, e que muitas vezes desenvolvia sentimento de raiva por sua mãe, pois não era de seu agrado que ela brigasse com ele. Após ficar adulta, ela diz que mudou esse pensamento e que se fosse no presente, apoiaria ela. Outra passagem relacionada a algumas brigas de sua mãe e Iêdo foi quando, ouviu falar que seu pai estava com um caso com uma determinada pessoa e que ela foi lá junto com uma prima e fez uma atitude equivocada, por não ter maturidade suficiente para entender que a situação não se resolveria daquela forma.

Eu lembro que uma vez, uma situação meio que engraçada que eu não sei se ela desconfiava ou se ela disse que determinada pessoa tinha um caso com

meu pai que a gente chamava de “rapariga”¹⁰⁶ [risos]. Eu lembro que essa pessoa tava em frente à casa de uma amiga da minha mãe e eu passei junto com minha prima valquíria, e disse: valquíria vem cá! Quando a gente chegar ali quando eu disser 3 a gente vai chamar rapariga! [risos] A gente fez. Aí depois mainha veio conversar comigo que era aquilo que isso não se fazia, não sei o que... Minha mãe foi dizer que eu não podia fazer aquilo, que era errado fazer aquilo. (VASCONCELOS, 2017).

Segundo Andréa, Elenita desaprovava a situação, por duas hipóteses: uma porque ela não tinha provas suficientes que ela de fato tinha um relacionamento com Iêdo e outra porque era uma forma equivocada de tratar as pessoas daquela forma. É interessante perceber que ela não gostava que sua filha se envolvesse nesses assuntos.

Esse caso, se aproxima das discussões apresentadas pelo famoso historiador Philippe Ariés (1978), que acredita que a sociedade moderna moldou a forma de tratar as crianças como um “mundo particular” e “inocente”, deixando a infância longe de problemas da sociedade como o cuidado ao falar de morte, nesse caso de Elenita, os problemas do casal como traição, entre outros. No século XIX as crianças eram tratadas como os próprios adultos, sendo os cuidados reservados apenas aos primeiros anos de vida, quando de fato o indivíduo é totalmente dependente para sobreviver.

Pelo que nossas entrevistas apontaram Elenita, deixava sua filha que tinha em média cinco anos quando morava em Pedra Lavrada, longe das questões e dificuldades que a família enfrentava. No entanto, Andréa ao ver seus pais discutirem e assustada com aquela situação, já que ela tinha uma visão romantizada de seus pais, tentava resolver a situação, direcionando palavras impróprias para certa pessoa. Acreditamos que ela agiu dessa forma porque os problemas que a família enfrentava não eram discutidos com a criança do lado, ela apenas presenciava as brigas que chegam até sua casa. Por isso, muitas as vezes ela tinha um determinado posicionamento a favor do seu pai e hoje ela tem outro.

Não sabemos se o fato desses desentendimentos entre Iêdo e Elenita, que envolviam outras pessoas na cidade, foram um dos motivos que levou a professora em 1982 a pedir transferência para a capital, João Pessoa. Algumas versões acreditam que ela foi com a finalidade de fazer um tratamento de saúde, essas são informações presentes na monografia de Almeida (2002) “Leitura: o desafio constante do ensino/aprendizagem”, no entanto, essa informação foi negada por Andréa, que sua mãe não estava ainda ciente da doença e que ela

¹⁰⁶ Segundo o dicionário online de Português: Rapariga significa mulher entre a infância e a adolescência ou mulher jovem. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/rapariga/>>. Acesso 05 de março 2018. Porém, em nossa sociedade a palavra ganha conotação pejorativa, que significa mulher que mantém relação amorosa com homem casado.

foi transferida para uma escola, de cujo nome desconhece. Ela ainda narra que houve uma festa de despedida na cidade e que contou com a presença de muitas pessoas do grupo.

Para ela, sua mãe foi morar em João Pessoa com a finalidade de conseguir mais oportunidades relacionadas à educação da família, para que suas filhas pudessem estudar em outras escolas e por ela mesma, poder continuar seu aperfeiçoamento profissional, como o mestrado. Para ela a mudança para João Pessoa, a princípio, em uma casa localizada no bairro Cruz das Armas, era alugada a um conhecido de Pedra Lavrada.

E eu lembro que era muito estranho pra mim porque eu era acostumada, minha infância em Pedra Lavrada, livre, eu tinha muitos primos, que a gente ia pra o sítio, que a gente corria que a gente tomava banho de chuva, com toda aquela liberdade numa cidade do interior e que praticamente todo mundo era conhecido. E no período que eu morei lá eu tinha muita liberdade, me deixavam muito brincar e quando cheguei pra morar em João Pessoa na nossa casa, primeira coisa que tinha uma grade no terraço, aquilo pra mim era estranhíssimo e passava muito carro na porta, no asfalto, na rua. Não tinha jardim, era um espaço do jardim só que era cimentado, então pra mim era muito estranho. (VASCONCELOS, 2017)

Adaptarem-se ao novo local pareceu ser muito difícil para a jovem, principalmente depois que Elenita descobriu o câncer, já que ficou interna e Iêdo teve que assumir os novos desafios da família. Contrataram uma empregada, de nome Josefa, conhecida por Zefa, que cuidava principalmente de Erika porque era a mais nova, com dois anos, então, supostamente exigia mais cuidados. Andréa ainda lembra desse período, o medo e as constantes dores na barriga de ir para a escola no início quando a família foi morar em João Pessoa.

Ela pedia a seu pai que permanecesse em frente à escola, até que ela saísse. Andréa confirma essa história e Erika narra que:

Quando a gente chegou, ela foi estudar no Frei Martinho, em Cruz das Armas, que é um anexo da igreja e Andréa foi estudar lá, ela disse que chorava muito porque tinha muito medo aí pedia muito a painho pra ficar esperando por ela lá pra não ir pra casa, só que ele tinha outras coisas pra fazer aí, ele deixava ela, ela entrava, aí quando era perto do horário do intervalo ele vinha correndo pra escola e ficava sentado na calçada só pra quando ela olhasse para a grade ele estar lá, e todo dia ele fazia isso, até ela perder esse medo e ela disse que isso foi muitos meses, e sempre que saía do intervalo tinha uma grade que dava pra ver na frente aí quando ela olhava tava painho lá sentado. (VASCONCELOS, 2017).

As duas, narram essa história com muita admiração por seu pai e afirma que ele foi um pai muito presente, uma pessoa admirável. Andréa afirma que, inicialmente, para conseguir

permanecer ao lado das filhas colocou uma pequena mercearia em casa, para poder supervisioná-las após o falecimento de Elenita, em fevereiro de 1984.

Apesar da morte prematura de sua esposa, Iêdo sempre conviveu com a memória de Elenita, a quem ele afirma ter sido a mulher com quem casaria mil vezes, principalmente porque foi ela quem lhe deu um dos maiores presentes, que foi suas três filhas.

Segundo Erika, no dia-a-dia seu pai sempre manteve um esforço para manter as lembranças de Elenita, um dessas memórias foi o fato de que algumas de suas senhas sempre tinham relação com ela, como a senha do cartão de crédito que levava a data de casamento do casal. A forma como no cotidiano lembrava sua mãe, principalmente quando as meninas ficaram adolescentes e vaidosas. Ele sempre lembrava a elas que sua mãe gostava de cuidar da estética, de pintar as unhas, cuidar dos cabelos, entre outros.

Erika se apresenta como uma pessoa muito apegada afetivamente com seu pai, principalmente pela forma como ele gostava de Helena, sua filha. Ela lembra essa passagem com muita emoção. A impressão que tivemos é que ela foi a mais próxima, principalmente porque, devido às circunstâncias da vida, foi a que mais conviveu com ele. Enquanto que Andréa nos passou a impressão de ter sido a que mais sentiu a falta de sua mãe, principalmente por ter sido a que mais conviveu com ela.

Em 2013, Iêdo passou por problemas de saúde, relata Erika (2017), com muita emoção, sobre o estado de saúde do seu pai, meses antes dele ir a óbito.

Aí foi constatado que ele tinha DCP, que é Dificuldade Crônica Pulmonar, Deficiência Crônica Pulmonar, painho tinha pressão 12/8, não tinha diabetes o colesterol era ótimo e as taxas dele eram de menino, só que como ele trabalhou muitos anos com mineração e naquela época não tinha equipamento de segurança, não tinha máscara, ele tinha muita calcificação nos pulmões, e o Parkinson meio que atrofiou a musculatura pulmonar dele. [...] Ele fumou durante muitos anos, acho que pai fumou uns 40 anos, mas por incrível que pareça o pneumologista dele disse que a questão da calcificação foi muito mais prejudicial do que a questão do cigarro, porque se fosse pelo cigarro o coração de painho também estaria afetado, e painho não tinha nada, nenhum problema cardíaco, tanto é que eu disse, painho fumava mas painho caminhava, corria, nadava, pedalava, ele tinha mais disposição que muito menino, jogava bola, até quebrou o pé uma vez, aí nunca mais quis ir jogar bola [risos], mas ele era muito ativo, muito ativo e de repente foi indo relativamente rápido, aí foi debilitando, começou a fazer fisioterapia cario-respiratória, aí deu uma melhorada ganhou peso, ficou bem melhor aí saiu, não foi mais aí depois começou de novo aí foi constatado que ele não estava ganhando peso e o fisioterapeuta dele, um doutor maravilhoso pediu um exame porque tava achando que painho tava bem mas não conseguia ganhar peso, aí painho precisava ganhar peso pra poder expandir, pra poder aumentar o pulmão, e ele não estava conseguindo ganhar peso, apesar de todo o tratamento e todo o esforço aí foi constatado que ele tava

com câncer de próstata, e ele não estava ganhando peso por isso, por essa razão, aí foi internado no Laureano foram marcadas 26 sessões de radioterapia e que não ia ser necessário, quimio nem cirurgia, só a rádio, foram feitos exames pra ver se já tinha afetado os ossos e não tinha, aí a intensão era tratar o câncer com essa rádio pra ele voltar ao tratamento para ganhar peso, porque o que ele precisava era peso pra expandir pra... e ele não chegou a fazer as... [emoção]. (VASCONCELOS, 2017).

A luta contra o câncer parece ter sido uma luta travada com Iêdo também, que apesar das tentativas de conseguir reestabelecer sua saúde não conseguiu, e faleceu com sessenta e quatro anos. Uma das causas dos problemas nos pulmões foi o pó da sílica. Esse é um dos grandes problemas que os mineradores da cidade de Pedra Lavrada enfrentam, fato que levou os autores Cabral; Navarro; Dantas (2009) a realizarem uma pesquisa na cidade entre os anos de 2003 e 2009¹⁰⁷.

Em relação à patologia, ela se concretiza após a inalação do pó da sílica, que atinge as vias aéreas dos pacientes, promovendo uma reação inflamatória nos pulmões. A exposição continuava levando à incapacidade de trocas gasosas e o desenvolvimento de doenças pulmonares como câncer de pulmão, tuberculose e limitação crônica ao fluxo aéreo. Outro fato que se deve levar em consideração é que a poeira permanece no ar e afeta mesmo a grandes distâncias por um longo período de tempo, afetando indivíduos que aparentemente não estão em risco. (CABRAL; NAVARRO; DANTAS, 2009)

Não há tratamento para a silicose e as tentativas terapêuticas são restritas, o transplante pulmonar é uma tentativa, no entanto, limitada, pois conseguir um doador compatível é um fato restrito. (CABRAL, NAVARRO, DANTAS, 2009) Como pesquisadora e residente na cidade, acredito que as mortes através do pó da sílica já é um fato que deveria ser tratado com maior ênfase pelas autoridades competentes, principalmente com políticas mais assíduas que obriguem as empresas e trabalhadores a tomarem as medidas de prevenção, como respiradores, máscaras, condições de ventilação no ambiente de trabalho, utilização de métodos úmidos, entre outros. Estas medidas são de suma importância para a diminuição de doenças respiratórias causadas pelo pó da sílica, bem como a morte de pessoas, como a de

¹⁰⁷ Atualmente a mineração consiste em uma das principais atividades da região e o mais preocupante é que grande parte desses trabalhadores não dispõe ou não utiliza os materiais de segurança, objetos dos quais diminuiria o número de infectados. A pesquisa apontou que embora os números de mortes devido ao pó são altos, conforme as entrevistas com profissionais da saúde no local, mas infelizmente há complicações ao fazer uma análise mais avançada na cidade se a pesquisa tiver como fonte os atestados de óbitos, pois as causas de mortes nesses documentos são escritas com outras doenças. Isso se deu porque o pó da sílica não é a patologia em si, mas ela é a causa de outras doenças. (CABRAL, NAVARRO, DANTAS, 2009).

Iêdo e outros tantos trabalhadores, embora a doença nele não tenha dado muitos sinais no início da sua vida ou quando trabalhava com mineração, ela foi indicada pelos profissionais da saúde que cuidaram do seu caso como o principal motivo da sua morte, complicação que se tornou mais acentuada com a condição de ter inalado nicotina presente no cigarro, ou que o paciente fumou há cerca de quarenta anos, como afirmou Érika.

As filhas Andréa, Erika e Kilma demonstram muita emoção para falar sobre o assunto. Esta última descreve um pouco a vida de seu pai.

Meu pai, ele não era muito de falar, assim, de se expressar, mas ele era muito carinhoso... [Choro] aí senti saudade do meu pai... porque, assim, meu pai ele era carinhoso, ele era um superpai [voz tremula], aguentou umas coisas que quando eu paro pra pensar eu digo meu Deus, como é que ele conseguiu? Porque se parar pra pensar uma pessoa com 33 anos de idade, 3 filhas, viúvo, sem emprego, porque ele abandonou tudo e veio pra cá pra começar do zero longe da família dele, né? Então, assim, ele foi um superpai, foi pai e mãe pras meninas e comigo sempre foi super carinhoso. (MEDEIROS, 2017).

Iêdo deixou para as meninas registros que nos ajudaram a compreender alguns fatos da vida de Elenita, através da memória repassada e dos resquícios, como documentos pessoais, fotografias, tão bem guardadas e organizadas. Acreditamos que gostaria de ter contribuído para que a memória de sua esposa seja escrita, que ganhe novas leituras e públicos.

Através das entrevistas, percebemos que ele foi aquele que traiu a professora, que teve outros relacionamentos fora do casamento e o responsável por ter proporcionado alguns desgostos na vida de Elenita. No entanto, aos olhos do presente, Iêdo se destacou na história de vida dela. Provando que ela foi seu grande amor e que esse sentimento viveria até a morte de ambos. Ele não casou com outra pessoa e procurou seguir os desejos de sua ex-esposa, principalmente conseguindo que a memória dela não fosse apagada da vida de suas filhas.

No próximo capítulo discorreremos sobre os desejos de Elenita, expostos oralmente e escritos, e como esses foram seguidos pelos familiares e pessoas citadas na carta. Principalmente trabalhando os últimos acontecimentos que antecedem a morte da professora e o apoio dado a ela vinda de diversas pessoas na cidade. Dialogaremos com algumas fotografias e uma carta ditada por ela, endereçada a alguns familiares, amigos e aos membros de Pedra Lavrada.

4.0 CAPÍTULO III

4.1 “Para todos os lavradenses, meu último abraço e meu adeus”

Morrer.
Em nenhum coração, em nenhum pensamento,
Em nenhuma epiderme. [...]

Morrer tão completamente que um dia ao lerem o teu nome num papel perguntem:
“Quem foi?”

Em suas palavras, Manuel Bandeira (1986, p. 175), descreve o temor à morte, aquela que não fica em nenhum pensamento, que não ficará nas lembranças de outras pessoas. Acreditamos que Elenita, nesses últimos dias que antecederam sua partida, percebeu que suas forças estavam se esgotando e que a aquela doença poderia levá-la a óbito, por isso passou de lutar, não apenas para sua própria sobrevivência, mas para que seu nome continuasse em algum coração, pensamento e epiderme. Para que ficasse na memória das pessoas.

Nosso objetivo, neste capítulo, é discutir os últimos acontecimentos na vida da professora, a partir do período que recebeu o diagnóstico de câncer de mama. Problematizaremos as formas encontradas por ela para se despedir das pessoas que amava e como se apropriou, consciente ou não, do seu poder simbólico afetivo para que seus desejos fossem cumpridos e, como esses, foram fatores importantes, que influenciaram a convivência da família (em especial do seu esposo e das suas filhas) após sua a morte.

Andréa relata que a partir do diagnóstico de sua mãe mudou sua forma de conviver com a família, ela ficou mais irritada e angustiada. “O diagnóstico de câncer tem, geralmente, um efeito devastador na vida da pessoa que o recebe, seja pelo temor às mutilações e desfigurações que os tratamentos podem provocar, seja pelo medo da morte”. (SILVA, 2008).

Esses são alguns sintomas semelhantes aos que Andréa apontou em sua entrevista, no que se refere à mudança de comportamento de sua mãe. Naquele momento, ela se viu no impasse entre vida e morte, nascimento e interrupção da gravidez. Erika relata que foi sugerido no início da gravidez que ela fizesse o aborto para poder fazer o tratamento o mais rápido possível, aumentando assim suas chances de recuperação, porém, ela preferiu não realizar o procedimento, “Ela queria ter Kilma , independente das consequências”. (VASONCELOS, 2017).

As horas para Elenita se tornaram preciosas, cada momento vivido foi acompanhado da incerteza quanto ao seu futuro. O tempo foi seu inimigo e o câncer cada vez mais assumiu o poder diante do seu corpo. Mas para a professora, a maternidade era uma missão feminina

“sagrada”, ter filhos era considerado um aspecto indissociável da vida da mulher. (PINSKY, 2014, p. 291).

Embora os médicos e as pessoas próximas tivessem aconselhado a fazer o procedimento do aborto, por uma causa aparentemente “aceita” pela igreja, já que o que estava em jogo era a sua própria sobrevivência, podemos presumir que ela foi influenciada por pensamentos religiosos. Pelo que nossas entrevistas apontaram, a professora não demonstrou ter qualquer dúvida quanto à decisão de interromper ou não a gravidez, ela preferiu dar à luz a sua terceira filha.

Segundo Socorro Vasconcelos (2015), que trabalhou na casa da professora, e por isso tinha uma maior proximidade com a mesma, relata: “Sei que ela teve que tomar uns remédios para “adiantar” ou “forçar” a gravidez”. Elenita optou por retardar o tratamento para ter a sua terceira filha. Kilma nasceu com oito meses, no dia 18 de abril de 1983, antes do previsto. Sobre esse momento a caçula narra:

Nasci aqui em João Pessoa, nasci em um momento difícil para a minha família porque no começo da gravidez minha mãe descobriu que já estava com câncer, então foi uma gravidez já complicada, o parto foi um parto que teve que ser antecipado, nasci de oito meses, mas acredito que de alguma forma foi um momento feliz também, porque é um nascimento. (MEDEIROS, 2017).

Acreditamos que o fato de Elenita ter optado por prolongar o tratamento colocou em risco a sua própria vida, para garantir a saúde de Kilma. Acreditamos que isto consiste em um assunto doloroso para a caçula, pois mesmo sabendo que não teve culpa nas escolhas de sua mãe, ela convive com o fato de que sua mãe poderia ter sobrevivido se tivesse feito o tratamento com antecedência.

A entrevistada acredita que apesar de ter sido uma gravidez complicada, a sua vinda ao mundo foi um momento feliz para sua mãe, pois ela considera um nascimento sempre um presente. Nesse sentido, percebemos que a jovem tem semelhança com sua mãe, já que se Elenita não acreditasse nessa felicidade, é provável que ela tenha agido de outra forma, optando pelo procedimento do aborto, opção aconselhada pelos profissionais da saúde e por pessoas da própria família.

A interrupção da gravidez ainda hoje é considerada pela igreja católica como um crime, pois os católicos entendem que ao praticar o ato, as pessoas estão interrompendo uma vida, caracterizando, assim, um assassinato. Para esta religião a vida é considerada algo sagrado, a qual nenhum ser humano deve tentar interromper. (KALSING, 2002).

Segundo Bourdieu, a igreja torna-se, muitas vezes, detentora de um poder simbólico, que impõe sua visão a boa parte da sociedade, esta tem o poder de influenciar os indivíduos em suas decisões. Como se esse poder fosse uma espécie de construção do mundo. Nesse sentido a internalização dos valores religiosos, agem como *habitus* ou sistemas de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas. (KALSING, 2002)

O sentimento de uma mãe floresceu na vida de Elenita que, optou por salvar sua filha em primeiro lugar. Isso ocorreu não apenas, neste fato em especial, mas podemos perceber essa forte relação em várias passagens de sua vida, porém isso se tornou mais evidente quando percebeu que a doença já era um agravante e que sua morte poderia estar próxima.

4.2 Um diagnóstico equivocado?

Em 1981, Maria Elenita recebeu uma das piores notícias de sua vida: a de que tinha um câncer de mama e este se encontrava em estágio já avançado. Por ser uma pessoa influente na cidade, diversas são as pessoas que lembraram deste fato nas entrevistas, no entanto, alguns discursos sobre o descobrimento da doença se diferem.

O tema passou a fazer parte das conversas informais, por parte das pessoas que conviveram com a professora, principalmente em Pedra Lavrada, que por ser uma cidade onde os habitantes se conheciam e eram próximos uns dos outros, as notícias sobre a saúde de Elenita se propagavam com maior facilidade entre a população. Na dificuldade de entender o motivo daquela doença ter se instalado em seu corpo, as pessoas passaram a procurar explicações, pois o câncer, até então, era uma doença pouco vivenciada.

Para Fátima, sua irmã inicialmente fez uma mamografia com um médico cidade de Cuité – PB, a escolha do médico se deu principalmente porque ela era amiga de sua esposa¹⁰⁸. “Ele pegou a mamografia para olhar e disse: diga a ela que me espere para eu marcar a cirurgia e ela pegou o exame e veio embora”. (VASCONCELOS, 2017).

Segundo Fátima, sua irmã estava ciente que tinha um nódulo, mas no primeiro momento ela teve medo, pois “[...] ela nunca imaginou que ia se transformar em uma coisa tão séria [...]. Foi retardamento do tratamento, foi falha dela mesma que não procurou se cuidar”. (VASCONCELOS, 2017).

Segundo Souza (2014, p. 60), o diagnóstico tardio era reputado como a principal causa de mortalidade de câncer, principalmente por causa do desconhecimento da enfermidade, com

¹⁰⁸ Optamos por preservar o anonimato quanto ao médico citado na entrevista, por não termos certeza se queria que seu nome estivesse presente nesta escrita.

a aparente falta de sintomas (já que eles são mais perceptíveis pelos profissionais da saúde). Assim, as pessoas só recorriam ao médico quando o câncer já estava em estágio avançado, não sendo mais possível combater o seu desenvolvimento com os recursos médicos disponíveis.

Através desse argumento, podemos entender que a professora não realizou o tratamento por descuido e por não imaginar que a doença iria se transformar em um câncer maligno. Outro aspecto que foi notado e observado por nós, através da leitura das fontes trabalhadas nesta dissertação, é de que a professora era uma mulher vaidosa e que se preocupava muito em manter uma aparência agradável para outras pessoas.

Para Souza (2014), o desconhecimento por parte de alguns profissionais sobre o câncer de mama levou muitos, nos anos 1970, a fazerem mais procedimentos de triagem da mama ou de uma grande parte do local afetado se percebessem um nódulo, um corpo estranho, para que assim as chances do dele se alastrar para o restante do corpo fosse diminuída. Ligado também a uma preocupação estética em fazer a retirada dessa parte, costuma ser um ato traumático para as mulheres.

A autora Perrot (2017, p. 49) esclarece que “A mulher é antes de tudo, uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparências”. este ideário foi construído ao longo do tempo. Para a autora a beleza é um capital na troca amorosa, em que o homem se reserva o papel de sedutor enquanto que a mulher precisa preocupar-se em aparecer sempre belas para seu esposo, para que esses despertem sua sexualidade.

Segundo suas filhas, Iêdo sempre elogiava e comparava suas filhas com os cuidados na aparência de Elenita, principalmente através das unhas sempre limpas e cortadas “Ela era muito vaidosa, ela não andava assim mostrando as unhas [mostrando as unhas sem pintar] e ele [Iêdo] sempre fazia comentários desse tipo”. (MEDEIROS, 2017).

As filhas da professora, assim como outras entrevistadas, ressaltam a vaidade que ela tinha. A primogênita lembra: “Para a festa de Pedra Lavrada ela fazia uns vestidos para cada noite, essas coisas, lembro-me dela fazendo as unhas, arrumando os cabelos”. (VASCONCELOS, 2017).

É importante lembrar que nesse período as condições financeiras da maioria da população eram limitadas, por isso usar vestidos diferentes e ter sapatos para determinadas ocasiões era considerado símbolo de consumismo e de *status*. Através dessas e outras passagens, percebemos que Elenita se caracteriza como uma mulher que tinham elevadas

condições financeiras, se comparada à maioria da população, e cuidava da sua aparência¹⁰⁹, seja através das unhas, cabelos, entre outros.

Andréa comentou que nem sempre as pessoas viam como um lado positivo este cuidado com a aparência. Ela relata que uma pessoa, expôs de forma ruim que sua mãe dava muita atenção a vaidade, deixando de lado outros assuntos ligados a vida.

Uma vez Rosa¹¹⁰ comentou que ela era muito, acho que ela quis dizer fútil, na juventude, que se preocupava muito com... que era muito vaidosa, que se preocupava muito com roupa, com não sei o que... Eu lembro de uma vez ela ter dito isso. Acho que gostava muito de festa, de roupa, coisas assim. (VASCONCELOS, 2017)

Aparentemente ela também era criticada por ter esse lado, por se importar com as exterioridades. Para algumas pessoas, ao contrário de Iêdo, o fato dela se preocupar com essas questões, tornava uma mulher considerada fútil que acabava desprezando outros assuntos que não estavam ligados a estética.

Não sabemos ao certo se o motivo de Elenita não ter realizado a cirurgia com o primeiro exame foi por temer a estética ou se realmente ela não imaginou a gravidade do nódulo.

Érika, diferente de Fátima, em sua narrativa, apresenta outra versão, a história que foi repassada através do seu pai Iêdo e que faz questão de dizer que acredita nessa contada por ele. A de que a professora tinha feito dois exames: o primeiro em um hospital público e o segundo no hospital particular em Campina Grande. Ela então preferiu acreditar, ou acreditou, na segunda opção, já que o fato de ser uma instituição particular lhe trazia mais confiança.

Segundo os autores Paim, Travassos, Almeida, Bahia e Macinko (2011), em suas análises sobre o sistema de saúde brasileiro¹¹¹, a partir de 1964 ocorreram algumas reformas governamentais que impulsionaram a expansão de um sistema de saúde privada, especialmente nos grandes centros urbanos. Isso de certa forma contribuiu para uma valorização desses estabelecimentos, deixando para segundo plano o âmbito da saúde pública.

¹⁰⁹ No trabalho de conclusão de curso de licenciatura em história, “Formas de viver no feminino: análise de gênero na trajetória da professora Maria Elenita de Vasconcelos (1944-1985), foi problematizada com maior ênfase a relação que Elenita tinha com uso de roupas e acessórios que a caracterizavam como uma mulher vaidosa.

¹¹⁰ Optamos por preservar o anonimato, temendo que isso possa acarretar em futuros problemas nos relacionamentos de pessoas envolvidas. O nome citado consiste em um pseudônimo.

¹¹¹ No Brasil, o aparelho de mamografia só foi difundido entre o setor privado e público a partir de 1970, ou seja, em média apenas dez anos antes que a professora descobriu a doença, o que nos leva a acreditar que o câncer de mama era pouco debatido e estudado entre os profissionais e principalmente entre as pessoas. O que pode ter contribuído a princípio para o desconhecimento da enfermidade por alguns profissionais de saúde, incluindo esse segundo diagnóstico de Elenita. (PORTO; TEXEIRA; SILVA, 2003, p. 332).

Maria Dapaz, prima de Elenita, também afirma que a professora ficou em dúvida no primeiro exame e foi fazer um segundo na cidade de Campina Grande, com outro profissional da qual não se recorda o nome, fato semelhante com a narrativa de Erika. Segundo ela, a médica tinha aconselhado a professora a ter outra filha, alegando que o nódulo iria desaparecer após a gravidez, apontando que o mesmo foi causado pelo excesso de hormônio. Érika não sabe informar se de fato isso foi o conselho da médica, mas confirma o resultado desse segundo: que o nódulo não era um motivo de preocupação.

A mulher, em contato com o próprio corpo, pode em alguns casos sentir o nódulo, essa prática consiste em um dos diagnósticos, no entanto, a repressão em torno do desejo e da sexualidade feminina parecem coibir essas práticas entre as mulheres. Outra forma de detectar a doença é fazendo o exame de mamografia, que é com imagens radiológicas específicas das mamas, este aparelho chamado de senógrafo foi produzido pela primeira vez França em 1965. (SOUZA, 2014)

Para Souza (2014), lidar com o câncer não é uma tarefa fácil, pois a própria cirurgia pode trazer um risco de vida e deixar sequelas indesejáveis. O câncer e as intervenções para conter o mal alteravam as expectativas de vida dos acometidos pela doença, trazendo várias mudanças na vida do paciente em níveis individuais, familiares e sociais. Por isso muitos se faziam de surdos aos sinais, só recorrendo a medicina quando era impossível de ignorá-las.

O diagnóstico de um câncer ofuscou a expectativa de vida professora, que foi para a capital em 1980 com o desejo de continuar seus estudos e por acreditar que na cidade grande sua família teria mais oportunidades de trabalho e de estudos. Andréa lembra que a partir da descoberta por sua mãe da doença, ela ficou diferente. Antes, ela sonhava em continuar seus estudos, agora ela só queria ter a oportunidade de criar suas filhas, assim Fátima Vasconcelos lembra uma passagem:

Quando cheguei na casa dela um dia ela estava em pé segurando uma grade de ferro na cozinha em cruz das armas e dizendo meu Deus tanto bandido tanto ladrão vivem fazendo mal às pessoas e eu não vou ter direito de criar minhas filhas. (VASCONCELOS, 2017).

É interessante perceber que esta passagem foi narrada por Fátima duas vezes: a primeira no início da pesquisa em 2014, que sucedeu a monografia, e em 2017 na entrevista para esta escrita. Nessas duas passagens, ela narra com uma semelhança interessante. Principalmente descrevendo o ambiente da casa em Cruz das Armas com a grade de ferro.

A grade de ferro remonta à falta de liberdade, prisão, talvez esse tenha sido o momento pelo qual Elenita estava passando. Ao chegar em João Pessoa ela tinha tantos sonhos, como continuar seus estudos, agora ela só queria viver e poder acompanhar a educação de suas filhas. A própria se mostra incompreensiva com aquela realidade, pois ela acredita ter feito só o bem e não entender porque a doença a escolheu.

Segundo os entrevistados a professora foi uma pessoa que fez muitas amizades, ajudou o próximo, repassou ensinamentos e só queria ter a oportunidade de acompanhar o crescimento de suas filhas, de estar ao lado deles quando precisassem. Semelhante a essa passagem de Fátima, Maria Dapaz (2015) lembra: “Ela sofreu demais! Ela dizia: Meu Deus nunca fiz mal, porque eu mereço passar por isso?”.

Para Elias (2001), Freud também se preocupou em descobrir questões relacionadas à morte. Uma delas é o sentimento de culpa, o sentimento da morte, relacionada à culpa e punição. Acreditamos que pensamento semelhante ao de Elenita quando se viu pensando que a sua morte poderia estar próxima, por isso passou a procurar explicação para tamanho sofrimento.

Amargurada, mas guerreira como sempre demonstrou, ela, após ter gerado Kilma, não desistiu da vida e mesmo abalada psicologicamente luta pela oportunidade de acompanhar a educação dela e das outras irmãs, assim relembra Andréa (2017): “Quando ela ainda estava em casa eu lembro que, eu ia com ela pra ela tomar quimioterapia, não sei exatamente o que era, mas eu lembro de ir com ela, de pegar ônibus, pra ir com ela para algum tratamento de saúde, antes dela ser internada”.

Nesse período, a professora recebe carinho e as visitas se tornaram cada vez mais constantes em sua casa, vindo de parentes como Valdeci, Fátima, Violeta, Rita e amigos como Graciliano e Maria Dapaz. Esta última relembra o momento em que fez uma visita a professora.

No dia 18 de abril a menina dela nasceu e dia 21 de abril era feriado, aproveitei e fui ver ela. Eu passei a noite dançando com essa menina, a bichinha chorando sem ela poder amamentar. Eu disse: vá dormir, Elenita que eu fico com Daluzinha. O drama dela em ter a família e não poder amamentar. (DAPAZ, 2015)

A doença foi se agravando, os dias passaram rápidos e seu estado físico foi se deteriorando até não poder mais realizar atividades simples. O convívio com a família foi diminuindo, já que o seu estado de saúde precisou de mais cuidados médicos e, portanto, a obrigou a se mudar para o hospital.

Para Elias (2001), o medo da morte passou a levar as pessoas a procurar na medicina uma forma de prolongar a vida. Muitas, como foi o caso de Elenita, vão para o hospital e permanecem até a morte longe do convívio da casa e da sua família. Antigamente as pessoas acompanhavam os últimos dias de vida do doente, trazendo-os o que podia, como comida, água e cuidando com carinho. A pessoa doente tinha em sua volta pessoas que os amavam e que enchiam de carinho e amor, tornando seus dias mais alegres. Assim, em uma unidade terapêutica as relações tornam-se em pleno distanciamento da família e de outras pessoas.

Elenita saiu do convívio da sua família para o hospital Napoleão Laureano¹¹², este localizado no bairro Jaguaribe, na mesma cidade em que morava, João Pessoa-PB, a instituição é reconhecida por ser um hospital de referência oncológica na região. Neste local, ela passou os últimos dias de sua vida. Esta instituição também foi onde Iêdo fez o seu tratamento de saúde, antes de falecer em 2014.

Ao ver o estado de saúde dela, a mãe de Iêdo, Margarida Carvalho Rosa, se comoveu com a situação da nora e decidiu ir a João Pessoa para cuidar de suas netas e de seu filho. Percebemos que foi um ato solidário de sua sogra, que pelo que nossa pesquisa aponta, tinha um grande carinho por Elenita, deixando sua residência na cidade de Governador Valadares-MG, e indo ajudá-la neste momento de dores físicas e emocionais.

Pedra Lavrada, cidade onde Elenita nasceu e viveu grande parte da sua vida tem uma distância média de 250 km para João Pessoa, porém, este não foi um empecilho para aqueles amigos que não mediram esforços e deram um jeito de ir prestar solidariedade. Mesmo com as visitas sendo limitadas a curto espaço de tempo no hospital algumas pessoas foram emprestar um ombro amigo ou uma boa palavra de consolo. Graciliano relembra o momento em que foi visitá-la e ficou triste por Iêdo.

Porque eu fui visitar ela lá no Laureano, quando ela estava quase na fase terminal. A gente via que ele estava sofrendo demais. Depois que ela morreu ele foi aquele cara que ficou numa amizade tão grande com as filhas, era aquela coisa bonita a amizade dele com as filhas e com a família. (CALIXTO, 2017).

A doença de Elenita, também serviu para aproximar as pessoas e conseguir através da união forças para enfrentar os momentos de dor, ao ver sua esposa cada vez mais perto de partir da convivência entre seus pares. Mesmo ela estando enferma no hospital, Iêdo teve que

¹¹²No dia 24 de fevereiro de 1962, a Fundação Laureano, através do seu Diretor Presidente, Deputado Federal Janduhy Carneiro, entregou à Paraíba e aos paraibanos o Hospital que, merecidamente, recebeu o nome do seu idealizador, o inesquecível médico Napoleão Laureano. Para mais informações visite: <<http://hlaureano.org.br/quem-somos/o-hospital/>>. Acesso em 22 de dezembro de 2017.

continuar trabalhando em um fiteiro para conseguir sustentar a família, pois, nesse momento, boa parte dos bens, como a casa de Pedra Lavrada, foram vendidos para cobrir os gastos da mudança para João Pessoa e os custos médicos relacionados à doença de sua esposa.

Maria Conceição Vasconcelos,¹¹³ irmã da professora já morava na capital e juntamente com Rita, Violeta e Fátima (que também tentava permanecer na capital para ajudar a cuidar de Elenita). Elas deram muito apoio a ela nesse momento. Kilma, Andréa e Érika foram para a casa dessas suas tias e ficaram sob seus cuidados por um bom tempo, até sua avó, mãe de Iêdo, vir a João Pessoa. Quando Margarida chegou a João Pessoa, levou Andréa e Érika para sua casa em Cruz das Armas, onde permaneceu cuidando das netas até a morte de sua nora. A primogênita relata algumas idas ao hospital para visitar sua mãe.

Eu lembro de algumas vezes ir e poder vê-la, lembro de algumas vezes ir e dizerem que ela não estava em condições de receber. E pra mim era muito estranho porque eu lembro dela já assim: acho que inchada [apontando para o braço] muito inchado, então assim aquela imagem [voz trêmula/ choro leve] era muito diferente [pausa leve] da imagem da minha mãe. (VASCONCELOS, 2017).

Ela ainda lembra que algumas vezes ia ao hospital, mas não conseguia vê-la, pois diziam que ela não estava em condições de receber visitas. É interessante perceber que suas tias também foram pessoas cuidadosas, elas tentaram enfrentar a situação de uma forma que Elenita e suas filhas não ficassem tão distantes, amenizando as dores entre ambas. Socorro Vasconcelos (2015) relata: “[...] levávamos elas sempre para ver a mãe, sempre! Quase todo dia”.

Andréa, sobre esse período, conta que naquele momento já não conseguia enxergar sua mãe, pois o seu braço já estava muito desfigurado, acreditamos que nessa passagem ela tenha se referido também à forma pessoal, pois ela mesma narra em outros momentos que sua mãe mudou completamente a forma de ser e agir, ficando mais irritada e menos paciente com determinadas coisas. E como já mencionamos anteriormente, é comum que pessoas com câncer sofram mudanças comportamentais devido à medicação e ao próprio medo da morte. (SILVA, 2008).

Podemos imaginar a dificuldade e o sofrimento de Elenita, pois além das dores emocionais, de ter que deixar suas filhas e sua família, em um processo relativamente lento ela também enfrentou muitas dores físicas. As irmãs dela passaram a se revezar no hospital,

¹¹³ Não entrevistamos Maria Conceição Vasconcelos, os fatos que estão presentes sobre a mesma foram relatados por Andréa Vasconcelos.

para que Elenita tivesse o apoio de alguém 24 horas por dia. Acreditamos que, como já estava em estado avançado, elas temeram que ela pudesse partir a qualquer momento. Assim, permaneceram até os últimos dias de vida dela.

Com a saúde bastante fragilizada e em meio às dores físicas e emocionais, Elenita não conseguiu reverter a situação e veio a óbito¹¹⁴ às 17h00 do dia 20 de fevereiro de 1984, no Hospital Napoleão Laureano. Nesse momento, quem esteve na sua companhia foi Rita Maria Vasconcelos, sua amiga-irmã.

Andréa que tinha apenas oito anos lembra com muita emoção como recebeu a notícia na casa de suas tias: Rita, Violeta e Maria.

Eu lembro da notícia, era uma segunda feira e eu tinha vindo da escola. Minha vó estava na minha casa, tomando conta da gente e eu lembro que tinha chegado da escola e acho que a gente ia almoçar, ou alguma coisa assim, pela manhã e chegou uma pessoa, Diomedes¹¹⁵, acho que era uma filha de Diomedes, eu não sei te dizer mais precisamente quem era a pessoa, mas era uma pessoa próxima, que tinha origem em Pedra Lavrada. [...] Que na nossa casa não tinha telefone, em Cruz das Armas, então veio essa menina, essa moça dar a notícia de que a minha mãe tinha falecido. E aí falou pra minha vó e minha vó foi quem me deu a notícia, isso eu me lembro que era pela manhã, na hora do almoço. É... eu lembro que eu chorei muito, mas depois como toda criança [voz trêmula] comecei a brincar, até que no fim, a noite chegou meu pai em casa, muito abatido e pálido muito, muito, muito! [voz trêmula/ pausa longa/ choro]. (VASCONCELOS, 2017).

Andréa relata que a notícia sobre a morte de sua mãe foi dada pela manhã. No entanto, o óbito mostra que Elenita faleceu no turno da tarde dando conflito nas informações entre a narrativa e a certidão de óbito. Por se tratar de uma criança de apenas oito anos de idade, a memória pode não ser tão precisa, ou que a mesma tenha se confundido no decorrer da entrevista.

O próprio óbito pode conter equívocos, podendo ter havido falha no momento da digitação, da pessoa que ditou ou quem escreveu, enfim, várias são as hipóteses que tenha ocorrido para esta confusão na hora em que Elenita faleceu. Embora haja esta confusão de horários, é interessante perceber a riqueza de detalhes que Andréa conta do fato, isso porque acreditamos que ela era ainda muito jovem. Talvez este episódio se revele como uma passagem importante e marcante em sua vida.

¹¹⁴ Ver anexo Y. Certidão de óbito de Maria Elenita.

¹¹⁵ Não conseguimos localizar a pessoa citada por Andréa na entrevista. O que sabemos são as informações por ela relatadas: que era uma pessoa próxima à família e que tinha parentes em Pedra Lavrada-PB.

A avó que ela cita nesta passagem é a mãe de Iêdo, Margarida Carvalho Rosa, que tinha ido para a capital da Paraíba para cuidar de Elenita e das filhas. Comovida com a situação que a família enfrentava com a enfermidade de sua nora, foi quem cuidadosamente deu a notícia do falecimento para a pequena Andréa. Ela relata este acontecimento com muita emoção e com sua voz trêmula, narra que chorou muito, mas que depois conseguiu esquecer através das brincadeiras típicas de criança.

Ariés (1975), em sua obra *O homem diante da morte*, fala sobre comportamento e atitudes dos ocidentais diante dessa passagem que todos fazemos na vida. Para ele, as pessoas associam a morte a sentimentos negativos como tormento e dor. Ele descreve que na Idade Média o assunto era mais presente e mais familiar. Reconhecer que somos passageiros e que não sabemos como será e se de fato existe algo além da morte consiste em uma dificuldade para nossa sociedade, em especial para as crianças.

Para as crianças, nesse caso de Andréa, que era a mais velha, havia algum conhecimento de que a morte é um processo natural de todo ser humano e que as pessoas, no caso sua mãe, podem falecer a qualquer momento. Pode ser mais natural, mais fácil de encarar, menos traumático dizer do que alimentar a fantasia de que as crianças terão uma vida longa e afastar o assunto delas. (ARIÉS, 1975).

Acreditamos que Andréa tenha tido muitas dificuldades de acreditar naquela realidade, a de que sua mãe não podia mais fazer parte da convivência e para suportar a dor, tentava esquecer através das brincadeiras e outras atividades. Para a menina a ideia da morte até então era um assunto não familiar.

Ela ainda conta a reação de seu pai ao chegar no final da tarde, este que estava muito abatido e pálido. Após relatar este fato, percebemos que as emoções sobre o acontecimento ocorrem de maneira mais visível na expressão de Andréa no momento da entrevista, por isso ela desenvolve crises de choro e não consegue mais prosseguir sua fala.

Da mesma forma, podemos, como historiadores, estar nós mesmos às voltas com uma emoção pessoal diante do que lemos e analisamos: é outra partilha a assumir, uma maneira modesta de aceitar que o “intelectual” como qualquer um, está às voltas com o lugar-comum dos sonhos e sofrimentos dos sentidos. A emoção não é uma tela, mas uma ferramenta, uma forma de inteligência aguda que se confronta ao conjunto das realidades humanas, mesmo que transformadas pelas grades da análise e do discurso. (FARGE, 2011, p. 94).

Por isso, no momento dessa entrevista e nesse momento principalmente, fico comovida com seu relato, e permaneço tentando conter o meu próprio choro, em silêncio e

olhando para baixo. Após alguns segundos, olhei de volta para o seu rosto e expliquei a Andréa que ela tem o tempo necessário para se reestabelecer e continuar a narrar o fato.

Em seguida ela prossegue. “Ficou muito pálido, chegou muito abatido em casa, muito pálido e não lembro de a gente ter conversado, só que ele me abraçou”. (VASCONCELOS, 2017). Para Le-Breton (2009, p. 39), o movimento corporal empregado através de ações como o abraço ocorre da mesma forma que a pronuncia da fala, elas enraízam-se na efetividade individual. Da mesma forma que pronuncia uma palavra, o silêncio, os gestos, nunca são neutros, a corporeidade apresenta significações.

No momento da notícia da morte de sua mãe, Andréa relata que Iêdo optou pelo silêncio e pela expressão corporal através de um abraço. Acreditamos que a ação naquele momento ganhou significações de cumplicidade e amor. Talvez esse realmente tenha sido um dos aspectos importantes e um dos lemas seguidos por ele, que foi a tentativa preservar a união da família, que agora seguia sem a presença de Elenita.¹¹⁶

Barros (1989, p. 33) dialogando com os estudos de Halbwachs, apresenta a memória coletiva como classificatória. A família como referência é importante para a reconstrução do passado, pois o indivíduo ao se comportar como membro de um grupo, contribui para evocar as lembranças vividas entre ambos. Neste caso, a união vivenciada através do luto, fez com que Andréa e as irmãs tivessem lembranças de sua mãe relacionadas a presença de seu pai. Iêdo foi a pessoa que cuidou das filhas e repassou a memória de Elenita. Por isso considerando o tempo vivido ao lado do pai. Todo comentário relacionado ao mesmo é acompanhado de informações que remetem a carinho, amor e afetividade.

Outro fato que descreve esse cuidado que Iêdo tinha com suas filhas, foi quando depois da morte de Elenita, Violeta Vasconcelos que até então cuidava de Kilma junto com Rita, se casou e optou por ir morar em outra localidade e queria levar sua filha e sobrinha junto. “Quando tia Violeta casou e foi para Goiás ela queria levar Kilma e meu pai disse não. Em João Pessoa, em outra casa tudo bem, mas ir para outro estado não. Aí foi quando ela ficou com tia Rita”. (VASCONCELOS, 2017).

Segundo Andréa, seu pai honrava o compromisso com Elenita, “Porque uma coisa que minha mãe pediu era que não separasse a gente [...]” por isso a ida de Kilma naquele momento para a companhia das tias era porque Iêdo não tinha condições de trabalhar para

¹¹⁶ Ver anexo Z. Convite missa 30º dia da morte de Elenita.

sustentar a família e ao mesmo tempo criar um bebê com apenas dez meses, que exigia maiores cuidados.

É importante destacar que, apesar de Kilma morar em outra casa, Iêdo mantinha uma relação muito próxima com ela e não aceitava que ela se distanciasse do convívio de suas irmãs. Acreditamos que Elenita tenha depositado toda a confiança em seu esposo, pois ela temia que suas filhas talvez não fossem bem-educadas e/ou fossem maltratadas por outras pessoas.

Andréa lembra que após a notícia da morte de Elenita, eles se organizaram para viajar para Pedra Lavrada.

No velório, pelo que me lembro, foi na casa da minha avó, no casarão ali, lembro que o caixão estava na sala e tinha muita gente, muita gente na rua, muita gente na casa. [pausa leve/ choro/ emoção] Eu lembro que fiquei no colo do meu pai [voz trêmula/ pausa média], que a gente chorava muito, lembro que ele me levou para ver o caixão, e foi horrível [voz trêmula/ choro/ pausa média] E aí, eu lembro que não quis ir para o enterro [pausa leve/ choro] eu lembro que meu pai pegou Kaká no colo e depois me pegou pela mão e não sei onde a gente ficou, enquanto ocorreu o enterro [voz trêmula], não sei se ele foi, mas eu lembro que eu não fui. Eu pedi para não ir, acho que Kaká também não foi, ela ficou só no velório. [pausa leve/ voz trêmula/ emoção] E na minha memória era [pausa leve] era de manhã [pausa leve] e eu lembro que fora da casa era aquele sol mas lá era tudo negro [voz trêmula], tudo escuro, muito escuro (VASCONCELOS, 2017).

Através desta passagem podemos perceber mais uma vez como Iêdo, se comportou após a morte de Elenita, sendo um símbolo referencial de apoio, segurança, amor e afetividade para com suas filhas. Principalmente quando ela afirma que permaneceu ao lado de seu pai durante todo o tempo do velório.

O velório ocorreu na casa dos pais de Elenita: Jovina Vasconcelos e Solon Vasconcelos, esses já haviam falecido naquele período, mas a família mantinha o imóvel preservado. Esta residência¹¹⁷ se localizava onde hoje é popularmente conhecido como casarão¹¹⁸, situada no centro da cidade, perto da igreja matriz.

Andréa relata o velório de sua mãe, e descreve detalhadamente como se tudo tivesse ocorrido há pouco tempo atrás, lembrando que já fazem 34 (trinta e quatro) anos. Ela lembra o local na casa de sua vó, no casarão, o espaço onde ficou o caixão, a quantidade relativamente

¹¹⁷ Ver apêndice D. Foto do casarão pertencente à família Vasconcelos. Local onde Elenita foi velada. Fevereiro, 2018.

¹¹⁸ Não sabemos ao certo porque a residência é conhecida como “casarão”. Acreditamos que isso aconteceu pelo fato da casa ter um espaço relativamente grande se comparada às outras. Atualmente ela mantém alguns traços originais, similares à arquitetura da época.

de pessoas, onde elas estavam a posição que ficou boa parte do tempo “no colo do meu pai”, as ações “para ver o caixão”, “que não quis ir ao enterro”.

Halbwachs (2003) em seus estudos faz uma reflexão sobre a memória e infância, para ele quando a criança se lembra de um acontecimento no passado, de algo que outras pessoas não conseguem lembrar com tamanha riqueza de detalhes, é “[...] porque nos chocamos ou porque nos ferimos em contato com objetos ou tenhamos de nos sujeitar a desdobrar pela força das circunstâncias”. (HALBWACHS, 2003, p. 47).

Andréa teve que passar pela aprovação, responsabilidade para vida de um adulto, através de determinado acontecimento que marcou sua memória individual, como a perda de sua mãe. “Depois de um luto a criança conheceu um tipo de sofrimento normalmente reservado aos adultos e teve enfrenta-lo no mesmo plano em que estes”. (HALBWACHS, 2003, p. 48). Por isso, ela se lembra de detalhes que outras pessoas talvez não lembrem.

É também importante perceber o que, para Halbwachs (2003, p. 35), cada pessoa desenvolve lembranças diferentes com outras pessoas, pois cada qual um desenvolve relações afetivas diferenciadas. Operacionalizando os estudos de Halbwachs (2003), podemos compreender que Andréa por ser filha de Elenita e com ela ter tido uma oportunidade de conviver com sua mãe é comum que ela se lembre de passagens que outras pessoas não conseguiram, por serem momentos importantes e pelo tempo de convívio que foi maior do que suas irmãs ou outras pessoas.

Outra passagem da entrevista de Andréa que nos chamou atenção foi a forma encontrada por ela para descrever o ambiente do velório “Eu lembro que fora da casa era aquele sol, mas lá era tudo negro [voz trêmula], tudo escuro, muito escuro”. (VASCONCELOS, 2017). A forma encontrada por ela de definir aquele momento através do “negro” e “escuro” consiste em usos, que no decorrer do processo histórico e social, foram palavras associadas à inferioridade racial, geralmente, são atribuídas a conotações pejorativas ruins.

Silva (2014), em suas reflexões sobre as Terminologias e gradações diz que “[...] as formas cotidianas de classificar cor e raça em uma feira de Belém” traz indícios de que as palavras e as classificações, utilizadas no cotidiano devem ser analisadas de forma relacional e contextual.

Resumidamente, podemos dizer que as classificações sobre cor e raça no Brasil, frequentemente, aparecem no discurso cotidiano sem polarizações, apresentando inúmeras terminologias e gradações de cor que, na maioria das vezes, são utilizadas de forma relacional e contextual dependendo,

fundamentalmente, de onde se fala, de quem se fala, com quem se fala e a forma como se pronunciam tais termos, uma vez que o sentido das classificações emergem das experiências narradas e não dos termos empregados. (SILVA, 2014, p. 123).

Interpretamos que a forma encontrada por Andréa para narrar que o momento do velório foi um momento triste, de muita solidão e sofrimento, foi com o uso de uma palavra de cunho preconceituoso, no entanto, acreditamos que essa não é uma característica de sua personalidade, pelo contrário, a primogênita demonstrou atenção e compreensão com a adversidade.¹¹⁹

Andréa, nesse momento, vivenciou momentos dolorosos, pois foi a última vez que viu pessoalmente sua mãe. Ela conta com detalhes e emoção passagens sobre esse acontecimento, lembrando que, ao falecer ela já estava enferma e com a saúde fragilizada. Isso nos leva a perceber que Elenita já imaginava e já tinha procurado encontrar formas de preparar Andréa e as outras filhas para sua partida deste mundo.

Foi relatado na entrevista por Calixto (2017) que Maria Elenita já havia comprado o caixão e deixado em sua residência antes mesmo de falecer e, mesmo ainda consciente, convivia com o caixão de forma natural. Ao falar sobre esse assunto Andréa, que se recorda de muitos detalhes desse período, afirma que não lembra e nunca ouviu falar neste fato. Pois a mesma permaneceu nesta casa até o estado de saúde de sua mãe piorar e ela ter que permanecer no hospital.

Se Elenita realmente comprou esse caixão é provável que tenha deixado em sua residência no período em que Érika, Kilma e Andréa estavam na casa de suas tias Violeta, Maria e Rita, e por isso as filhas não tiveram contato com o objeto, já que houve períodos que elas não residiam em suas casas no bairro de Cruz das Armas. Porém, pelo que nossas entrevistas apontam, Margarida, dias antes da morte da professora, voltou com as filhas mais velhas para a casa de Iêdo, ou seja, há uma incompatibilidade com o fato relatado sobre compra do caixão.

A distância de tempo desde que Elenita morreu até sua narrativa em 2017 é de 33 anos, ou seja, um relativo período longo de anos, isso nos leva a trabalhar com a possibilidade de que Calixto tenha se confundido em sua narrativa, ou Andréa não tenha lembrado deste objeto em sua casa. Não sabemos ao certo se ela já tinha comprado o caixão, acreditamos na

¹¹⁹ Houve momentos na entrevista com Andréa que ela narrou um episódio de preconceito vivido por seus avós com relação à cor da pele de ambos. Percebemos que ela foi crítica e assumiu a percepção de que a cor da pele não era parâmetro para definir ou caracterizar personalidade.

possibilidade deste fato, pois ela se preparou para a morte de outras formas como através da escrita da carta.

O fato de Elenita ter se preparado para a morte, aparece como um aspecto singular e carregados de sentimentos. Segundo Elias (2001) tentam afastar o quanto podem da ideia de morte. Por isso, é comum que em nossa sociedade, diferente da idade média, a ideia de comprar o caixão e pensar de como quer que seja o seu velório ou o seu corpo no sepultamento resulta como estranho para a maioria da população.

Após seu falecimento, no dia 21 de fevereiro de 1984, dia seguinte da morte de Elenita, Pedra lavrada ficou de luto. Sobre essa passagem, encontramos alguns registros fotográficos que nos transporta para a época, como podemos observar na figura 11.

Figura 11 – Velório de Maria Elenita



Fonte: acervo pessoal de Maria Dapaz.

Essa foto foi encontrada por Maria da Paz, que a guardou em seu álbum para lembrar da sua amiga. As pessoas se mostram de cabeças baixas ou, então, olhando para o caixão de Elenita. Podemos notar, ainda, que há um pano que recobre o caixão, o que acreditamos ser a bandeira de Pedra Lavrada, símbolo de patriotismo ou de amor à cidade. Sentimentos que correspondiam a personalidade da professora relatados em nossas entrevistas.

Figura 12 – Velório de Maria Elenita próximo ao local do sepultamento



Fonte: acervo pessoal de Fátima Vasconcelos.

As fotografias das figuras 11 e 12 registram um único momento, em dois lugares diferentes. O primeiro momento é registrado em uma rua, onde o velório seguia em direção à igreja católica, costume antigo na religião, que dita que todo corpo enterrado tem que passar em frente à “casa sagrada”. A fotografia da figura 12¹²⁰ apresenta-se em um ambiente um pouco afastado da zona urbana, a percepção se dá devido à paisagem natural que a envolve. Este local é próximo ao cemitério, ou seja, essa foto foi registrada momentos depois da anterior.

Um aspecto notável no segundo registro fotográfico é a forma como as pessoas estão posicionadas, com a coluna ereta e em fileira, estão com camisas brancas, calças azuis e calçados fechados. Foucault (1997), em sua obra *Vigiar e punir*, vai problematizar a disciplina que ao longo a século XVII se concretizou enquanto tratamento de condutas regulamentadas, isso vai ocorrer não por meio dos princípios de escravização ou força física, mas por meio da fabricação de corpos dóceis para desempenhar determinadas tarefas.

A presença dos alunos com uso do uniforme escolar e foi o pedido feito por Elenita na carta: “quero o grupo e o colégio no meu enterro, todos fardados”. Compreende-se o fardamento como: “o nome, a tradição, o método, o grau de disciplina, o nível de ensino, a postura perante a sociedade e as outras escolas”. (SCHOLL, JACQUES, 2012, p .6). O

¹²⁰ Essa fotografia foi encontrada nos pertences pessoais da irmã de Elenita, Violeta, e foi cedida por sua outra irmã, Fátima Vasconcelos, responsável pelas coisas que Violeta deixou.

uniforme escolar estabelece em seu uso um ato de pertencimento, o aluno deve honrar o nome, as cores, a tradição e o emblema da escola da qual é vinculado. “Ao mesmo tempo, submete o aluno ao disciplinamento”. (SCHOLL, JACQUES, 2012, p. 6).

Percebemos que a participação dos alunos da Escola no velório de Elenita, todos em posição de fileiras e com uso de uniformes, situa-se no que Foucault elaborou sobre as técnicas de disciplinas, semelhantes ao adestramento com fins pré-determinados. Acreditamos que nesse sentido a finalidade era o de respeito, para professora que foi uma pessoa que atuou de forma direta na escola e na educação do município.

Através desse gesto, que foi um pedido seu na carta, Elenita mostrou que tinha a intenção de fazer da sua morte um espetáculo final, ela pensou em detalhes de como seria o seu velório, incluindo a carta que escreveu para ser ditada no velório. A presença dos alunos fardados em velórios era um fato comum em Pedra Lavrada, principalmente quando a professora era diretora e fazia questão de seguir o costume, inclusive de expor na carta o seu desejo que todos os alunos fardados estivessem presentes em seu velório.

Os alunos se organizaram para acompanhar, era uma coisa que ela gostava de fazer quando morria uma pessoa na comunidade e que tinha amizade, então ela mandava todos ir de farda acompanhar. Quando minha vó morreu, eu já trabalhava na escola, sem ninguém nem esperar, quando pensei que não ela chegou com os alunos todos. (CALIXTO, 2017).

O uniforme é um item importante de identificação dos alunos, trazendo em seu corpo as marcas de uma escolarização. Portanto, na maioria das vezes, são obrigatórios, estes se configuram como um ato de postura. A presença dos alunos no velório ou o cumprimento de seu pedido na carta, nos leva a perceber, que foi também uma forma encontrada pela escola para demonstrar seu descontentamento com a perda da professora.

Em virtude do seu falecimento, o vereador Manoel Fernandes dos Santos, através de requerimento, solicitou à câmara dos vereadores, juntamente com o apoio do prefeito, o Sr. Manoel Júlio, que a escola recém-construída na cidade fosse denominada Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho¹²¹.

4.3 A despedida de Elenita através da carta

Há um mês e dezessete dias antes de seu falecimento, Elenita deixou uma escrita, esta que foi lida em voz alta em seu velório. Nesse período, ela já se encontrava enferma e sem nenhuma perspectiva de reestabelecimento na sua saúde, por isso, pediu para sua irmã Rita Vasconcelos, que em toda sua vida foi uma pessoa muito presente e de confiança, para ela escrever uma carta que iria ditar, pois o seu braço estava impossibilitado, devido ao desenvolvimento da doença.

Devemos estudar e trabalhar na perspectiva que reconhece a escrita como documento histórico, devendo necessariamente passar por uma análise minuciosa. Destacamos, primeiramente, a intencionalidade que esses escritos têm, já que são produzidos com verdades próprias de cada escritor, de acordo com suas relações, sociais e afetivas (GOMES, 2004).

Acreditamos que Elenita se apropriou da sua condição de moribundo para sensibilizar as pessoas perante o seu velório para expor seus desejos e para garantir, através da leitura em público, que as pessoas ali presentes fossem testemunhas de seus desejos. Fonseca (2007, p. 168), através dos conceitos de Baczko, apresenta o potencial de dominação que o poder simbólico tem de se apropriar dos símbolos afetivos, para garantir a obediência do grupo.

Outra hipótese trabalhada sobre as intenções de Elenita ao escrever a carta é a de que, ela pensou em deixar para a população um registro histórico, da sua passagem aqui na terra. Ela endereça a liderança política: o prefeito da época Manoel Júlio e aos lavrandenses. Nesse sentido, percebemos que se foi o seu objetivo, ela conseguiu em grande medida realiza-lo, pois é notado através da pesquisa que grande parte das pessoas que se fizeram presente no velório da professora, lembram do registro.

Sobre o velório e a carta o senhor Graciliano Calixto (2017) relembra: “Eu tava, esse dia foi o dia que eu vi mais gente chorando... de aluno... Quem tava no sepultamento chorou e quando Tinan leu no sepultamento a carta que ela tinha deixado, era ela recomendando Pedra Lavrada ao Sr. Manoel Júlio, chorou até o papagaio”.

Mesmo não apresentando a carta a Calixto (2017) durante a entrevista, ele o cita, afirmando que no momento da leitura comoveu muitas pessoas. Não apenas eles, como outras pessoas na cidade, guardam esse momento em suas memórias, o que nos faz levar em consideração que o desejo de Elenita de se tornar uma pessoa lembrada pelos lavradenses realmente tenha acontecido.

No registro histórico Elenita deixa traços de sua personalidade, isto ocorreu através das palavras descritas na carta e da própria intenção de escrever o documento. Acreditamos

que esta consiste em uma escrita autobiográfica, pois deixa traços de sua vida, externa desejos e sentimentos por pessoas como alguns amigos e familiares e também por lugares como Pedra Lavrada e o grupo escolar Graciliano Fontini Lordão, onde assumiu o cargo de diretora e professora.

Santos (2010), em seu artigo: *Fazeres autobiográficos e cartas pessoais*, apresenta as escritas epistolares enquanto uma escrita autobiográfica, mesmo que esses textos tenham um destinatário, eles contribuem para a formação de si, de modo que a escrita propicia o exercício de si, o signatário dá dicas, adverte, ensina, concorda, diverge, entre outras características de sua personalidade. A carta oferece uma possibilidade de reflexão, que pode entender-se como um decifrar-se “[...] como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo”. (SANTOS, 2010, p. 58 *apud* Foucault, 1992, p. 157).

Algumas questões presentes na carta ditada por Elenita consistem em atitudes que demonstram uma mulher fruto da sua cultura como a preocupação com relação as suas filhas. Algumas pessoas na cidade não viram com bons olhos e até não reconhecem sua personalidade no escrito. Pelo que nossas entrevistas apontaram, ela era uma pessoa que se caracterizava na ética e estética da existência, que agia em função do bem-estar do outro. Nesse desejo, acreditamos que ela limitava a felicidade de seu esposo com outra mulher, pois ele ainda era muito jovem com apenas trinta e três anos quando ela faleceu. Iêdo demonstrou muito respeito pelo pedido e nunca se casou com outra mulher.¹²²

Ao analisarmos a carta, estamos entrando na vida privada dos envolvidos, no nosso caso, na vida de Elenita e de seus familiares, por isso a invasão de privacidade é um dos motins que merece atenção e cuidado, porque, após a análise do pesquisador, o texto torna-se público e com interpretações que nem sempre agradam à família ou aos envolvidos nesse material. (GOMES, 2004).

Acreditamos que a inacessibilidade de outras cartas foram um problema enfrentado nesta pesquisa, pois pelo que nossas entrevistas apontaram, Elenita era uma mulher que gostava de escrever para outras pessoas, mantinha um vínculo de correspondência muito ativo, com sua sogra Margarida Rosa, em Governador Valadares, e com outras pessoas com as quais gostava.

¹²² Antes de apresentarmos a carta, achamos necessário acrescentar algumas considerações que julgamos serem importantes com relação a escrita da fonte. Pois, embora ela seja um campo onde os historiadores apresentam como importantes para o estudo da história, temos que levar em consideração as dificuldades que o historiador encontra ao longo da pesquisa, que é a inacessibilidade, já que muitas cartas se perderam ao longo do tempo, foram jogadas como um objeto sem importância.

O escrito original ao qual tivemos acesso nesta dissertação foi o cartão de natal para Kilma, a filha caçula de Elenita, que guarda o registro com muito carinho. A carta escrita para Andréa infelizmente não foi possível de ser localizada,¹²³ pois ela disse que a mesma não se encontra sobre seus cuidados.¹²⁴

O escrito que será analisado a posteriori é, como mencionei anteriormente, uma transcrição, o que nos traz algumas dúvidas quanto à rigorosidade e o cuidado na fidelidade da transcrição, ela foi encontrada no trabalho de conclusão de curso de pedagogia, de Almeida (2002), este que analisou as questões relacionadas à escola que leva o nome da professora Maria Elenita em Pedra Lavrada. A carta original estava, até onde sabemos, sob os cuidados da irmã da professora, Violeta Vasconcelos, que a guardou com cuidado para preservar o escrito, no entanto, ela faleceu quando ainda estávamos no momento da pesquisa.

Após o falecimento de Violeta, junto com o apoio de Fátima Vasconcelos nos dirigimos à sua residência para a procura da carta, porém, não encontramos, e infelizmente não temos indícios de onde este registro possa ser encontrado. Outra atenção que merecemos ter ao ler a carta é que a mesma não foi escrita pela própria Elenita, mas sim por sua irmã Rita Vasconcelos. Isso se deu pelo fato de que ela não estava em condições físicas para isso. Rita Vasconcelos preferiu não ser entrevistada por motivos pessoais. Então, analisar a fonte com seus aspectos gráficos não serão possíveis nessa pesquisa, uma vez que só temos acesso à transcrição.

Diante dessas considerações, segue a carta:

¹²³ A carta seria de grande importância para esta pesquisa, porém nossas esperanças enquanto historiadores são inesgotáveis e esperamos conseguir ter acesso no futuro a esse registro histórico.

¹²⁴ Segundo Andréa a carta se encontrava com seu pai Iêdo, porém depois de alguns anos, ela pediu para ler e ele alegou que não tinha conseguido encontrar em suas coisas.

JOÃO PESSOA

Compre meu vestido do enterro liso, unia a saia, blusa e calcinha cinza, sapato baixo e meia fina.

Andrea, seja obediente e ajude a Cacá, que nosso Senhor guarde.

Que Violeta se der certo morar com Iêdo. O anel de formatura para Kilma , a aliança de brilhante para Cacá, a aliança de casamento e o relógio para Andréa.

Valdeci e Iêdo se falarem, e todos os irmãos e amigos. Iêdo embora se case não é para morar com a esposa e não dê madrasta. Dona Margarida, venha olhar as meninas, se não for possível morar com Iêdo, morar com Rita.

Para todas as professoras do grupo um abraço, para o clube de mães um abraço, e para todos de minha terra meu adeus. Edilson um abraço. Para Tonho um abraço e muita felicidade. Dona Severina que faz renda um abraço grande, que queria muito bem. Taninha e Lucinha um abraço é que são como minhas filhas. Dudu de Chico Porto que tenha muito cuidado com Cacá e que nunca a esqueça.

Doza Zelita e Cristina, foram as pessoas mais importantes na minha formação. Maria da Paz tenha muito cuidado com o grupo que lembre-se que estou ali, para todos os meus alunos meu abraço e meu adeus.

Manoel Júlio muito cuidado com Pedra Lavrada e meu abraço. Nicinha de dona Marta, continue sempre na vida alegre. Se não for possível abrir a cova de mãe, me enterre da de Titi ou outra pessoa, depois coloca os ossos na cova de mãe.

Para todos os lavradenses, meu último abraço e meu adeus.

Quero o grupo e o colégio no meu enterro, todos fardados.

Recomendações para Titi, Irene, Lúcia e Sevi.

Um abraço...

Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho, 03 de janeiro de 19.

A carta é endereçada a alguns familiares, amigos, ao prefeito da época, Manoel Júlio, e a população lavradense.¹²⁵ Ela foi lida em voz alta no seu velório por Sebastião de Vasconcelos Porto, popularmente conhecido na cidade como Tinan, que era um líder político de outrora.

Não sabemos se foi desejo de Elenita que ele fizesse a leitura da carta em público, ou se foi a família quem o escolheu pelo fato dele não estar citado na carta e por ser uma pessoa pública. Ele foi candidato a prefeito, mas não tinha conseguido sair vitorioso na eleição de 1983, só após o termino do mandato de Manoel Júlio em 1989 foi quando Tinan ocupou os cargos de prefeito.¹²⁶

Também não podemos descartar a possibilidade que o interesse da leitura da carta partiu do próprio Tinan, por ter um grande carinho pela professora ou mesmo com fins políticos. Segundo Fonseca (2007), a tentativa de os governadores manterem ou conquistarem seu poder diante da população é através das técnicas dramáticas na teatralização, pois é através desses artifícios que o líder se coloca como representante dos anseios do grupo.

O velório de Elenita consistiu em um acontecimento, que ficou guardado na memória de muitos lavradenses, talvez aquele momento tenha sido uma estratégia de se aproximar da população para vencer as eleições posteriores.

Para Pereira (2013), o ato de velar é uma oportunidade em que assomam representações coletivas ou sociais em torno do evento da morte. Para Durkheim, o estado efetivo no qual o grupo se encontra reflete um efeito contagiante, que atinge não somente os diretamente atingidos, mas exige dos membros que desenvolvam sentimentos em harmonia com a situação. (Durkheim, 1989 *apud* PEREIRA, 2013, p.703). Algumas pessoas que não tiveram contato próximo com Elenita, mas por fazer parte da cidade e por se sensibilizarem com sua história de vida e morte, se fizeram presentes, por isso boa parte da população que habitava Pedra Lavrada no ano de 1984 foram ao velório da professora.

A carta¹²⁷ ditada por Elenita e transcrita inicia-se com a localização: “João Pessoa” e finaliza com a assinatura: “Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho” e a data “03 de janeiro de

¹²⁵ Não conseguimos localizar parte das pessoas citadas na carta, pois desses, a maioria já faleceu ou residem em localidades distantes de Pedra Lavrada-PB, onde o acesso impossibilitou nosso contato.

¹²⁶ Segundo dados colhidos nas entrevistas.

¹²⁷ É cada vez mais crescente o interesse por parte dos escritores e leitores sobre a escrita de si. Os literatos, como Caio Fernando Abreu, em *Cartas*, no qual traça “o romance de sua vida”, passou a escrever de 1960 a 1990. É interessante observar que não só literatos têm empenho nesse tipo de gênero, os políticos, como Carlos Prestes, escreveram cerca de 900 cartas. Na verdade, são atividades rotineiras de políticos que têm seu interesse voltado para a intenção de criar um “mito na história do seu país”, ou melhor, deixar registrado suas ações, para que, assim, sejam lembrados. (GOMES, 2004).

1984”, seguindo todas as características desse tipo de escrita. O tempo é importante para nós enquanto historiadores, porque o situa como objeto cultural material de uma época. Portanto, a clareza do lugar e da data nesses escritos é importante para entendermos o indivíduo naquela época.¹²⁸

Elenita se encontrava hospitalizada na instituição Laureano Nepomuceno, na capital da Paraíba com um quadro clínico grave. Acreditando que dificilmente conseguiria voltar para o convívio da sua família. A professora com medo de que a qualquer momento pudesse vir a óbito, deixa através da carta, o lugar de cada coisa e de cada pessoa, como gostaria que ficasse após a sua partida aqui na terra.

Logo após a escrita da localização, Elenita descreve o seu vestuário, este semelhante às vestes com as quais gostava de aparecer em público, conforme nossas entrevistas apontaram. Assim apresenta: “Compre meu vestido do enterro liso, unia a saia, blusa e calcinha cinza, sapato baixo e meia-fina”. Isso acarretou em uma série de controvérsias, pois não foi vista por muitos lavradenses como atitude “digna”, já que era comum que as pessoas, ao serem sepultadas, estivessem com roupas brancas, sem modelos que chamem atenção e nem adereços. Uma forma de “aparecer igual a todos” em um momento único que todos deveriam passar. Para a população da época, no mundo espiritual, as aparências são desprezadas, pois todos são iguais.

Em outro trecho da carta ela expõe seu desejo de ser sepultada no túmulo de sua mãe Jovina Vasconcelos. O autor Mota (2010) apresenta as lápides enquanto meios que servem para vigorar as relações de parentescos. Os parentes vivos também buscam uma forma de se reconhecerem nos túmulos enquanto pessoas inscritas numa cadeia de gerações de um mesmo nome familiar. Dessa forma o autor considera os túmulos atuam como patrimônio simbólico, capaz de unir efetivamente os vivos e os mortos de um mesmo grupo de filiação e assegurar a continuidade de uns com os outros.

Na academia, os estudos mais avançados sobre a escrita de si provêm muito mais do campo da literatura e, recentemente, de estudos relacionados à educação. É nesse campo que as práticas de leitura e escrita, nas transformações do tempo, são estudadas e percebidas (GOMES, 2004).

Podemos citar o livro *História de vida privada*, traduzido em 1990 pela Companhia das Letras. Depois, sucedeu em outros quatro volumes relacionados à *História de vida privada no Brasil*, em 1997 e 1998. Esses escritos marcaram uma nova forma de entender os novos espaços de investigação histórica: o âmbito privado.

A partir de então, entram em cena as mulheres e os homens comuns, juntamente com as novas fontes que também são consideradas peças fundamentais nesse novo fazer historiográfico. Foi nesse contexto que os pesquisadores passaram a considerar a necessidade de construir novos tipos de pesquisa destinados à guardar os arquivos pessoais de pessoas “comuns” (GOMES, 2004).

¹²⁸ As práticas relacionadas à escrita de si podem ser entendidas em seu sentido mais amplo como a constituição da memória de si, no reconhecimento de objetos que não têm necessariamente a necessidade de resultar em coleções. É o caso de uma série de objetos encontrados nesta pesquisa, que foram presentes no cotidiano de Elenita ou referentes a um determinado lugar, como fotografias, entre outros. Há também outro tipo, que são as escritas direcionadas às autobiografias e às biografias. (GOMES, 2004).

A exposição na carta do desejo de ser sepultada naquele local, nos traz a impressão de que a professora se reconhecia no grupo familiar a qual pertencia, e queria que o monumento atuasse enquanto patrimônio simbólico para a permanência da sua memória relacionada com a da sua família. Ela afirma: “Se não for abrir a cova de mãe¹²⁹, me enterre na de Titi ou outra pessoa, depois coloca os ossos na cova de mãe”. Não sabemos se no período Elenita foi sepultada no túmulo¹³⁰ de sua mãe, mas atualmente constatamos através de uma visita ao cemitério de Pedra Lavrada que existe uma lápide com seu nome e fotografia.

Na outra passagem, ela afirma: “Andréa, seja obediente e ajude a Cacá, que nosso Senhor o guarde”. Neste trecho ela pede para que sua irmã mais velha seja obediente e ajude a Erika. Este fato é relatado pela primogênita como uma marca na sua memória e que era a única coisa que lembrava no escrito que sua mãe tinha deixado pra ela. “Uma coisa que eu lembro, era que ela dizia para eu cuidar de Kaká, para eu ajudar a cuidar de Kaká, de Érika. Que tivesse paciência, alguma coisa assim. Que eu lembro que isso, me lembrava muito, para eu ter paciência com a minha irmã”. (ANDRÉA, 2017)

A memória de sua mãe, juntamente com seus desejos foram tentados serem seguidos pela família, e Andréa (2017): “Lembrava muito, essa parte era a parte ressaltada pelo meu pai, que eu devia ter paciência com minha irmã”. Por ser a filha mais velha e já entender um pouco da situação, acreditamos que ela transferiu a ela a tarefa de ser a mãe de Kaká, referindo-se a Érika. Nesta passagem escrita para a primogênita, percebe-se a tentativa de controlar o tempo e os acontecimentos. Principalmente os relacionados às suas filhas.

Iêdo tentou seguir as determinações que sua esposa deixou na carta e por isso cobrava de Andréa compromisso com sua mãe, paciência e cuidado para ajudar sua irmã. As nossas entrevistas apontaram que Elenita se preocupava com a união da família, e principalmente que existissem entre ambas o sentimento de cumplicidade.

Atualmente as jovens permanecem morando distante, Andréa em Natal-RN e Erika em João Pessoa, porém os encontros em dias de comemorações, e o contato pelos veículos de comunicação da internet, parecem facilitar a relação de uma com a outra.

¹²⁹ Elenita afirma que não sabe se é possível abrir a cova de sua mãe, porém em visita ao seu túmulo no dia 24 de fevereiro de 2018, constatamos que anterior ao falecimento de Elenita havia os restos mortais de Maria Juvita de Vasconcelos, irmã de Elenita ocorrida no dia 22 de julho de 1983, ou seja, apenas sete meses, antes do falecimento de Elenita. Por isso uma das hipóteses trabalhadas nesta dissertação, era a de que, ela tinha dúvidas que não fosse possível devido ao pouco tempo que sua irmã tinha sido sepultada no local, tendo em vista que o corpo ainda poderia estar em decomposição e causaria fortes odores caso abrisse o túmulo novamente para colocar os restos mortais da professora.

¹³⁰ Ver apêndice E. Túmulo onde foram sepultados Elenita e membros da família Vasconcelos.

Na carta Elenita divide algumas de suas joias¹³¹ elas são carregadas de sentimentalismo, elas indicam passagens da sua vida, momentos importantes, como a aliança de casamento e o anel de formatura. As suas filhas Andréa, Erika e Kilma guardam o registro de sua mãe com muito carinho.

E lembro, quando minha mãe já estava internada, lembro de uma conversa que meu pai teve. Chamou a mim e minhas irmãs, éramos muito pequenas, mas eu lembro dele ter chamado e ter dito que a minha mãe, tava se tratando que ela ia ficar boa mas que eles tinham decidido que a aliança ia ficar comigo, que o anel de formatura ia ficar com Kilma, e que o anel de brilhante ia ficar com Erika. (VASCONCELOS, 2017)

Pelo que Andréa relata, as joias foram entregues a ela e a suas irmãs quando sua mãe ainda se encontrava enferma e não após a sua morte. O que nos traz a impressão de que Iêdo já imaginava que sua esposa não conseguisse vencer a doença e que sua morte estava próxima. Não sabemos ao certo porque ele entregou as joias quando Elenita estava com vida, e porque teve essa conversa com uma criança de oito anos, uma de dois e um bebê. É provável que isso tenha acontecido, assim que ela falou oralmente para ele ou após a escrita da carta.

Iêdo assumiu a figura de pai, de protetor das suas filhas. Percebeu que o seu dever era cuidar da saúde física e emocional delas. Mesmo sabendo que era muito difícil Elenita reestabelecer sua saúde, ele teve o cuidado para elaborar sua fala, de forma que suas filhas não estivessem de fato sabendo no que realmente ele acreditava. Elias (2001) escreveu que em nossa sociedade as pessoas escondem das crianças a ideia de morte, com receio de que as mesmas desenvolvam traumas no futuro.

Elias (2001) ainda apresenta que este é um fato incoerente, pois quando a criança tem em seu desenvolvimento a ideia de morte como uma passagem de todo ser humano, quando o tema lhe for familiar. Neste caso, quanto à perda de uma mãe, a criança entenderia com maior naturalidade já que o assunto já tinha sido alvo de conversas.

Em outra passagem da carta tem escrito: “Valdeci e Iêdo se falarem, e todos os irmãos e amigos”. Percebemos que havia um certo desconforto familiar entre o esposo da professora e Valdeci e possivelmente entre outros irmãos e amigos e por isso o desejo de Elenita era de que se falassem. Valdeci afirma que nunca teve nenhum impasse com ele e não entendeu a esse pedido. Porém, Erika e Andréa relembram que isso ocorreu e as razões foram porque o seu pai discordava de algumas atitudes de seu irmão com relação à administração do sítio

¹³¹ Ver anexo AA. Fotografia anel de formatura do curso de Ciências Sociais que pertencia a Elenita.

Salgadinho, propriedade herdada após a morte de Jovita Vasconcelos, mãe de Elenita. Ela afirma que esse fato influenciou para que Iêdo convencesse sua esposa a vender a propriedade quando foram se mudar para a capital em 1982.

Não sabemos ao certo se esse desconforto ocorria apenas por parte de Iêdo e por isso Valdeci desconhece, ou se ocorreu através de ambos. Também não sabemos se foi uma das causas que levou a professora a se mudar para a capital em 1982, pois, devido à família ser extensa, é comum que atritos e embates de opiniões tenham ocorrido. Andréa relata que havia um carinho e proximidade muito fortes entre ela e os primos e, conseqüentemente, entre seus pais e seus tios apesar da existência desses conflitos.

Erika narra as características de seu pai: “Meu pai era um homem de um gênio muito forte, meu pai era uma pessoa assim maravilhosa, acho que alguém mais correto que já conheci na vida, mas muito orgulhoso”. (VASCONCELOS, 2017). Ela conta que existia alguns conflitos¹³² com outra tia Amélia¹³³, mas depois de um pedido de sua mãe, quando ainda estava enferma, ele voltou a falar com essa pessoa.

Mais uma vez percebemos, através do fato, que Elenita se apropriou da sua morte próxima, para reatar desavenças familiares, e assim como a maioria dos seus desejos na carta, mais uma vez seus pedidos foram atendidos.

Um dos nossos entrevistados¹³⁴ define a relação: “Eles não eram aquela pessoa rival, mas era aquela pessoa que cada qual nos seus cantos”. Após a doença de Elenita, esses desconfortos familiares foram sendo supridos, e esse mesmo entrevistado fez questão de frisar que no velório havia união entre a família e Iêdo. Andréa narra que seu pai passou a receber todos sem distinção em sua casa, sempre que os procuravam para ver ela e suas irmãs. “Quando meus tios iam pra João Pessoa, sempre iam lá visitar e ele tratava muito bem”. (VASCONCELOS, 2017).

Elenita na carta prossegue: “Iêdo embora se case não é para morar com a esposa e não dê madrasta”. Essa afirmação nos leva a interpretar sob duas formas a primeira de que queria ser lembrada, como a “dona do lar”, a singular, a única, aquela em que, mesmo não estando presente, será sempre lembrada e não terá seu lugar ocupado por outra. A casa, nesse sentido, foi apresenta como um espaço sagrado para ela.

Outra hipótese com a qual podemos trabalhar é que Elenita não queria que seu esposo tivesse outra, não por se achar singular, mas para não dar madrasta para suas filhas, para que

¹³² Não conseguimos obter maiores informações sobre o impasse vivido entre essa pessoa e Iêdo.

¹³³ Pseudônimo

¹³⁴ Preservamos o anonimato do nosso entrevistado, pois tememos que o fato possa influenciar no relacionamento entre pessoas envolvidas.

elas não ocupem seu lugar ou para que não as maltratem. Em Pinsky; Pedro (2016, p. 32), na obra *Nova história das Mulheres no Brasil*, vemos que o ideário construído sobre a madrasta recobre de significados maléficos, principalmente presentes em temas como contos de fadas. A madrasta geralmente é descrita como a pessoa que maltrata os filhos de seu esposo, aquela que vem para o seio familiar dividir atenção do homem, porém, essa construção vem sendo moldada ao longo do tempo.

Iêdo atendeu aos pedidos de sua esposa, seguiu e não deu madrasta para suas filhas. Andréa acredita que seu pai nunca conseguiu gostar de alguém ao ponto de realmente querer construir uma família, pois depois elas ficaram independentes e mesmo assim ele nunca quis alguém para conviver.

Após a morte de Elenita, Iêdo passou a trabalhar em casa para que suas filhas ficassem sob os cuidados da empregada, mas que isso acontecesse sob sua supervisão. Esse fato de não confiar na supervisão de outras pessoas sempre foi um fato recorrente em sua vida, um dos momentos que define essa característica dele foi quando sua mãe, Margarida Rosa, pediu a ele para levá-las e educá-las lá e ele não aceitou.

Iêdo optou por permanecer na capital porque era o desejo de Elenita, de que ele fosse para um local onde tivesse mais oportunidades de educação e emprego para suas filhas. As mesmas relatam que ele escolheu permanecer na capital para coincidir com o desejo da professora, que era a de não perderem contato com a família Vasconcelos. E isso realmente parece ter acontecido, atualmente elas conseguem manter vínculos afetivos com a família Vasconcelos, através das confraternizações em datas comemorativas, como no natal, entre outros.

Um dos relatos que mais chamou atenção dos sentimentos de amor e cuidado para com suas filhas foi quando, Érika relata a passagem de quando seu pai teve que ir trabalhar fora de casa, talvez porque os negócios na sua mercearia em casa não estivessem dando certo e ele precisou do dinheiro para custear as necessidades da casa.

Uma senhora foi trabalhar lá em casa, Dona Zefa, foi minha mãe de criação, trabalhou aqui em casa 20 e poucos anos. Ela trabalhou aqui em casa acho que 22, 23 anos, ela saiu daqui aposentada, ela foi lá pra casa com 13 dias depois que minha tinha morrido. Só que no começo painho não conhecia ela e ele tinha medo de deixar a gente, e painho já tava com a cabeça tão perturbada que.... porque assim painho sempre teve posse de arma e ele dizia a Andréa, se ela bater em vocês atire! (VASCONCELOS, 2017)

Para Érika, o ato de entregar uma arma para Andréa, que ainda era uma criança pequena, foi um ato impensado porque seu pai ficou perturbado, sem saber o que fazer após a morte de Elenita. Um cuidado exagerado de que alguém pudesse maltratá-las. Isso demonstra que realmente ele levou a sério e como principal objetivo cuidar de suas filhas, temia entregar para outra pessoa, pois esta poderia maltratá-las sem a sua presença. Ela afirma que ele se arrependeu e voltou atrás depois de um tempo, porém, através deste relato percebemos a experiência de um Iêdo compromissado com a memória de sua ex-esposa.

Iêdo teve muitos relacionamentos amorosos após a morte de Elenita, segundo Érika e Andréa ele nunca chegou a morar com nenhuma pessoa, pois ele dizia e repetia sempre a frase “Se eu nascesse mil vezes, mil vezes casaria com Elenita”. Érika (2017) relata que em um dos seus relacionamentos foi com uma pessoa que atendia por Lica, que foi uma namorada de seu pai por alguns anos, ela era uma pessoa carinhosa com as filhas de seu namorado, porém ele chegou a terminar o relacionamento porque ela queria ter um filho e ele não queria. Após o término do relacionamento, ela se mudou para São Paulo, porém, pelo que Érika relatou, já estava grávida, mas não contou a ninguém da família. Por isso seu pai não sabia. Após alguns anos a família soube da novidade e recebeu Bruno, seu irmão, filho de Iêdo.

Outro relacionamento relatado na entrevista foi com uma mulher de nome Nazaré,¹³⁵ esta que residia perto de onde a família morava, onde Érika atualmente reside, em João Pessoa, no bairro Valentina Figueiredo. Ela conta que essa outra namorada queria se casar, morar junto com ele, mas não era o desejo de Iêdo e isso foi o motivo de uma discussão. Eles terminaram o relacionamento e depois ela voltou para casa onde residia com seu irmão¹³⁶, que tinha problemas mentais, enfrentando mais uma discussão com este.

Apavorada com o jeito violento de seu irmão, Nazaré liga para Iêdo para pedir ajuda. Ele, por acreditar, que aquele pedido teria como causa o seu relacionamento, a desconsidera e não vai à sua casa. Logo ela foi morta por seu irmão que violentamente a agrediu. Para Érika, esse fato abalou psicologicamente seu pai, pois quando ele estava doente, antes de falecer em 03 de fevereiro de 2014, confessa que guardou ressentimento e comparou com Elenita. “E ele nos últimos dias de vida confessou que se sentia culpado por não ter feito nada pra... e por duas vezes assim... ele perdeu mainha e perdeu uma outra pessoa que ele... pra ele mexeu demais”.

É possível que Iêdo tenha sentido vontade de conviver com outra mulher, principalmente com Nazaré, com quem teve um relacionamento de alguns anos, pelo que

¹³⁵ Não localizamos Lica, Bruno e Nazaré e não conseguimos maiores informações a respeito deles.

¹³⁶ Não conseguimos informações sobre o irmão de Nazaré.

Érika apontou. Acreditamos que por fidelidade e respeito a Elenita ele tenha se limitado a não se doar tanto em alguns relacionamentos a ponto de casar e ter outros filhos. Para suas filhas, seu pai teve muitas namoradas, mas quando o assunto era conviver ou ter filhos, ele terminava o relacionamento.

Ele relatava assim que minha mãe era como uma santa, mas enfim ele dizia que não era pra ter se casado com um homem como ele. Acho que por conta das traições que merecia alguém que se comportasse de outra forma e dizia que [choro] só se casaria de novo se fosse com ela [choro/pausa] (VASCONCELOS, 2017).

Através de algumas informações de entrevistados, como suas filhas afirmaram, seu pai traiu sua mãe, porém, Elenita nunca deixou transparecer em público e talvez a escrita e o pedido de não dar madrastas tenha sido por temer que ele fosse morar com outra, pouco tempo depois da sua morte.

Traições de homens com suas esposas eram acontecimentos comuns em nossa sociedade, que interpretava com bons olhos o fato. Pois ter outros relacionamentos fora do casamento era uma forma de provar a sua masculinidade (PINSKY, 2014). Isso, porém, foi um fato que cometido por Iêdo. Após a morte de Elenita, as entrevistas apontaram para um possível arrependimento dele. Principalmente quando ele a compara com uma “santa”, no sentido de que foi uma pessoa que não existiu igual, sem pecados, a ponto de ter perdoado e ter conseguido superar todas as barreiras, inclusive traições, para permanecer do seu lado.

Na carta os cuidados de Elenita para com as suas filhas não são direcionados apenas a seu esposo, mas para outras pessoas como: “Dona Margarida venha olhar as meninas, se não for possível morar com Iêdo, morar com Rita [...]. Dudu de Chico Porto que tenha muito cuidado com Cacá e que nunca a esqueça”. Acreditamos que o maior medo era com relação à criação delas, pois ela recomenda às pessoas próximas para que não esqueçam e cuidem bem de suas filhas.

O fato de ter citado Rita (irmã de Elenita), Margarida (sua sogra) e Dudu de Chico Porto (amigo e padrinho de Érika), pode ter contribuído para que Iêdo permanecesse em João Pessoa, pois lá constituía um lugar mais próximo dessas pessoas do que se voltasse para Minas Gerais, estado onde a maioria de sua família residia.

Na carta a professora descreve a cidade Pedra Lavrada como sua casa, seu lar, recoberto por amigos¹³⁷ como “Edilson,” “Tonho” da qual manda um abraço, “Dona Severina” que relembra a sua qualidade, como uma pessoa que faz renda e que ela queria muito bem, “Taninha” e “Lucinha” são descritos como pessoas queridas e que são consideradas suas filhas.

Sua cidade natal se mostrava um lugar especial que precisava ser cuidado. Assim, dirigia-se ao prefeito da época: “Manoel Júlio muito cuidado com Pedra Lavrada e meu abraço”. Seus vínculos afetivos com o grupo de mães e com o grupo escolar estão presentes na carta como espaços importantes na sua trajetória de vida.

Elenita aparentava ser realizada profissionalmente, principalmente quando na carta agradece a Doza Zelita e Cristina, pessoas das quais foram importantes para sua formação. Para sua colega de trabalho e amiga, a professora deixava suas recomendações: “Maria da Paz tenha muito cuidado com o grupo, lembre-se que estou ali, para todos os meus alunos meu abraço e meu adeus”. Maria da Paz foi uma das nossas entrevistadas e lembra com muito carinho e emoção a carta deixada por sua amiga, afirmando que “Ela se dedicava ao grupo de corpo e alma” (DAPAZ, 2015).

Assim, Elenita deixava não apenas uma carta com desejos expressos, mas sua forma de ser, de pensar e de entender o mundo. Deixava marcas de uma dona de casa preocupada com a criação das filhas, e de uma mulher que, embora questionasse certos códigos sociais, também era por estes modelada. Uma educadora que desempenhou uma grande contribuição e que sentia que seu elo com a educação iria além da sua presença física.

4.4 “A gente não é daqui, a gente passa!” Elenita e o espetáculo da morte

A função de escrever cartas surge da necessidade de superar uma ausência causada por um distanciamento físico e ainda pode estar ligada a vivências dolorosas e a pensamentos vindos do interior do personagem. (ROCHA, 2010). Parece-nos que esses foram os motivos pelos quais Elenita ditou a carta. Nesse sentido, o momento pelo qual ditou a carta parece ganhar significância, pois ela nos revela algo que talvez não tivesse dito em outros momentos.

Através do medo de vir a óbito de forma inesperada e observando que sua saúde cada vez mais se tornava frágil, Elenita optou por escrever a carta, nela ela tenta deixar cada pessoa nos lugares em que desejava e apresenta alguns pedidos a pessoas próximas. Ela descreve

¹³⁷ Devido aos desafios da pesquisa e por parte dessas pessoas residirem em locais desconhecidos por nós, não encontramos mais informações e nem entrevistamos algumas pessoas citadas. Esperamos que seja possível em outros momentos posteriores.

situações suas desejáveis e indesejáveis. Confidenciando, de maneira discreta, a sua tristeza, relacionada ao desentendimento entre seu esposo Iêdo e Valdeci. Ela ainda deixa claro o quanto é indesejável que seu esposo construa outra família e, mais ainda, que caso isso ocorra, que não é para ir morar junto com a nova esposa. Suas filhas não devem ter madrasta, que é para não ocupar seu lugar de mãe ou para que a mesma não as maltratasse.

Na fonte, há também situações de estímulo, perdão, cuidados que, se analisados, são atitudes e valores atribuídos às mulheres e a uma forma de viver em função de sua família, alunos e amigos próximos. Por outro lado, suas palavras soam como autoridade que manda, ordena e, mais ainda, que separa seus bens e diz como quer que seja seu velório.

Um aspecto que se mostrou bastante interessante na carta foi a forma como direcionava suas palavras, como: “Compra meu vestido [...] Valdeci e Iêdo se falarem [...] Andrea seja obediente”. Ou seja, com palavras sempre de autoridade. O que nos faz ter outras leituras de Elenita, como uma mulher que foi ativa e que impôs autoridade diante de algumas questões.

Através da escrita da carta, que foi lida em voz alta no seu velório e pelo relato de algumas pessoas que estavam presentes, percebemos que Elenita fez da sua morte um espetáculo. De forma voluntária ou não, ela se apropriou do seu poder da condição de moribunda em seu leito de morte e comoveu os familiares e pessoas próximas para cumprir com seus desejos na carta.

Na carta ela acrescenta “Para todos os lavradenses, meu último abraço e meu adeus”, dessa forma, podemos considerar que seu objetivo, era que a leitura da carta ocorresse em âmbito público. Trabalhamos com três hipóteses para a ocorrência deste: a primeira é como forma de gratidão, já que Pedra Lavrada foi sua terra natal, onde viveu momentos importantes, onde conheceu seu grande amor Iêdo, local em que teve suas primeiras filhas, cultivou amizades e que conseguiu realizar parte dos seus sonhos profissionais.

O segundo motivo era o de que direcionando a carta aos lavradenses e fazendo da sua passagem um espetáculo final, ela estaria encontrando uma forma de entrar para a história, de deixar o registro para as futuras gerações, que não puderam conviver com sua presença física, e nem com seus ensinamentos em âmbito educacional. Porém ao deixar a carta ela deixou um registro histórico importante, que trazem indícios da sua passagem aqui na terra.

O terceiro motivo é que, ao se concretizar o espetáculo perante as pessoas presentes no seu velório, ela encontraria uma forma de conseguir “testemunhas” dos seus desejos. Havendo uma “pressão” simbólica, afetiva, para que eles fossem cumpridos.

Aos olhos do presente podemos interpretar como uma mulher egoísta, autoritária, que manda, ordena, divide seus bens, se apropria dos seus últimos momentos aqui na terra para conseguir que seus desejos sejam realizados, afinal de contas quem não atenderia aos pedidos de uma moribunda prestes a morrer? Porém se nos colocarmos na condição de Elenita veremos uma mulher forte e acima de tudo uma mãe que amou suas filhas além de qualquer coisa nesta vida. O sentimento de medo e incerteza quanto ao futuro delas são destacadas na carta e nas entrevistas.

Os únicos que parecem ser de confiança de Elenita para cuidar de suas filhas são Violeta, Rita e D. Margarida. As primeiras são suas irmãs, e a segunda é sua sogra. Ela designa a Chico Porto¹³⁸, amigo de confiança para que ele tome cuidado com Érika e que nunca a esqueça.

A educadora parece deixar traçado o futuro de suas filhas e de seu esposo, mostrando um lado bastante peculiar do período: a norma social na qual a mulher deveria ser a guardiã do lar. Mesmo diante da morte, Elenita se preocupa com o futuro de suas filhas e delega a outras pessoas a educação doméstica de cuidar, de normatizar e de proteger sua família.

O sentimento de uma mãe que amou suas filhas a ponto de ultrapassar todas as barreiras, inclusive da morte estão presentes na sua história de vida. Elenita optou por prolongar o tratamento de câncer para garantir a saúde física de sua filha em seu ventre, mesmo indo contra o conselho da família e dos profissionais da saúde.

Na carta ela entregou suas filhas às pessoas de sua confiança, este fato consiste para nós em um ato corajoso de amor. Devido ao pouco tempo que conviveu com a caçula, ela sabia que dificilmente a recém-nascida lembraria de sua passagem aqui na terra, e que ao entrega-la para outra “mãe” cuidar, ela estaria dando espaço para essa pessoa assumir o seu lugar. Acima dos ciúmes, ou de qualquer sentimento de egoísmo, Elenita entregou sua filha para pessoas de sua confiança, acreditando que a felicidade dela era mais importante.

Percebemos que ao se apropriar do seu poder de moribunda e definir o lugar dos sujeitos a professora conseguiu que a maior parte dos seus desejos fosse cumpridos: ela foi velada com as vestimentas semelhantes às descritas na carta, Andréa e Érika se uniram, Iêdo e Valdeci se falaram, as joias foram entregues a quem ela pediu, e seu esposo nunca casou e não deu madrasta para suas filhas.

O exercício do poder da professora, de forma que muitas vezes demonstrou uma mulher autoritária, que prescrevia o lugar e a história dos sujeitos, de forma consciente ou

¹³⁸ Não conseguimos contato com Chico Porto.

não, se apropriando do poder e do lugar de moribunda prestes a morrer resultou em uma aproximação das filhas com Iêdo. Porém uma das nossas indagações é: será que essas pessoas citadas na carta se tornaram reféns dos pedidos de Elenita? De forma que prendesse a liberdade e a felicidade dos sujeitos a uma memória do passado.

Não podemos trazer respostas, pois não sabemos como seria se tudo tivesse ocorrido de outra forma, o que podemos é, através da história de vida refletirmos, sobre nossos posicionamentos diários, principalmente de quem somos e o que estamos fazendo com aqueles que amamos: aprisionando? Protegendo? O amor justifica nossas ações possessivas, de controle do outro? Onde termina nosso direito e começa o do outro? Com que direito criamos fantasmas para os outros.

Elenita a partir do momento que viu sua saúde cada vez mais fragilizada e com receios da morte teve medo de que sua memória não permanecesse “Em nenhum coração, em nenhum pensamento, em nenhuma epiderme [...]”, por isso fez dos últimos acontecimentos aqui na terra um espetáculo final, se apropriando do seu poder e da condição de moribunda para que seus desejos fossem cumpridos. A maioria deles foi cumprida e a família reservou o lugar e a memória de Elenita na condição de amiga, mãe e esposa.

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre a vida da professora não foi tarefa fácil. Desde 2014 que venho me dedicando a esse desafio e a cada dia surgem novas fontes e problematizações¹³⁹, algumas esperamos analisá-las em outros momentos. Esta dissertação é mais uma versão sobre a vida de Elenita, configurando-se em mais um caminho para provocações futuras.

Nosso objetivo neste trabalho foi problematizar a memória construída sobre a história de vida de Maria Elenita. E, ao final, apresentamos algumas considerações que compreendemos serem relevantes neste momento.

No primeiro capítulo, damos vazão aos dados coletados nas entrevistas realizadas com pessoas que conviveram com a professora e da reflexão formulada por Foucault sobre ética e estética da existência. Refletimos sobre as relações afetivas que a professora desenvolveu na cidade.

Através da leitura das fontes constatamos que a sua memória está associada às suas relações de amizade. Como mencionou Andréa, atualmente as pessoas têm uma forma visivelmente afetiva de tratar ela e suas irmãs, não por ser mérito delas, pois as três não residem em Pedra Lavrada e pouco residiram na cidade, mas pelos afetos, que sua mãe cativou e se deixou cativar. Acreditamos que são resquícios de uma vida baseada no bem consigo e com o outro.

No primeiro capítulo, percebemos que a amizade foi uma marca de destaque em sua história de vida, principalmente nas lembranças de ações que demonstraram uma Elenita que tentava viver com seus amigos uma relação de muito carinho e companheirismo. Ela demonstrou ser uma mulher generosa ajudando aos necessitados, trazendo os marginalizados para a sua convivência diária e fazendo com que os mesmos enxergassem o seu potencial criativo. Dessa forma, compreendemos que a professora se caracterizou como uma pessoa que viveu baseada na ética e na estética da amizade.

Através das ações problematizadas na pesquisa sobre a professora e suas relações de amizade, podemos refletir sobre a nossa própria condição de indivíduos e seres que vivem afetivamente no mundo. Nossos amigos são aqueles que compartilham conosco horas boas e difíceis. A amizade não é pensar do mesmo jeito, mas é abrir mão e entender a liberdade do outro. É ver nele a sua força criativa, quando outros os julgam, os deprimem, são aqueles que nos fazem enxergar a nossa própria luz, nosso potencial, quando nem somos mais capazes de

¹³⁹ Algumas fontes, que não foram trabalhadas, mas citadas, o leitor poderá ter acesso no anexo e no apêndice deste trabalho.

descobrir a nossa própria força. Não importa o tempo, a duração da relação, amigos sentem saudades e mesmo que o destino trace caminhos diferentes, a amizade nunca cessa, ela permanece na memória e nos sentimentos que só quem entende é quem tem amigos.

No segundo capítulo, procuramos discutir, a partir das fontes, as memórias construídas por Iêdo e outras pessoas na cidade sobre a professora. E como elas foram importantes para manter vivo o seu papel enquanto amiga, mãe e esposa que não teve opção de permanecer no mundo com sua presença física, mas que isso não tirou o seu brilho e a sua importância para quem conviveu com ela.

Percebemos em 2014 na escrita da monografia tivemos a experiência de conhecer um Iêdo diferente, aquele que trouxe para a vida da professora, tristezas e momentos dolorosos. Através desta experiência podemos perceber a relação entre pesquisa e a veracidade dos fatos. Elas são relativas, porém importantes na pesquisa, pois ela nos revela a diversidade que existe entre pessoas, opiniões e isso refletiu também na nossa pesquisa.

Através das entrevistas realizadas para esta dissertação em 2017, principalmente com a narrativa das suas filhas, tivemos outras considerações a seu respeito, principalmente conhecendo, o pai, o companheiro, considerado por Andréa, Érika e Kilma como o amor da vida de Elenita.

Por isso o título desta dissertação, que tem como significado lembrar a importância que Iêdo teve para a história e a memória da professora. Esta, representada através de uma citação presente no relato das suas filhas e que era a frase que o próprio repetiu rotineiramente: “Se eu nascesse mil vezes, mil vezes casaria com Elenita”.

A partir das considerações feitas através das fontes que relatam Iêdo como aquele que preservou a memória de sua ex-esposa, podemos refletir sobre a nossa própria condição de vida. De que a nossa morte acontece, não quando nosso coração para de pulsar, mas quando deixamos de ser importante para alguém. Por isso é preciso existirmos para as pessoas com as quais convivemos, desenvolver ações, assim como Elenita o fez, de generosidade, cumplicidade e amor ao próximo.

No terceiro capítulo o nosso objetivo foi o de problematizar os últimos acontecimentos na vida da professora, principalmente a partir da descoberta da gravidez e do câncer, neste capítulo também, procuramos refletir os seus desejos pós-morte, através de fotografias, entrevistas e análise de uma carta. A partir desta fonte, dialogamos com Gomes (2004) e Foucault (1991) sobre a escrita de si, também contamos com as leituras de Elias (2001) na discussão sobre a morte.

Ao relatar seus desejos na carta escrita no dia 03 de fevereiro de 1984, dias antes da morte de Elenita, percebemos que através da leitura realizada em público e a forma como descreveu a posição que cada pessoa deve ocupar na vida de suas filhas, acreditamos no pressuposto que ela de forma consciente ou não se apropriou de um poder simbólico afetivo, na condição de moribunda prestes a morrer para que seus desejos fossem cumpridos. Com a intenção de que pessoas ali presentes agiriam com esse poder de serem testemunhas de seus desejos. Trabalhamos com a hipótese de que essa foi uma forma que ela encontrou para ter uma maior confiança de que esses desejos iriam ser cumpridos.

Ao citar o nome de pessoas de sua confiança na carta para cuidar das suas filhas, assim como Rita para ser a mãe de Kilma, compreendemos que ela entregou suas filhas para outra pessoa cuidar, amar, ocupar de certa forma o lugar que seria seu. Assim, ao realizar esta ação, incluímos que a professora acreditava que o bem-estar e a felicidade delas eram uma preocupação maior do que se importar naquele momento com qualquer ato egoísta vindo de sua parte.

As histórias de vida de Elenita trouxeram para nós enquanto historiadores e indivíduos sociais, considerações de valores inestimáveis de que só a relação com as fontes, com as sensibilidades e com o outro pode trazer.

A professora faleceu quando tinha apenas 39 anos, mas viveu rodeada de muitos afetos que garantiram a sua existência por meio de memórias e que resultou em mais um registro¹⁴⁰, fruto destas. Isso só foi possível devido às ações e ao seu modo de vida criativo, que fez dela ser lembrada com uma mulher que demonstrou seu amor através de mãe, de esposa e de amiga. Mesmo vivendo as contradições próprias dos seres humanos de seu tempo, ela conseguiu cultivar através da sua relação afetiva o seu lugar na história.

Diante dessas considerações, esperamos que os objetivos tenham sido alcançados. A pesquisa não se esgota aqui, como já mencionei, ela é apenas um caminho. Muitas problemáticas precisam ser repensadas e discutidas, por isso chegamos ao fim de uma etapa importante, mas não o fim da pesquisa.

¹⁴⁰ Refiro-me a esta dissertação.

6.0 REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das letras, 1999.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história**/ Bauru, SP: Edusc, 2007.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **Escrever como fogo que consome**: reflexões em torno do papel da escrita nos estudos de gênero. 2009. Disponível em: <http://simposiufac.blogspot.com.br/2013/07/durval-muniz-de-albuquerquejunior_22.html> Acesso em 06 de julho de 2017.

ALMEIDA, I. **Leitura: O desafio constante do ensino/aprendizagem**. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Picuí. 2002, pp. 8-9

ANSART, Pierre. **História e memória dos ressentimentos**. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (orgs). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora Unicamp, 1996.

ARAÚJO, Patrícia **A cultura dos cordéis. Território(s) de tessituras e saberes**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/4838/1/arquivototal.pdf>>. Acesso 14 de dezembro de 2017

ARAÚJO. F; MIGUEL. J; **Arquitetura rural e cultura sertaneja no Rio Grande do Norte**. IV ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE – IFCH / UNICAMP 2008. Disponível em<<http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2008/ARAUJO,%20Fernanda%20Santos%20Genti1,%20MIGUEL,%20Jair%20Diniz%20-%20IVEHA.pdf>>. Acesso 14 de março de 2018.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

ARIÈS, Phillipe. **História da morte no Ocidente**, Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ARRAES, M. **Novos Itinerários da modernidade no Recife: o Americanismo com paradigma**. Revista CLIO – Revista de Pesquisa Histórica. Volume 28. 2º Ano, 2011. ISSN 0102-9487. Disponível em<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/viewFile/24269/19691>>. Acesso em 15 de março de 2018.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia Completa e Prosa**. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar, 1986. p.300. Disponível em:<<http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/literatura/amorteabsoluta.htm>>Acesso 15.03.2018.

BARROS, M. **Memória e família**. In. **Revista Estudos Históricos**. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) da Escola de Ciências Sociais (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) **V. 2, N°3, 1989**. Disponível em

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2277/1416>> Acesso 13.03.2018.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política- ensaios sobre literatura e história da cultura.** Trad. Sergio Paulo Rouanet. (7a ed.). São Paulo: Brasiliense. 1994

BORGES, Flávia. **Um olhar rizomático sobre o conceito de letramento digital.** Trab. linguist. apl. vol.55 no.3 Campinas set./dez. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010318132016000300703&lng=pt&tlng=pt> Acesso 14.12.2017.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia.** Belo Horizonte. Autêntica, 2003.

CABRAL. C; NAVARRO, R; DANTAS.D; **Prevalência de silicose em trabalhadores de pedreiras de Pedra Lavrada, PB nos últimos cinco anos .** VI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. Campina Grande-PB, 2009. Disponível em: <http://pesquisa.ufcg.edu.br/anais/2009/ece/content/engenharias_e_ciencias_exatas/Engenharia%20de%20Materiais/Clarissa%20Melo.doc> Acesso 14.03.2018.

CARDOSO JR. Hélio, NALDINHO, Thiago. **A amizade para Foucault: Resistências criativas face ao biopoder.** Fractal: Revista de Psicologia, v. 21 – n. 1, p. 43-56, Jan./Abr. 2009. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v21n1/04.pdf> >Acesso 15.03.2018.

CARVALHO, Andréa Vasconcelos [Novembro 2017] Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Guedes. **Entrevista cedida ao trabalho de conclusão do Mestrado em História “Se eu me nascesse mil vezes, mil vezes casaria com Elenita”. Estética da amizade e sensibilidades educativas (Pedra Lavrada, 1944-1984).** Natal –RN.

CARVALHO, Erika Vasconcelos [Abril 2017] Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Guedes. **Entrevista cedida ao trabalho de conclusão do Mestrado em História: “Se eu me nascesse mil vezes, mil vezes casaria com Elenita”. Estética da amizade e sensibilidades educativas (Pedra Lavrada, 1944-1984).** João Pessoa – PB.

CERTAU, Michel. **A invenção do cotidiano - 1. Artes de fazer.** 21. ed. – Petrópolis, RJ : Editora Vozes Ltda, 2014

CHARTIER, Roger. (1999). **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: UNESP.

CIDADE-BRASIL. 06 de abril de 2016. **Município de Governador Valadares.** Disponível em: <<http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-governador-valadares.html>> Acesso: 30 de novembro de 2017.

DAPAZ, Maria. [abril de 2015] Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. **Formas de viver no feminino: análise de gênero na trajetória de Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho (1944-1984),** Campina Grande-PB.

DELGADO, Lúcia A. **História Oral: memória, tempo, identidades**. 2ªed. Belo Horizonte. Autentica, 2010.

DESSEN, Polônia. POLONIA, Ana, **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Revista Paideia, Distrito Federal. 2007, Vol. 17, n.36, p. 21-32. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>>. Acesso 14 de dezembro de 2017.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Juazeiro Exige Liberdade Religiosa**. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/suplementos/cariri-regional/juazeiro-exige-liberdade-religiosa-1.808239> Acesso: 11 de julho de 2017.

DIAS, Priscila. **A pedra retumba: Escavando uma história**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012. Dicionário online de português. **Significado de Rapariga**. 2009 – 2018. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/rapariga/>>. Acesso 05 de março de 2018.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ELIAS, Nobert. **A solidão dos moribundos, seguido de, envelhecer e morrer**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro; Jorge Zahar. Ed. 2001.

ÉPOCA NEGÓCIOS, Globo. **Há exatos 137 anos uma lâmpada elétrica foi acesa por Thomas Edison**. Outubro 2016. Disponível em: <http://epocanegocios.globo.com/Caminhos-para-o-futuro/Energia/noticia/2016/10/ha-exatos-137-anos-uma-lampada-eletrica-foi-acesa-por-thomas-edison.html>. Acesso 22.07.2017.

FARGE, Arlett. **Lugares para a história**. Trad. Fernando Scheid. Belo Horizonte. Autêntica, 2011.

FERNANDES, Sandra Maria. **Foucault: a experiência da amizade**. Dissertação de mestrado em cultura e representações. Natal, RN, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/13778>> Acesso: 07.06.2017.

FGV. **Fundação Getúlio Vargas. Sociedade e Cultura nos Anos 1950**. 2017. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Anos1950>> Acesso em 11.07.2017.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê**. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.p.117-140. Acesso em:< <http://docslide.com.br/documents/fischer-rosa-maria-bueno-escrita-academica-arte-de-assinar-o-que-se-le.html> >. Disponível em: 06 de junho de 2017.

FONSECA, André. **A imaginação no poder: o teatro da política na encenação da legitimidade**. In: Revista contratempo PPG em comunicação da UFF. Rio de Janeiro. N°16: 2007. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/398> >. Acesso 15 de março de 2018.

FOUCAULT, Michel, **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Trad. Andréa Daher; Consultoria, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

_____. **A coragem da verdade**. Trad. Marcos Marcionilo; Prefácio> Salma Tannus Muchail. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **A escrita de si. In: O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

_____. De l'amirié comme mode de vie. **Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty. J. Danet e J. le Bitoux**, publicado no jornal. N°25, abril de 1981, pp.38-39. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em:<<http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf>> Acesso 06 de junho de 2017.

_____. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**; tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

_____. **O sujeito e o poder**. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FRAGA, N. **Mimeógrafo uma Copiadora a Base de Álcool**. Outubro 2012. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/blogs/radar-tecnologico/mimeografo-uma-copiadora-a-base-de-alcool/>>. Acesso em 11 de julho de 2017.

FREIRE, Milena. **O som do silêncio: a angústia social que encobre o luto**. Dissertação (Mestrado em Cultura e representações) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/13762/1/MilenaC.pdf>.

GLOBO REPÓRTER. **O Poder da Palma**. Disponível em: <<http://globoreporter.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGC0-2703-39-3-1007,00.html>>. Acesso em 16 de maio de 2017.

GOMES, A. (org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONZAGA, L. **Algodão**. Intérpretes: Luiz Gonzaga e Zé Dantas. Luiz Gonzaga – Seu canto, sua sanfona e seus amigos- 1953 Vol. 2.

GUEDES, M. **Formas de viver no feminino: Análise de gênero na trajetória de Maria Elenita de Vasconcelos carvalho**. 2015. Monografia de conclusão de curso (Graduação em História), Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB.

HAHNER, June. **Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX.** In. Estudos feministas. Florianópolis V.19. p.467-474, maio.2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução Beatriz Sidou. 2ªEd. São Paulo, Centauro, 2006.

HILDEBRAND, Alice Von. **O privilégio de ser mulher.** Trad. Luíza Monteiro C. S. Dutra. 1º Ed. São Paulo. Ecclesiae, 2014.

HOSPITAL NAPOLEÃO LAUREANO. **Quem Somos.** Disponível em: <<http://hlaureano.org.br/quem-somos/o-hospital/>>. Acesso: 22 de dezembro de 2017.

HUBERMAN, **Diante do tempo. História da arte e anacronismo de imagem.** G. Revista Polichinelo. 2011. Disponível em: <<https://revistapolichinelo.blogspot.com.br/2011/03/georges-didi-huberman.html>>. Acesso: 18 de agosto de 2017.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Panorama. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=251110&search=paraibalpedra-lavradalinfograficos:-informacoes-completas>> Acesso em 09 de fevereiro de 2018.

Milagre econômico Brasileiro. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/ditadura/milagre_economico.htm> Acesso em 14 de abril de 2018.

_____. Panorama. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=251030&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso 25 de outubro de 2017.

_____. Panorama. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250500&search=paraibalcubatilinfograficos:-informacoes-completas>>. Acesso 25 de outubro de 2017.

_____. Panorama. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/painel/frota.php?lang=ES&codmun=240890&search=rio-grande-do-norte%257cparelhas%257cinfograficos:-frota-municipal-de-veiculosIBGE>> Acesso 15 de julho de 2017

KALSING, V. "O debate do aborto: a votação do aborto legal no Rio Grande do Sul". *Cadernos Pagú*, vol.19, p.279-314, 2002. *Apud* BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a11.pdf>>. Acesso: 18 de agosto de 2017.

KERGOAT, Daniéle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez, 2000. Disponível em: <<http://sciELO.br/pdf/cp/v37n132/a0537132>>. Acesso: 14 de dezembro 2017.

CARVALHO, A. V. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4767715U1>> Acesso em 23 de outubro de 2017.

LE GOF, Jacques, **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: <<http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>>. Acesso: 18 de agosto de 2017

LE-BRETON, David. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEITÃO, Débora Krischke. **Mudanças de significado da tatuagem contemporânea**. Cadernos IHU Idéias, Vale do Rio dos Sinos, ano 2, n. 16, 2004. Disponível em: <<http://projeto.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1163186745.46pdf.pdf>>. Acesso em 14 de dezembro de 2017.

LIMA, Manoel Rodrigues: depoimento [maio.2015]. Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. **Formas de viver no feminino**: análise de gênero na trajetória de Maria Elenita de Vasconcelos carvalho. Pedra Lavrada-PB.

LIMA, Pedro de. **Arquitetura no Rio Grande do Norte – Uma Introdução**. Cooperativa Cultural Universitária. Natal, 2002.

LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **As emoções no processo psicoterapêutico**; Trad. Roberto Cirani. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas**. Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007 . Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46>> Acesso 14.03.2018.

MACEDO, Graciliano Calixto. [março 2017] Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Guedes. **Entrevista cedida ao trabalho de conclusão do Mestrado em História: “Se eu me nascesse mil vezes, mil vezes casaria com Elenita”**. Estética da amizade e sensibilidades educativas (Pedra Lavrada, 1944-1984). Pedra Lavrada-PB.

MARCONDES, Marli. **A importância da conservação fotográfica na reconstrução da memória**. Revista Educação V.11 - n 0 20 - junho / 2002. Disponível em:< <http://www.cogeime.org.br/revista/cap1320.pdf> >. Acesso em 14 de dezembro de 2017.

MARTINS, J. S. **Família Cristã**. Quem somos. Disponível em: <<https://familiacrista.paulus.pt/quem-somos>>. Acesso em 13 de julho de 2017.

MATOS, Izilda. **Por uma história das sensibilidades: em foco- a masculinidade**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 34, p. 45-63, 2001. Editora da UFPR. Disponível em:< <http://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/2658/2195> >. Acesso em 14 de dezembro de 2017.

MEC – INEP. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. 05 Agosto 2016. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/>>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

MEDEIROS, Kilma da Luz Carvalho [Abril, 2017] Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Guedes. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão do Mestrado em História, “**Se eu nascesse mil vezes, mil vezes casaria com Elenita**”. **Estética da amizade e sensibilidades educativas (Pedra Lavrada, 1944-1984)**. João Pessoa-PB.

MOTTA, A. **Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios Brasileiros oitocentistas** Horiz. Antropologia. vol.16 no.33 Porto Alegre June 2010. ISSN 0104-7183 Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000100005>>. Acesso 14.03.2018

MUNDO ESTRANHO ABRIL. **Animais e suas diferenças** Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/mundo-animais/qual-a-diferenca-entre-jumento-mula-burro-jegue-e-asno/>>. Acesso em 23 de outubro de 2017.

NADINA A. Moreno, Maria Aparecida Lopes, Ivone Guerreiro Di Chiara. **A contribuição da preservação de documentos e a (re)construção da memória**. Biblionline. Departamento de Ciências da Informação. V.7, n. 2, jul./dez. 2011. ISSN: 1809-4775. Disponível em:<<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/10439>>. Acesso em 14 de março 2018.

NAPOLITANO, Marcos. 1964: **Histórias do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

NOVAIS, F. **História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade**. Vol. 3, 1º Ed. 1997. Companhia das Letras. ISBN: 9788571648340. ISBN: 8571646813.

OEI – **Ministério da Educação de Brasil. Sistema Educativo Nacional de Brasil**. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:sNH92KGOS8J:www.oei.es/historico/quipu/brasil/historia.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 15 de julho de 2017.

ORTEGA, F. (2000). **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

_____. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edit. Graal Ltda, 1999.

PAIM, J; TRAVASSOS, C; ALMEIDA, C; BAHIA, L; MACINKO. **O sistema de saúde brasileiro: história, avanços e desafios**. Séries de seis fascículos em Saúde no Brasil. 09 (maio), 2011. DOI: 10.1016/S0140- Acesso em :<http://actbr.org.br/uploads/arquivo/925_brazil1.pdf>. Acesso em 15 de março de 2018.

PEREIRA, José. **Procedimentos para lidar com o tabu da morte**. Núcleo de Pesquisa, Religião e sociedade PUC. Monte Alegre-SP, 2013. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n9/v18n9a25.pdf>>Acesso: 16.01.2017.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. Trad. Ângela M.S. Corrêa. 2º Ed., 4ª reimpressão. São Paulo. Contexto, 2017.

PINHEIRO, G. **Memórias e Fotografias: entre lembranças e reminiscências do passado vivo**, ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0620.pdf>>. Acesso em 14 de março de 2018.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, 302p.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo. Contexto, 2014.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016.

PORTO, Marco; TEIXEIRA, Luiz; SILVA Ronaldo. **História do Controle do Câncer de Mama no Brasil**. Revista Brasileira de Cancerologia 2013; 59 (3): 331-339. Disponível em: <http://www1.inca.gov.br/rbc/n_59/v03/pdf/03-artigo-aspectos-historicos-controle-cancer-mama-brasil.pdf>. Acesso em 15 de janeiro de 2018.

Prefeitura Municipal de Pedra Lavrada. Disponível em: <<http://pedralavrada.pb.gov.br/paginas/historia>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2018.

Prefeitura Municipal de Pedra Lavrada. Disponível em: <<http://pedralavrada.pb.gov.br/paginas/dados-geograficos>>. Acesso em 11 de julho de 2017.

PRIORE, Mary Del. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo. Contexto, 1994.

PSICOLOGIA EM ESTUDO, Maringá, v. 13, n. 2, p. 239-237, abr./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a05v13n2>>. Acesso em 13 de janeiro de 2018.

QUINTILIANO, D. **Sartre: philia e autobiografia**. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2005. Revista Família Cristã, São Paulo, Editora Paulinas, 1979.

REGO, T. C. (2003). **Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades**. Petrópolis, RJ: Vozes.

RIETVELD, João Jorge. **História da Paróquia de Nossa Senhora da Luz de Pedra Lavrada: a devoção de José Bezerra da Costa**. Campina Grande. Maxgraf, 2010.

ROCHA, I. **Viver no feminino: escrita epistolar de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade**. Niterói –SP. Revista Gênero. V.11.p143-164, Vol.2. 2010. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/65>>. Acesso em 24 de agosto de 2015.

ROTA MAPAS. Distância entre Campina Grande e Pedra Lavrada. Disponível em:<<http://rotamapas.com.br/distancia-entre-campina-grande-e-pedra-lavrada>> Acesso 12.07.2017
SANTOS, S. 1984. “Filha de pais lavradenses”. In. ALMEIDA, I. **Leitura: O desafio constante do ensino/aprendizagem**. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Piciú. 2002, p. 8-9.

SANTOS, T. M.; SANTOS, F. M. **Memórias de uma educadora aposentada do município de Pedra Lavrada/PB (1958-1985)**. IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas

“História, Sociedade e Educação no Brasil”. ISBN 978-85-7745-551-5 Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/3.26.pdf>. Acesso em 05 de dezembro 2017.

SANTOS, Tatiana. SANTOS, Fabiana. **Memórias de uma educadora aposentada do município de Pedra Lavrada/PB (1958-1985)**. IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL” Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

SANTOS, VCC. COLLAB. **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. ISBN 978-85-7983-126-3. Available from SciELO Books.

SCHOLL, R. JACQUES, A. **Vestidas de azul e branco: o feminino uniforme no colégio Farropilha de Porto Alegre (1950)**. Revista educação por escrito- PUCRS, v3, n1, Jul 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/10988>>. Acesso em 24 de agosto de 2017.

SCHWARZ, L. **História da vida privada no Brasil. Contrastes da intimidade contemporânea**. Vol. 4, 1º Ed. 1998. Companhia das Letras. ISBN: 9788571648340.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria de análise histórica. Educação e realidade**. Vol. 20 (2), Jul/dez. 1995. Disponível em <https://archive.org/details/scott_gender>. Acesso em 07 de junho de 2017.

SEVCENKO, N. **História da vida privada no Brasil**. República Belle Èpoque a era do rádio. Vol. 2. 1º Ed. 1998. Companhia das Letras. ISBN: 9788571647480.

Significados: 2011 – 2017. **Significado de Batismo**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/batismo/>>. Acesso em 04 de dezembro de 2017

Significados: 2011 – 2017. **Significado de Quaresma**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/quaresma/>>. Acesso de 13 de julho de 2017.

SILVA, Lúcia. Câncer de mama e sofrimento psicológico: aspectos relacionados ao feminino. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 2, p. 239-237, abr./jun. 2008. *Apud* Gomes, R., Skaba, M. M. V. F. & Vieira, R. J. S. (2002). **Reinventando a vida: proposta para uma abordagem sócioantropológica do câncer de mama feminina**. Caderno de Saúde Pública, 19(1), 200-201.

SILVA, Tânia. **Trajatória da historiografia das mulheres no Brasil**. Vitória da Conquista, v 8, n.1 p.223-231, 2008. Disponível em:<<http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/276/311>>. Acesso em 07 de junho de 2017.

SILVA, Tiago. **Terminologias, gradações e continuum de cor: as formas cotidianas de classificar cor e raça em uma feira de Belém**. Somanlu, ano 14, n. 1, jan./jun. 2014 Disponível em <<http://periodicos.ufam.edu.br/somanlu/article/view/3973>>Acesso: 15 de janeiro de 2018.

SOARES, T. **A Era de Ouro do Capitalismo**. 07 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://outlander-viajandonahistoria.blogspot.com.br/2013/10/a-era-de-ouro-do-capitalismo.html>>. Acesso em 19 de outubro de 2017.

SOIHET, R. **Enfoques feministas e a História: desafios e perspectivas**. In: SAMARA, E. M.; SOIET, R.; MATOS, M. I. S. de. (Org.). *Gênero em Debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997a. p. 55-82.

SOUZA, Christiane. **Conhecer e educar para controlar o câncer na Bahia**. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 54, p. 55-70, out./dez. 2014. Editora UFPR. DOI: 10.1590/0104-4060.38203

SOUZA, L. **História da vida privada no Brasil**. Vol. 1, 1º Ed. 1997. Companhia das Letras. Isbn: 9788571646520.

SOUZA, P. LIMA, N. **Criação da Escola Estadual Normal de Campina Grande-PB** Primeiras aspirações acerca desta instituição escolar. Artigo Ano 2014. Acesso: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/viennhe/anais/trabalhos/eixo2/submissao_14712278409781472992304089.pdf>. Acesso em 18 de agosto de 2017.

SOUZA, P. T. A.; LIMA, N. M. F. **A Escola Normal de Campina Grande-PB: Formação de Professores no Interior Paraibano (1960-1970)**. X Seminário Nacional do Histed BR. 2016, p. 11. Disponível em <<https://www.fe.unicamp.br/eventos/histedbr2016/anais/pdf/1124-2771-1-pb.pdf>>. Acesso em 06 de fevereiro de 2018.

SUASSUNA, João. **O processo de salinização das águas superficiais e subterrâneas no Nordeste Brasileiro**. Tema apresentado no Workshop Impactos ambientais associados a utilização das águas dessalinizadas no semiárido. Ministério do meio ambiente. Fortaleza, Junho, 1996.

TAVARES, Maria de Fátima [março, 2017] Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Guedes. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão do Mestrado em História: **Formas de viver no feminino: histórias de vida da Professora Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho**. Pedra Lavrada-PB.

THOMPSON, Paulo. **A voz do passado: História Oral**. Trad. Lólio L. Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Arquivo geral**. Disponível em: <http://www.arquivogeral.ufcg.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=2>. Acesso em 02 de novembro de 2017.

VASCONCELOS, Socorro Maria. [maio, 2015]. Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. **Formas de viver no feminino: Análise de gênero na trajetória de Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho**. Pedra Lavrada-PB.

VASCONCELOS, Vicente Valdeci. [março, 2017] Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Guedes. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão do Mestrado em História: **“Se eu me**

nascesse mil vezes, mil vezes casaria com Elenita". Estética da amizade e sensibilidades educativas (Pedra Lavrada, 1944-1984). Pedra Lavrada-PB.

VIÑAO FRAGO. Antônio; ESCOLAN Augustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2. ed., Rio de Janeiro: DP&A. 2001. 152 p. (tradução A/ftedo Veiga-Neto).

WEBER, Lúcia. VIEZZER, Ana. BRANDENBURG Olivia. **O uso de palmadas e surras como prática educativa**. Estudos de Psicologia 2004, 9(2), 227-237. Disponível em: <http://www.nac.ufpr.br/wpcontent/uploads/2016/07/2004_O_uso_de_palmadas_e_surras_como_pratica_educativa.pdf>. Acesso em 14 de dezembro de 2017.

WIKIWAND. **Pilocereus Polygonus**. Disponível em: <https://www.wikiwand.com/pt/Pilosocereus_polygonus>. Acesso em 14 de março de 2018.

7.0 APÊNDICE

Apêndice A – Escola Municipal Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho, 2018.



Apêndice B – Açude no Sítio Salgadinho ao lado da casa onde Elenita morou na sua infância



**Apêndice C – Escola Graciliano Fontini Lordão, onde funcionava a extinta escola
Francisco Ferreira**



Apêndice D – Residência Da família Vasconcelos, 2018



Apêndice E - Túmulo onde foram sepultados Elenita, sua mãe (Jovina Vasconcelos), seu pai (Solon Lira) entre outros integrantes da família.



8.0 ANEXOS

ANEXO A - Escola Maria Elenita de Vasconcelos 1985



Fonte: arquivo da Escola Maria Elenita de Vasconcelos, Fevereiro de 2018.

ANEXO B - Escola Maria Elenita de Vasconcelos 1985

Fonte: arquivo próprio do Sr. Manoel de Fernandes. Cedido por seu filho Vidal Fernandes dos Santos.

ANEXO C – Capa da revista família Cristã edição 1970



Revistas referentes ao ano 45, nº 528 e ao ano 45, nº 520, respectivamente.

ANEXO D – Elenita: foto de perfil

Fonte: acervo pessoal de Andréa Vasconcelos.

ANEXO E - Elenita no sítio Salgadinho

Cedida por Andréa Vasconcelos

ANEXO F - 19 de abril em comemoração ao dia do índio, evento organizado por Maria Elenita (1)



Cedido por Andréa Vasconcelos

ANEXO G - 19 de abril em comemoração ao dia do índio, evento organizado por Maria Elenita (2)



Cedido por Maria Dapaz

ANEXO I - Elenita e suas filhas Andréa e Érika

Cedido por Kilma Medeiros

ANEXO J - Andréa ao lado da TV em novembro de 1976

Cedido por Andréa Vasconcelos

ANEXO K – Aniversário Andréa 1 ano 1976 (1)

Cedido por Andréa Vasconcelos

ANEXO L – Aniversário Andréa 1 ano 1976 (2)

Cedido por Andréa Vasconcelos

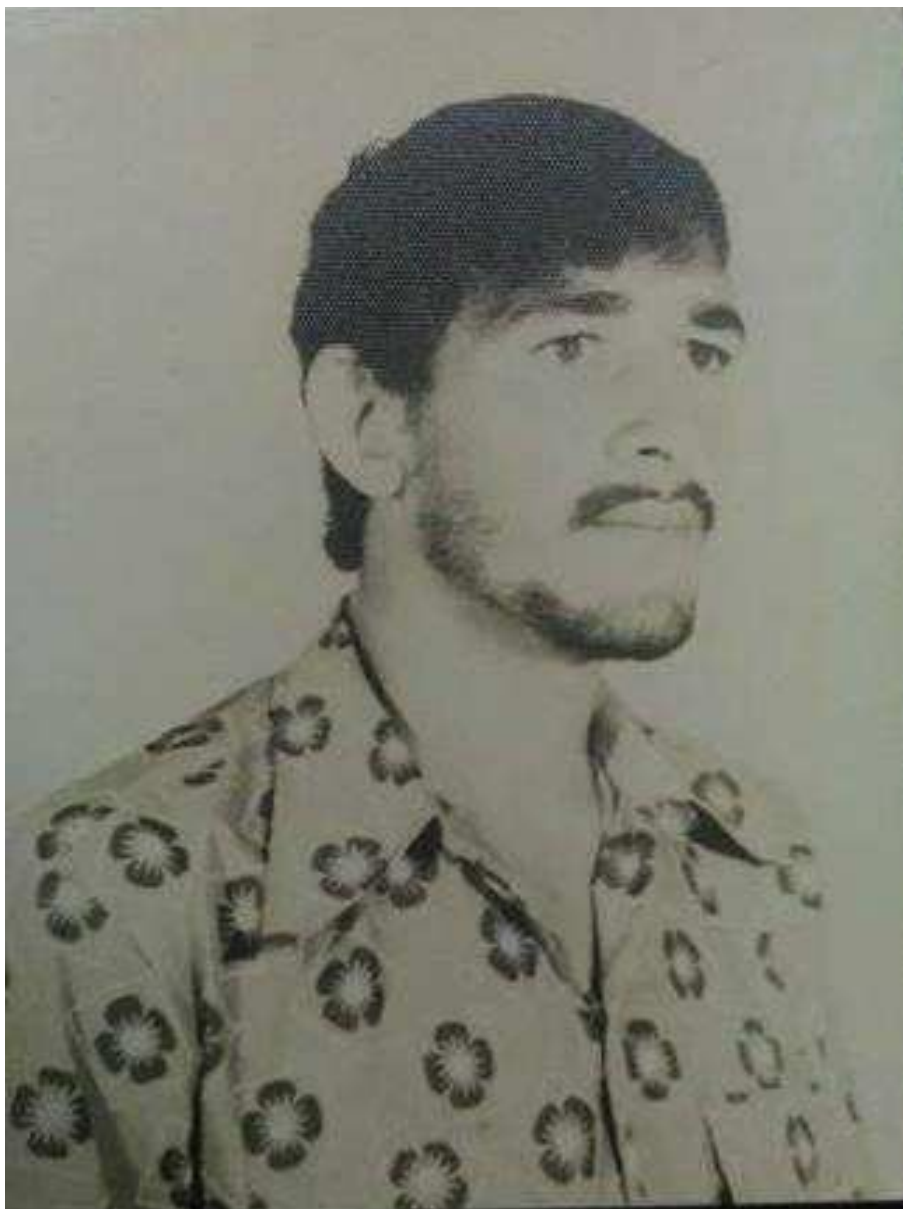
ANEXO M - Elenita e Iêdo (1)

Cedido por Érica Vasconcelos

ANEXO B - Elenita e Iêdo (2)

Cedida por Andréa Vasconcelos

ANEXO O - Iêdo Carvalho Rosa



Cedido por Érika Vasconcelos

ANEXO P - Foto do casamento de Elenita 1974 (1)

Cedida por Érica Vasconcelos

ANEXO Q - Foto do casamento de Elenita 1974 (2)

Cedida por Érica Vasconcelos

ANEXO R – Iêdo, Andréa e Elenita sentados em frente à TV

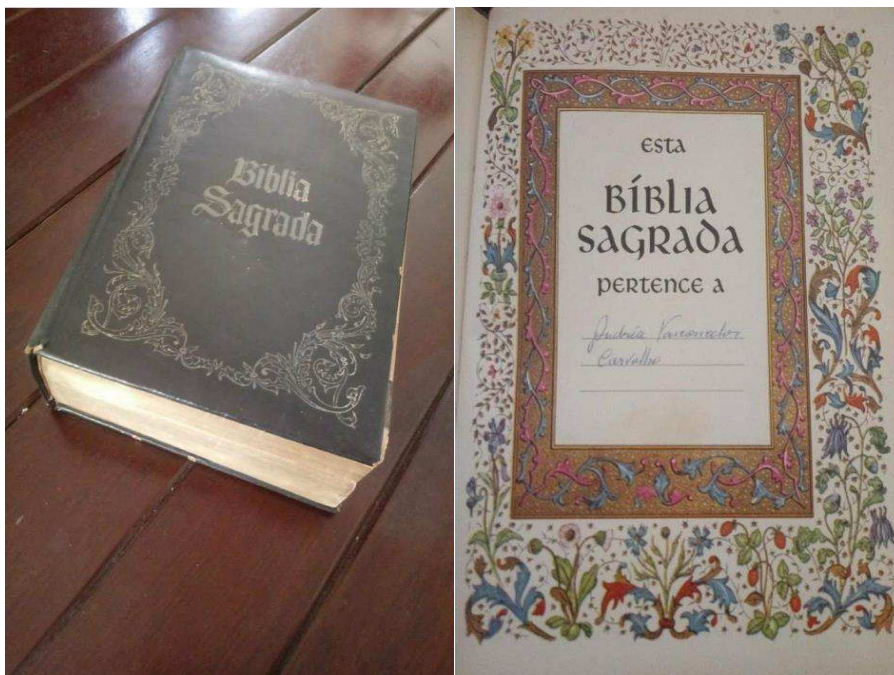
Cedido por Andréa Vasconcelos

ANEXO S – Elenita, Iêdo e Andréa

Cedido por Andréa Vasconcelos

ANEXO T - Elenita e Andréa 1976

Cedida por Andréa Vasconcelos

ANEXO U - Bíblia que Elenita presenteou a Andréa

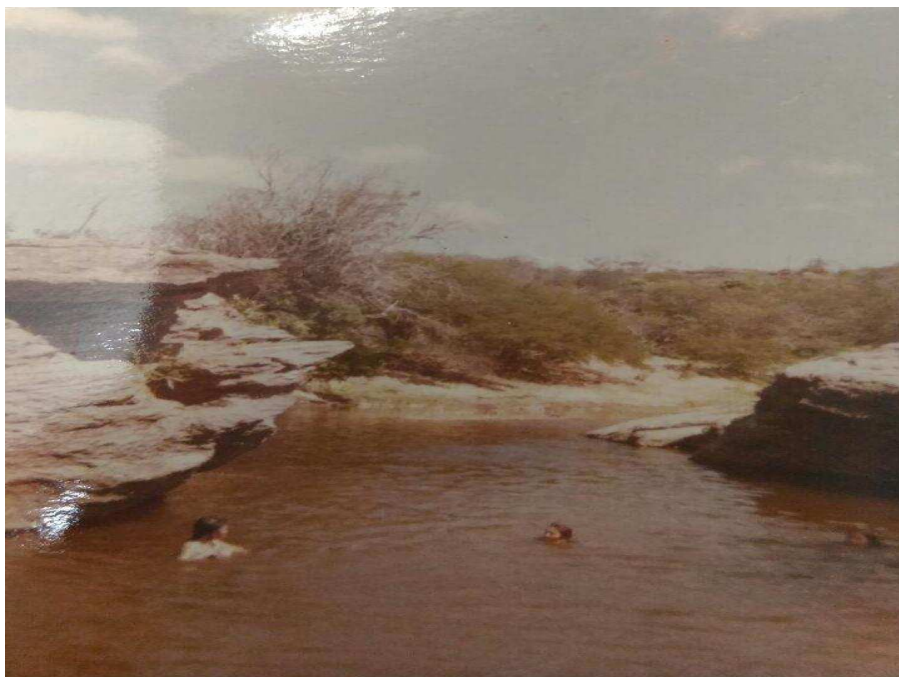
Cedido por Érica Vasconcelos

ANEXO V – Elenita e Andréa no portão em Governador Valadares

Cedido por Andréa Vasconcelos

ANEXO W - Elenita no Sítio Salgadinho


Cedida por Andréa Vasconcelos

ANEXO X - Elenita tomando banho de açude

Cedida por Andréa Vasconcelos

ANEXO Z - Convite missa de 30° dia

"Senhor Vós a levastes para a vossa PAZ, que seja feita a Vossa vontade".



M.ª Elenita D. Carvalho

* nasceu em 23 - 08 - 1944
† faleceu em 20 - 02 - 1984

Deixastes para nós que os amávamos, um caminho a seguir, no exemplo de sua bondade compreensão e amor.

Saudades de esposo, filhos, irmãos, tios, parentes e amigos

"A alma do Justo está nas mãos de Deus e o tormento da morte, não a tocará".

Senhor dai-lhe a felicidade que ela nos deu em bondade.

Eu vou para Deus mas não esquecerei aqueles a quem amei na terra.
(Santo Agostinho)

†

Convite Missa de 30.º Dia

A família de M.ª ELENITA V. CARVALHO, convida parentes e amigos para assistirem a Missa de 30.º Dia que mandam celebrar pelo o descanso de sua alma.

Dia 18 de Março de 1984
Local: Igreja Matriz de N. S. da Luz

Pedra Lavrada - PB.

Cedido por Érica Vasconcelos


ANEXO AA - Anel de Formatura de Elenita

Cedida por Kilma Medeiros

ANEXO AB – Anel de formatura Elenita (2)

Cedido por Kilma Vasconcelos

AC - Certidão de Casamento


República Federativa do Brasil
 ESTADO DE PERNAMBUCO
 ADMINISTRAÇÃO DE CAMPESINA REGISTRO - ANEXO DA COMARCA

2º. CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL

CASAMENTO Nº. 11049

Nº. LICENÇA DE REGISTRO
 Oficial do R. Civil
 Campinas Grande - Paraíba

Esta Licença é emitida pelo Oficial do Registro Civil de Pernambuco, Casamento e União desta cidade, na forma da lei em vigor.

Certidão que a No. 440 de livro nº 20-B do registro de casamentos foi registrada sob o número matrimonial nº 11049

de MARIA ELVIRA DE VASCONCELOS autuado por este ofício

com DR. Hamilton de Souza Feres

e as testemunhas Vitória Emmeralinda de Vasconcelos e Maria Amélia de Vasconcelos de Vasconcelos.

em Campanas - GOVERNADOR VALADARES-BA

no dia 05 de setembro de 1974 profissão secretária

filha de Osina Rosa

e de Margarida Carvalho Rosa

Ela nascida em Pedra Lavrada-PB

no dia 23 de agosto de 1944 profissão psicóloga

filha de Solen Lira de Vasconcelos-falecida

e de Jovina de Oliveira Vasconcelos

pelo regime de comunhão de bens

apresentados no documento 1, 2, e 4 de artigo 170 do Código Civil

passando a cocontrair a chamar-se MARIA ELVIRA VASCONCELOS CARVALHO.

Observação:

O referido é verdade. Dou fé.

Campanas Grande, 16 de agosto de 74

Osina Rosa
 OFICIAL DO REGISTRO CIVIL
 Assinatura e (x) Firmada

Cedido por Érika Vasconcelos

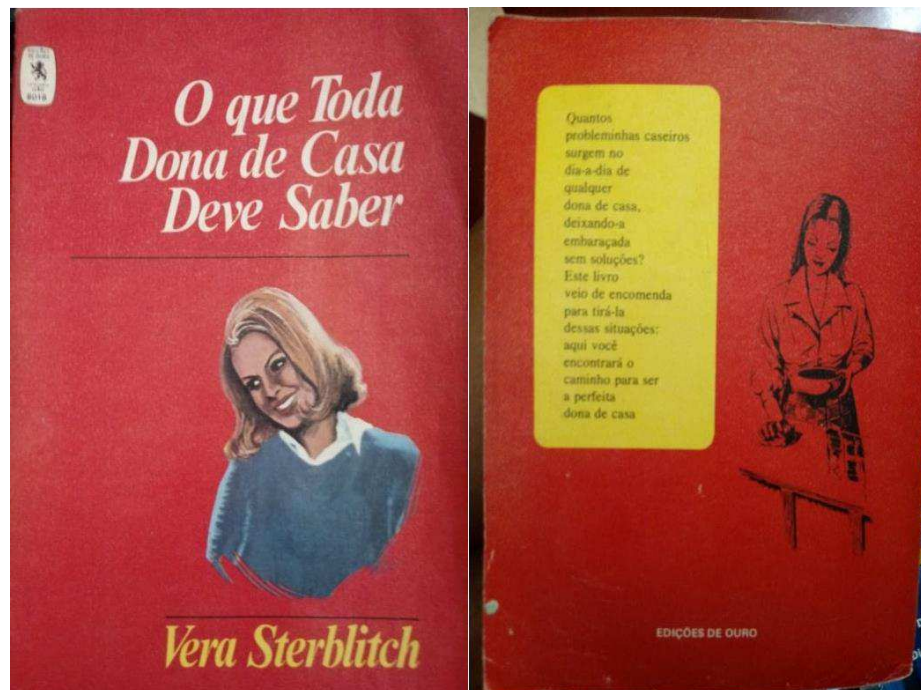
ANEXO AD – Elenita foto 3x4



Arquivo geral da UFCG

ANEXO AE – Elenita em pé na escola Graciliano Fontini Lordão

Cedido por Maria Dapaz

ANEXO AF – Manual de Boas condutas de Elenita que pertencia à Elenita

Cedido por Érika Vasconcelos

ANEXO AG – Maria Elenita nos festejos com a 1ª turma de concluintes



Cedido por José Vasconcelos